

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Maysa Fagundes Pereira Rangel

**Comportamento infantil contemporâneo: características da geração
Alpha da perspectiva dos pais**

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

São Paulo – SP
2020

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Maysa Fagundes Pereira Rangel

**Comportamento infantil contemporâneo: características da geração
Alpha da perspectiva dos pais**

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica, sob orientação da Profa. Dra. Rosa Maria Stefanini Macedo.

São Paulo – SP
2020

Autorizo exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Rangel, Maysa Fagundes Pereira
Comportamento infantil contemporâneo: características da geração Alpha da perspectiva dos pais
/ Maysa Fagundes Pereira Rangel – São Paulo, 2020.
246 f.

Orientadora: Professora Doutora Rosa Maria Stefanini Macedo

Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós Graduated em Psicologia Clínica, área de concentração de Tratamento e Prevenção Psicológica, Núcleo de Família e Comunidade, São Paulo, 2020.

1. Crianças. 2. Família. 3. Relacionamentos. 4. Pais 5. Filhos I. Macedo, Rosa Maria Stefanini, orient. II. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós Graduated em Psicologia Clínica III. Comportamento infantil contemporâneo: características da geração Alpha da perspectiva dos pais.

Banca examinadora

Para meu filho Felipe, maior amor da minha vida, que fez com que o afeto que eu já sentia por crianças preenchesse mais do que o meu coração e fosse além, transbordando de todo meu ser para estas páginas.

Pesquisa realizada com apoio financeiro do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil, processo nº 134257/2018-9.

AGRADECIMENTOS

Foi um longo caminho traçado até aqui, que se iniciou lá atrás na escolha da Psicologia como formação, e exigiu desde sempre persistência e dedicação. Entretanto, os desafios que surgiram durante a construção deste trabalho foram de uma proporção que supera todos os outros que eu venha a ter enfrentado. Por isso, agradeço, primeiramente, a Deus que me guiou e concedeu forças.

Agradeço ao meu marido Elson, que a cada nova vez que eu digo que vou fazer outro curso, me incentiva dizendo que isso é ótimo e presta apoio em várias atividades colaborando para que eu me concentre e estude.

A meu filho Felipe, que sentiu a minha ausência, teve que dividir minha atenção com as leituras, a pesquisa e a escrita e suportar as minhas faltas, em alguns momentos, apesar de todo meu amor.

À minha família que ofereceu todo o auxílio e solidariedade possíveis, me perguntou o tempo todo se eu já tinha terminado e me incentivou a seguir em frente e não desistir.

Aos amigos que torceram por mim, me auxiliaram na realização de algumas tarefas, foram companheiros e se dispuseram a me ouvir, trocar ideias e me confortaram.

Às todas as famílias que contribuíram para a realização deste trabalho compartilhando comigo, tão aberta e gentilmente, suas histórias e vivências, algumas inclusive me recebendo em seus lares.

Em especial à minha querida orientadora Profa. Dra. Rosa Maria Stefanini de Macedo que se colocou à disposição para me ouvir, ensinar e esclarecer dúvidas de forma prestativa e atenciosa. Em todos os momentos me incentivou, dividiu alegrias e angústias e me acolheu em um momento muito difícil que atravessou meu percurso. Foi uma grande mestra não me deixando em momento algum sozinha.

A toda equipe de professores e funcionários do Programa de Estudos Pós Graduated da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo agradeço pela disponibilidade, cooperação e assistência.

Quando eu falo você ainda ouve o que eu digo ou será que não se importa dessa maneira porque eu tenho dez anos? Ou só porque sou jovem? Isso não significa que eu não quero dizer o que eu digo. Dói quando você olha para o outro lado. Ouça meu rugido, ouça meu trovão. Meu coração está batendo mais alto e mais alto. Você está me ouvindo? Eu quero que você me ouça. Eu preciso que você me veja. Você olha para mim, mas vê através de mim. Será que você vai ver? Você nunca vai me ver? Eu só quero ser... eu só quero ser... Vista. Eu tenho apenas dez anos. Eu ainda preciso que você me sinta, eu preciso que você me proteja, eu preciso que você me guie. Você me olha, mas vê através de mim. Será que você vai ver? Você nunca vai me ver? Eu só quero ser... eu só quero ser... Vista.

(Giorgia Borg, 2019)

RESUMO

O mundo pós-moderno globalizado, tecnológico e repleto de transformações históricas, sociais e culturais, suscitou o emergir de novas formas de organização social, estilos de vida e relacionamentos. As crianças, integradas a esse contexto, manifestam repercussões similares na expressão de sua singularidade e os estudiosos da teoria geracional as consideram como representantes de uma nova geração, denominada Alpha. Com o objetivo de investigar as principais características e comportamentos das crianças na contemporaneidade atribuídos pelos pais, as implicações dessas características em seus relacionamentos com a família e pares, os fatores que influenciaram as mudanças no comportamento infantil e a percepção dos pais sobre educar filhos na atualidade, a presente pesquisa do tipo exploratório-descritivo, de método quantitativo e qualitativo, teve o construcionismo social como abordagem epistemológica e a visão sistêmica dos fenômenos como referencial teórico. Participaram do estudo 114 pais e mães de crianças nascidas a partir de 2010 como respondentes do questionário e foram entrevistados casais de 08 famílias com filhos de até 10 anos. Os resultados contribuíram para identificar condutas e características das crianças, a partir da perspectiva dos pais, e compreender as diferenças que foram associadas as gerações que emergiram da comparação da infância dos pais e dos filhos, bem como, colaboraram para verificar as implicações que o contexto social e relacional exerceu nessa percepção de diferenciação das crianças e sobre educar filhos na atualidade.

Palavras-chave: geração Alpha, crianças, família, contemporaneidade e relacionamento.

ABSTRACT

The globalized, technological, postmodern world, full of historical, social and cultural transformations, has given rise to the emergence of new forms of social organization, lifestyles and relationships. Children, integrated in this context, manifest similar repercussions in the expression of their uniqueness and the students of generational theory consider them as representatives of a new generation, called Alpha. In order to investigate the main characteristics and behaviors of children in contemporary times attributed by parents, the implications of these characteristics in their relationships with family and peers, the factors that influenced changes in child behavior and the parents' perception of educating children today , the present research of the exploratory-descriptive type, of quantitative and qualitative method, had the social constructionism as an epistemological approach and the systemic view of the phenomena as a theoretical reference. 114 parents of children born from 2010 participated in the study as respondents to the questionnaire and couples from 8 families with children up to 10 years old were interviewed. The results contributed to identify the children's behaviors and characteristics, from the parents 'perspective, and to understand the differences that were associated with the generations that emerged from the comparison of the parents' and children's childhood, as well as, to verify the implications that the social context and relational exercise in this perception of differentiation and about educating children today.

Key words: Alpha generation, children, family, contemporaneity, relationship.

Lista de Gráficos e Figuras

Gráfico 1 – Porcentagem de crianças por gênero.....	76
Gráfico 2 – Porcentagem de crianças por idade.....	76
Gráfico 3 – Crianças que tem irmãos.....	77
Gráfico 4 – Vida acadêmica.....	77
Gráfico 5 – Demonstrações de autonomia.....	78
Gráfico 6 – Aspectos da comunicação.....	79
Gráfico 7 – Relação com autoridade e regras.....	80
Gráfico 8 – Níveis de atenção e concentração.....	81
Gráfico 9 – Dinamismo e vitalidade.....	81
Gráfico 10 – Uso de equipamentos eletrônicos.....	82
Gráfico 11 – Interação com a tecnologia.....	83
Gráfico 12 – Expressão do conhecimento e acesso à informação.....	84
Gráfico 13 – Maneira de agir e reagir.....	84
Gráfico 14 – Manifestação de posturas e atitudes.....	85
Figura 1 – Correlação entre categorias.....	89
Figura 2 – Correlação entre categorias e dados sociodemográficos.....	91

Lista de Quadros

Quadro 1 – Objetivo geral das pesquisas que mencionam a geração Alpha.....	51
Quadro 2 – Contribuições das pesquisas acerca dos elementos geração Alpha.....	53
Quadro 3 – Temas, categorias, subcategorias e conceitos da análise de conteúdo....	74
Quadro 4 – Correlação entre as opções de cada questão.....	91
Quadro 5 – Correspondências categoria vida acadêmica.....	129
Quadro 6 - Correspondências categoria autonomia e independência.....	130
Quadro 7 - Correspondências categoria equipamentos eletrônicos.....	131
Quadro 8 - Correspondências categoria comunicação.....	132
Quadro 9 - Correspondências categoria autoridade e regras.....	133
Quadro 10 - Correspondências categoria atenção e concentração.....	134
Quadro 11 - Correspondências categoria dinamismo e vitalidade.....	135
Quadro 12 - Correspondências categoria interação com tecnologia.....	136
Quadro 13 - Correspondências categoria conhecimento e informação.....	138
Quadro 14 - Correspondências categoria maneira de agir e reagir.....	139
Quadro 15 - Correspondências categoria posturas e atitudes.....	140

Lista de Tabelas

Tabela 1 – Famílias participantes das entrevistas.....	59
Tabela 2 – Teste de normalidade das variáveis contínuas.....	70
Tabela 3 – Correlações variáveis contínuas.....	87
Tabela 4 – Correlações variáveis categóricas	90
Tabela 5 – Correlações variáveis categóricas e contínuas.....	90
Tabela 6 - Correlação entre as opções de cada questão e tamanho do efeito.....	94
Tabela 7 – Dados sociodemográficos pesquisa quantitativa e qualitativa.....	128

Sumário

1. PONTO DE PARTIDA.....	15
2. INTRODUÇÃO.....	17
3. OBJETIVOS.....	21
3.1 Objetivo geral.....	21
3.2 Objetivos específicos.....	21
4. PRESSUPOSTOS EPISTEMOLÓGICOS.....	22
5. REFERENCIAL TEÓRICO.....	23
5.1 Evolução do conceito de infância e da visão da criança.....	23
5.2 Teoria das gerações.....	28
5.3 As influências da pós-modernidade	31
5.4 A família e a parentalidade na pós-modernidade.....	38
5.5 O estado da arte.....	44
6. METODOLOGIA	56
6.1 Tipo de pesquisa.....	56
6.2 Participantes.....	58
6.3 Critérios de inclusão.....	64
6.4 Critérios de exclusão.....	65
6.5 Instrumentos.....	65
6.6 Considerações éticas.....	67
6.7 Procedimento de coleta de dados.....	68
6.8 Procedimento de análise de dados.....	70
7. RESULTADO E DISCUSSÃO.....	75
7.1 Resultados quantitativos.....	75
7.2 Resultados qualitativos.....	98
7.2.1 Tema crianças.....	99
7.2.1.1 Categoria características filhos.....	99
7.2.1.2 Categoria características dos pais quando criança.....	104
7.2.1.3 Categoria características de outras crianças.....	105
7.2.1.4 Categoria influências sobre as crianças.....	107
7.2.1.5 Categoria conceito de criança.....	109
7.2.2 Tema infância.....	110
7.2.2.1 Categoria características da infância dos filhos.....	110

7.2.2.2	Categoria características da infância dos pais.....	113
7.2.2.3	Categoria influências sobre a infância.....	115
7.2.2.4	Categoria conceito de infância.....	116
7.2.3	Tema educar filhos	118
7.2.3.1	Categoria características de educar adotadas com os filhos.....	118
7.2.3.2	Categoria características de educar recebidas pelos pais	121
7.2.3.3	Categoria influências exercidas sobre educar filhos.....	123
7.2.3.4	Categoria conceito de educar	126
7.3	Associação entre resultados quantitativos e qualitativos.....	127
8.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	141
9.	REFERÊNCIAS.....	145
10.	ANEXOS	157
10.1	Anexo A – Termo de consentimento livre e esclarecido.....	157
10.2	Anexo B – Questionário.....	159
10.3	Anexo C – Roteiro de entrevista.....	163
10.4	Anexo D – Transcrição de entrevistas.....	164

1. Ponto de partida

Na atuação profissional na clínica, como psicóloga e terapeuta familiar, e no convívio pessoal com crianças, pais, familiares, cuidadores, educadores e outros profissionais ouço com frequência a narrativa de que o comportamento infantil era diferente no passado e de que o processo de educar filhos e o relacionamento com as crianças mudaram. Atualmente ao descrevê-las é habitual a associação do advérbio mais às suas características, sendo sua representação marcada pela comparação, ao invés de focada no observado. Elas são retratadas como mais inteligentes, mais independentes, mais comunicativas, mais curiosas, mais aptas a lidar com a tecnologia, mais questionadoras, mais ativas e mais desenvolvidas do que foram, na infância, aqueles que as descrevem. Entretanto, as crianças também são, comumente, estigmatizadas como indisciplinadas, desrespeitosas, desatentas, inquietas, teimosas e de difícil trato, alimentando a construção de uma crença de que educar e conviver com elas tornou-se mais trabalhoso e desgastante.

Cotidianamente me deparo com os relatos de alguns dos comportamentos infantis considerados inusitados como, por exemplo, as crianças manusearem com facilidade aparelhos tecnológicos sem terem sido diretamente ensinadas, parecerem estar socialmente mais isoladas e distanciadas de seus pares devido ao uso excessivo de eletrônicos, demonstrarem fazer associações de ideias e pensar com rapidez, demandarem ter sua opinião aceita e participação em decisões, questionarem os parâmetros que conferem autoridade a alguém ou não atenderem prontamente comandos simplesmente por obediência. A impaciência, oposição, dificuldade de manter a atenção e agitação são mencionadas como percebidas acima do esperado, embora sejam comportamentos que fazem parte, em determinada intensidade e frequência, do desenvolvimento infantil.

Principalmente os pais e responsáveis se preocupam com a repercussão que o jeito de ser dos filhos terá em seu estilo de vida futuro. Muitos de seus discursos contêm admiração e orgulho, porém, também, uma apreciação negativa acerca de algumas características atribuídas às crianças e um prognóstico desfavorável decorrente delas. Apresentam dúvidas em relação ao que deve ser esperado delas e em que momentos e proporções as crianças estão extrapolando os limites. São muitas as perguntas sobre o que fez com que elas se diferenciasssem, sobre como educar e

se relacionar com elas adequadamente, indagações essas para as quais não há uma resposta pronta ou capaz de abranger a todas.

Reconheço nas modificações na pós-modernidade descritas por Giddens (2000; 2002) e Lipovetsky (2005; 2016), as novas composições das famílias, a divisão de tarefas no cuidado com os filhos, o acesso às tecnologias nos lares, o contato com múltiplas culturas e as exigências sociais que os pais mencionam como potenciais influências nas crianças. A partir de tais contextos, posso compreender as incertezas que revelam a respeito de educar filhos, as razões pelas quais se preocupam, as expectativas frustradas de como esse relacionamento deveria ser e as dificuldades decorrentes no convívio. Também é manifestado por eles, tanto no consultório quanto em situações informais, o pensamento de que consideram natural e, até mesmo, esperada uma diferença entre pais e filhos por acreditarem que há uma evolução entre as gerações. Apesar da perplexidade que sentem com o quão diferentes certos aspectos da infância e das crianças lhes parecem, acham que sua singularidade é própria de uma geração da atualidade.

O constante contato com essas questões me instigou a pensar sobre: quais são as características atribuídas corriqueiramente as crianças contemporâneas que elas, de fato, apresentam? Em que essas características contribuem para a percepção de que elas se diferenciam das crianças que fomos? De que maneira influenciaram no modo como significamos a criança e a infância? Essa mudança pode, de alguma forma, ser qualificada como positiva ou negativa nos relacionamentos das crianças?

Tendo sido o termo “geração” um indicador recorrente e compartilhado pelas pessoas, em minha experiência, para explicar e justificar as mudanças indicadas nas crianças e no relacionamento, principalmente, o familiar com elas, o conceito foi adotado como um dos fios condutores desse trabalho. O significado adotado foi teoricamente delineado e não tem a pretensão de propor um estereótipo, um perfil generalizado, que corresponda a todas as crianças ou um padrão ao qual elas têm que corresponder. O intuito foi aproximar o estudo do discurso usual presenciado e possibilitar uma familiaridade com a linguagem já praticada, visando tornar as discussões compreensíveis, inclusivas e partilhadas e as considerações acessíveis e aplicáveis em diversos contextos.

2. Introdução

O mundo contemporâneo¹ é marcado por alterações sociais, históricas e culturais, como inovações tecnológicas, diferentes organizações familiares, modificações no exercício da parentalidade e formas de se relacionar, por exemplo, que imprimem novos valores e atitudes (LIPOVETSKY, 2005). As exigências para adoção de um modo de vida conectado, frenético e, até mesmo, as pressões oriundas da violência exacerbada têm efeitos no processo de construção da realidade, nos princípios tradicionais e paradigmas, nos significados desenvolvidos nas interações e trocas sociais cotidianas e nas relações humanas (BIASOLI-ALVES, 1997; MEIRE; CENTA, 2003; BARRETO; RABELO, 2015).

Segundo Giddens (2000), o intenso processo de mudanças e as transformações no mundo, especialmente as concentradas nas últimas décadas do século XX, que correspondem a pós-modernidade, “[...] afetam quase todos os aspectos do que fazemos” (p. 17). A globalização, o advento da internet, o acesso a múltiplas culturas, os impulsos socioculturais de individualismo e de busca por satisfação e o enfraquecimento das tradições, de acordo com o autor, suscitaram modificações nos princípios e condutas. Houve implicações na postura dos adultos e, por conseguinte, também na das crianças, uma vez que, “em especial nos primeiros anos de vida da criança, há uma relação dialética em que a geração mais nova interioriza um mundo já posto, que lhe é apresentado com uma configuração definida, de cuja construção ela não participou” (BIASOLI-ALVES, 1997, p. 33). Este cenário, repleto de questões e contingências que não estavam presentes anteriormente, permeou os aspectos e comportamentos das crianças e repercutiu no olhar de como deve ser a infância e o comportamento infantil, conforme propõe o referencial sistêmico relacional de que uma mudança é capaz de provocar alterações nos subsistemas e no sistema total (MACEDO, 1994).

O modo de pensar a infância é fundamentado pelo tempo histórico e por condições socioculturais específicas, que se transformam de acordo com os paradigmas presentes em cada período (SALLES, 2005; LINS *et al.*, 2014). Os aspectos econômicos, sociais, históricos, geográficos, culturais e políticos são essenciais para estruturar o conceito e a maneira como a criança é compreendida,

¹ Termo usado para referir ao que é do mesmo tempo, da mesma época ou do tempo atual, em qualquer período.

porque lhe conferem uma significação particular, associada também às circunstâncias e não somente aos fatores biológicos. O sentido se altera com o tempo e com os múltiplos contextos e estabelece um perfil esperado, com margens de diferenciação, que contém expectativas, comportamentos desejáveis, aqueles que são apropriados e inapropriados e idealizações em torno de como as experiências devem ser vividas (RAMOS, 2013; LINS *et al.*, 2014).

Gergen e Warhuss (2001) apontam que o sentido atribuído não se encontra nas palavras, embora seja sustentado pelas convenções linguísticas partilhadas e pelo contexto no qual está inserido. Os significados são produzidos em interação, como criações relacionais que constroem descrições sobre o mundo e, portanto, não são fixos, estão sempre em transformação. São concebidos como verdades gerando padrões específicos de obrigações e expectativas, uma norma social que constitui e organiza as vivências ocasionando efeitos nas relações (GERGEN; WARHUSS, 2001).

Sendo assim, a criança, o comportamento infantil e as considerações a respeito deste tema se reestruturam. O conceito de infância como é abordado na contemporaneidade, configura-se como uma categoria recentemente adotada, como expõe Ariès (1981), no livro *História Social da Criança e da Família*, sobre o surgimento e a construção, daquilo que denomina desde o prefácio, de “sentimento de infância” (p. 14), ou seja, a percepção da necessidade de diferenciar o mundo adulto e infantil. Sua concepção é delimitada cronologicamente pela idade e alicerçada na representação de uma fase em que há uma ausência de saber, de malícia, de experiência e de desenvolvimento, que a associa à imaturidade, imprudência, irresponsabilidade e falta de seriedade, ou seja, a criança é retratada como alguém incapaz, um objeto passivo do talhar social que precisa que alguém a ampare e adéque ao universo adulto. Sua capacidade e potencial de atuação como sujeito integral, biopsicossocial e ativo na construção do mundo, são pouco considerados e intervêm no reconhecimento de suas singularidades.

As significativas mudanças históricas, culturais e sociais ocorridas na pós modernidade com um ritmo acelerado e contínuo, promoveram, ao longo do tempo, modificações na forma de se relacionar com as crianças, como aumento nos cuidados adotados, incentivo a autonomia e maior quantidade e formas de estimulação (REICHERT; WAGNER, 2007; ASSEMAN, 2016). Pela perspectiva de *self* relacional

proposta por Gergen (2009), o qual representa um produto complexo de interações negociado e construído ao longo da vida por meio das relações e trocas culturais, depreende-se que as novas configurações de interação familiar pós-modernas permearam a estruturação da subjetividade infantil e influíram em características que qualificam e se referem àquilo que pertence ou que diz respeito à infância.

Tais características são mencionadas, por pais e familiares, como peculiares das crianças, como por exemplo, a aquisição de um vocabulário ampliado para sua faixa etária, a facilidade de aprendizagem digital com pouca instrução, a antecipação da autonomia em atividades rotineiras e outras capacidades. Furia (2015), indica que:

Muitas crianças pequenas de hoje apresentam marcos do desenvolvimento mais precoce do que as gerações anteriores. Por exemplo, a famosa fase dos porquês, quando a criança pergunta sobre todas as coisas, já começa a ser notada por volta dos dois anos e meio de idade ou três, quando costumava surgir aos cinco. (FURIA, 2015, p. 16).

Mannheim (1982) afirma que acontecimentos históricos que marcam o curso da existência de um grupo configurando “espaços sociais de experiências conjuntivas de indivíduos da mesma idade-idade” (1982, p. 92), representam um importante elemento de desencadeamento de uma nova geração. Essa concepção confere sentido à percepção de pais, responsáveis e familiares sobre uma transição geracional estimulada pelas atuais conjunturas, como um dos motivos que explicaria sua sensação de que as crianças estão diferentes em alguns aspectos. Entretanto, o autor alerta que um conjunto de fatores que vão além de fatos históricos, sucessão cronológica e tempo, precisam estar presentes para que se possa falar em geração:

O ponto mais importante a ser notado é o seguinte: nem toda situação de geração – nem mesmo todo grupo etário – criam novos impulsos coletivos e princípios formativos originais próprios, e adequados à sua situação particular. Quando isso acontece, falaremos de uma *realização das potencialidades inerentes* a uma situação, e tudo indica que a frequência de tais realizações está estreitamente ligada ao ritmo de mudança social. Como resultado de uma aceleração no ritmo de transformação social e cultural, as atitudes básicas precisam se modificar tão rapidamente que a adaptação à modificação latente e contínua dos padrões tradicionais de experiência, pensamento e expressão deixa de ser possível, fazendo então com que várias fases de novas experiências sejam consolidadas em alguma outra situação, formando um novo impulso claramente distinto e um novo centro de configuração. Falaremos, em tais casos, da formação de um novo estilo de geração ou de uma nova *entelégua de geração*. (MANNHEIM, 1982, p. 92).

Pertencer a uma mesma faixa etária propicia a oportunidade de testemunhar os mesmos acontecimentos e passar por situações similares, mas, acima de tudo, é assimilar sobre eles uma visão, sensação e interpretação muito próxima entre si, tornando-se, de certa forma, conectados, que configura ocupar uma mesma “posição

geracional” (MANNHEIM, 1982, *apud* WELLER, 2010, p. 206). Alguns pesquisadores, como McCrindle (2014) e Furia (2013), entre outros, consideram os nascidos a partir de 2010 representantes de uma geração distinta das antecedentes, denominada como Alpha, por vivenciarem experiências semelhantes, compartilharem memórias, serem afetados por eventos em comum e de forma similar e apresentarem comportamentos afins.

As crianças da geração Alpha nascem em um mundo conectado em redes, digital, com um espaço virtual consolidado, maior acesso ao conhecimento humano, tempo de educação acadêmica prolongado e instrução mais ampla em comparação as gerações anteriores (TOLEDO, 2012; FURIA, 2013; MCCRINDLE, 2014; VIEGAS, 2015; OLIVEIRA, 2016;). Convivem constantemente e tem possibilidade de contato com um volume de informação disponível como nunca houve antes, embora não todas igualmente e com a mesma facilidade (UNICEF, 2017). Por isso, elas aparentam estar integradas a esse mundo tão diversificado, complexo e cada vez mais virtual que se consolidou, correspondendo às suas configurações com melhor adaptabilidade e desenvoltura do que àqueles que tiveram que se ajustar a essa nova realidade (FURIA, 2013).

Observando o contexto, as mudanças e as influências exercidas na contemporaneidade, podem ser melhor compreendidos os comportamentos, maneiras de agir e se relacionar das crianças relatados pelos pais, as declarações de se sentirem, eventualmente, sem saber como educar e se posicionar adequadamente perante os filhos devido as essas características que lhes parecem tão singulares, o desejo que expressam de ser pais melhores e criar bem os filhos para este cenário tão diferente daquele que viviam em sua infância, bem como, a sensação que descrevem de ficarem, às vezes, desorientados ao buscar elucidação por encontrar um grande volume de livros, revistas e vídeos, porém com dicas prontas, conselhos divergentes, fórmulas sem referências claras ou embasamento científico.

Em Psicologia, poucas pesquisas foram recentemente desenvolvidas oferecendo uma visão teórica atualizada da infância e novas práticas clínicas. Portanto, a maioria do conhecimento e instrumentos que dispomos sobre esse assunto para trabalhar com crianças foram desenvolvidos em épocas anteriores e, ao olhar para elas sob o mesmo prisma de outrora, a orientação familiar e profissional não evolui tão significativamente ou ágil quanto elas. Andolfi (2011, p. 43), questiona

o motivo pelo qual “as teorizações são baseadas no mundo adulto e em suas formas de expressão, negligenciando a inclusão da criança em seu campo de observação real”. Ele ressalta a necessidade de visitar o mundo delas para estabelecer uma forma empática de relacionamento e cuidados dos efeitos na vida cotidiana.

As crianças carecem de um olhar que, para além de apenas vislumbrá-las, reconheça sua subjetividade de forma mais ampla para que sejam devidamente compreendidas suas necessidades. A teoria sistêmica propõe esse olhar para as relações entre todos os membros e sistemas familiares e em como eles são influenciados pelas interações, porém cabe focar e apreciar, em especial, as inter-relações com a criança em sua complexidade para desconstruir o lugar de crítica, ressignificar sua condição como sujeito de direitos e fomentar um espaço de acolhimento (GRANDESSO, 2011; THOLL; BEIRAS, 2017).

3. Objetivos

3.1 Objetivo geral

Esta pesquisa teve como objetivo geral investigar as principais características e comportamentos apresentados por crianças da geração Alpha, sob a perspectiva dos seus pais.

3.2 Objetivos específicos

No detalhamento de seus objetivos específicos, esta pesquisa pretendeu:

- Investigar os efeitos que as características e condutas identificadas pelos pais nos filhos nascidos a partir do ano de 2010 exercem sobre os relacionamentos dessas crianças com suas famílias e seus pares;
- Investigar, segundo os pais, quais são os fatores que influenciaram as mudanças no comportamento infantil contemporâneo;
- Investigar a opinião dos pais sobre educar filhos na atualidade.

4. Pressupostos epistemológicos

O presente estudo fundamentou-se na Teoria Sistêmica, que emprega a premissa novo-paradigmática da ciência incluindo as três dimensões que caracterizam esse pensamento: a complexidade, a instabilidade e a intersubjetividade (VASCONCELLOS, 2005). Destaca-se a interdependência desses três elementos, que não podem ser aplicados isoladamente, por possuírem uma relação recursiva, interconectada e integrada que delinea o todo.

A complexidade se refere ao caráter circular do pensamento, de não linearidade pela insustentabilidade de fundamentações de causa-efeito, uma vez que diversos fatores intervêm no fenômeno a ser estudado, demandando a necessidade de contextualização. A instabilidade concerne à impossibilidade de previsibilidade e controle dos fenômenos. E, à intersubjetividade, diz respeito a oposição à objetividade devido às diferentes versões de uma mesma realidade concebíveis, de acordo com o observador (VASCONCELLOS, 2005).

A presente pesquisa considerou esses três pressupostos e adotou os seguintes princípios:

- A contextualização do fenômeno e suas causas, considerando sua totalidade, interrelações e observando-o distinto do contexto do qual participa, porém, integrado a ele e sem desconsiderá-lo;
- A adoção de uma percepção do mundo como em um contínuo processo de construção e, portanto, instável, imprevisível, indeterminável e inacabado;
- O reconhecimento da realidade como não sendo objetiva e independente, mas de múltiplas versões, relacionais, apoiadas em um observador que possui um olhar permeado por um contexto.

Compondo o quadro de referência, o Construcionismo Social foi o suporte do exercício de um papel ativo entre o sujeito e o objeto de conhecimento na construção da realidade. Os significados subjetivos atribuídos pelos sujeitos para suas vivências, foram considerados como desenvolvidos pelos mesmos por meio das relações interpessoais, negociados sócio e historicamente na tentativa de compreender o mundo em que vivem e com repercussão no contexto cultural, histórico, político ou social em que os fatos ocorrem, no sentido que é dado ao vivido e em crenças e atitudes concebidas (GRANDESSO, 2011). Considerando que:

As propostas construcionistas tomam a linguagem a partir de seu caráter performático e constitutivo, entendendo que as formas de linguagem ganham seus sentidos a partir da maneira como são utilizadas nas relações, e não em sua correspondência com o que representam, como estabelece a visão representacional. Assim, aquilo que as pessoas assumem como a realidade para si emerge a partir da inserção em contextos sociais, históricos e culturais que circunscrevem a produção de sentidos sobre o mundo. Tais sentidos, por sua vez, estão sempre abertos a transformações à medida que mudam os contextos relacionais e sociais em que as pessoas vivem. (PAULA-RAVAGNANI *et al.*, 2016, p. 269).

O espaço conversacional proposto pela pesquisa se sustentou nesses aportes e pôde propiciar a exploração e troca de pressupostos, crenças e limites, colaborando para a reflexão e construção de significados.

5. Referencial teórico

5.1 Evolução do conceito de infância e da visão da criança

A criança e a infância são assuntos amplamente abordados pela Psicologia, Pedagogia, Ciências Sociais, Filosofia, Direito, Medicina entre outras áreas de estudo, sob diversos aspectos e, regularmente, as reflexões tecidas são alicerçadas em um conceito construído sócio historicamente do que é infância e de como a criança deve ser que permeiam as considerações a respeito deste tema. Os aspectos econômicos, sociais, históricos, culturais e políticos são essenciais na elaboração dos significados usados para estruturar as imagens da infância e das crianças, interferindo na maneira como são vistas e nos relacionamentos que são estabelecidos com elas (SALLES, 2005; RAMOS, 2013; LINS *et al.*, 2014). Nesse sentido, seus significados são contextualizados e podem se diferenciar de acordo com o referencial em que se baseiam.

A palavra infância vem do Latim *infantia*², formado por *in-*, que implica o negativo, mais *fans*, “falante”, do verbo *fari*, “falar” compondo *infans* que se remete àquele que não consegue falar (LINS *et al.*, 2014). No dicionário *online*³ da Língua Portuguesa, Michaelis, o conceito de infância⁴ é apresentado como: “período da vida no ser humano, que vai desde o nascimento até o início da adolescência”. No sentido figurado significa: “crianças em geral; meninice e puerícia; primeiro período ou começo

² <http://origemdapalavra.com.br/palavras/infancia>

³ Palavra inglesa que significa em linha; computador, aparelho ou usuário conectado a outro, a uma rede local ou à internet. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=on-line>.

⁴ <http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/infancia/>

da existência de alguma coisa; estado de espírito em que não há malícia; credulidade, ingenuidade e inocência”. Para criança⁵ a definição do mesmo dicionário é: “ser humano no período da infância, menino ou menina”. E, no sentido figurado refere-se a: “filho ou filha, ainda pequeno ou jovem; cria; pessoa no limiar da vida adulta, mas ainda jovem; pessoa que, já madura, se entretém com coisas pueris ou se comporta de modo infantil”. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990, cita sobre título I, das disposições preliminares, no artigo 2º, criança como “a pessoa até doze anos incompletos [...]” (p. 96).

Uma dimensão presente nas concepções mencionadas está relacionada a ser uma fase delimitada cronologicamente e pautada na idade. Fazer parte de uma faixa etária implica em estar em conformidade com diversas características, comportamentos e condutas estabelecidas, inclusive sociais, atribuídas a ela que são consideradas adequadas, toleradas ou depreciativas. Ramos (2013, p. 2) afirma que “mais do que termos uma idade, nós pertencemos a ela”, pois há atitudes, emoções e habilidades cognitivas esperadas em cada etapa do desenvolvimento, as quais é preciso corresponder. Mais do que um marco temporal, a idade passa a representar um elemento que compõe a identidade, retrata, caracteriza e estabelece um papel a ser adotado e, ao mesmo tempo, molda, exige e demarca as experiências afetando o modo como se vive (RAMOS, 2013).

Outro aspecto que pode ser observado nas denominações da infância e da criança é conferido pelas associações à carência, dependência, despreparo e inexperiência que demandam cuidados, amparo, formação e instrução (LINS *et al*, 2014). As descrições elaboradas por adultos, referenciando-se em seu próprio mundo, tendem a não valorizar as capacidades e aptidões das crianças e transmitirem a impressão de serem sujeitos incompletos (HILLESHEIM; GUARESCHI, 2007).

Ramos salienta que:

A razão pela qual a criança em desenvolvimento é considerada um ser cognitivamente imaturo e pouco ativo na sociedade não é sua real imaturidade e inatividade, mas o entendimento de que ela não é ativa como os adultos e não elabora os mesmos processos cognitivos que estes. Isto significa que os adultos não reconhecem as práticas das crianças porque o conceito de competência, é definido a partir de suas próprias práticas. (RAMOS, 2013, p.11).

⁵ <http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/crianca/>

Definir as crianças partindo da distinção dos adultos incentiva representações de inaptidão que remetem à necessidade de alguém que as forme e aumentam a propensão de estabelecer com as crianças uma relação de assimetria (HILLESHEIM; GUARESCHI, 2007).

Ariès (1981), apresenta o emergir do “sentimento de infância” (p. 14) e o desenvolvimento do conceito que utilizou sobretudo como referência, ao longo do processo, a comparação entre as crianças e os adultos para estabelecer sua diferenciação. Principalmente, as capacidades produtivas e o estágio biofisiológico do organismo, entre outros fatores. O autor esclarece, que até a Idade Média as crianças não eram consideradas seres em desenvolvimento com características e demandas peculiares, mas sim como adultos em miniatura. Elas faziam parte do mundo e atuavam como qualquer outro indivíduo, sem distinção ou zelo. Não se dedicava atenção, cuidados especiais ou prioridade no atendimento às suas necessidades. Após a fase de dependência física intensa, elas eram incluídas nas atividades e ingressavam no mundo adulto sem restrições.

Antes do século XV não existia um papel social reservado a elas na família e na sociedade. Em virtude das condições sanitárias de falta de higiene, a existência de epidemias de doenças, bem como o pouco desenvolvimento da área de saúde para o tratamento de enfermidades, o índice de mortalidade infantil era grande e diante da incerteza de sobrevivência havia pouco apego. Todos na família, inclusive os bebês, dormiam na mesma cama e não havia cômodos separados na casa, sendo todos igualmente frequentados pelos membros. As crianças participavam das conversas, atividades e intimidades dos adultos sem a preocupação de serem preservadas ou protegidas de assuntos e situações da vida cotidiana. Mesmo suas roupas e alimentação eram como as de outros homens ou mulheres. As famílias tradicionais da França costumavam enviar seus filhos para outras famílias para que eles fossem educados e adquirissem um ofício, retornando a elas apenas quando mais velhos. Para aprenderem como fazer as atividades, eram colocadas para realizá-las juntamente com um adulto, exercendo as tarefas sem nenhuma condição especial (ARIÈS, 1981).

Ainda segundo o autor, um olhar de reconhecimento à infância começa a ser percebido quando é concedida às crianças participação na iconografia⁶. Meninos e meninas são introduzidos em comemorações culturais e religiosas, configurando o papel de protagonistas em algumas celebrações e obras de arte. Maior desvelo também é destinado a elas quando a igreja alerta sobre a necessidade de resguardar a criança de questões ligadas a sexualidade (ARIÈS, 1981).

Entre os séculos XVI e XVII, somente nos primeiros anos de vida eram dedicados cuidados especiais no contato com a criança, sobretudo pelas classes financeiramente favorecidas que levavam mais em consideração a condição de dependência física que apresentavam e destinavam criados para sua criação. Sua falta de autonomia lhe conferia uma classificação diferenciada de incapacidade de pensar, de controlar sentimentos e empregar a razão que se estendia até, por volta, dos 07 (sete) anos. O adulto, gradativamente, importava-se mais com ela por julgá-la frágil e dependente. A noção de “idades da vida” (ARIÈS, 1981, p. 29), que fragmentava a existência humana em etapas, favorecia a ideia de resguardar a criança do mundo adulto estendendo o prazo de espera para que fosse exposta a essa realidade. A legitimação de que haviam períodos diferentes ao longo da vida com tempo de duração e propriedades particulares reforçou a aceitação da existência da infância (ARIÈS, 1981). Lins *et al.* (2014, p. 130), apontam que “desse modo a palavra infância passou a designar a primeira idade de vida, a idade da necessidade de proteção, que perdura até os dias de hoje”.

Na Europa, no fim do século XVIII há uma mudança nos valores familiares que privilegiavam os primogênitos quanto ao recebimento de títulos e heranças, estendendo aos outros descendentes a dedicação de afeto e recursos e aumentando o apego aos filhos. É nesse período também que se amplia o desmembramento entre o privado e o público, enfatizando a preservação da vida familiar e doméstica e sua importância. As crianças deixam de ser responsabilidade exclusiva dos empregados e são envolvidas pelo desvelo dos pais, tornando-se destinatários não somente de seu legado, mas também de seu carinho (ARIÈS, 1981).

A função do Estado também se alterou e passou a se preocupar com o bem-estar e a educação das crianças. Os governos tornaram a infância um objeto de

⁶ Repertório de imagens próprio de uma obra, gênero de arte, artista ou período artístico.

atenção e cuidado, instaurando-o como campo de intervenção e investimento. Além do valor político que possuíam, representavam um capital social e familiar importante por serem as portadoras das expectativas coletivas de conquista futura de seus ideais. Sendo assim, fundamentado pelo processo histórico e por condições socioculturais específicas, a consideração pela infância delineou-se gradativamente e uma mudança de perspectiva foi viabilizada pelas novas configurações sociais e culturais, de reestruturação das relações familiares, de trabalho e de políticas de Estado (ARIÈS, 1981). Conforme destaca Lins:

Compreende-se então, que com a evolução nas relações sociais que se estabeleceram na Idade Moderna, a criança passa a ter um papel central nas preocupações da família e da sociedade. A nova percepção e organização social fizeram com que os laços entre adultos e crianças, pais e filhos, fossem fortalecidos. A partir deste momento, a criança começa a ser vista como indivíduo social, dentro da coletividade, e a família tem grande preocupação com a sua saúde e educação. (LINS *et al.*, 2014, p. 131).

As crianças sempre estiveram presentes na sociedade, apenas não conferiam uma categoria social com o valor, particularidades e direitos que se verificam na pós-modernidade. No século XXI, a ideia de infância, que foi sendo desenvolvida ao longo do tempo, ganhou destaque e se consolidou na cultura com a importância e atenção dedicadas que tem (SARMENTO, 2007 *apud* RAMOS, 2013).

O sentido se alterou com o tempo, assim como os múltiplos contextos sociais, geográficos, econômicos e individuais, o que interferiu no modo de entender as crianças e nas posturas e condutas adotadas no convívio com as mesmas (SILVEIRA, 2000 *apud* LINS *et al.*, 2014). As formas de se relacionar entre pais e filhos foram reconfiguradas pelas alterações nos papéis feminino e masculino, as diferentes formações familiares, o modo de exercer autoridade, o abrandamento de medidas disciplinares, a análise e reformulação dos valores sociais e morais, as atividades mais igualitárias entre cônjuges e mais dialógicas, participativas e afetuosas com as crianças, entre muitas outras práticas. As crianças adquiriram reconhecimento e permissão para sua subjetividade, participação, expressão e respeito.

Salles (2005, p. 40) salienta que “as mudanças que vêm ocorrendo desencadeiam um novo jeito de compreender a infância e a adolescência que traz implicações na forma pela qual as crianças e os adolescentes são representados e se constroem como indivíduos”. Sendo assim, pondera-se que cada período confere uma significação particular, associada às circunstâncias sociais e não somente aos fatores

fisiológicos, e possibilita vários modos de pensar a infância acompanhando as movimentações da humanidade e transformando-se de acordo com os paradigmas presentes em cada contexto histórico. É inviável a referência a um modelo de infância único e a todas as crianças da mesma maneira, sendo necessário reconhecer suas singularidades e compreendê-las de modo integral. Como mais do que simples seres em potência e objetos passivos do talhar social imposto, para que sejam adotadas ações, criadas políticas e estabelecidos relacionamentos que respeitem efetivamente seu lugar enquanto sujeito.

5.2 Teoria das gerações

A intergeracionalidade é um tema bastante expressivo e aplicado nas análises de conflitos, transmissão de valores e o relacionamento entre membros de faixas etárias diferentes na terapia familiar sistêmica. A teoria do ciclo vital enfatiza que “o desenvolvimento individual se dá circunscrito no desenvolvimento familiar, uma vez que a família consiste no principal contexto de socialização dos indivíduos” (CAMICIA *et al.*, 2016, p. 69), e que existem conteúdos que, por ela, perpassam as gerações. A ideia de que determinados padrões interacionais presentes na família são assimilados a partir da convivência e levam à construção de modelos, conscientes ou não, que são transmitidos, como em um processo de delegação familiar, entre ascendentes e descendentes sucessivamente abrange o conceito de geração (CERVENY, 2012).

Embora seja utilizada em algumas áreas das Ciências Humanas e Sociais para apoiar reflexões sobre os comportamentos e atitudes de determinados grupos e delinear perfis, é sabida a impossibilidade de generalização e de estabelecer um padrão de representação e conduta dos sujeitos, uma vez que, os mesmos só podem ser compreendidos no contexto da sociedade em que estão inseridos, e esse, é apreendido de maneira própria.

Os pilares do conceito de geração foram inicialmente abordados pela vertente da Sociologia, no século XIX, principalmente por Auguste Comte e Wilhelm Dilthey, entre outros estudiosos (MANNHEIM, 1982). Eles desenvolveram a teoria por dois enfoques, sendo um deles positivista e concentrado no progresso e sucessão das gerações, enfatizando a delimitação de tempo para sua evolução. O prazo médio de 30 anos de duração foi estipulado por ter sido considerado o período de transição

entre gerações. O outro, evidenciou as relações como sendo mais relevante que o tempo cronológico, ou seja, a qualidade dos elos entre os indivíduos que compartilham as influências de um mesmo momento histórico em seu período de formação (FEIXA; LECCARDI, 2010).

Ortega Y Gasset (1923), manteve o critério de sucessão que ocorre em um intervalo cronológico, mas considerou que o período entre as gerações reduziu para 15 anos e enfatizou que “as pessoas nascidas em um mesmo tempo partilham da mesma ‘sensibilidade vital’, que se opõe às gerações anteriores e mais recentes, e que define sua ‘missão histórica’” (*apud* FEIXA; LECCARDI, 2010, p. 196).

Mannheim (1982), aprimorou a teoria das gerações partindo desses estudos e constatou que uma geração se caracteriza por estar inserida em um contexto histórico que indivíduos da mesma idade e posição na estrutura social vivenciam. Que nascer em um mesmo período é um dos elementos que configura uma geração, mas, por si só, não abrange a totalidade de sua definição. São necessários outros importantes fatores como o acontecimento de fatos históricos que marquem o curso da existência de um grupo, os eventos serem vivenciados por indivíduos entre a puberdade (fase de oposição e realização) e início da vida adulta e que essas ocorrências potencializem o emergir de formas de pensar e experiências específicas.

Identificar uma geração exclusivamente por seu período de duração não é possível, pois sua definição não está direta e unicamente associada a um espaço de tempo linear mensurado quantitativamente. Seu reconhecimento não pode ser feito apenas objetivamente, pois depende do tempo subjetivo apreendido qualitativamente. O mesmo tempo é, para cada um, um tempo único, uma época que é partilhada, porém distinta pois, a compreensão interior do tempo vivenciado em um mesmo período é divergente para faixas etárias diferentes (MANNHEIM, 1982; WELLER, 2010).

Mais tarde, Philip Abrams (1982) reafirma a perspectiva de que o tempo não pode ser usado como principal critério para classificar uma geração por não ser meramente a sucessão biológica em uma sequência temporal que a determina. Para o autor, uma geração se dá no período “durante o qual a identidade é construída a partir de recursos e significados que estão socialmente e historicamente disponíveis” (ABRAMS, 1982 *apud* FEIXA; LECCARDI, 2010, p. 191).

Mannheim (1982), incluiu em seus trabalhos que espaços sociais em que proporcionam vivências unificadoras, representam um critério fundamental de avaliação geracional. Considerar o contexto histórico, político ou social onde os fatos ocorrem é imprescindível para conhecer as crenças e condutas daqueles que viveram esses momentos e compreender sua repercussão na formação de uma geração. Para determinar uma geração é preciso considerar um conjunto de fatores que vão além de fatos históricos e tempo, como reforçam Lombardia, Stein e Pin:

Só compreendendo o contexto em que seus membros cresceram, as tendências culturais às quais estiveram expostos e as mudanças políticas e sociais por que passaram será possível compreender o que os motiva e o que são capazes de oferecer. (LOMBARDIA *et al.*, 2008, p.1).

Acontecimentos de uma determinada época causam reflexos semelhantes na vida de pessoas de localidades diferentes em uma esfera global e, não apenas os valores e características dessas pessoas se tornam bastante semelhantes, mas também suas preferências, comportamentos e ideias, criando tendências em diversas áreas (PARRY; URWIN, 2017). Segundo Indalécio e Ribeiro (2017, p.138) “cada geração no decorrer da história carrega consigo uma cultura própria, particularidades, modelos”. Porém, cabe ressaltar que, são perpassadas por padrões regionais de cultura, sociais, demográficos, políticos, econômicos, legais e até de desenvolvimento específicos, que podem interferir nas características das gerações.

Pertencer a uma mesma faixa etária propicia aos indivíduos a oportunidade de testemunhar os mesmos fatos e passar por situações similares, porém, acima de tudo, para que isso seja viável, precisam possuir uma conexão para que compartilhem sobre eles uma visão, sensação, interpretação e assimilação semelhantes. Vivenciar experiências semelhantes e ser afetado, por eventos comuns, e da mesma forma, partilhando memórias coletivas é o que faculta compor uma mesma geração (FEIXA; LECCARDI, 2010).

Sempre tendo em vista os objetivos, esta pesquisa atentou para o conjunto de atributos similares e as experiências comuns partilhadas, no mesmo momento histórico, sem se fixar em um determinismo cronológico e de identificação, mas localizado no tempo e contexto histórico dos indivíduos, visando manter um referencial que pudesse elucidar sua apresentação.

5.3 As influências da pós-modernidade

A fase que temos vivenciado está ainda sendo delineada e compreendida, por estar em processo e, embora este período, seja frequentemente identificado como pós-modernidade, por enquanto, não possui uma denominação única e é diferentemente mencionado pelos pensadores. Para se referir ao momento contemporâneo Giddens (2000, 2002), por exemplo, usa a expressão “modernidade tardia” ou “modernidade reflexiva” e Lipovetsky (2005, 2016) “hipermodernidade”. Na presente discussão, ateu-se ao termo pós-modernidade visando tornar a linguagem uniforme e compreensível.

Por constituírem compreensões importantes dos fenômenos explorados na pesquisa proposta, quatro pontos das contribuições de Anthony Giddens (2000, 2002) e de Gilles Lipovetsky (2005, 2016) foram predominantemente abordados: a globalização, o individualismo, a tecnologia e o consumo. Essas são algumas das características, frequentemente, atribuídas a pós-modernidade e, o conhecimento dessas influências, elucida o curso de algumas transformações que estão ocorrendo, como consequência, em nosso cotidiano e em nossas relações.

Não há um consenso acerca de uma ruptura na pós-modernidade com os princípios presentes na Modernidade e sua substituição por outros ou de que os valores contemporâneos representam desdobramentos de concepções modernas, mas há concordância na percepção de que ocorreram mudanças no modo de vida e na organização da sociedade que configuram diferenciais da época anterior. De acordo com Giddens (2000, p. 13), “há razões fortes e objetivas para se acreditar que estamos atravessando um período importante de transição histórica” e, Lipovetsky (2005, p. 60), acrescenta que se verifica-se “a passagem lenta e complexa para um novo tipo de sociedade, de cultura e de indivíduo”.

Nesse aspecto, ambos os autores compartilham a compreensão de que se presencia na contemporaneidade uma intensificação no processo de transformação decorrente da dinâmica de funcionamento da sociedade que se desenrolou na modernidade e que o mundo está mudando rapidamente. Lipovetsky (2005, 2016), ressalta em sua análise a consideração de que o processo de alterações sociais que ocorre na pós-modernidade, mantém o sentido dos ideais fluentes na modernidade com a coexistência de princípios e não seu rompimento ou extinção.

Inicialmente a expressão pós-modernidade referia-se ao movimento identificado nas artes, literatura e arquitetura, entretanto expandiu-se da cultura e terminou por englobar análises relativas à filosofia, política, economia, experiência humana e até a intimidade e a família. As mudanças despontaram ainda na Modernidade em torno do caráter estético, social e tecnológico, configuradas, principalmente, a partir da segunda metade do século XX. Já eram perceptíveis a partir da década de 1970 o surgimento de movimentos sociais, o fim do comunismo autoritário, o maior exercício da democracia, a tentativa de diminuir as possibilidades de uso de equipamentos nucleares em guerras e a transposição do capitalismo ocidental do material (LIPOVETSKY, 2005).

Dentro das diversas abordagens teóricas, algumas características pós-modernas são discutidas, mesmo que sob outras perspectivas como, por exemplo, a globalização, o rompimento de fronteiras e barreiras, a facilidade de mobilidade, as comunicações eletrônicas, a descentralização do poder, a imprevisibilidade, a flexibilidade, a relativização da verdade, os discursos minoritários, a conscientização ambiental, a fragmentação, as fusões, o imediatismo, o curto prazo e o consumo. Contudo, entres todas elas há convergência no que se refere à percepção de que o ser humano e o modo de viver vêm se transformando em consequências desses processos.

A redução da crença e prestígio da ciência, das tradições e das certezas que garantiam uma sensação de segurança, culminaram na ruptura com os conceitos de verdade, razão e progresso e foram fundamentais impulsionadores do declínio da modernidade. Segundo Giddens (2000):

À medida que a influência da tradição e do costume define em um nível mundial, a própria base de nossa identidade – nosso senso de individualidade – muda. Em situações mais tradicionais, o senso de identidade é sustentado em grande parte pela estabilidade das posições sociais ocupadas pelos indivíduos na comunidade. Ali onde a tradição declina, e a escolha do estilo de vida prevalece, a individualidade não fica isenta. O senso de identidade tem de ser criado e recriado de forma mais ativa do que antes. (GIDDENS, 2000, p. 57).

Na pós-modernidade esses aspectos readaptados e partilhados, somados à relação com a tecnologia, a valorização do individualismo e do novo, entre outros, se acentuaram.

O progresso no campo da tecnologia obtido com a expansão do uso do computador, da aplicabilidade da realidade virtual, da comunicação aliado à

globalização que promove a interligação entre regiões, povos e culturas no mundo geraram mudanças na percepção de tempo-espço e na produção e disseminação do conhecimento que impactaram em âmbitos da vida social. A associação do processo de integração econômica, política e cultural ocasionada pela globalização e do armazenamento e integração de dados, informações e processos pelos sistemas informatizados, trouxeram para o cotidiano um conhecimento ampliado, compartilhado e automatizado e promoveram novas formas de organização social, de construção de identidade e de modos de viver (GIDDENS, 2002). Giddens (2000, p. 22) alerta que a “globalização não diz respeito apenas ao que está ‘lá fora’, afastado e muito distante do indivíduo. É também um fenômeno que se dá ‘aqui dentro’, influenciando aspectos íntimos e pessoais de nossas vidas”.

A cultura e o modo de viver receberam os efeitos das atividades, cada vez mais, globalizadas e intermediadas pela tecnologia. Com recursos, disponibilidade e habilidade é tangível acessar, selecionar e apreender informação. O movimento expansionista se propagou em todos os campos, inclusive o do conhecimento, nenhuma forma de aprisionamento foi mais aceita, nem mesmo o do saber (LIPOVETSKY, 2005). Nessa sociedade bastante veemente os indivíduos passaram a incluir constantemente esse conhecimento absorvido no exercício das atividades cotidianas, ocasionando nítidas alterações nas ações. Para Giddens (2000), em decorrência das dúvidas e incertezas geradas pelo rompimento com as verdades absolutas, um processo de questionamento e avaliação pessoal e institucional constante, ou seja, de reflexividade, instaurou-se na pós-modernidade.

O conhecimento é integrado a todos os aspectos da vida humana e possibilita que se reflita sobre eles. Quanto mais reflexões são feitas, mais conhecimento e capacidade reflexiva é adquirida, possibilitando a modificação desses aspectos e concedendo liberdade e responsabilidade na construção permanente da política e da sociedade. Num mundo reflexivo globalizado, mesmo os eventos distantes ocorridos, repercutem sobre as ações, estilos e relações sociais individuais. Sendo assim, os padrões locais deixam de ser a principal referência da realidade e a vida não se baseia mais somente nos modelos regionais e temporais limitados. De acordo com Giddens (2000, p.16), “num mundo globalizante, em que informação e imagens são rotineiramente transmitidas através do mundo, estamos todos regularmente em contato com outros que pensam, e vivem, de maneira diferente de nós” e construímos

novos significados sociais do espaço e tempo que remodelam nossas relações sociais.

A tecnologia que outrora foi um mecanismo que favoreceu o individualismo, converteu-se em uma ferramenta de convivência, de compartilhamento de emoções e de retorno ao comunitário. Juntamente com a percepção alterada do tempo e do espaço, potencializou a transição do individualismo vigente na era moderna e o emergir de uma nova estruturação de individualidade. Lipovetsky (2005) vincula ao individualismo contemporâneo uma representação, não de abandono de valores, mas de concessão de autonomia, no sentido de obter independência e libertação da necessidade de se sacrificar, das condenações e dos preconceitos gerados pelos juízos de valor do puritanismo moral moderno.

Segundo Giddens (2000, p. 86), o individualismo não fez com que as formas coletivas deixassem de existir, pelo contrário, “as pessoas estão se envolvendo em grupos e associações mais do que faziam antes”. Lipovetsky esclarece que, ainda existe bastante engajamento em várias formas de ações coletivas, porém voltado mais para questões pessoais do que sociais. Ao reconhecer o que há de semelhante nas individualidades, aflora o desejo de legitimar as diferenças de suas singularidades em pequenos grupos como comunidades identitárias. O consumismo também fomentou o interesse maior envolvido com o próprio mundo e cuidados das particularidades e reduziu, gradativamente, o empenho em lutar pelos ideais comunitários até chegar à delegação, quase que total, da responsabilidade política aos partidos. O que diferencia as ações atuais de posturas adotadas no passado, é o fato de serem dissociadas de correntes tradicionais, doutrinas ou referenciais absolutos.

Os sentimentos e ideais compartilhados pela empatia com aqueles considerados semelhantes, aqui e agora, e a rede de comunicação desenvolvida com conexão geral e imediata, intensificam a ênfase e valorização no vivenciado coletivamente e no presente. O investimento somente no futuro ou em quem se deseja vir a ser, sem aproveitar a vida e é rejeitado. Valoriza-se a singularidade do modo de ser, os semelhantes e a convivência social breve, imediata e por identificação. Essas circunstâncias que envolvem a elaboração de projetos para o futuro e o desenvolvimento da subjetividade, motivam a busca por uma democratização e política que possam ir além de dirimir as desigualdades de poder e criar mais estilos de vida do que chances na vida (GIDDENS, 2000).

A popularização dos *smartphones*, da internet, dos computadores de uso pessoal, a velocidade da informação e aplicativos de troca de mensagens instantâneas oportunizaram várias modalidades de comunicação que intensificaram o contato virtual e o distanciamento físico dos sujeitos. A maneira de se relacionar com o outro e com o mundo e a formação de vínculos foram claramente afetados (GIDDENS, 1991).

Na sociedade contemporânea as tecnologias da informação, a interação mediada pela máquina, o uso de realidade virtual e a equiparação da ciência a outros conhecimentos que predominam, estabeleceram formas particulares de subjetivação que são próprios dessa época (GIDDENS, 2002). Lideradas pelo campo da tecnologia, as inovações expandiram o ideal de velocidade para as outras coisas, acelerando aspectos pessoais e materiais da vida. Essa rapidez das transformações e mudanças que vem ocorrendo é a maior e mais evidente característica deste período ou época.

Mercadorias e informações são produzidas, divulgadas e superadas rapidamente e devido às facilidades que o avanço da globalização promoveu ao de abertura das relações políticas e comerciais no mundo, ficaram visíveis e acessíveis a todos. As inúmeras possibilidades de escolha, fazem com que a preferência anterior dos indivíduos se torne obsoleta e possa ser velozmente substituída. Emerge a era do consumismo. Lipovetsky (2005, 2016), faz menção a pós-modernidade como marcada pela cultura do temporário, do passageiro e do excesso, em que o sujeito, em ritmo acelerado, desenvolve desejos e busca sua realização. Incapaz de sanar seus anseios devido à satisfação fugaz que o consumir proporciona, o sujeito permanece insatisfeito e estabelece uma nova relação com as coisas. Como efeito, o paradoxo passou a ser estratégia: quanto mais vazio, mais desejo e quanto mais escolhas, mais liberdades.

A mídia, por intermédio de propagandas, sobrecarrega com imagens e mensagens de oferta e aguça as sensações e emoções que podem ser proporcionadas pela compra, reforçando a associação entre o ter e a qualificação do ser. Os produtos, serviços e conteúdos a que se tem acesso atribuem valor à pessoa. O marketing direciona ao sujeito, de forma intensa e sedutora, a promessa de experimentar sentir-se especial e único mediante o prazer da novidade. Atrela ao

consumir, um ideal de felicidade, prazer e preenchimento, além da capacidade de fornecer notoriedade e prestígio social.

Para Lipovetsky (2005, 2016), uma das características fundamentais da sociedade do conhecimento atual é a migração de uma economia baseada na produção e troca de bens materiais, centrada na oferta, para uma economia com foco no consumidor, que se alicerça na procura e fluxo desenvolvidos por estratégias de informação. Esse capitalismo de consumo alçou o hedonismo à categoria de valor soberano e converteu as satisfações materialistas a acesso a felicidade. O hedonismo, o prazer e o estímulo dos sentidos dominam a vida comum. O mercado, seus produtos e serviços desvanecem o sujeito ao projetá-lo a um universo de escolhas e definir a vida das pessoas.

O sujeito, mais voltado para si mesmo do que para o espaço público, usa produtos e bens materiais como meio para expressar sua subjetividade. A personalidade deve ser singular, diferente e não imitativa, desvincilhada do domínio do outro, em um processo de personalização desprendido de uma identidade rígida. Com liberdade para selecionar o que lhe representa, em meio a infinidade de objetos disponíveis e ofertados no mercado, as escolhas conferem poder de decisão, desde que, a satisfação de seus anseios não prejudique o outro.

Para ter a imagem enaltecida e aceita pelos outros é preciso buscar a individualidade. É isso que promove a valorização, ou seja, a cultura individualista sobrevive do espelhamento (GIDDENS, 2002). Uma grande preocupação estética e com a aparência envolve o sujeito contemporâneo que tenta, por meio da aquisição de bens e serviços, ser belo, popular, atraente e desejável, como garantia de aceitação e valorização.

Lipovetsky (2005) afirma que, embora os indivíduos busquem constantemente obter felicidade e bem-estar na compra, mediante suas escolhas e da satisfação de seus desejos, eles o fazem de modo consciente e reflexivo. Não aspiram somente a posse material, mas um conforto psíquico e harmonia em seu interior, conquistado pela ação pensada e ponderada. Em sua visão, a reflexividade do sujeito impede que ele seja totalmente manipulado e forçado pela publicidade a adquirir algo. A mídia pode até instigar seu desejo ou influenciar seu objetivo, porém ele ainda permanece livre, detém o poder de decisão e com múltiplas escolhas para comprar o quiser, se quiser. Assim, reforça a alegação de Giddens (2000) da presença de uma

reflexividade pessoal e institucional que impacta em profundas mudanças na cultura e, por sua vez, na sociedade.

Isso quer dizer que, apesar do sujeito estar inserido numa sociedade do prazer e satisfação e ser seduzido pela a esfera do material, o objeto (mercadorias, mídia) não tem poder sobre ele. Quanto mais ele é atraído pelos sistemas e processos de objetivação, mais reage se dirigindo a seu mundo pessoal. A abundância e variedade gerada e oferecida pelas opções, reforça a realização de escolhas que expressem a subjetividade e diminui a relevância das coisas materiais. Aquilo que se tem é obtido conforme os sentimentos e gera uma relação emocional com o que foi adquirido, sendo a subjetividade a essência norteadora do consumidor contemporâneo (LIPOVETSKY, 2005).

Na era pós-moderna, a cultura centrada na subjetividade e satisfação pessoal levam a uma busca do inédito e ao hiperconsumo. Prima-se mais pela qualidade de vida e vive-se seguindo as sucessões de agora, sem a obrigação de estabelecer um propósito de vida e sentido únicos. O sujeito não se prende a uma identidade fixa, sendo que seus referenciais, valores e princípios morais são mutáveis. Contrário a todas as formas de imposição e determinismo, substitui a ditadura pela autonomia, a austeridade pela condescendência, a opressão pela liberdade de expressão e a intolerância pelo consentimento de coexistência entre estilos.

Lipovestky (2005) resume sua visão da pós-modernidade:

A cultura pós-moderna representa o polo superestrutural de uma sociedade que está saindo de um tipo de organização uniforme, administrativa e que, ao fazê-lo, enfraquece os últimos valores modernos, reergue o passado e a tradição, torna o valorizar o lugar e a vida simples, dilui a preeminência da centralização, dissemina os critérios do verdadeiro e da arte, legitima a afirmação da identidade pessoal de acordo com os valores de uma sociedade personalizada na qual o importante é ser a própria pessoa e onde, por conseguinte, qualquer coisa tem o direito de cidadania e de reconhecimento social, onde nada mais deve ser exigido imperiosa ou duravelmente, onde todas as opções, todos os níveis podem conviver sem contradição nem relegação. A cultura pós-moderna é descentrada e heteróclita, materialista e psicológica, pornográfica e discreta, inovadora e retrógrada, consumista e ecológica, sofisticada e espontânea, espetacular e criativa; e, sem dúvida, o futuro não terá que se decidir a favor de uma dessas tendências, mas, sim, irá desenvolver as lógicas dualistas, a coexistência suave das antinomias. Não há dúvida sobre a função de tal explosão: paralelamente aos outros dispositivos personalizados, a cultura pós-moderna é um vetor de aumento do individualismo; diversificando as possibilidades de escolha, liquidificando os pontos de referência, minando o sentido único e os valores superiores da modernidade, ela administra uma cultura personalizada ou sob medida, que permite ao átomo social emancipar-se do balizamento disciplinar revolucionário. (LIPOVESTKY, 2005, p. 20).

É possível observar que a brevidade, inconstância, transitoriedade e grande velocidade das inovações, alteram não somente as coisas e o modo de vida, mas também as instituições como a Igreja, a escola e a família, por exemplo. Giddens (2000, p. 28) afirma que “continuamos a falar da nação, da família, do trabalho, da tradição, da natureza, como se todos continuassem iguais ao que foram no passado. Não continuam. A casca permanece, mas por dentro eles mudaram”.

5.4 A família e a parentalidade na pós-modernidade

Na pós-modernidade diversos aspectos individuais, sociais, econômicos e culturais foram transformados e refletiram nos valores e estrutura familiar e, conseqüentemente, nos relacionamentos entre pais e filhos. Alguns marcos da evolução da família foram bastante importantes.

A família tradicional possuía uma estrutura totalmente patriarcal, com a autoridade centralizada na figura do pai. Os homens comandavam e eram os únicos provedores, enquanto as mulheres eram responsáveis pelas tarefas domésticas e cuidados com os filhos e não tinham autonomia. A reputação da família era dependente da índole do homem, do desempenho e sucesso profissional que conquistava e dos resultados financeiros que ele obtinha e agregava ao patrimônio familiar. Todos os membros da família eram qualificados socialmente pelo êxito que sua família obteve e não apenas por suas ações individuais (ARIÈS, 1881).

O objetivo da família estava em manter e transmitir um patrimônio. As uniões eram realizadas mediante arranjos entre famílias e estabelecidas visando acordos políticos, econômicos e sociais e fundamentadas no amor romântico e na reciprocidade afetiva (ARIÈS, 1881). Os filhos não representavam para os pais uma parte importante da família para a qual eles deveriam dedicar investimento emocional, preocupação e atenção e não participavam das decisões e assuntos familiares importantes. O relacionamento entre pais e filhos era distante, o contato afetivo reduzido e o afastamento era praticado por ambos, pois prevalecia e era conservada a ideia de hierarquia e respeito entre os membros da família.

Atualmente, observa-se muitos tipos diferentes de família, uma grande diversidade em sua organização, novas divisões de papéis, sociabilidade,

organizações da hierarquia, distribuições das responsabilidades, formas de relacionamento e funções exercidas.

A família recebeu influências intensas da valorização do indivíduo e o ideal de equivalência passou a se evidenciar. As relações fundamentadas, inicialmente, na questão do poder foram convertidas em uma estrutura de igualdade. A democratização da família, substituiu a hierarquia nas relações pela paridade transformando as relações entre pais e filhos. Os laços afetivos entre pais e filhos tornaram-se mais intensos e promoveram mais intimidade e uma aproximação familiar maior. Os filhos ganharam um lugar de destaque na estrutura familiar, sendo dada ênfase à sua educação, cuidado e bem-estar, conforme o ideal surgido na modernidade das “crianças, mais do que a família” (ARIÈS, 1981, p.189).

Entre os casais, o exercício de autoridade e o direito a participação nas decisões familiares tornaram-se mais equilibrados, não apenas nos assuntos que se referem aos filhos, mas também em outras questões. Aspectos relativos às atividades educativas, organização do cotidiano, obrigações com os filhos, cuidados com o lar e provisão financeira, são mais compartilhados entre o casal. Apesar das diferenças de gênero não terem se dissolvido completamente, com a permanência, ainda, de algumas atribuições específicas para cada um, os papéis masculino e feminino foram reformulados, incentivados pela grande contribuição do movimento feminista, e possibilitaram a adoção de novas condutas por ambos os gêneros.

O declínio das tradições e as mudanças nos costumes provocaram reflexos nos valores sociais e morais e os modelos parentais foram questionados e revistos (CASTELLO, 2006). A ideia de educar como um processo de sentido único, em uma relação de desigualdade em que a criança é apenas depositária dos ensinamentos, sem reciprocidade, interação e elaboração foi descartada.

O que se percebe na atualidade é uma tendência a se adotar uma educação pautada mais no diálogo, no afeto, na participação e na compreensão. Ampliou-se a aceitação das diferenças individuais, o respeito às subjetividades e a promoção de trocas entre pares. Os filhos ganharam mais liberdade e autonomia (BARRETO; RABELO, 2015).

Embora os pais apresentem opiniões, atuação e tolerância diferentes quanto aos comportamentos da criança, há uma tentativa de manter uma prática educativa

disciplinadora e, ao mesmo tempo, de desenvolver a autonomia e a individuação das crianças (SALLES, 2005; REICHERT; WAGNER, 2007). Carentes de referências e sem modelos rígidos, a educação dos filhos passou a ser mais democrática e menos rigorosa. Os pais reduziram o controle, a determinação de limites passa a ser aplicada somente quando necessária e ao invés de exigências, as normas são flexíveis e os limites negociados.

As regras não são mais simplesmente replicadas da mesma maneira como foram recebidas das gerações anteriores. São desenvolvidas na convivência diária, muito mais próxima e constante, dentro do que é cabível e aplicável à realidade cotidiana da família e a partir de um pensamento reflexivo (LIMA, 2014). Segundo Castello (2006):

Os novos pais de hoje pertencem a uma geração onde os pais transmitiam aos filhos uma educação bastante rígida e dentro dos padrões que aprenderam em suas famílias de origem. Com o passar dos anos, esses conceitos começaram a ser revistos pela sociedade, e os pais de hoje estão muito mais maleáveis do que os de outrora, e cada vez mais incentivando os filhos a se realizarem e conquistarem uma autonomia e independência que são pontos importantes para esta geração. (CASTELLO, 2006, p.125).

Os pais agem em favor do respeito às crianças, repelindo as condutas que receberam em suas famílias de origem que consideram autoritárias, entretanto como seus pedidos e determinações, muitas vezes, não produzem efeitos em seus filhos, sentem dúvidas quanto à forma adequada de agir diante dessa nova estrutura de similaridade (BARRETO; RABELO, 2015). A determinação arbitrária de regras para a simples imposição de autoridade e o uso de castigos físicos como medidas disciplinares é refutado (SALLES, 2005).

Direitos e deveres vêm sendo, gradativamente, discutidos e revistos. Tanto os pais, quanto as mães passaram a exercer atividades profissionais e se verifica, inclusive, muitas famílias que tem as mulheres como principais mantenedoras financeiras. Como ambos se dedicam às suas carreiras, desenvolvimento e compromissos pessoais e têm o tempo disponível para se dedicar aos filhos reduzido, a participação de terceiros foi incluída nesses cuidados (BIASOLI-ALVES, 1997). Escolas, cuidadores, vizinhos e familiares, em alguns casos, foram incumbidos dessa tarefa, sendo que o contato e o diálogo entre modelos de educação e gerações foi ampliado.

A compreensão que tem, adquirida em sua vivência como filhos, em outros setores da vida e nas instruções dos especialistas sobre como exercer a parentalidade e educar filhos, não suprem as demandas das situações novas e, muitas vezes, são com os filhos que constroem novos modelos de conduta. Ao compartilharem a função de educação dos filhos, os pais têm suas convenções desmembradas e princípios contestados e buscam o conhecimento de profissionais de várias áreas, como Pedagogia, Psicologia, Medicina, Sociologia e, até de outros pais com mais ou diferentes experiências, para obter referências ou corroborarem as que possuem.

Confusos no que se refere a fronteira entre a aplicação da autoridade e o autoritarismo e inseguros quanto à forma de educar, que modelo adotar e sobre estarem agindo corretamente, os pais se apoiam na orientação de especialistas e seguem suas orientações gerais sobre educação, mesmo que elas não se apliquem adequadamente a sua família (SALLES, 2005; OLIVEIRA, 2009).

Na família contemporânea, o saber dos pais, na pós-modernidade, foi deslocado para outras instituições. O fácil acesso à internet, por exemplo, permite que obtenham recomendações e apliquem dentro de suas próprias casas e, os filhos, também obtêm na rede, informações e conhecimentos sem a necessidade do intermédio dos pais. A interação com equipamentos e tópicos provenientes do desenvolvimento tecnológico, fazem parte do cotidiano das famílias. Computadores, *laptops*, Internet, *e-mail*, telefones celulares, e tantos outros, alteram a interação e a comunicação familiar e podem tanto ser instrumentos que facilitam e melhoram a qualidade de vida, quanto fontes de dificuldades nos relacionamentos.

Como reflexo da sociedade do consumo, da aparência como representante do ser, da busca de prazer imediato e da individualidade, os pais criam uma expectativa de alcançar um desempenho parental e relacionamento familiar idealizado e se obrigam a suprir tudo aquilo que acham que os filhos precisam. Tentam obter mais qualidade de vida e ter mais momentos bons de convivência familiar, pois reconhecem que é neles que ocorrem as trocas subjetivas que mantêm os vínculos familiares. Contudo, para que se configurem como um momento de transmissão dos valores, saberes e afetos que forma os laços e molda a célula familiar, é preciso que os pais participem e se envolvam. Eles se impõem ganhar mais, o que demanda trabalharem mais e aprenderem mais sobre o exercício da parentalidade, para serem pais melhores e, conseqüentemente, com tantas exigências a que se submetem e são

submetidos, se ausentam mais e não conseguem estar mais presentes. E, quanto menos tempo de convívio ocorre no núcleo familiar, maior é a culpabilização infligida aos pais por si mesmos e pela sociedade.

Em virtude do acúmulo de funções, da aceleração da vida cotidiana, da dinâmica familiar e do tempo disponível para a criação dos filhos foi necessária a reformulação de significados e valores, rituais diários, novas escolhas de lazer e de interação. Importantes para o desenvolvimento da criança e manutenção dos vínculos familiares, a companhia e o convívio com os pais, são cada vez menos frequentes. A ausência alimentada pelo individualismo, o consumismo estimulado pela mídia e o sentimento de insuficiência e remorso leva os pais a tentarem suprir suas faltas e a carência afetiva provocada com objetos e presentes (OLIVEIRA, 2009).

De acordo com Lima (2014), pressionados por uma sociedade competitiva e materialista, os pais transmitem a seus filhos o imperativo de produção e performance e, muitas vezes, exigem resultados excessivos e desempenho além de suas capacidades. Na cultura do consumo, a felicidade é associada à posse de bens materiais e à imagem construída. Os produtos que se possui determinam posições sociais, estipulam nível, conferem estilo, demarcam relações e diferenciam grupos. O que é consumido expressa gostos, interesses, preferências e estilo de vida, servindo de referencial de quem se é. O envelhecimento tende a ser rejeitado e a juventude, a aparência, a beleza e a erotização enaltecidas. Os adultos adotam uma aparência, atividades e linguagem mais joviais. Com uma relação mais igualitária e de proximidade com os filhos, os pais se colocam como amigos e companheiros dos filhos. Substituem as funções disciplinares pelo amor e amizade, poupando-se do relacionamento conflitivo de ensinar e corrigir o certo e o errado. Adotam a postura pós-moderna descrita por Lipovetsky (2016) de suavizar, que se aplica ao que é árduo, trabalhoso, aflitivo, incômodo ou enfadonho e a transmitem na relação com os filhos.

De um sistema centrado na frustração e na obediência da criança sucedeu uma ordem educativa coroada por sua felicidade imediata e pela promoção de autonomia. O novo sistema educativo afirma-se contra o espírito de restrição e de sansão julgado incompatível com o respeito da individualidade e da existência independente da criança. A palavra mestra não é mais disciplina, mas a escuta dos desejos, o reconhecimento da singularidade pessoal, o desenvolvimento da autonomia. Saem as imposições rigorosas e os castigos corporais, entram a plenitude sem limite, a troca flexível, aberta e *cool*. Não se deve mais oprimir, mas sim respeitar e favorecer a individualidade da criança em um espaço inteiramente afetivo, de prazeres e de compreensão. (LIPOVETSKY, 2016, p. 252).

Os pais ao questionarem sua competência, defenderem uma relação de proximidade com a criança, equipará-la, em alguns pontos, aos adultos e, em outros, até coloca-la acima deles e não exercerem firmemente suas funções na família, promovem a desestabilização da hierarquia de idades e diferenciação entre criança e o adulto até então estabelecidas e colocam sua autoridade a cargo de outras instituições (OLIVEIRA, 2009).

O que se observa na sociedade pós-moderna, é que o predomínio das tecnologias da informação, a democratização do conhecimento, as mudanças verificadas nas estruturas de poder político e econômico, nas dimensões socioculturais, nas relações e nos diversos contextos da vida cotidiana, propiciaram à família contemporânea um caráter dinâmico, de diversidade de configurações e de formas de relacionamento próprios dessa época.

Araújo (2002) ressalta a importância de se observar as particularidades de cada família, considerando seus relacionamentos, valores, fase do ciclo vital, segredos e mitos, e abordá-las como única:

Cada família tem organização própria. E podemos imaginar essa organização como uma teia de aranha, tanto no que ela significa de perfeição arquitetônica quanto no que ela nos leva a associar: 'lugar de armadilha', onde se fica enredado. Na trama dos fios, qualquer mínimo movimento é percebido e implica uma reverberação em todo o sistema. Falar sobre o lugar do filho implica pressupor os lugares de pai e mãe, e vice-versa. Falar do lugar de mãe implica que antes ela também foi filha para uma outra mãe, e assim por diante. Sempre levando em conta ainda que estas relações são mediadas pelo universo comunicacional, portanto, estando imersas na cultura, onde não poderão ser analisadas de modo isolado. A noção de antecessor e sucessor, trabalhada na aprendizagem de conteúdos matemáticos, pode ser de grande ajuda para a compreensão dessa articulação. Para entendermos a noção de quantidade do número é preciso remetê-lo à cadeia numérica a que ele pertence, sendo por ela significado. Na família, para situarmos a história de seus membros, faz-se necessário observarmos as vinculações existentes entre eles. Ressaltando que estes sujeitos estão envolvidos em um universo de comunicação em que, pela linguagem, as trocas são possibilitadas. O fato de que tudo isso está inserido na cultura, com as características modernas de economia global, de final de milênio, de avanço tecnológico, de disparidades sociais, de nova concepção de tempo e de mudanças nas instituições sociais (família, escola, Igreja, Estado etc.), leva-nos a acreditar que na complexidade podemos encontrar acesso ao que estamos buscando. Toda simplificação termina por destituir a família de elementos vitais ao seu funcionamento. (ARAUJO, 2002, p.101).

Ainda que, as mudanças que vêm ocorrendo não sejam lineares e não cheguem a afetar igualmente todas as famílias, elas desencadeiam um novo jeito de compreender a infância que traz implicações na forma pela qual as crianças são representadas, se constroem como indivíduos e se relacionam.

5.5 O estado da arte

Realizou-se uma revisão da literatura com o objetivo de identificar como o conhecimento sobre a geração Alpha tem sido abordado nas pesquisas acadêmicas recentes. Por meio da pesquisa bibliográfica e do contato com as produções elaboradas, sintetizou-se as informações contidas nos estudos obtidos, identificando tanto as contribuições, quanto as lacunas existentes e esclarecendo a atual posição da temática.

Para o proposto foram consideradas os estudos existentes nas plataformas de indexamento Scielo, Redalyc, Lilacs, Capes e na base de dados do Google Acadêmico contendo o descritivo: geração Alpha no resultado de busca, nos idiomas português, inglês e espanhol. O recorte temporal foi de 2013 a 2018, em pesquisas de caráter interdisciplinar das abordagens psicológicas, sociológicas, antropológicas, pedagógicas e filosóficas. Os documentos foram incluídos adotando os seguintes critérios:

- a) apresentar o descritivo de busca pesquisado completo;
- b) citar Alpha como denominador geracional;
- c) estar disponível para *download*;
- d) tratar-se de trabalho científico;
- e) relacionar-se ao objetivo deste estudo.

Desconsiderando-se os trabalhos duplicados, incompletos, realizados anteriormente ao período de identificação do surgimento da geração Alpha e não publicados em fonte científica ou em formato acadêmico, totalizaram 69 trabalhos no resultado de busca. Foram obtidos: 01 na Scielo, 01 na Redalyc, 0 no Capes, 0 na Lilacs, 0 na Eric e 67 no Google Acadêmico. Desses, 35 fugiam da temática de análise proposta, 02 eram recortes de capítulos de livros e 05 estavam duplicados, restando 27 artigos aptos para análise.

Buscou-se responder às seguintes questões com os dados obtidos: Como a geração Alpha é compreendida e definida nesses estudos? Como as crianças da geração Alpha têm sido caracterizadas? Quais áreas de conhecimento têm se proposto a estudar a geração Alpha e quais são os seus objetivos? O que as pesquisas em que a geração Alpha é mencionada oferecem como contribuição?

A partir da leitura, na íntegra, das publicações selecionadas, com foco nessas questões, foi possível destacar as considerações mais relevantes que propiciam uma visão geral do tema e a construção de crenças menos negativas acerca da infância contemporânea.

Nos trabalhos obtidos, poucos têm como objeto de estudo a geração Alpha ou oferecem contribuições especificamente associadas a esse conteúdo. A maioria a aborda de forma superficial ou apenas menciona por estar, de alguma maneira, relacionada ao assunto central explorado. Segundo a referência ao tema, podem ser assim distribuídos: 01 aborda diretamente, 05 discorrem de forma sucinta sobre traços e características da geração Alpha, 11 apontam seu conceito, mas não apresentam nenhum detalhe, 09 somente citam brevemente a existência dessa geração em meio às descrições e análises das outras gerações e 01 cita a geração Alpha uma vez no resumo e nenhuma ao longo da pesquisa.

As datas de publicação dos estudos distribuem-se em: 03 pesquisas do ano de 2013, 03 do ano de 2014, 06 do ano de 2015, 08 do ano de 2016, 06 do ano de 2017 e 01 do ano de 2018. Os números mostram-se ainda reduzidos, apesar do indício de um aumento moderado e oscilante de investigações acerca desse conteúdo.

Quanto ao método abordado nos artigos, 03 estudos utilizaram uma análise quantitativa, mensurando números e dados, 08 optaram pela qualitativa, enfocando percepções e significados, 08 aplicaram a exploração quantitativa e qualitativa e 08 realizaram um estudo bibliográfico, apontando visões de autores e teorias.

No que tange ao tipo de documento, tratam-se de 14 artigos, 11 monografias e trabalhos de conclusão de curso de graduação e pós-graduação e 2 dissertações de mestrado.

1. Como a geração Alpha é compreendida e definida nos estudos?

O conceito de geração é delimitado como o conjunto de pessoas, nascidas no mesmo intervalo de tempo, que vivenciando o mesmo momento histórico apreende valores e adotam condutas similares que repercutem socialmente. A aceleração cada vez maior nos eventos históricos, sociais e culturais são apontados como motivadores da redução no intervalo de sucessão geracional, estimado, inicialmente, em 30 anos, para 10 anos.

A geração Alpha, considerada como a mais recente do século XXI, é composta pelos nascidos a partir de 2010 (CUNHA, 2013; GRANERO *et al.*, 2013; PETER, 2013; SANTOS; CESTARO; AUGUSTO, 2014; SILVA, 2014; CARLOS; NOGUEIRA, 2015; LOUZADA; NASCIMENTO, 2015; OLIVEIRA; DIAS, 2015; VIDAL, 2015; VIEGAS, 2015; PATELA, 2016; SILVA, 2016; XAVIER, 2016; DAHER, 2017; SAUSEN *et al.*, 2017; SILVA, 2017; SILVA; BEZERRA, 2017; HADDAD, 2018). Foi assim denominada no ano de 2010, por Mark McCrindle, sociólogo australiano, que na tentativa de dar continuidade ao emprego de letras adotado na classificação das gerações, utilizou o início do alfabeto grego, uma vez que foram empregadas anteriormente as últimas letras do alfabeto latino (FURIA, 2013; MCCRINDLE, 2014; VIEGAS, 2015).

Suas características são consideradas ainda pouco definidas e exatas e, até o momento, a maior certeza é o fato de seus membros nascerem em um mundo conectado em rede e serem rodeados por tecnologia (GRANERO; COUTO, 2013; PETER, 2013; SANTOS; CESTARO; AUGUSTO, 2014; VIEGAS, 2015; CORREA JUNIOR *et al.*, 2016; PATELA, 2016; HADDAD, 2018)

2. Como a geração Alpha tem sido caracterizada?

A diferença mais significativa considerada pelos estudos é o fato dessa geração estar em constante contato com a tecnologia e a internet, tornando diferente sua relação com as mídias digitais. Os *smartphones*, videogames, *notebooks* e *tablets*, estão presentes em seu dia a dia e usar redes sociais, *websites* e aplicativos faz parte de seu cotidiano. Sua visão da conexão com a rede como positiva e indispensável é ressaltada, bem como a forma de usá-la, integrando e adaptando-a para colocá-la a serviço de suas necessidades (CARLOS; NOGUEIRA, 2015; LOUZADA; NASCIMENTO, 2015; OLIVEIRA; DIAS, 2015; VIEGAS, 2015; OLIVEIRA, 2016; PATELA, 2016; HADDAD, 2018).

Esta influência, associada às transformações e evoluções sociais e familiares das últimas décadas e o acesso desenfreado a um grande número de informações, implicaram em mudanças nas atitudes infantis. O excesso de estímulos visuais, auditivos, emocionais e cognitivos recebidos a todo momento ocasionam respostas mais rápidas aos diversos estímulos, formação prematura de opinião, antecipação de etapas do processo de desenvolvimento e naturalidade e facilidade ao acessar, operar

e interagir com eletrônicos (SANTOS; CESTARO; AUGUSTO, 2014; MORENO *et al.*, 2017; SAUSEN *et al.*, 2017; HADDAD, 2018).

A sensação de que elas estão mais inteligentes é amplamente compartilhada. Embora o desenvolvimento das funções cerebrais esteja intrinsecamente associado à cultura, natureza e relações estabelecidas, sendo a capacidade intelectual influenciada pelo meio e pela quantidade e qualidade das aprendizagens que proporciona, não há comprovação de que a inteligência tenha sido, efetivamente, alterada e esteja desenvolvida nas crianças dessa geração (SCHELINI *et al.*, 2013).

O contato inerente das crianças da geração Alpha com a tecnologia estimula as atividades mentais e capacidade de estabelecer conexões, fazendo com que os mecanismos de intervenção que utilizam tenham se aprimorado e se tornado mais complexos, afinados, reativos e ágeis (VIEGAS, 2015). Integrados em práticas e conversas próprias aos adultos, fazem uso do potencial de aprendizagem que dispõem assimilando os conteúdos e aplicando-os com assertividade, apresentando melhor capacidade intelectual (CORREA JUNIOR *et al.*, 2016).

Considera-se que o convívio com o contexto virtual e no ciberespaço⁷, alteram sua linguagem, formas de expressão, seu modo de pensar e se relacionar (PATELA, 2016; HADDAD, 2018). Cercadas pela diversidade em diferentes aspectos, a espontaneidade das crianças da geração Alpha aliada a autonomia, enfraquece o apego por estereótipos e torna sua convivência com o diferente muito mais possível, pacífica, tolerante e harmoniosa (CORREA JUNIOR *et al.*, 2016).

Formadoras de opinião, elas ditam hábitos e costumes, tanto nas formas de relacionamento, quanto na moda e comércio. Têm um papel ativo e influenciador das tendências de consumo e economia familiares escolhendo produtos, demandando serviços e alterando prioridades de aquisição. O mercado, apostando em sua capacidade de determinar os hábitos de compra, consumirem e tornarem-se fiéis clientes no futuro, estuda seu perfil, cria produtos específico para elas e aplica estratégias de *marketing* para seduzi-las (VIEGAS, 2015; SAUSEN *et al.*, 2017).

⁷Espaço ou conjunto das comunidades de redes de comunicação entre computadores, notadamente a Internet. (<https://dicionario.priberam.org/ciberespa%C3%A7o>)

Demonstram uma postura ativa, independente e integrada às tecnologias em suas variadas apresentações, desde a tenra idade, fazendo com que as metodologias de ensino venham sendo repensadas para atender satisfatoriamente as demandas diversificadas. O ensino tradicional praticado nas gerações anteriores não atende mais (SILVA, 2017). Tende a ser customizado e aliado a materiais e equipamentos adequados ao perfil das crianças contemporâneas e focado em motivar, inspirar e promover a produção de conhecimento (CORREA JUNIOR *et al.*, 2016). Já é possível reconhecer em algumas instituições de ensino sistemas mais “personalizados, autônomos, híbridos, baseados em projetos e com foco no aluno e não no conteúdo” (VIEGAS, 2015, p. 26).

Alguns dos estudos mencionam que as crianças dessa geração entram mais cedo na escola, estudam por um período mais longo, tem outras atividades educativas, além da acadêmica, e fazem parte de famílias menores, que possibilita maior investimento financeiro em sua educação, e estimam que elas terão ascensão a maiores níveis de escolarização, ampliando o nível educacional (SANTOS; CESTARO; AUGUSTO, 2014; VIEGAS, 2015; MORENO *et al.*, 2017; SAUSEN *et al.*, 2017). McCrindle (2014), baseado em suas pesquisas, sinaliza que 90% dos integrantes dessa geração concluirá o ensino médio e a sua maioria ingressará no ensino superior.

Outro aspecto mencionado é a evolução na forma de relacionamento das famílias que afetou a interação entre pais e filhos. A transição dos pais da postura de autoritarismo para uma relação de troca, optando pela orientação, diálogo e amizade ao invés da rigidez, imposição e castigos, alterou a postura dessa geração (VIEGAS, 2015). Associado ao repertório de conhecimento amplo adquirido, essas crianças são munidas de recursos para questionar regras, contestar convenções e desafiar hierarquias que não consideram sensatas. Sendo sua postura ativa e de protagonista compatíveis com as influências recebidas, contradizendo a representação social das crianças estarem mais opositoras, indisciplinadas e desafiadoras, simplesmente devido à falta de imposição de limites.

A importância da família ou outras figuras que exerçam um papel de apoio, segurança e proteção é considerada acentuada pelo excesso de estímulos arbitrários, contato com diversidade cultural e os riscos do amplo acesso ao mundo virtual aos quais as crianças estão sendo submetidas e expostas (XAVIER, 2016). Em

contraposição, os adultos têm dedicado menos tempo e atenção aos filhos, devido ao volume de exigências e compromissos pessoais e profissionais acumulados (VIEGAS, 2015). Essa falta de disponibilidade dos pais, limitação de espaços que confina em ambiente fechados, a redução das atividades físicas e liberdade suprimida pela violência urbana, intensifica o acúmulo da energia inerente à infância e reforça o perfil indicado como muito ativo das crianças da geração Alpha.

As características frequentemente associadas as crianças da geração Alpha são: conectadas, autônomas, inteligentes, dinâmicas, ativas, participantes, independentes, espertas, com rápida aprendizagem e assimilação, curiosas, pensamento veloz, desafiadoras, precoces, desenvolvimento acelerado, interessadas, enérgicas, questionadoras e comunicativas (SILVA, 2014; SILVA; VIEGAS, 2015; CORREA JUNIOR *et al.*, 2016; PALETA, 2016; XAVIER, 2016; BEZERRA, 2017; MORENO *et al.*, 2017; SAUSEN *et al.*, 2017).

É elevada a periodicidade da associação do advérbio “mais” aos traços dessas crianças e a consideração de seus atributos como transcendentais do habitual. Suas características são descritas como potencializadas em comparação às crianças com as quais se teve experiência até então. Entretanto, as pesquisas não se propõem a elucidar os dados sobre a geração Alpha, retratar suas características, diferenciais e potencialidades.

3. Quais áreas de conhecimento tem se proposto a estudar a geração Alpha?

As vinte e sete contribuições apresentadas concentram construções de conhecimento agregadas às seguintes áreas: 03 em tecnologia, 01 em comunicação, 04 em *marketing*, 09 em gestão de pessoas e de carreiras e 10 em Pedagogia.

De acordo com o predomínio da área para o qual estão voltadas, as investigações e seus propósitos, é possível delinear quatro principais campos de análise: educacional, corporativo, comercial e de tecnologia da informação e comunicação.

Na área da educação é frequente o interesse pelo aperfeiçoamento de técnicas e instrumentos de ensino, planejamento de aulas, desenvolvimento de estrutura curricular e acadêmica, preparo de docentes e educadores, inclusão e aproveitamento

de tecnologias e mídias digitais no ensino e melhoria no relacionamento, dentro e fora da sala de aula, entre a instituição, alunos e familiares.

No campo corporativo o interesse é promover contribuições para a área organizacional e aprimoramentos de processos de gestão de pessoas. Destacam-se os levantamentos de aspirações profissionais, planos de carreira e benefícios, o emergir de novas ocupações profissionais, as características e comportamentos das gerações no mercado de trabalho, a disponibilidade de investimento na vida profissional, entre outros.

O setor comercial visa melhorias das estratégias de publicidade, propaganda, *marketing* e vendas. Pesquisa para conhecer mais o nicho de mercado representado e movimentado pelas crianças, seu perfil de consumidor e meios de explorar seu potencial de compras, a criação de produtos que os fidelize como consumidores, como elaborar divulgações direcionadas a este público e maneiras de fomentar sua influência no consumo familiar.

A área de tecnologia de comunicação e informação tem investigado o uso de ferramentas tecnológicas e mídias digitais pelas crianças, e ainda os riscos e benefícios do uso e exposição à internet e aparelhos eletrônicos, a aplicabilidade dos recursos tecnológicos em diversos setores que envolvem a infância, meios de ampliar seu acesso, o desenvolvimento de equipamentos e aplicativos que atraiam e atendam o interesse das crianças, sua adequação a faixas etárias e as contribuições, cuidados necessários e restrições de uso.

4. Quais são objetivos das pesquisas sobre a geração Alpha?

O objetivo geral apresentado pelas pesquisas em que a geração Alpha é mencionada são exibidos no quadro abaixo:

Quadro 1 – Objetivo geral das pesquisas que mencionam a geração Alpha

Pesquisa	Objetivo
O gerenciamento das relações entre as múltiplas gerações no mercado de trabalho	Retratar as características e comportamentos das diversas gerações que compõem o mercado de trabalho atual. A abordagem se dará desde o início da classificação das gerações, na década de 1920, com a geração Belle Époque, até a geração mais recente (nascida a partir de 2010), denominada Alpha.
Geração z: compreendendo as aspirações de carreira de estudantes de escolas públicas e privadas	Analisar a relação estabelecida entre as aspirações de carreira de estudantes da geração Z de instituições públicas e privadas da cidade de Santa Maria/RS.
Professores de creche e suas representações sociais sobre crianças de 0 a 3 anos	Identificar e interpretar as representações sociais de professores de creche sobre a criança de 0 a 3 anos para antecipar determinadas ações do sujeito a partir de como ele se posiciona a respeito de algo, sua forma estruturada de estudar as concepções de mundo, símbolos, imagens, opiniões, crenças e imagem hierarquizada, que evidencia de forma preditiva a tendência do comportamento do sujeito, ou seja, sua orientação para ação.
O uso de tecnologias na educação infantil bilíngue	Analisar o uso de ferramentas tecnológicas em crianças bilíngues com faixa etária de 4 e 5 anos, embasando-se na perspectiva dos multiletramentos.
Crianças de seis e sete anos e o uso da internet no ambiente escolar: estudo de caso em escola pública de Sobradinho (DF)	Conhecer os usos de internet das crianças de seis a sete anos beneficiadas pelo projeto Prouca e as oportunidades e desafios que a utilização traz para a produção de conhecimento no ambiente escolar.
Inovações em marketing: ações sensoriais no varejo de moda infantil	Verificar e analisar qual a relevância e aplicabilidade do marketing sensorial nas lojas de moda infantil do município de Ijuí/RS, para atrair, encantar e fidelizar seus consumidores e clientes.
Avaliação e análise do <i>design thinking</i> aplicado à criação de brinquedos	Analisar e avaliar o método, as técnicas e as ferramentas aplicadas durante o processo prático da criação de um brinquedo sem dispor de uma estrutura especializada, utilizando uma abordagem de inovação, para servir como guia ou referência para futuros criadores.
A criança e os riscos do mundo virtual	Analisar quais os possíveis riscos que às crianças estão sujeitas com a alta exposição ao mundo virtual e suas ferramentas.
Empregabilidade após os 40 anos	Destacar as questões relacionadas à empregabilidade nos dias atuais pela análise dos fatores que atuam como ferramenta de manutenção do emprego ou obtenção de uma recolocação no mercado de trabalho.
Os gêneros digitais e sua relevância na sala de aula de língua portuguesa	Pensar os gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital e a relevância do seu uso na sala de aula de Língua Portuguesa.
Educando a geração digital: uma análise sobre o uso das tecnologias da informação e comunicação no processo educativo a partir da relação tecnologia e metodologia	Analisar o uso das tecnologias da informação e comunicação no processo educativo a partir da relação tecnologia e metodologia.

Continuação do Quadro 1

Pesquisa	Objetivo
Redes sociais digitais na aquisição de língua estrangeira: relatos com estudantes do ensino médio e ensino superior	Apresentar as funcionalidades das redes sociais digitais na aprendizagem de língua estrangeira tanto com estudantes da educação básica como com graduandos; e reconhecer que o uso das redes sociais como recurso pedagógico pode contribuir para um aprendizado mais significativo e atrativo.
As diferenças intergeracionais na conciliação trabalho família: um estudo qualitativo	Contribuir para o conhecimento das necessidades e/ou dificuldades na conciliação das dimensões profissional e familiar dos participantes, mas sobretudo de se compreender se estas se relacionam com a geração à qual pertencem e qual a sua influência no bem-estar psicológico destes indivíduos.
Competências digitais: o professor como gateway de novos pesquisadores	Identificar uso e domínio das tecnologias digitais, que possibilitam a inclusão social pelo professor no processo de ensino-aprendizagem.
Dependência mobile: a relação da nova geração com os gadgets móveis digitais	Investigar como se dá o relacionamento de dependência do adolescente da geração Z e do jovem da geração Y com o aparelho de telefone móvel.
Tecnologias digitais da informação e comunicação na formação de professores de língua espanhola	Apontar que as comunidades digitais também são usadas como ferramentas para complementar o ensino e aprendizagem, e contribuir na formação de docentes.
Consumo no ciberespaço: a explosão de aplicativos de dispositivos móveis que ajudam a controlar a vida na palma da mão	Analisar a mudança das ferramentas que viabilizam o consumo via mobile e como as 'coisas' estão ganhando movimento pelos dispositivos eletrônicos.
Competências digitais: o professor como gateway de novos pesquisadores	Identificar uso e domínio das tecnologias digitais, que possibilitam a inclusão social pelo professor no processo de ensino-aprendizagem.
Como a geração digital consome jornalismo	Demonstrar como uma geração mudou a maneira de consumir jornalismo.
Trabalhadores da geração y: um comportamento diferente?	Analisar as mudanças comportamentais e conhecer as competências no ambiente de trabalho dos trabalhadores da geração Y.
Como gerir a geração y	Abordar a gestão de pessoas com ênfase na geração Y, discutindo o impacto dessa geração no ambiente de trabalho.
Percepções sobre conflitos entre gerações no ambiente de trabalho: uma breve análise sobre os Baby Boomers e gerações subsequentes	Identificar as diferentes percepções acerca dos atributos e valores de cada geração.
Estudo sobre as possíveis causas da rotatividade nos centros de serviços compartilhados brasileiros	Estudar os possíveis fatores que contribuem ou se relacionam com a taxa de rotatividade voluntária nos Centros de Serviços Compartilhados.
O uso das redes sociais como ferramenta de inclusão na educação	Apresentar as redes sociais como ferramentas pedagógicas de inclusão digital, seus meios e funções para a utilização dentro da sala de aula e, também, fora dos muros da escola.
Geração Alpha: um estudo de caso no núcleo de educação infantil da UFRN	Agregar conhecimento sobre esse assunto, este trabalho busca diagnosticar qual o perfil da nova geração, a geração Alpha, em uma escola de Natal- RN.

Continuação do Quadro 1

Pesquisa	Objetivo
Now can we stop talking about my body? Discurso publicitário e o processo de (re) construção identitária da boneca Barbie	Observar as transformações ocorridas no perfil da boneca Barbie, ao analisar os mecanismos discursivos e imaginéticos utilizados pelo discurso publicitário para a transformação da identidade da boneca.
O perfil geracional dos alunos de hoje: repto à emergência de novas teorias educativas	Apresentar uma breve descrição dos perfis das diversas gerações, desde o início do século XX, a saber: Baby boomers, Geração X, Geração Y, Geração Z e Geração Alpha para tentar compreender o público com o qual nós fomos, vamos e iremos confrontando, enquanto docente.

Fonte: Elaborado pela autora.

5. O que as pesquisas em que a geração Alpha é mencionada oferecem como contribuição?

Embora apenas parte das pesquisas obtidas abordem especificamente a geração Alpha, todas trazem significativas contribuições para os estudos que propuseram e abordam reflexões acerca de elementos que a permeiam e favorecem sua compreensão.

Quadro 2 – Contribuições das pesquisas acerca dos elementos geração Alpha

Pesquisa	Contribuição
Geração Z: compreendendo as aspirações de carreira de estudantes de escolas públicas e privadas	Novas gerações estão influenciando novas tendências e comportamentos da sociedade e conseqüentemente afetando o modo de trabalho futuro.
Professores de creche e suas representações sociais sobre crianças de 0 a 3 anos	Dada a escassez de estudos sobre a temática da "Geração Alpha", seria válido que outras pesquisas fossem realizadas e divulgadas dentre os profissionais que atendem esse público, para a melhor compreensão, aprimoramento dos serviços oferecidos e orientações prestadas às famílias.
O uso de tecnologias na educação infantil bilíngue	Com o bom uso da tecnologia, aliado aos outros recursos, a criança tem mais uma possibilidade de entrar em contato com os desafios da construção do conhecimento e aprendizado.
O gerenciamento das relações entre as múltiplas gerações no mercado de trabalho	Os conflitos geracionais têm uma versão positiva, que entende os conflitos como associados a discussões e divergências de ideias com intuito de chegar-se a um consenso benéfico à sociedade, e à vida da humanidade como um todo.
Crianças de seis e sete anos e o uso da internet no ambiente escolar: estudo de caso em escola pública de Sobradinho (DF)	Para melhor compreender as crianças da atualidade, é preciso levar em consideração as gerações digitais. P. 17 Nem todas as crianças do mundo estão conectadas e nem todas têm condições para viver essa realidade. P.18
Inovações em marketing: ações sensoriais no varejo de moda infantil	Embora voltadas aos interesses comerciais de promoção de bens e serviços para clientes e consumidores, as ações aplicadas de conhecimento do público-alvo infantil configuram uma fonte de dados de alguns aspectos de seu perfil.

Continuação do Quadro 2

Pesquisa	Contribuição
Avaliação e análise do design thinking aplicado à criação de brinquedos	Tentativa de inovação para adaptar os brinquedos tradicionais ao desenvolvimento tecnológico mantendo-os atrativos, lúdicos e com estímulo à educação, atendendo a demanda das crianças das novas gerações.
A criança e os riscos do mundo virtual	Apresenta os principais tipos de crime que podem ocorrer no mundo virtual e os riscos aos quais as crianças possivelmente estão expostas com base no perfil de acesso fornecido por elas neste contexto de aumento da disponibilidade e uso da internet.
Empregabilidade após os 40 anos	Indicar algumas das diferenças que serão encontradas no mercado de trabalho devido ao avanço tecnológico. A empregabilidade relacionada a capacidade de se adequar as novas tecnologias, estar preparado para oportunidades, se adequar a novos requisitos, desenvolver o potencial criativo e manter a empregabilidade.
Os gêneros digitais e sua relevância na sala de aula de língua portuguesa	Destacar a necessidade de aceitação tecnológica por parte da escola e uma mudança por parte dos educadores para compreender melhor as características pertencentes aos nativos digitais alunos para a melhoria da qualidade educacional.
Educando a geração digital: uma análise sobre o uso das tecnologias da informação e comunicação no processo educativo a partir da relação tecnologia e metodologia	Incentivar à reflexão sobre a utilização de tecnologias da informação e comunicação no processo educativo atual e como essas ferramentas podem auxiliar de forma positiva no processo de ensino e aprendizagem.
As diferenças intergeracionais na conciliação trabalho família: um estudo qualitativo	Ressalta o interesse dos profissionais no mercado de trabalho em conciliar a dimensão familiar e profissional, focando na qualidade de vida.
Dependência mobile: a relação da nova geração com os gadgets móveis digitais	Verificou que os mais jovens entendem o mundo a partir do virtual e entendem a si mesmo a partir de suas representações na rede.
Tecnologias digitais da informação e comunicação na formação de professores de língua espanhola	Apresentou as funcionalidades que as redes sociais possuem que permitem uma aprendizagem construtiva, colaborativa e autônoma e mostrar que nos dias atuais as tecnologias digitais fazem parte do ambiente escolar independentemente.
Como a geração digital consome jornalismo	Evidencia a influência da internet no consumo de informação das novas gerações que, ao mesmo tempo, produz e acessa conteúdo.
Consumo no ciberespaço: a explosão de aplicativos de dispositivos móveis que ajudam a controlar a vida na palma da mão	No mercado de consumo tecnológico atual, máquinas e programas configuram-se como mercadoria, assim como as pessoas tornam-se produtos, ao propagar suas subjetividades na internet.
Competências digitais: o professor como gateway de novos pesquisadores	A necessidade da sociedade do conhecimento de um novo perfil de educador e que, para tal, o sistema de ensino brasileiro deve fornecer condições de capacitação permanente aos docentes, notadamente em relação a atualização no uso das tecnologias digitais na Educação, bem como dotar as escolas de infraestrutura básica para que os mesmos possam trazer as tecnologias para a sala de aula.
Trabalhadores da geração Y: um comportamento diferente?	Possibilitar às empresas conhecer melhor o perfil dos profissionais e, assim, rever ou adaptar seus métodos de trabalho, de relacionamento, planos de carreira e outros para seu melhor aproveitamento e desempenho.

Continuação do Quadro 2

Pesquisa	Contribuição
Redes sociais digitais na aquisição de língua estrangeira: relatos com estudantes do ensino médio e ensino superior	Incentivar o uso de redes sociais digitais como auxílio educacional para diminuir a distância entre o professor e o aluno contemporâneo.
Como gerir a geração Y	Salientar que cada geração exerce uma contribuição no mercado de trabalho, apontar algumas das transições nas posturas e a possibilidade de aproveitamento das competências de cada em equipes multigeracionais.
Estudo sobre as possíveis causas da rotatividade nos centros de serviços compartilhados brasileiros	O levantamento do perfil do profissional, embora focado na geração Y, auxilia a identificação de fatores de transformação na atuação dos trabalhadores no mercado atual e possibilita realizar projeções do que os integrantes da geração Alpha encontrarão no futuro.
Percepções sobre conflitos entre gerações no ambiente de trabalho: uma breve análise sobre os Baby Boomers e gerações subsequentes	Mostrou que as visões e valores sobre alguns temas sofrem as influências do seu tempo e são, portanto, passíveis de divergentes perspectivas, sobretudo, em relação ao comportamento e às atitudes e que as gerações acumulam saberes que influenciam as escolhas das gerações seguintes.
O uso das redes sociais como ferramenta de inclusão na educação	Reconhecer as redes sociais como parte da rotina das pessoas e influenciadora de inclusão, produção, criação, leitura e compartilhamento de conteúdos. Além de uma ferramenta de interação e inclusão importante para gerar motivação para aprendizagem, contextualizar e atribuir significado ao conhecimento, auxiliando no processo de ensino e aprendizagem.
Geração Alpha: um estudo de caso no núcleo de educação infantil da UFRN	Gerar informações desta geração apontando características e interesses, que propiciam um melhor entendimento de suas necessidades e desejos e, auxilia na redução do conflito de gerações.
Now can we stop talking about my body? Discurso publicitário e o processo de (re) construção identitária da boneca Barbie	Demonstrar que as mudanças históricas, sociais e culturais são absorvidas e transmitidas por diversos meios e, até mesmo, ao universo infantil.
O perfil geracional dos alunos de hoje: repto à emergência de novas teorias educativas	O conhecimento dos principais traços das gerações mais recentes conduz a uma resposta possível para os problemas decorrentes da massificação do ensino e à busca de teorias educativas que permitam ir ao encontro dos perfis e dos estilos de aprendizagem genéricos dos alunos da atualidade.

Fonte: elaborado pela autora.

Os resultados das pesquisas selecionadas não foram apresentados ou analisados por estarem de acordo com objetivos que não se referem a investigação da geração Alpha e de seus aspectos, não sendo significativos para os propósitos desse estudo.

Após a revisão da literatura acerca do tema geração Alpha nos últimos cinco anos e análise da maneira como vem sendo pesquisado, bem como, os principais conceitos associados, verificou-se que as pesquisas demonstram que diversos aspectos a respeito do assunto despertam interesse no meio acadêmico e possuem

relevância em diversas áreas de conhecimento, entretanto apenas uma pequena parcela se propõe efetivamente a investigá-lo.

O contexto tecnológico e de avanços sociais no qual estão inseridas, a influência da internet e mídias digitais e a participação e uso de redes sociais têm sido abordados e analisados, visando a aplicação em salas de aula, na área comercial, no mundo corporativo e outras áreas. Entretanto, o objeto de estudo não é a criança. Seu modo de ser, agir, pensar, visão de mundo, suas mudanças ou bem-estar não estão em foco. Os objetivos estão em suas reações e não em suas relações, em seu entorno e nos resultados de seu modo de estar no mundo ao invés do sujeito e sua subjetividade.

Diante dos elementos apresentados, foi possível verificar como lacuna, a escassez de produções no cenário científico e o pouco conhecimento dos aspectos que caracterizam as crianças contemporâneas, apontando a necessidade de se ampliar as pesquisas com o objetivo primordial de trazê-las à tona. Além da reduzida quantidade de publicações, verifica-se ainda que as discussões contempladas abrangem algumas características atribuídas a geração Alpha, repercussões sofridas e outros fenômenos atrelados, porém não se aprofundam no estudo de seus membros.

Dessa forma, justifica-se a realização de estudos mais focados em explorar as percepções sobre os comportamentos e características das crianças da geração Alpha e promover conhecimento a seu respeito para ampliar os significados e interpretações construídos sobre elas, suscitando um novo olhar e posturas de compreensão e respeito a seus muitos modos de ser possíveis.

6. Metodologia

6.1 Tipo de pesquisa

Esta pesquisa é do tipo exploratória-descritiva e foi desenvolvida com método misto quantitativo e qualitativo. A pesquisa exploratória propicia um panorama do fenômeno estudado, abrangendo assuntos pouco abordados e permite “desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias” (GIL, 2008, p.27). O uso dessa metodologia possibilitou uma elucidação do tema, por meio do levantamento bibliográfico, que realçou pontos importantes sobre a o desenvolvimento do conceito de infância e a

visão da criança ao longo do tempo, a teoria geracional que respalda a indicação das crianças nascidas a partir de 2010 como sendo uma nova geração, as características e influências exercidas pela pós-modernidade, as mudanças na família e nos relacionamentos entre pais e filhos e o que as pesquisas têm estudado sobre a geração Alpha. Por estarem melhor delineados os aportes pelos estudos preliminares, foram estruturados os instrumentos de pesquisa que aprofundaram as informações sobre as experiências e forneceram maior compreensão sobre o tema.

Conforme descreve Gil (2008, p.28), sobre a função de “descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis”, a natureza de detalhamento adotada colaborou para levantar concepções e motivar um novo olhar para a questão estudada. Esse tipo de pesquisa caracteriza-se pelo uso padronizado de coleta de dados que foram registrados, analisados e correlacionados como se apresentaram. Foram verificadas as relações significativas entre as variáveis e identificada a frequência da ocorrência dos fenômenos, bem como, sua relação com outros e suas características (*ibid.*, 2008).

O método quantitativo apontou numericamente a frequência e intensidade dos dados coletados, por tratamento estatístico que garantiu a confiabilidade e, o método qualitativo que ampliou a compreensão das informações levantadas e aprofundou os conhecimentos ao lhe conferir sentido e significado (MINAYO, 2002). Aliados, os métodos viabilizaram correlacionar os resultados e obter maior confiabilidade.

A estratégia de investigação simultânea foi aplicada empregando uma exploração geral, visando verificar a amplitude na qual se torna comum a percepção dos pais sobre as características e comportamentos das crianças nascidas a partir de 2010, e um levantamento apreciativo das informações, esperando que despertasse maior entendimento dos problemas de pesquisa. Embora tenha sido dada ênfase a esse último aspecto, houve a integração dos dados no estágio de interpretação. Optou-se pela estratégia de pesquisa de triangulação concomitante por permitir atestar e validar de forma interligada os resultados com apenas um estudo (CRESWELL, 2007).

6.2 Participantes

A amostra desta pesquisa compôs-se por 114 participantes, confirmados após a aplicação dos critérios de exclusão entre os 151 selecionados por conveniência que responderam ao questionário disponibilizado em meio eletrônico.

Ao que se refere aos respondentes do questionário, 89,5% eram mães e 10,5% pais; 87,7% deles legalmente casados e 12,3% amasiados ou em união estável; 67,5% com idade entre 20 e 39 anos e 32,5% entre 40 e 59 anos.

Quanto à escolaridade 43% é pós graduado, 40,4% possuem curso superior, 14% ensino médio e 2,6% ensino fundamental. A renda familiar mensal de 5,3% era de até 2 salários mínimos, de 16,7% de 2 a 4 salários mínimos, 38,5% de 4 a 10 salários mínimos, 27,2% de 10 a 12 salários mínimos e 12,3% de mais de 20 salários mínimos.

Também fizeram parte deste estudo, na etapa de entrevistas, 08 famílias, moradoras da cidade de Guarulhos, com casais em união civil, entre 30 e 50 anos de idade, pais e a mães de crianças variando de 2 a 9 anos, conforme apresentado na Tabela 1 a seguir. Os casais foram selecionados aleatoriamente, pela técnica bola de neve, que é uma forma de amostra não probabilística em que os pesquisados indicam novos participantes, que também indicam outros e assim sucessivamente (VINUTO, 2014). Entretanto, apesar da intenção de proporcionar uma amostra diversificada e a mais representativa possível, coincidentemente o perfil das famílias que compuseram a pesquisa ficou ligeiramente aproximado.

No intuito de assegurar a confidencialidade e privacidade e evitar prejuízos aos participantes, conforme determinado pelas Resoluções nº 466/2012 e 510/2016, do Conselho Nacional de Saúde (CNS), foram atribuídas letras maiúsculas seguidas de números para identificar e diferenciar as famílias e seus integrantes. A letra F representou as famílias, a letra M representou as mães, a letra P representou os pais e a letra C representou as crianças. Nas famílias com mais de um filho, foi adicionado um nível à numeração, crescente do filho mais novo para o mais velho.

Tabela 1 – Famílias participantes das entrevistas

Família	Mãe			Pai			Filhos	
	Sigla	Idade	Profissão	Sigla	Idade	Profissão	Criança	Idade
F1	M1	42	Executiva	P1	39	Administrador de empresas	C1	9
F2	M2	46	Psicóloga	P2	49	Funcionário público	C2 C2.2 C2.3	4 9 16
F3	M3 Outra união Outra união	49	Administradora	P3	50	Advogado	C3 C3.2 C3.3 C3.4	9 21 26 28
F4	M4	37	Pedagoga	P4	36	Área de tecnologia	C4	9
F5	M5	40	Dona de casa	P5	44	Estoquista	C5 C5.2	4 8
F6	M6	40	Enfermeira	P6	40	Biólogo	C6 C6.2	9 14
F7	M7	37	Professora	P7	38	Porteiro	C7 C7.2	8 14
F8	M8	30	Dona de casa	P8	37	Carregador	C8	2

Fonte: Maysa Fagundes Pereira Rangel (2020).

No contato com os casais foi possível observar alguns elementos do contexto que auxiliaram na composição de sua representação:

Família 1 – A entrevista foi realizada na casa da F1 composta pela mãe, M1, 42 anos, executiva de empresa multinacional, o pai, P1, 39 anos, administrador de empresas e a filha C1 de 09 anos. No dia da entrevista a criança tinha ido para o acampamento da igreja e não estava em casa. Durante a entrevista o casal conversou bastante entre si, compartilhou ideias e, em alguns momentos, parecia se surpreender com parte das memórias e opiniões compartilhadas como se a estivessem conhecendo naquele momento. Eles demonstraram haver diálogo a respeito da educação que dedicam a filha, dividindo os cuidados. Entretanto, o pai revelou estabelecer algumas distinções de atuação por gênero, deixando para a esposa determinados assuntos em relação à filha que remetem à sexualidade, por exemplo, por considerar ser mais oportuno que sejam abordados por uma mulher. Relataram adotar uma educação dialógica com a filha em que os limites são comunicados e, algumas vezes, renegociados. A relação entre a mãe e a filha é de bastante proximidade e troca e, com o pai é um pouco mais comedida, apesar de afetuosa, pois ele busca transmitir uma imagem de seriedade e sobriedade, embora afirme ser aquele que mais cede em relação a ela.

Família 2 – Fazem parte da F2 a mãe, M2, 46 anos, psicóloga, o pai, P2, 49 anos, funcionário público e os filhos C2 de 4 anos, C2.2 de 9 anos e C2.3 de 16 anos. A entrevista foi realizada na casa da família em um dia em que todos estavam presentes. Enquanto os pais receberam a pesquisadora, os filhos mais velhos permaneceram em seus quartos realizando outras atividades e, o mais novo brincou e assistiu desenhos na sala, surgindo, uma vez ou outra. Ele vinha e observava, mas não interrompeu e conseguiu se entreter sozinho por aproximadamente 2 horas. Ele tentou servir-se e foi auxiliado pela mãe e depois pelo pai, alternadamente. Ao final da entrevista todos se reuniram e conversaram com a pesquisadora mostrando suas atividades ou falando sobre si. O casal demonstrou carinho ao falar um com o outro e uma construção conjunta da prática educativa, buscando equilíbrio entre seus temperamentos diferentes e os dos filhos. O pai revelou ter perdido a própria mãe na infância que, por isso, foi difícil e pouco afetiva, sendo mais preocupado em preparar os filhos para a dureza da vida e menos carinhoso fisicamente. A mãe veio de uma família aglutinada e empenha-se em manter referências de união e afeto. Ela mencionou adotar práticas um pouco diferentes e relevar mais coisas na educação do filho caçula devido ao que aprendeu na criação dos outros dois filhos e, também, em função da quantidade de atividades que tem agora.

Família 3 – Fazem parte da F3 a mãe, M3, 49 anos, administradora de empresas, o pai, P3, 51 anos, advogado, o filho do casal C3, de 09 anos e os filhos de M3 de relacionamentos anteriores, C3.2, 21 anos, estudante e C3.3, 26 anos, estudante e o filho de C3.4 do primeiro casamento, P3, 28 anos, que está temporariamente morando com a família. O casal optou por comparecer ao consultório para a realização da entrevista enquanto o filho estava em uma de suas atividades extracurriculares. A esposa solicitou que o marido tomasse cuidado com o que ia dizer, uma vez que, a entrevista seria gravada e ao longo da conversa ele a interrompeu para corrigi-la, acreditando que ela estava se desviando do assunto. Eles discordaram algumas vezes ao longo da conversa e consideraram ter atitudes e posturas educativas distintas com o filho. Acreditam que o filho percebe como os pais agem e se comporta de forma diferente com cada um deles. O pai é mais austero, estabelece regras e transmite valores de hombridade, enquanto a mãe é mais permissiva, deixa mais à vontade, dá mais liberdade e preocupa-se menos. Os cuidados com o filho são divididos e o pai, algumas vezes, fica vários dias sozinho com o filho enquanto a mãe

viaja a trabalho. Embora os outros filhos, de relacionamentos anteriores, sejam adultos e morem com eles, os afazeres e responsabilidades com o caçula é assumida, quase que exclusivamente, pelos pais.

Família 4 – A entrevista da F4 foi realizada na residência onde vivem a M4, 37 anos, pedagoga, o P4, 36 anos, profissional da área de tecnologia e o filho C4 de 09 anos. A criança permaneceu no quarto a maior parte do tempo do encontro, vindo até nós em alguns momentos e participando da conversa. Inicialmente foi incluído pela mãe e, depois, respondeu perguntas sobre ele feitas aos seus pais e interagiu com desinibição e desenvoltura. Foi até a cozinha e preparou com independência o próprio lanche. A mãe somente observou e foi auxiliá-lo apenas em determinado momento, quando ele não encontrou o que precisava. O casal demonstrou tentar alinhar sua maneira de educar, incluindo o pensamento de cada um, mesmo quando eles são divergentes, cedendo quando é oportuno. A mãe declarou que procura equilibrar o modelo que conhece, as práticas atuais e o modo de ser do filho, enquanto o pai tenta prezar pela educação que recebeu e o que considera ter funcionado com ele. A mãe revelou se questionar se está educando adequadamente e fez algumas perguntas sobre o assunto para a pesquisadora, informando ter interesse pelo resultado da pesquisa. O pai mencionou preocupar-se, em alguns momentos, com a quantidade de trabalho e compromissos que possui em contraposição ao tempo que dedica ao filho. O casal demonstrou uma relação dialógica, afetuosa e inclusiva com o filho.

Família 5 – A F5 é composta pela mãe, M5, 40 anos, dona de casa, o pai, P5, 44 anos, estoquista e os filhos C5 de 04 anos e C5.2 de 08 anos. A entrevista foi realizada na casa da família. Enquanto conversávamos o C5.2 ficou no celular vendo vídeos no *youtube* e a C5 alternou entre assistir vídeos no celular e brincar pular no sofá e escalar as paredes. Durante o contato ela demonstrou ser uma criança bem ativa e, com a mãe, ser questionadora e tentar convencê-la a fazer as coisas como ela deseja. Ao conversar com a pesquisadora ela foi comunicativa, desinibida e articulada. O casal revelou que devido ao temperamento dela, por ser uma menina e ser a filha caçula, em alguns momentos ela acaba sendo protegida ou tendo privilégios em relação ao irmão. Eles informaram conversar sobre a educação dos filhos e concordarem quanto a postura que adotam. A filha não foi planejada e a gravidez causou um pouco de surpresa ao casal que se preocupou com a condição financeira para educar os dois filhos. Eles relataram se empenhar em passar tempo com as

crianças e priorizarem esse contato a outras necessidades familiares. Inclusive, sendo esse um dos principais motivos pelo qual a M5 deixou seu emprego. Embora, o casal more no mesmo terreno da família da M5 e, contar com o apoio de sua mãe quando necessário, eles preferem cuidar eles mesmos, o máximo possível, das responsabilidades com os filhos.

Família 6 – A F6 é composta pela mãe, M6, 40 anos, enfermeira, o pai, P6, 40 anos, biólogo, os filhos C6 de 9 anos e C6.2 de 14 anos. O casal foi entrevistado em sua residência enquanto os filhos brincavam na rua com os amigos. Devido à profissão da mãe e o horário de trabalho mais flexível do pai, é ele quem passa a maior parte do tempo com os filhos e lhes presta os principais cuidados. Ele forneceu a maior parte das informações e procurou completar o que a esposa relatou, interrompendo-a em alguns momentos. Manifestou orgulho pelo conhecimento que tem dos filhos e um sentimento de estar sendo reconhecido e valorizado pela oportunidade de falar sobre eles, que a ocasião proporcionou. A esposa deixou que o marido respondesse, sem opor-se e observou enquanto ele falava. Em determinados instantes ela se ausentou, tomando algumas medidas para promover conforto ao ambiente enquanto conversávamos. Por morarem em um condomínio fechado os filhos usufruem de bastante liberdade para brincar ao ar livre e ir e vir da residência dos amigos, não permanecendo muito tempo em casa. Segundo os pais, os filhos são incentivados a ter autonomia sendo incluídos nas atividades domésticas e quando permanecem uma pequena parte do dia sozinhos casa, entre o horário que chegam da escola e o retorno do pai do trabalho.

Família 7 – A entrevista da F7 foi realizada no consultório com a mãe, M7, 37 anos, professora e o pai, P7, 38 anos, porteiro. Eles têm dois filhos: o P7 de 8 anos e P7.2 de 14 anos. A mãe ficou levemente receosa quanto as suas colocações, por acreditar que o fato de ser professora e ter certo conhecimento lhe traz a responsabilidade de acertar. O marido declarou também acreditar que ela sabe mais sobre os filhos e percebe coisas que ele não percebe, por ser professora. Ele trabalha em mais de uma atividade e passa mais tempo fora de casa do que a esposa. O casal iniciou seu relacionamento na adolescência e está junto a bastante tempo, por isso construíram o juntos seus valores, pensamentos e modo de educar. Eles relataram que vão transmitindo aos filhos seus princípios e estabelecendo as regras por meio das situações do dia a dia e do seu próprio comportamento, conversando bastante,

explicando e deixando bem claro a maneira como as coisas devem ser e o que esperam. Após a entrevista revelaram interesse em saber mais sobre o assunto, fizeram perguntas e trocaram ideias sobre educar filhos. A mãe perguntou a pesquisadora como é ser mãe e psicóloga, tentando compreender se traz o mesmo conflito que ela sente sendo mãe e professora. Revelou que ter conhecimento sobre o desenvolvimento infantil causa preocupação, faz com que tome alguns cuidados e tenha atitudes baseadas no que sabe sobre o assunto e não em como os filhos são ou nas situações que vivenciam. Solicitou orientação para aliviar a preocupação que transpareceu inicialmente.

Família 8 – Compareceu ao consultório para entrevista da F8 a mãe, M8, 33 anos, dona de casa, o pai, P8, 37 anos, carregador e a filha C8 de 02 anos. A criança permaneceu brincando e realizando atividades durante o processo, interrompeu poucas vezes solicitando atenção ou mostrando algo que gostou. Interagiu com a pesquisadora com desembaraço, mostrou todas as cores que sabe em português e inglês, contou as peças com que brincava e utilizou os brinquedos de formas diferentes do usual e bem criativas. Pediu a atenção e participação do pai em uma parte de sua brincadeira e ao final guardou prontamente todos os brinquedos demonstrando estar acostumada a isso. Os pais revelaram que se sentem surpresos com a agilidade e facilidade com que a filha aprende e os conhecimentos que ela apresenta. Eles informaram que costumam ir tomando as atitudes e decidindo as práticas educativas à medida que as necessidades vão aparecendo. A esposa apresentou uma postura comunicativa, determinada e ativa e falou sobre dificuldades de relacionamento que ela e o cônjuge estavam passando com suas famílias de origem. O marido manteve um comportamento pacífico, reflexivo e apaziguador, apoiando a esposa e concordando com suas colocações. O casal demonstrou estar bastante preocupado devido a essa questão e falou sobre isso durante uma parte da entrevista. A mãe relatou estabelecer mais regras e limites para C8, enquanto o pai assume uma posição mais amistosa e que ambos priorizam o relacionamento da família nuclear em detrimento ao da família extensa.

No delineamento, a pesquisa previu a realização de entrevistas com 10 casais, entretanto a amostra não foi ampliada por ter sido atingida a saturação teórica em 08 casais (CRESWELL, 2007). Tendo sido baseada nos significados e não no critério numérico, conforme orienta Minayo (2002), e os dados obtidos passaram a apresentar

uma certa redundância, não foi considerado relevante, na avaliação da pesquisadora, persistir na coleta. Reunir mais informações pouco acrescentaria ao material já obtido, visto que não alterariam significativamente a compreensão do fenômeno estudado. Contribuiu também a dificuldade em obter novos participantes indicados, voluntários, com disponibilidade de tempo, sem reserva de falar sobre seus filhos e sem receio de receberem julgamentos de valor. Dentre os casais convidados a fazer parte da pesquisa e que afirmaram interesse e disponibilidade, 05 agendaram a entrevista e, posteriormente, desmarcaram e comunicaram ter desistido e, outros 06 deixaram de responder aos contatos após a confirmação inicial, exemplificando a evitação.

6.3 Critérios de inclusão

Os participantes da pesquisa foram casais heterossexuais, casados ou em união estável⁸, pais ou mães de crianças com idades entre 01 ano e 09 anos e 11 meses, do sexo feminino ou masculino, frequentando instituição de ensino, caso estivessem em idade escolar, residentes juntos com os filhos na cidade de São Paulo ou região metropolitana⁹.

A delimitação da amostra com pais e mães se deu por pertencerem a um subsistema no sistema familiar, o parental, em que desempenham importantes papéis e ocupam um lugar que provoca percepções, práticas e estruturas de inter-relação com os filhos. Devido à sua complexidade e organização, para compreender a individualidade do comportamento das partes, é essencial ponderar suas percepções sobre as relações. Lewis e Dessen (1999, *apud* GOETZ e VIEIRA, 2008) indicam que a parentalidade é uma experiência compartilhada pelos pais e suas formas frequentemente estão ligadas ao modelo de relacionamento conjugal, havendo semelhanças nos estilos de educação, maneira de cuidar e medidas adotadas. Os autores afirmam que:

⁸ Relação entre duas pessoas que se caracteriza como uma convivência pública, contínua e duradoura e que tem o objetivo de constituição familiar, sem prazo mínimo de duração e necessidade de residir na mesma habitação (Lei 9278/96).

⁹ Arujá, Barueri, Biritiba Mirim, Caieiras, Cajamar, Carapicuíba, Cotia, Diadema, Embú, Embú-Guaçu, Ferraz de Vasconcelos, Francisco Morato, Franco da Rocha, Guararema, Guarulhos, Itapeverica da Serra, Itapeví, Itaquaquecetuba, Jandira, Juquitiba, Mairiporã, Mauá, Mogi das Cruzes, Osasco, Pirapora do Bom Jesus, Poá, Ribeirão Pires, Rio Grande da Serra, Salesópolis, Santa Isabel, Santana de Parnaíba, Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano, São Lourenço da Serra, São Paulo, Suzano, Taboão da Serra e Vargem Grande.

[...] muitas e variadas influências sobre o comportamento de cuidado parental podem ser decorrentes, por exemplo, de mudanças associadas à rotina de uma nova escola, alterações nos compromissos de mães e pais fora de casa ou pela separação do casal. (LEWIS e DESSEN, 1999, *apud* GOETZ e VIEIRA, 2008, p. 84).

Visto que, a qualidade da relação do casal interfere no exercício da maternidade e paternidade e a interdependência dos elementos, de acordo com a Teoria Sistêmica, faz com que as mudanças influenciem os todos integrantes do sistema familiar, o estudo delimitou-se a casais com união civil ou estável, formalizada ou não, habitando no mesmo domicílio. A observação do comportamento da criança em lares diferentes e por outros responsáveis demandariam o estudo, inclusão e consideração de outras variáveis.

Foi circunscrito como local de residência a cidade de São Paulo e região metropolitana visando manter o recorte de inserção em um contexto de similaridade cultural, social e político de produção de sentido, uma vez que ele atua na construção da subjetividade (SALLES, 2005).

A escolha pela idade das crianças justifica-se por condizer com a faixa etária dos pertencentes a geração Alpha, que segundo os estudos de alguns autores que se apoiam na Teoria das Gerações são os nascidos a partir do ano de 2010 (FURIA, 2013; MCCRINDLE, 2014).

6.4 Critérios de exclusão

Foram desconsiderados na pesquisa os participantes que se auto denominaram no questionário com graus de parentesco com a criança diferentes de pai ou mãe, com estado civil separado, divorciado, viúvo e solteiro e não residentes na cidade de São Paulo ou região metropolitana, representando 24,5% do total da amostra.

6.5 Instrumentos

Foram adotados como instrumentos para coleta de dados um questionário e uma entrevista, compostos por questões elaboradas alinhadas aos conceitos e fundamentos presentes no referencial teórico e aos objetivos deste estudo. O primeiro recurso visou o levantamento de informações condensadas e, o segundo, o emergir

das descrições e compreensões dos participantes sobre o assunto. Um pré-teste foi aplicado para verificar se os termos, as questões e as instruções estavam claras, adequados e de fácil compreensão, para realizar os ajustes necessários aos instrumentos propostos garantindo confiabilidade, pertinência e concordância (GIL, 2008).

O questionário (Anexo B) foi elaborado com questões fechadas e linguagem acessível, em formato eletrônico, por meio da plataforma digital de formulários do *Google Drive*¹⁰, local em que ficou arquivado e foi disponibilizado com instruções sobre o preenchimento e sobre a pesquisa. As 09 primeiras perguntas foram voltadas ao delineamento do perfil socioeconômico dos participantes e, as demais, de levantamento das características, comportamentos, hábitos e preferências apresentados pelos filhos, segundo a perspectiva dos pais. As perguntas de número 10 a 20, compostas por 6 opções cada, permitiram que fossem marcadas mais de uma alternativa que correspondesse a resposta. Elas agruparam informações que compunham categorias sobre: a vida acadêmica e aprendizagem, as demonstrações de autonomia, os equipamentos eletrônicos utilizados, os aspectos da comunicação estabelecida, a relação com autoridade e resposta a regras, os níveis de atenção e concentração, o dinamismo e vitalidade apresentados, o tipo de interação com a tecnologia, o acesso à informação e expressão do conhecimento, as maneiras de agir e reagir em determinadas situações e as manifestação de posturas e atitudes. Sua aplicação possibilitou coletar os dados de um número maior e mais diversificado de pessoas dentro dos critérios de inclusão e exclusão delimitados.

As entrevistas foram semiestruturadas, norteadas por um roteiro (Anexo C) com perguntas abertas que possibilitaram aos participantes discorrer sobre o tema em um contexto muito semelhante ao de uma conversa, focadas nos significados construídos acerca de como são e como devem ser as características da infância, os comportamentos infantis e o relacionamento entre crianças e adultos (MINAYO, 2002). Perguntas adicionais, não inicialmente previstas, foram incluídas somente para elucidar respostas e significados para que ficassem mais claros, estimular a complementariedade ou ajudar a retomar o tema proposto. As entrevistas foram realizadas, tendo a narrativa como referencial, encorajando um espaço e um processo

¹⁰ Serviço do Google de criação, armazenamento, sincronização e compartilhamento de arquivos (<https://www.google.com/intl/pt-br/drive/about.html>).

dialógico, não direcional e que não privilegiou uma descrição em detrimento a outra, para conhecer os sentidos atribuídos e compreender o tema à luz das experiências vividas pelos participantes (GRANDESSO, 2011).

Por ser uma técnica de coleta de dados que é apropriada para obter “informações acerca do que as pessoas sabem, creem, esperam, sentem ou desejam, pretendem fazer, fazem ou fizeram, bem como acerca das suas explicações ou razões a respeito das coisas precedentes” (GIL, 2008, p.109), seu uso permitiu o contato mais próximo com aspectos da vida social das famílias participantes e a obtenção de detalhes.

6.6 Considerações éticas

A pesquisa foi desenvolvida com base nos preceitos éticos dos procedimentos, orientados pelas diretrizes e normas de pesquisa conforme disposto nas Resoluções nº 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS, BRASIL, 2016).

O presente estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, sob o parecer consubstanciado de nº 16746819.6.0000.5482. O procedimento da pesquisa previu risco mínimo de ocorrência de dano imediato ou tardio para a integridade física, psicológica ou moral dos participantes e cuidados éticos relacionais foram adotados.

Foi garantido o direito aos participantes de desistir a qualquer momento da pesquisa, podendo retirar seu consentimento sem prejuízo, assegurado o direito ao anonimato e à confidencialidade, salvaguardando as suas identidades ao longo da pesquisa e também no âmbito da divulgação dos resultados obtidos, sendo usados nomes fictícios, para a impossibilidade de identificação, bem como, oferecido o suporte necessário caso surgissem demandas oriundas do processo.

Os dados fornecidos foram tratados de forma anônima e confidencial e os nomes substituídos de forma aleatória protegendo a privacidade das famílias em todas as fases do estudo.

6.7 Procedimento de coleta de dados

Após a aprovação pelo Comitê de Ética para Pesquisas com Seres Humanos (CAAE nº 16746819.6.0000.5482), foi dado início ao procedimento de coleta de dados quantitativos e qualitativos, por meio da utilização de dois instrumentos distintos, que, embora tenha ocorrido em um mesmo período, foram aplicados separadamente.

A divulgação da pesquisa e o convite para a participação foram realizados na rede pessoal e profissional da pesquisadora, presencialmente e nos meios de comunicação digital, sendo encaminhados pelos aplicativos de mensagens *Whatsapp* e *Messenger*, pelas redes sociais do *Facebook* e *Instagram* e pelo correio eletrônico (*e-mail*). Ambos foram compartilhados e disseminados por terceiros, indicando, sucessivamente novos participantes.

O questionário foi disponibilizado em formato digital para ser respondido *online*, por meio de um *link*¹¹, que levava a até a página do *Google Drive* na internet em que estava armazenado e deveria ser respondido, com as orientações de preenchimento e sobre a pesquisa. O formulário permaneceu acessível durante 30 dias para os participantes, selecionados por conveniência.

Para o recrutamento de casais integrantes das entrevistas, o contato inicial fornecendo maiores esclarecimentos foi estabelecido por telefone pela pesquisadora, com os indicados ou aqueles que se voluntariaram por intermédio de amigos e profissionais. Na comunicação pessoal alguns esclarecimentos quanto aos objetivos da pesquisa e como seria a entrevista foram transmitidos e, então, agendadas data, hora e local para a realização da mesma.

A intenção inicial era que as entrevistas fossem realizadas no consultório da pesquisadora para garantir um ambiente sem muitos ruídos e interferências e garantir a confidencialidade das declarações prestadas. Entretanto, nos primeiros contatos alguns casais demonstraram sentirem-se mais confortáveis e menos receosos em dar seu depoimento fora do ambiente clínico, além de ser mais restrita sua disponibilidade de dias e horários, caso tivessem que se deslocar. Deste modo, foi aberta a possibilidade de se realizar as entrevistas na casa dos próprios participantes, sendo que alguns dos casais sentiram-se mais à vontade desta forma. Assim, 03

¹¹ Palavra inglesa que significa ligação e refere-se a um elemento, imagem, trecho ou palavra que contém o endereço de um local na internet, e conecta o usuário a outro elemento, documento ou site (<https://www.dicio.com.br/link/>).

depoimentos foram colhidos na residência dos entrevistados e 03 colhidos no consultório da pesquisadora.

O casal, pai e mãe, foi ouvido junto, em espaços que ofereceram condições de segurança, conforto e privacidade para a atividade. Antes do início, a pesquisadora conversou e criou um clima de descontração e afabilidade, apresentou-se e prestou aos participantes maiores detalhes dos dados do estudo e orientações sobre seus direitos e atribuições. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo A) foi lido juntamente com o casal e, mediante sua concordância, assinado e recebida a cópia. As declarações foram gravadas em áudio, com consentimento formal concedido pelos participantes, para manter a coleta precisa das informações.

Inicialmente, os casais eram mais comedidos nas respostas e, ao longo da entrevista ficaram mais desinibidos e expressivos. Ao término da coleta de dados todos os casais participantes demonstraram estar à vontade com o tema e a forma como o processo foi conduzido, manifestando através do interesse pelo assunto, o desejo de saber mais sobre ele e por continuarem a conversa, mesmo após a finalização de suas declarações. Em todas as entrevistas, os casais, depois de cessada a gravação, voltaram a falar e trouxeram exemplos dos filhos de outras faixas etárias, fizeram perguntas ou solicitaram algum tipo de orientação e informação, sendo necessário, que partisse da pesquisadora o encerramento do encontro. Todos foram bastante prestativos e colaborativos e, além de terem sido agradecidos por sua participação, foram convidados a conhecer as considerações finais da pesquisa após sua publicação.

Embora o procedimento não caracterizasse causa de constrangimentos, poderia ser interrompido, pela manifestação do desejo ou qualquer indício de mal-estar ou desconforto dos participantes. Foi oferecido e poderá ser prestado, se necessário, atendimento de apoio aos envolvidos.

6.8 Procedimento de análise dos dados

Partindo da proposta da realização de um processo dinâmico de pesquisa, com método um misto e levantamento paralelo de dados, a análise dos conteúdos emergentes seguiram o mesmo modelo dando ênfase aos resultados qualitativos.

Na análise quantitativa, foi realizada a estatística descritiva com a frequência e porcentagem das variáveis observadas e verificada a média e desvio padrão, assim como o intervalo de confiança de 95% das variáveis contínuas. Em seguida, foi realizada a estatística inferencial onde foram analisadas as correlações e associações estatisticamente significativas entre as variáveis.

No caso das variáveis contínuas, o teste de Shapiro-Wilk verificou o tipo de distribuição dos dados com o objetivo de selecionar o método estatístico mais apropriado: testes paramétricos, para distribuição normal, ou testes não paramétricos, para distribuição não normal.

Tabela 2 – Teste de normalidade das variáveis contínuas

Variáveis	Teste de normalidade (Shapiro-Wilk)		
	Estatística	df	p-valor
Autonomia	0,882	114	<0,001
Equipamentos eletrônicos	0,935	114	<0,001
Comunicação	0,898	114	<0,001
Dinamismo e vitalidade	0,931	114	<0,001
Tecnologia	0,912	114	<0,001
Conhecimento e informação	0,918	114	<0,001

df: graus de liberdade

Interpretação: p-valor $\geq 0,05$: não há aderência desta variável à distribuição normal. Portanto, serão utilizados métodos não-paramétricos para a análise estatística dessa variável. p-valor $< 0,05$: há aderência desta variável à distribuição normal. Portanto, serão utilizados métodos paramétricos para a análise estatística dessa variável.

Fonte: elaborada pela autora.

As variáveis contínuas foram obtidas por meio da soma das questões selecionadas (1 ponto por questão selecionada) das categorias: autonomia, comunicação, dinamismo e vitalidade, tecnologia e conhecimento e informação, demonstrando maior índice daquele fenômeno em função da pontuação que variou de 0 a 5 pontos. No caso específico dos equipamentos eletrônicos, foi considerado 2 pontos para cada afirmação selecionada, 0 ponto para a opção "Nenhuma das anteriores" e do score total foi subtraído 1 ponto quando a afirmação "Ele(a) não tem um aparelho próprio, mas utiliza o item assinalado pertencente aos pais" estava selecionada. Neste caso, a pontuação variou de 0 a 9 pontos. O nível de significância estatística adotado neste estudo foi de 0,05.

Os comportamentos, características, atitudes, hábitos e preferências investigados, reconhecidos como presentes, foram analisados de acordo com os critérios atribuídos às categorias construídas, conforme descrito a seguir.

A autonomia foi definida por atitudes apresentadas que denotam a capacidade de agir e tomar decisões por si mesmo, em um processo dinâmico guiado pelos pais e apropriado à etapa de desenvolvimento referente a faixa etária das crianças estudadas e, incluiu, ainda, a capacidade de cooperação mediante a participação na tarefa de guardar brinquedos e pertences. Reichert e Wagner (2007), com base em seus estudos, afirmam que seu desenvolvimento é gradativo e sustentado por:

[...] variáveis internas, tais como autoestima, percepção do ambiente, relações com autoridade e desejo para a independência, assim como sofre influência de variáveis externas: estrutura familiar, comunicação familiar, presença ou ausência de controle e o ambiente emocional que envolve o indivíduo. (REICHERT; WAGNER, 2007, p. 408).

Os pais incentivam nos filhos aspectos da habilidade de comunicação, de escolha, a independência e a confiança em si mesmo e nos outros, por intermédio do tipo de relação que estabelecem com eles, e observando-a é possível reconhecer seu potencial (SALLES, 2005; REICHERT; WAGNER, 2007).

Na categoria comunicação, observou-se na transmissão das informações pela criança, alguns dos aspectos descritos por Portugal e Alberto (2013) como indicativos da capacidade de gestão comunicacional e presentes nas dimensões que envolvem a comunicação familiar: expressão compreensível e coesa, receptividade e aceitação para se comunicar, entendimento do que está sendo dito e capacidade de argumentação e de trocar de ideias. E, ainda, a extensão e emprego do vocabulário (PAIVA; COSTA, 2015).

Os processos de relação com autoridade e regras envolveram a disponibilidade das crianças para aceitar e realizar solicitações, seguir orientações e cumprir regras, o tempo de atendimento às ordens, o respeito as restrições, o questionamento dos motivos, a adaptação e seletividade no cumprimento e a disposição para acatar as formas de reparação (BUENO *et al.*, 2010; BRITO *et al.*, 2013). Levou-se em consideração o embasamento utilizado pelos pais para estabelecer as normas, a forma de transmissão, a abrangência e necessidade dos limites e consequências ou penalidade propostas (RODRIGUES, 2018).

A atenção e concentração abrangeu como se manifesta no cotidiano da criança a manutenção da atenção. Tanto a atenção dividida, caracterizada pela habilidade de realizar mais de uma atividade ao mesmo tempo, quanto a atenção sustentada, que se refere à capacidade de permanecer atento a alguma coisa, sem interromper, pelo

período que for preciso (MIRANDA *et al.*, 2015; FANTIN, 2016). Ponderou-se que a qualidade da atenção oscila quando se realiza atividades consideradas monótonas, pouco motivadoras e por um tempo muito longo e que a atenção e concentração são diferentes em cada fase do desenvolvimento infantil e dependem do nível atingido (TANAKA, 2008).

A manifestação de disposição física, dinamismo e vitalidade foi nomeada como dinamismo e vitalidade e abordou a prática de atividades estimulantes e movimentadas, a avidez pelo preenchimento do tempo, tolerância e reação em momentos de espera ou que não apresentam novidades, preenchimento do tempo com a realização de várias atividades simultaneamente e reação frente a situações gratificantes e de recebimento de recompensas (SILVA; BOECHAT; SOUZA, 2019).

Na categoria sobre conhecimento e informação foram destacados o modo como a criança assimila e elabora o conhecimento para construir sua inteligência, os recursos disponíveis que ela possui para a produção de conhecimento, as estratégias de ação utilizadas por ela para desenvolvê-lo, como ela compreende as experiências, instruções e dados que recebe, organiza e desenvolve e como ela demonstra ou aplica os conhecimentos produzidos em sua interação com outras pessoas, o grupo social no qual está inserida e com o mundo. O conhecimento foi empregado como uma construção contínua que ocorre no contato com o meio físico e social e depende da experiência relacional, pois surge primeiro na interação com o grupo, para depois ser interiorizado e transformado pela criança por meio de seu relacionamento com as pessoas e o meio (MORIN, 2011). A aprendizagem requer que se esteja inserido em um grupo social, pois é a troca com o meio, a cultura, a linguagem, entre outros aspectos, que faz com que a criança amplie ou modifique as informações e adquira conhecimento (HILLESHEIM; GUARESCHI, 2007).

A categoria tecnologia abrange a interação das crianças com equipamentos eletrônicos e com o acesso à internet, a aprendizagem de seu funcionamento e transmissão do conhecimento que adquirem, as habilidades que desenvolvem, os resultados que promovem, quais são as aplicabilidades que dão a eles e em que áreas eles servem como ferramenta: fornecendo acesso aos conteúdos escolares e às informações sobre o mundo, como instrumento de aprendizado, meio de diversão e entretenimento e facilitando a socialização. Compreende-se que as crianças ao nascerem cercadas por tecnologia e conviverem constantemente com a internet,

computadores, celulares, videogame e redes sociais tornam-se familiarizadas com ela, a consideram inerente e adquirem naturalmente habilidade em operá-la, não havendo ênfase nos aspectos positivos ou negativos do convívio (TOLEDO, 2012; FANTIN, 2016; OLIVEIRA, 2016; SANTOS; SIMÕES; GONÇALVES, 2017).

Os dados qualitativos dos depoimentos dos pais nas entrevistas foram examinados pela análise de conteúdo temática sistematizada por Bardin (1979, *apud* MINAYO, 2002), por possibilitar a elaboração de inferências do conteúdo da comunicação de um texto, replicáveis ao seu contexto social. Essa técnica foi aplicada e foram realizadas as etapas de pré-análise, de exploração do material ou codificação e, ainda, de tratamento dos resultados. Iniciou-se pela transcrição das entrevistas e leitura do material, entrando em contato com o conteúdo dos relatos e identificando questões subtendidas. Os núcleos de sentido significativos comuns encontrados que se repetiam nas afirmações, sejam representados por meio de uma palavra, frase ou resumo, foram categorizados em unidades de contexto temáticas.

Os temas mais gerais e abstratos, foram criados na fase exploratória com base na literatura revisada e nos objetivos da pesquisa e as categorias temáticas e subcategorias, mais específicas e concretas, foram formuladas no curso da própria análise como um todo e também no conteúdo das entrevistas.

Os conteúdos mais amplos delimitados, crianças, infância e educar filhos abrangidos pela pesquisa, emergiram em três categorias temáticas, mais distintas: características, influências e conceitos e derivaram subcategorias: filhos, pais, outras crianças e outros pais.

O conceito não se refere a uma definição dos participantes de criança, infância e educar filhos, absoluta, que explicam ou descrevem com clareza e exatidão o que, de fato, são e aponta precisamente o real. Representou os significados construídos por eles segundo suas vivências, compreensão e subjetividade e como qualificam e avaliam cada um desses aspectos, baseados em seu julgamento e sua opinião sobre as características e influências que lhes atribuíram.

Na categoria influências, foram ressaltados os elementos que os pais, a partir de sua percepção, consideram causar efeitos sobre as características, a forma de apreender, de pensar e de agir das crianças, os aspectos que, em seu ponto de vista, configuram a infância, as práticas adotadas na educação dos filhos e o tipo de

relacionamento estabelecido com eles, bem como, as concepções de todos os temas abordados.

Quadro 3 – Temas, categorias, subcategorias e conceitos da análise de conteúdo

Tema	Categoria	Subcategoria	Conceito
Crianças	Características	Filhos	Características e comportamentos que os pais identificam em seus filhos
		Pais	Características e comportamentos que os pais afirmam ter quando eram crianças
		Outras crianças	Características e comportamentos que os pais atribuem a outras crianças além do seu filho
	Influências		Quais elementos os pais consideram exercer influência nas características e comportamentos das crianças hoje
	Conceito		Que definição os pais atribuem a ser criança hoje
Infância	Características	Filhos	Características que os pais verificam na infância de seus filhos
		Pais	Características que os participantes relatam que marcaram sua infância
	Influências		Quais elementos os pais consideram que influenciam na infância hoje
	Conceito		Como os participantes definem a infância de hoje
Educar filhos	Características adotadas e recebidas	Filhos	As práticas educativas e traços do relacionamento que os participantes afirmam adotar com seus filhos
		Pais	Como foi a educação e o relacionamento que os participantes receberam de seus pais.
		Outros pais	Como percebem a educação de outros pais ou famílias
	Influências		O que os pais consideram que influencia o seu modo de educar filhos
	Conceito/Qualificação		Como os participantes qualificam sua experiência de educar filhos

Fonte: elaborado pela autora.

Sendo assim, conforme a orientação de Gomes (2002, p. 90), de que “com base nas inferências, discutimos os resultados da pesquisa numa perspectiva mais ampla, trabalhando na produção do conhecimento de uma área disciplinar ou um campo de atuação”, a adoção desse método expandiu a significação do assunto investigado daquela que está evidente no material.

7. Resultados e Discussão

Os resultados obtidos, relacionados aos objetivos propostos para esta pesquisa, serão apresentados e discutidos em três momentos que se complementam. Na primeira parte serão expostos os resultados da etapa quantitativa reunidos a partir do questionário e a análise dos dados estatisticamente tratados. Na segunda parte serão exibidos os dados qualitativos, aos quais foi dada prioridade seguindo os pressupostos epistemológicos que norteiam o estudo, e exploradas as perspectivas fornecidas pelos pais, contidas nas entrevistas, conforme as categorias descritas no procedimento de análise dos dados. E na terceira parte, será apresentada a interpretação dos resultados dos dois métodos correlacionados, exemplificando e ratificando os dados numéricos com relatos dos participantes.

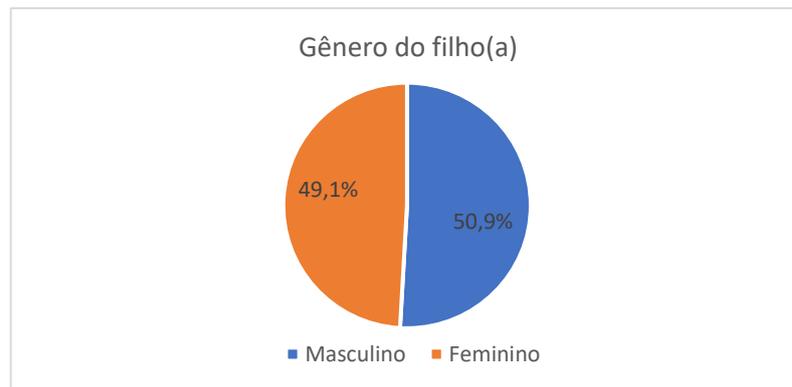
7.1 Resultados quantitativos

Conforme descrito anteriormente, o questionário *online* continha 20 questões fechadas sobre os aspectos sociodemográficos dos participantes e, características, comportamentos, hábitos e preferências apresentados pelos filhos, agrupadas em 12 categorias de informações. No intuito de propiciar uma melhor visualização e compreensão, optou-se pela representação gráfica das informações contidas nos 114 questionários válidos, resultantes após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão em todos os 151 respondidos.

Inicia-se com a caracterização do perfil das crianças obtida pelos dados investigados, em seguida serão apresentados os comportamentos e características indicados pelos pais e mães como manifestados, em sua percepção, por seus filhos e, posteriormente, serão exibidas as correlações estatisticamente significativas das categorias investigadas. As demais análises (significativas ou não) resultantes do tratamento estatístico constam no teor integral das entrevistas no Anexo D.

Pôde-se observar que se tratava de filhos de pais, em sua maioria, na faixa etária entre 20 e 39 anos (67,5%), com ensino superior completo (83,4%) e pertencentes a famílias que fazem parte da classe média (65,7%), representando um excerto populacional do universo do público alvo da pesquisa.

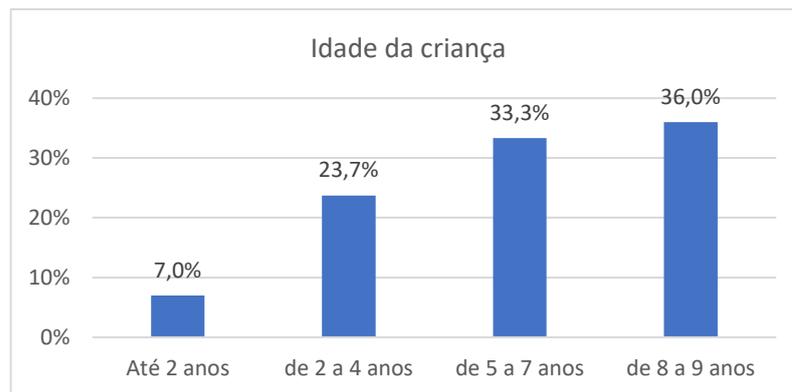
As crianças foram representadas de forma equilibrada segundo o gênero, conforme o gráfico 1, sendo 49,1% do feminino e 50,9% do masculino.

Gráfico 1 – Porcentagem de crianças por gênero

Fonte: Maysa Fagundes Pereira Rangel (2020)¹²

Foi possível observar um equilíbrio na representatividade de meninos e de meninas.

O gráfico 2 apresenta a variação das idades dos filhos dos participantes, sendo maior a população composta por crianças acima de 5 anos.

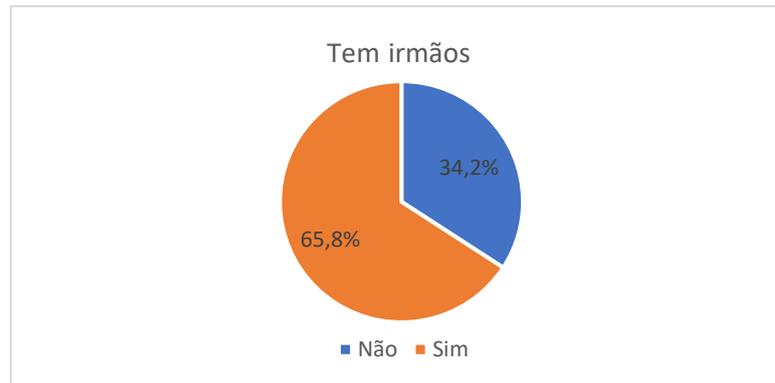
Gráfico 2 – Porcentagem de crianças por idade

Fonte: Maysa Fagundes Pereira Rangel (2020)

Verificou-se que 7% das crianças têm menos de 2 anos de idade, 23,7% tem entre 2 e 4 anos e mais da metade das crianças (69,3%) tem mais de 5 anos, sendo, especificamente, 33,3% na faixa etária de 5 a 7 anos e 36% tem 8 ou 9 anos.

O gráfico 3 indica que 65,8% das crianças da amostra possui irmãos, ou seja, mais da metade delas não é filho único.

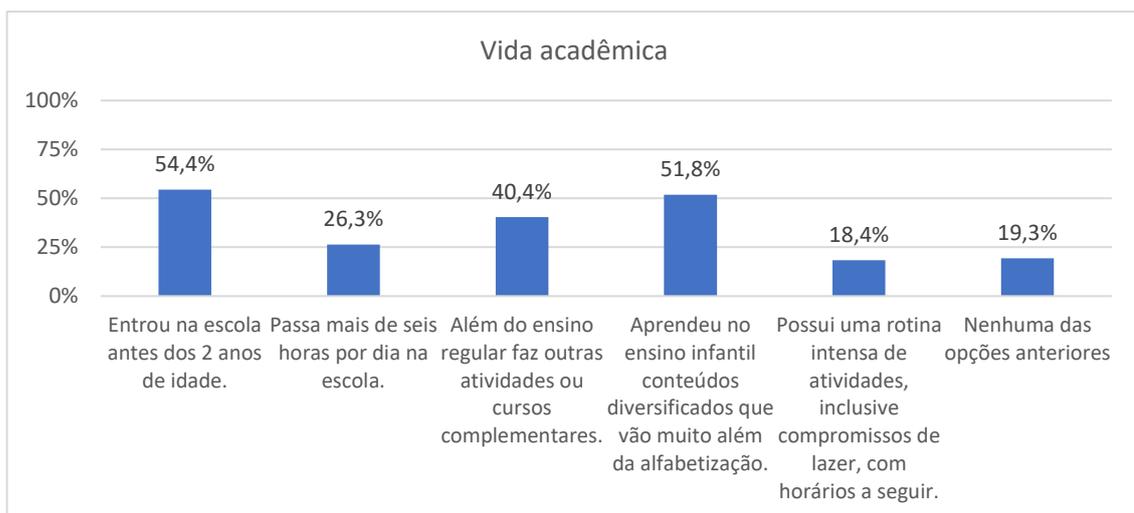
¹² Todos os recursos estatísticos deste estudo foram criados pelo estatístico Jefferson Luiz Pereira, a partir das informações fornecidas pela pesquisadora.

Gráfico 3 – Crianças que têm irmãos

Fonte: Maysa Fagundes Pereira Rangel (2020)

Os aspectos de características, comportamentos, hábitos e preferências foram agrupados por categorias, analisados e correlacionados deste modo: vida acadêmica, autonomia, equipamentos eletrônicos, comunicação, autoridade e regras, atenção e concentração, dinamismo e vitalidade, contato com tecnologia, conhecimento e informação, maneiras de agir e reagir e posturas e atitudes.

O gráfico 4 exibe as informações denominadas de vida acadêmica que se referem à relação entre a criança e a aprendizagem, incluindo atividades educativas, extracurriculares e compromissos sociais que ela possui e o volume e o nível de conteúdos a que é exposta.

Gráfico 4 – Vida acadêmica

Fonte: Maysa Fagundes Pereira Rangel (2020)

Observou-se que um pouco mais da metade das crianças, 54,4%, entrou na escola ainda no maternal, ou seja, antes dos 2 anos de idade e, 51,8%, aprendeu ao longo da permanência na educação infantil, que se estende dos 2 aos 6 anos, conteúdos que abrangem mais do que a preparação para a alfabetização. As próprias

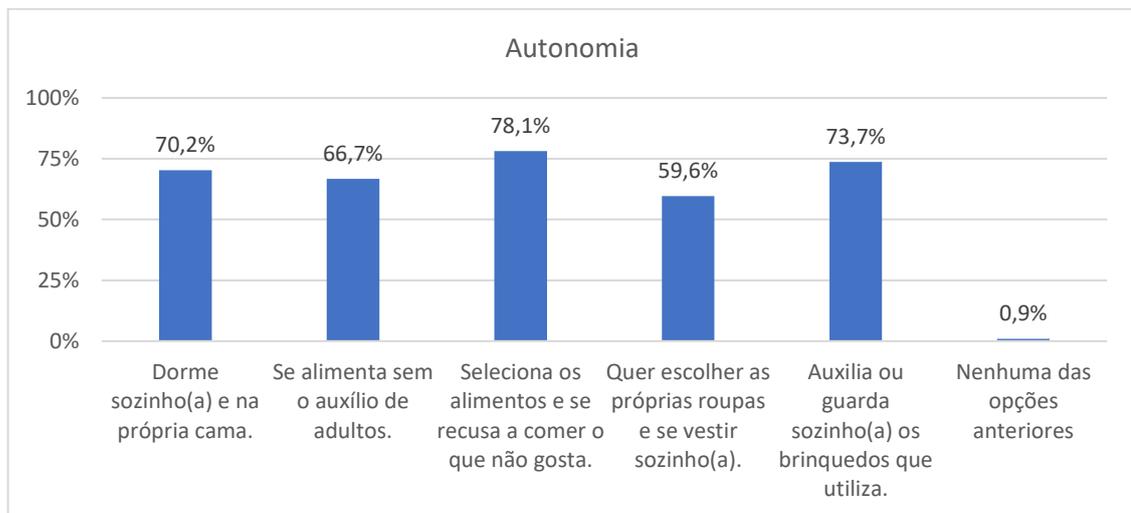
Diretrizes Curriculares Nacionais¹³ para a Educação Infantil presentes na Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009, propõe a aplicação de um conjunto de práticas que integrem a experiência da criança, até os seis anos de idade, com informações relativas ao patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico.

Cerca de 40 % delas, além do ensino regular faz outras atividades ou cursos complementares. Sendo assim, os processos de aquisição, aprimoramento e associação de conhecimentos diversificados e aprendizagens foram incentivados e promovidos para boa parte dessas crianças.

Quanto ao tempo de dedicação, apenas 26,3% das crianças passa mais de 6 horas por dia na escola e 18,4% possui uma rotina intensa de atividades, inclusive compromissos de lazer, com horários a cumprir.

No gráfico 5 as atitudes estão relacionadas à autonomia, ou seja, a capacidade demonstrada de agir com independência e decidir questões apropriadas à idade.

Gráfico 5 – Demonstrações de autonomia.



Fonte: Maysa Fagundes Pereira Rangel (2020)

Verificou-se que boa parte das crianças possui um grau de autonomia e independência na realização de algumas atividades do dia-a-dia como se alimentar sem o auxílio dos adultos (66,7%), dormir sozinha na própria cama (70,2%), escolhe as próprias roupas e se veste por conta própria (59,6%) e ajuda ou guarda sem auxílio os brinquedos que utiliza (73,7%). E, 78,1% das crianças selecionam os alimentos e

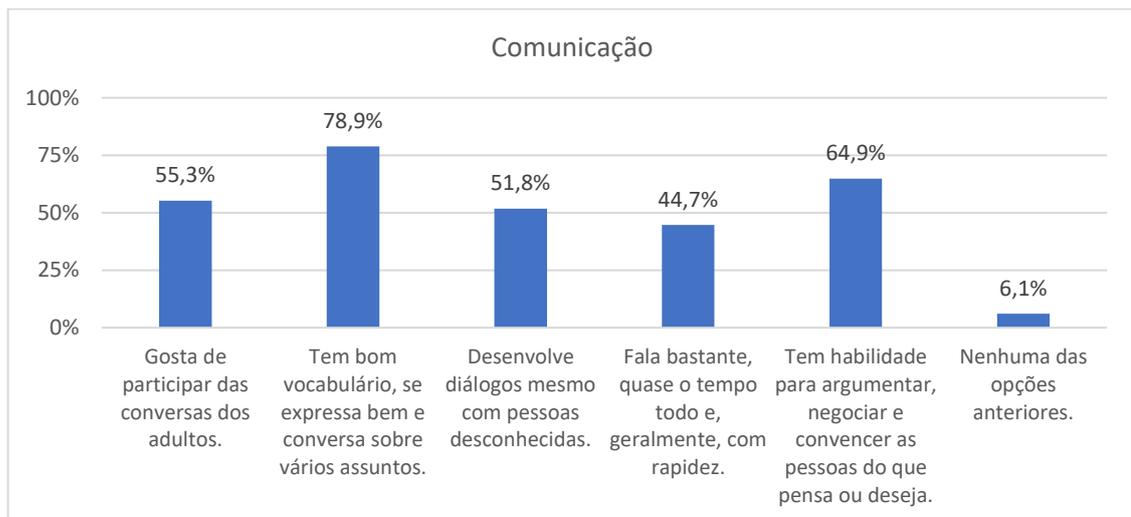
¹³ Normas obrigatórias para a educação básica que orientam o planejamento curricular das escolas e dos sistemas de ensino. Disponível em: <https://ndi.ufsc.br/files/2012/02/Diretrizes-Curriculares-para-a-E-I.pdf>

se recusam a comer o que não gostam, demonstrando suas preferências alimentares e tentando tomar parte na decisão de suas refeições.

Reichert e Wagner (2007) afirmam, que a conquista da autonomia está associada à percepção do mundo a nossa volta e é proporcional à oferta de receptividade aos desejos e necessidades, ao uso de estratégias educativas semelhantes pelos pais, à disponibilidade de afeto com controle, e à uma autoestima e autossatisfação bem desenvolvidas. Sendo assim, depreende-se que o tipo de contexto ao qual essas crianças fazem parte promove essas ações.

A comunicação estabelecida pelas crianças apresentada no gráfico 6, demonstra a apropriação do lugar de interlocutor, pela capacidade de se expressarem por meio da linguagem construída na relação com o adulto, mas independentemente de sua mediação para interpretar e associar sentido as suas ações.

Gráfico 6 – Aspectos da comunicação

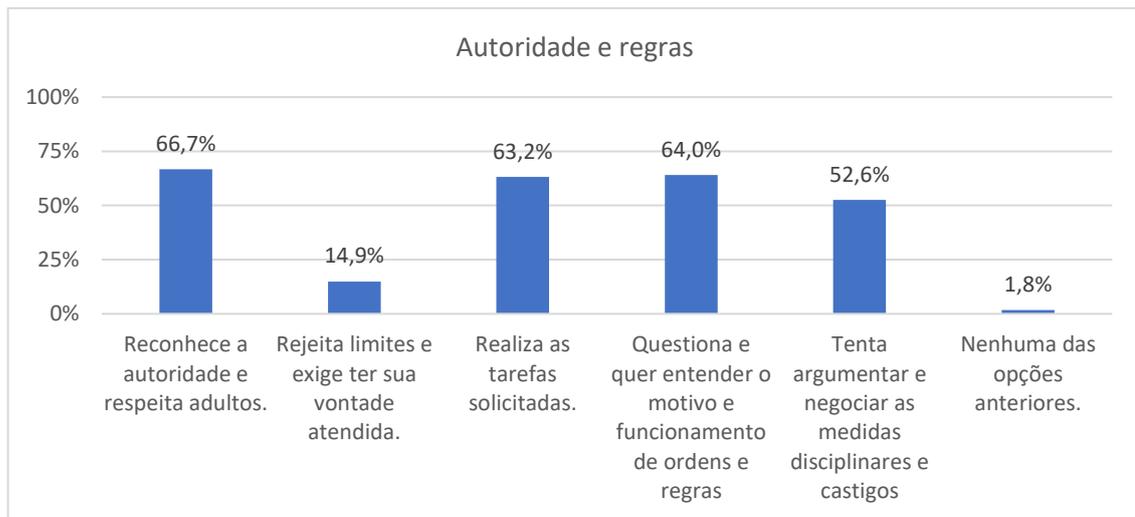


Fonte: Maysa Fagundes Pereira Rangel (2020)

Observou-se que um elevado número de crianças, 78,9% tem bom vocabulário, expressa-se bem e conversa sobre vários assuntos e, também, 64,9% têm habilidade para argumentar, negociar e convencer as pessoas do que pensa o deseja. Pouco mais da metade delas, gosta de participar da conversa dos adultos (55,3%) e desenvolve diálogos mesmo com pessoas desconhecidas (51,8%).

Ao se comunicarem, 44,7% das crianças falam bastante e com rapidez.

A maneira como as crianças lidam com regras e reagem às ordens estabelecidas pelas figuras de autoridade é expressa pelo Gráfico 7.

Gráfico 7 – Relação com autoridade e regras

Fonte: Maysa Fagundes Pereira Rangel (2020)

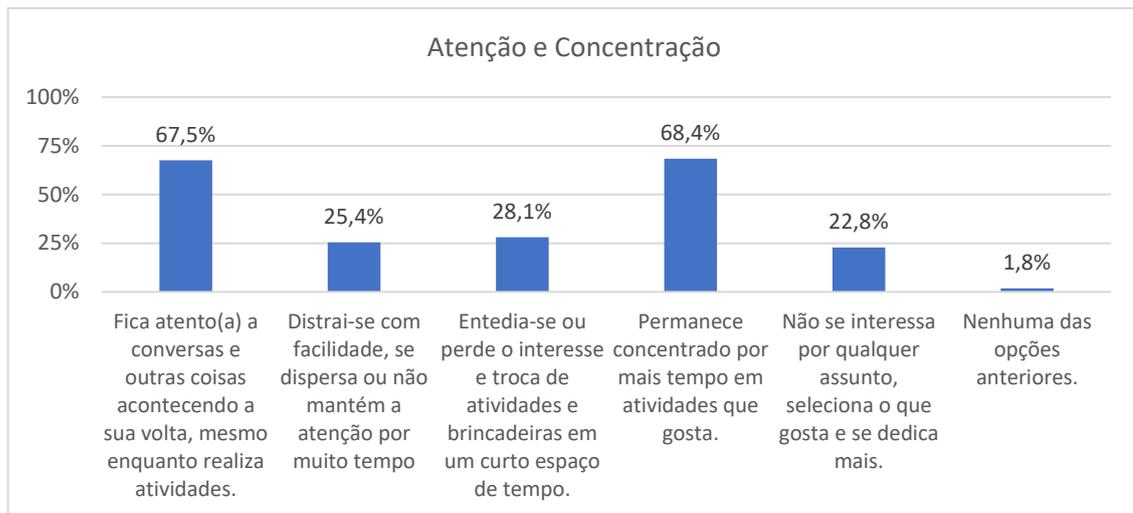
Nota-se que as tarefas solicitadas são realizadas por 63,2% das crianças e que 66,7% reconhecem a autoridade e respeitam os adultos, embora parte delas (64%) queira saber e entender o motivo e as premissas das regras e ordens.

Cerca da metade das crianças, 52,6%, tenta argumentar e negociar as medidas disciplinares e castigos determinados, mas apenas 14,9% rejeita os limites e exige ter sua vontade atendida.

Segundo Rodrigues (2018), tratar com respeito os filhos cria confiança e consideração e amplia a aceitação, a colaboração e o cumprimento das regras, enquanto a postura autoritária e intransigente instiga a reação de desacatar as regras e de indisciplina. Estabelecendo limites e regras pelo exercício do diálogo ao longo do convívio com os filhos, expondo motivos e implicações sem imposição e intransigência, os pais contribuem para que eles cooperem e participem ao invés de apenas obedecer e ocorram menos conflitos no relacionamento (BRITO *et al.*, 2013).

No Gráfico 8, é apresentada a capacidade de manter a atenção em uma situação ou atividade, a flutuação do foco, o nível de concentração e seletividade da atenção conforme preferências e a reação diante de distrações.

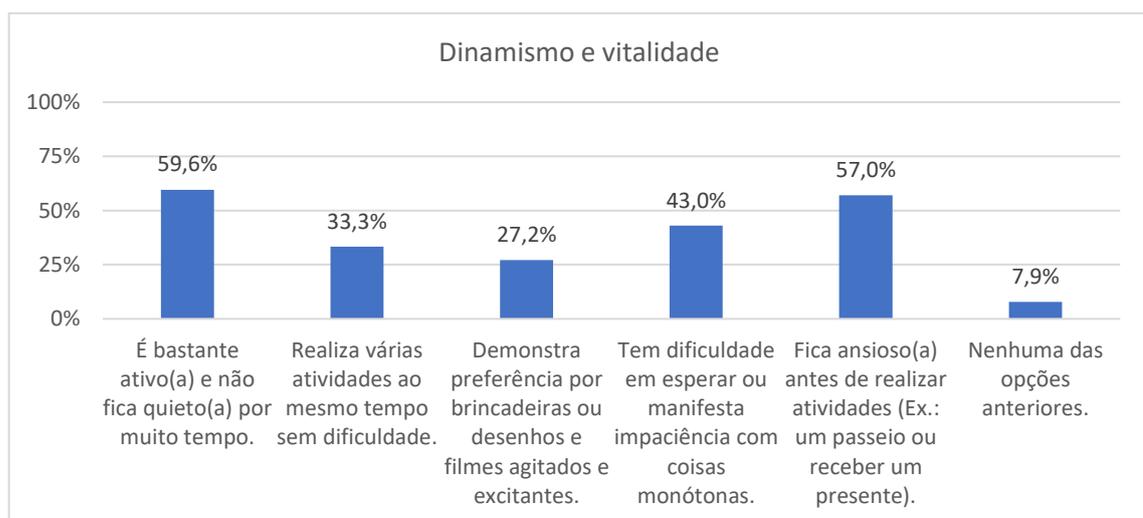
Quanto a atenção e capacidade de concentração, 67,5% das crianças conseguem ficar atentas a conversas e as coisas acontecendo a sua volta mesmo enquanto realizam outras atividades e, menos de um terço, 25,4%, se distrai com facilidade, se dispersa ou sustenta a atenção por pouco tempo.

Gráfico 8 – Níveis de atenção e concentração

Fonte: Maysa Fagundes Pereira Rangel (2020)

Verifica-se que 22,8% das crianças não se interessam por qualquer assunto, selecionam e se dedicam mais ao que gostam, sendo que 68,4% permanecem concentradas por mais tempo nas atividades que gostam e 28,1% trocam de atividades e brincadeiras rapidamente pela perda de interesse ou por ficarem entediadas.

O Gráfico 9 apresenta comportamentos de manifestação de energia para se movimentar e realizar atividades, disposição física, tendência à ação, dinamismo e vitalidade.

Gráfico 9 – Dinamismo e vitalidade

Fonte: Maysa Fagundes Pereira Rangel (2020)

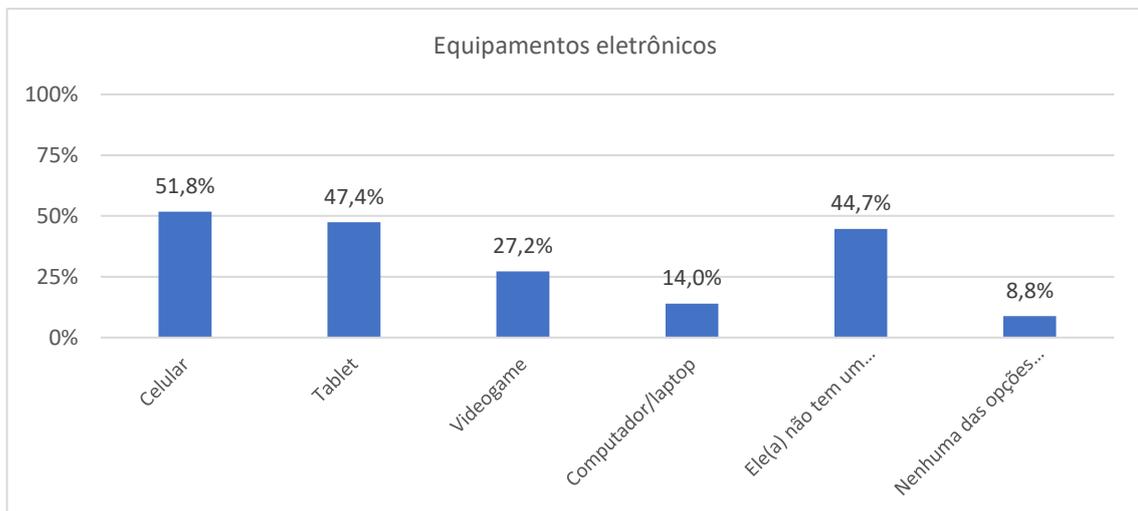
Ainda que, pouco mais da metade das crianças, 59,6% seja bastante ativa e não fique quieta por muito tempo, somente 27,2% possui preferência por brincadeiras ou desenhos e filmes agitados e excitantes.

Observou-se que, 57% das crianças demonstraram ansiedade antes de realizar atividades como, por exemplo, um passeio, ganhar um presente ou uma avaliação escolar e 43% têm dificuldade em esperar ou manifesta impaciência com coisas monótonas.

Silva *et al.*(2019), afirmam que o comportamento mais ou menos ativo das crianças é compatível com o padrão familiar, e que em famílias em que todos têm muitas atividades, fazem várias coisas ao mesmo tempo, desempenham tarefas no trabalho e em casa e têm um ritmo acelerado, os filhos tendem a ter mais vitalidade.

Os equipamentos eletrônicos aos quais as crianças têm acesso e interagem são exibidos no gráfico 10.

Gráfico 10 – Uso de equipamentos eletrônicos

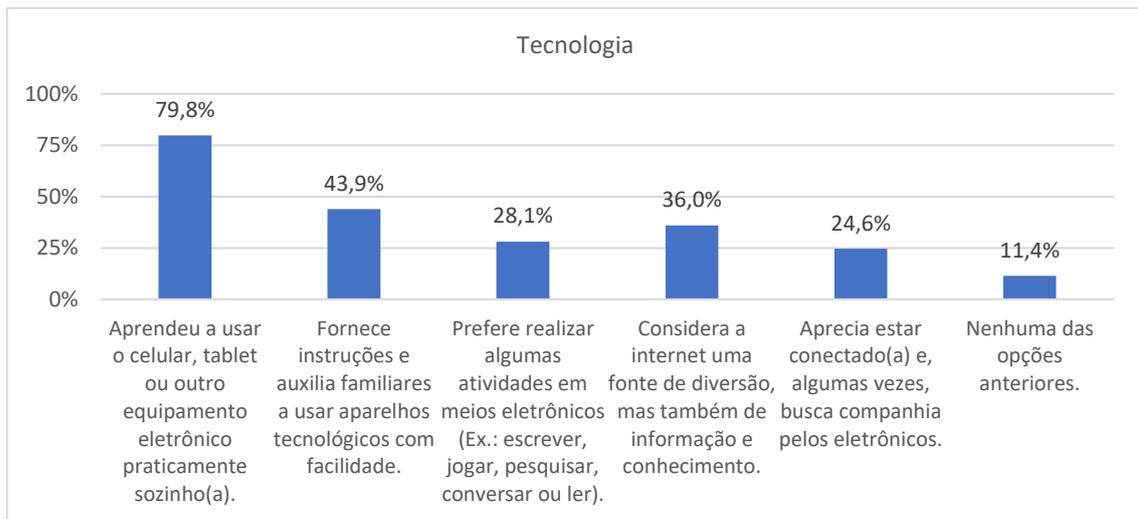


Fonte: Maysa Fagundes Pereira Rangel (2020)

Observou-se que aproximadamente a metade das crianças, 51,8% possuem aparelho celular, 47,4% possuem *tablet* e 44,7% das crianças, mesmo não possuindo um aparelho próprio utiliza o de seus pais.

Os dados revelam que não são tantas as crianças que possuem videogame, apenas 27,2%, ainda que, cerca da metade delas seja do gênero masculino e o equipamento e o uso de jogos seja comumente associado aos meninos. E, verificou-se que uma pequena parcela das crianças possui computador ou *laptop* (14%).

Quanto ao contato e interação com a tecnologia e aparelhos tecnológicos retratados no gráfico 11, constatou-se que a maior parte das crianças, 79,8% aprenderam a usar o celular, *tablet* ou outro equipamento eletrônico disponível, praticamente sozinha e sem a necessidade de muitas instruções.

Gráfico 11 – Interação com a tecnologia

Fonte: Maysa Fagundes Pereira Rangel (2020)

De acordo com Toledo (2012), as crianças utilizam as novas tecnologias digitais de maneira quase que intuitiva e com muito mais aptidão do que os adultos, o que contribui para que cerca de 43% delas tenham apresentado facilidade em orientar e auxiliar os pais e outros familiares a usar aparelhos tecnológicos.

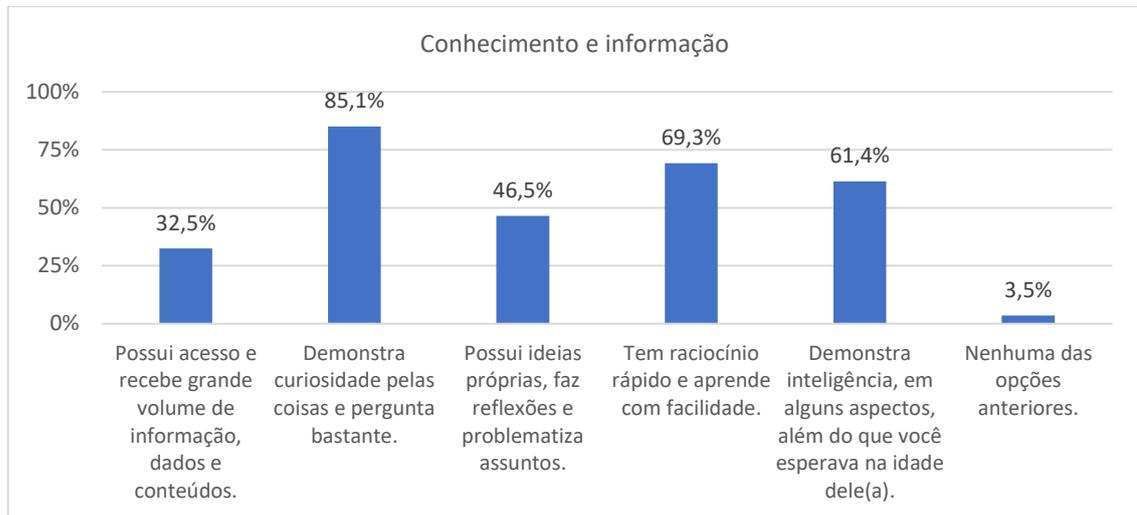
Embora estabeleçam contatos com amigos *online* em jogos e atividades escolares interativas, por exemplo, somente 24,6% das crianças que apreciam estar conectadas, algumas vezes, buscam companhia pelos eletrônicos. A preferência por realizar algumas atividades como, por exemplo, escrever, jogar, pesquisar, conversar e ler, em meios eletrônicos é apresentada por 28% das crianças.

No gráfico 12 são abordados aspectos relacionados às formas como a criança expressa seu conhecimento em sua interação com as pessoas e com o meio, a disponibilidade das informações e conhecimentos para ela, as posturas que adota em relação aos dados com que tem contato e o modo como ela desenvolve e aplica seu aprendizado.

Verificou-se que, um elevado número de crianças, 85,1% demonstra curiosidade pelas coisas com as quais têm contato ou sobre as quais tomam conhecimento, revelam interesse em saber sobre fatos e acontecimentos e fazem bastante perguntas, mas nem todas elas convivem intensamente com a informação, uma vez que, 32,5% das crianças possuem acesso e recebem grande volume de conhecimento, dados e conteúdo.

Observou-se que entre as crianças pesquisadas, 46,5% possuem ideias próprias, pensam sobre os assuntos, fazem reflexões e problematizam sobre eles.

Gráfico 12 – Expressão do conhecimento e acesso à informação

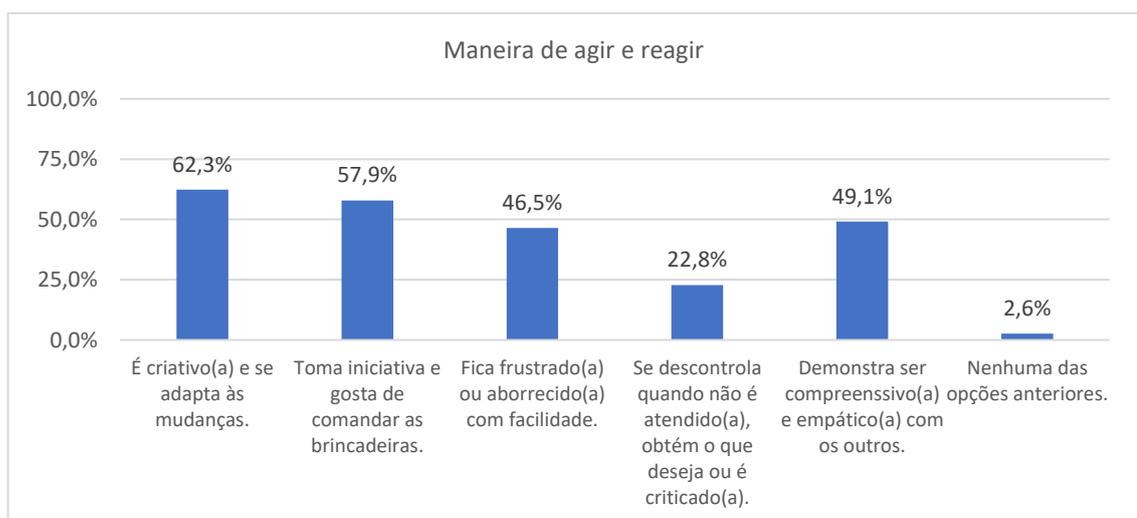


Fonte: Maysa Fagundes Pereira Rangel (2020)

Por volta de 69% das crianças apresentam um raciocínio rápido e facilidade em aprender e 61,4% demonstram inteligência, em alguns aspectos, acima do os pais esperavam que ela tivesse em sua idade.

O gráfico 13 expõe alguns comportamentos e maneiras de reagir apresentados pelas crianças em determinados momentos, mencionados pelos estudiosos como sendo comumente presentes na geração Alpha.

Gráfico 13 – Maneira de agir e reagir



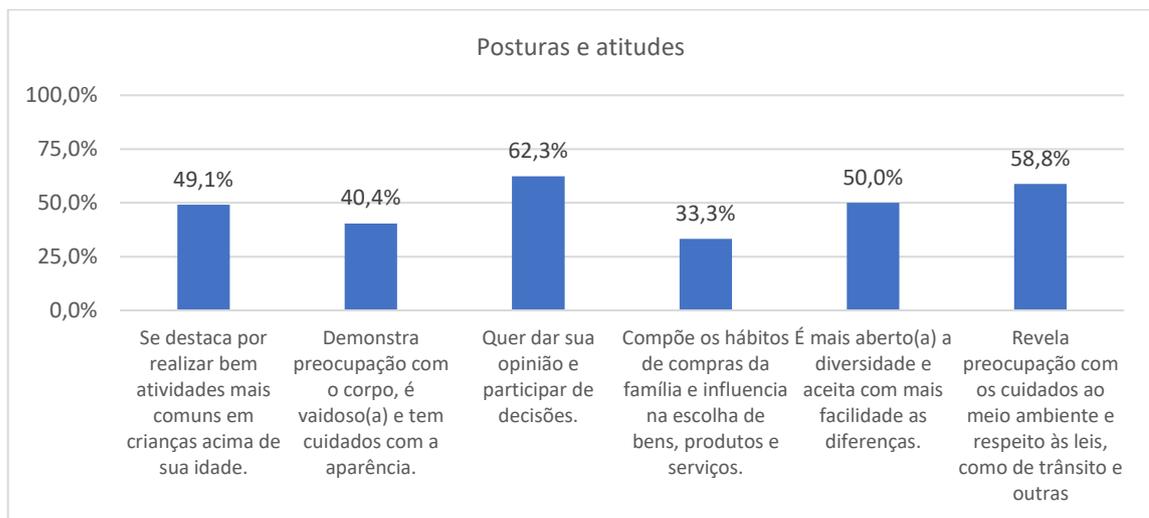
Fonte: Maysa Fagundes Pereira Rangel (2020)

Em relação a maneira de agir, 62,3% das crianças são consideradas criativas e conseguem se adaptar a mudanças e são 57,9% as que tomam a iniciativa e gostam

de comandar as brincadeiras. Quanto a reação em algumas situações, 46,5% das crianças ficam frustradas e ou aborrecidas com facilidade, 22,8% se descontrolam quando não são atendidas, não obtém o que desejam ou quando são criticadas. E, 49,1% delas demonstram ser compreensivas e empáticas com as outras pessoas.

O gráfico 14 mostra formas de proceder motivadas por propósitos, ponto de vista, posicionamento e posições adotadas pelas crianças em certas circunstâncias ou em relação a algum assunto.

Gráfico 14 – Manifestação de posturas e atitudes



Fonte: Maysa Fagundes Pereira Rangel (2020)

Observou-se uma atitude de preocupação de 40,4% das crianças com o corpo, sendo vaidosas e mantendo cuidados com a aparência, e de 58,8% com os cuidados com o meio ambiente e respeito às leis, como as de trânsito, por exemplo.

A metade das crianças é mais aberta à diversidade e aceita com mais facilidade as diferenças.

Acerca da postura, 62,3% das crianças querem dar sua opinião e participar das decisões, sendo que 33,3% delas participam dos hábitos de compras da família e influenciam na escolha de bens, produtos e serviços consumidos.

Quanto ao modo de proceder, 49,1% das crianças se destacam por realizar bem atividades em que, comumente, crianças acima de sua idade têm mais habilidade.

Ao analisar as categorias, depreendeu-se que: as crianças iniciam sua vida acadêmica com poucos anos e tem uma educação abrangente; têm boa autonomia em todas as atividades de autocuidado como se alimentar, vestir e dormir,

mencionadas; possuem dispositivos móveis de tecnologia próprios; mais da metade delas apresenta as características das alternativas da comunicação, com exceção da fala em demasia e acelerada; respeitam a autoridade e os limites, mas almejam compreendê-los e conversar sobre sua definição; têm atenção ao que acontece ao seu redor e não se dispersam tão rápido ou facilmente, embora concentrem-se mais e por períodos mais longos nas atividades que gostam; são ativas e têm energia, porém sem uma intensidade que interfira e tenha reflexos muito significativos nas atividades praticadas, a não ser em situações que antecedem algum evento; desenvolveram a habilidade em utilizar equipamentos eletrônicos sem muita intervenção ou instrução direta e auxiliam os pais; revelam interesse em obter conhecimento sobre as coisas, aprendem com facilidade e demonstram bom raciocínio e inteligência; adaptam-se bem às mudanças e o nível de frustração e tolerância à expectativas não alcançadas se mostra pertinente; uma atitude que sobressai é o desejo de participar das decisões e ter suas considerações ouvidas.

Estabelecendo delineamentos correlacionais utilizando a técnica estatística de coeficiente de correlação produto-momento de Pearson (1904) e de ρ de Spearman (1904), foi possível analisar as ligações entre as variáveis e como cada uma se comportou diante da alteração da outra (*apud* DANCEY e REIDY, 2019).

De acordo com Dancey e Reidy (2019), o coeficiente de correlação concede um valor (r) à força e direção da relação linear entre duas variáveis que pode variar de -1 a 1. Se duas variáveis se correlacionam completamente $r=1$ ou $r=-1$ e se elas não se correlacionam $r=0$ (DANCEY e REIDY, 2019). Baseada na classificação de Cohen (1988, *apud* DANCEY e REIDY, 2019), que varia entre 0 e 1 e os valores mais altos indicam uma interdependência mais forte, as interpretações do tamanho do efeito do coeficiente de correlação das variáveis dessa pesquisa foram definidas como sendo $r=1$: perfeito, $0,7 \geq r \leq 0,99$: forte, $0,4 \geq r \leq 0,69$: moderado, $0,1 \geq r \leq 0,39$: fraco e $r=0$: sem relação.

Como o questionário foi dividido entre as informações sociodemográficas dos participantes e as características, comportamentos, hábitos e preferências apresentadas pelos filhos, correlacionou-se as categorias, consideradas, variáveis contínuas: vida acadêmica, autonomia, equipamentos eletrônicos, comunicação, autoridade e regras, atenção e concentração, dinamismo e vitalidade, tecnologia e conhecimento e informação, com os dados sociodemográficos, considerando-se

variáveis categóricas: faixa etária dos pais, instrução dos pais, renda familiar e idade da criança.

As correlações estatisticamente significativas apresentadas entre as categorias das variáveis contínuas constatadas revelam que ocorre inter-relação e interdependência positiva entre as variáveis, tanto contínuas quanto categóricas, em diferentes intensidades, entretanto isso não significa que exista uma relação de causalidade ou que uma seja consequência da outra. Compreende-se que as categorias se inter-relacionam reciprocamente e, também, com inúmeros outros fatores pertencentes à subjetividade das crianças, ao relacionamento familiar, à vida social e o contexto ao qual pertencem, por exemplo, que influenciem sua composição e desenvolvimento e por elas sejam afetadas.

Tabela 3 – Correlações variáveis contínuas

Categorias 1	Categorias 2	r	Tamanho do efeito*	
			Interpretação	IC 95%
Vida acadêmica	Autonomia	0,41	Moderado	0,24 - 0,55
	Comunicação	0,22	Fraco	0,04 – 0,39
	Tecnologia	0,30	Fraco	0,00 – 0,34
	Conhecimento e informação	0,29	Fraco	0,11 – 0,45
Autonomia	Comunicação	0,31	Fraco	0,13 – 0,47
	Tecnologia	0,37	Fraco	0,20 – 0,52
	Conhecimento e informação	0,28	Fraco	0,10 – 0,44
Comunicação	Tecnologia	0,29	Fraco	0,11 – 0,45
	Conhecimento e informação	0,59	Moderado	0,45 – 0,70
	Dinamismo e vitalidade	0,33	Fraco	0,16 – 0,48
Dinamismo e vitalidade	Conhecimento e informação	0,20	Fraco	0,02 – 0,37
Tecnologia	Equipamentos eletrônicos	0,47	Moderado	0,37 – 0,62
	Conhecimento e informação	0,39	Fraco	0,22 – 0,54

* Correlação de Pearson IC 95% intervalo e confiança de 95%

Fonte: Maysa Fagundes Pereira Rangel (2020)

Os resultados indicaram que a intensidade da vida acadêmica e as demonstrações de autonomia têm correlação $r=0,41$, com efeito moderado, com a categoria comunicação correlação de $r=0,22$, efeito fraco, com a tecnologia correlação de $r=0,30$, efeito fraco e com o conhecimento uma correlação $r=0,29$, efeito fraco. Sendo assim, pôde-se inferir que a aprendizagem adquirida na vida acadêmica e o conteúdo diversificado proporcionado pelas atividades extracurriculares nas crianças que fizeram parte da pesquisa contribuíram para: agirem com independência ao realizar atividades de sua rotina sem o auxílio de adultos; a aquisição de um bom

vocabulário, desenvolvimento de sua expressão oral, o contato com assuntos diversos, capacidade de argumentar e persuadir e uma comunicação ativa; a sua compreensão do modo de utilizar aparelhos eletrônicos e auxiliar familiares nessa tarefa e para servir-se da tecnologia como meio para acessar a internet, realizar atividades e, algumas vezes, conectar-se com amigos; ter acesso e receber informações, desenvolver o raciocínio, a inteligência e a habilidade de aprendizagem e formar ideias próprias.

Verificou-se que a categoria autonomia tem correlação com a comunicação de $r=0,31$, com efeito fraco, com a tecnologia correlação de $r=0,37$, efeito fraco e com o conhecimento uma correlação $r=0,28$, efeito fraco. A capacidade das crianças de agir com independência e tentativas de tomar decisões por si mesmas tem correlação com: sua habilidade de expressão e para argumentar, negociar e convencer as pessoas do que pensam ou desejam; o modo como aprenderam a utilizar aparelhos eletrônicos e sua atitude de auxiliar familiares nessa tarefa; os mecanismos que empregam para desenvolver seus conhecimentos, demonstrá-los ou aplicá-los.

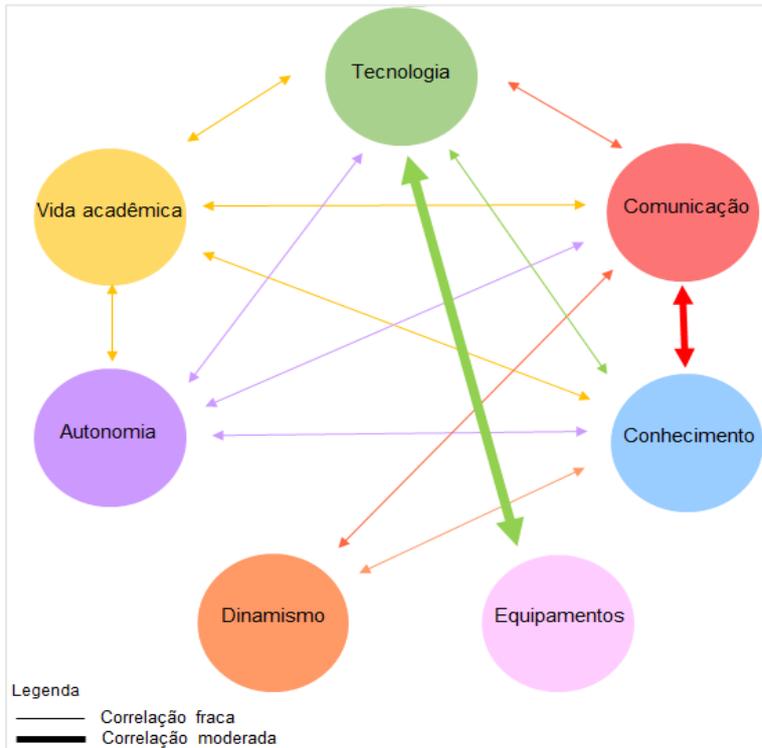
A categoria comunicação tem correlação significativa com o conhecimento de $r=0,59$, que possui efeito moderado e com a tecnologia correlação de $r=0,29$, com efeito fraco. Indicando que a capacidade de se comunicar com desembaraço, expressando-se com clareza, coerência e boa argumentação gestão possui correlação com: o fornecimento de instruções aos familiares sobre a utilização de aparelhos eletrônicos e o uso da internet como fonte de informação e conhecimento,

A categoria dinamismo tem correlação com a comunicação de $r=0,33$, com efeito fraco e com o conhecimento correlação de $r=0,20$, com efeito fraco. Deste modo, a disposição física, dinamismo e vitalidade atribuídas as crianças que participaram da pesquisa se inter-relacionam com o vigor no envolvimento nos diálogos, o modo como expressam sua fala e, também, suas ideias, o interesse e busca por informações e a forma de desenvolvimento de raciocínios e reflexões.

A categoria tecnologia tem correlação com o uso de equipamentos correlação de $r=0,47$, de efeito moderado e com o conhecimento de $r=0,20$, efeito fraco. A compreensão das crianças acerca do uso da tecnologia e o tipo de interação que estabelecem com as funções que ela dispõe têm considerável inter-relação com os equipamentos eletrônicos que utilizam ou tem acesso e uma leve correlação com o acesso e volume de dados, informações e conteúdos que recebem.

A rede de inter-relações entre as categorias e a intensidade do efeito ficam visíveis na representação a seguir:

Figura 1 – Correlação entre categorias



Fonte: elaborada pela autora.

As correlações estatisticamente significativas apresentadas entre as variáveis categóricas e contínuas, ou seja, entre os dados sociodemográficos entre si e com as categorias, conforme indicado nas tabelas 4 e 5, permitem observar que a idade da criança possui correlação positiva, embora de efeito fraco, com os dados sociodemográficos: renda familiar $r=0,25$ e faixa etária dos pais $r=0,29$ e as categorias: vida acadêmica $r=0,28$, autonomia $r=0,28$, conhecimento e informação $r=0,24$ e equipamentos eletrônicos $r=0,36$. Com a tecnologia a correlação é de efeito moderado, $r=0,57$. Dessa maneira, quanto maior a idade das crianças, maior é a renda familiar e a instrução acadêmica dos pais, assim como a intensidade de sua própria vida acadêmica, as demonstrações de autonomia, o acesso à informação e expressão do conhecimento, os equipamentos eletrônicos utilizados e, principalmente, a interação com a tecnologia.

A renda familiar também possui correlação positiva e de efeito fraco com os dados sociodemográficos: instrução dos pais $r=0,21$ e faixa etária dos pais $r=0,20$ e com as categorias: vida acadêmica $r=0,38$, autonomia $r=0,32$, conhecimento e

informação $r=0,21$, equipamentos eletrônicos $r=0,30$ e tecnologia $r=0,30$. Conforme se eleva a renda familiar, aumenta a instrução acadêmica e a faixa etária dos pais, e igualmente, a quantidade de atividade acadêmica, extracurricular e social das crianças, as demonstrações de autonomia, o acesso à informação e expressão do conhecimento, a interação com a tecnologia e os equipamentos eletrônicos utilizados.

Tabela 4 – Correlações variáveis categóricas

Dados sociodemográficos		Tamanho do efeito*		
		r	Interpretação	IC 95%
Idade da criança	Renda familiar	0,25	Fraco	0,07 – 0,41
	Faixa etária pais	0,29	Fraco	0,11 – 0,45
Renda familiar	Instrução dos pais	0,21	Fraco	0,03 – 0,38
	Faixa etária pais	0,20	Fraco	0,02 – 0,37

* Correlação de Spearman
IC 95%: intervalo e confiança 95%

Fonte: Maysa Fagundes Pereira Rangel (2020)

A instrução dos pais apresenta correlação com conhecimento e informação $r=0,46$, de efeito moderado, demonstrando que quanto maior a instrução dos participantes, mais recursos seus filhos dispõem para a produção de conhecimento e acesso a informações e dados. A faixa etária dos pais tem correlação positiva e de efeito fraco com equipamentos eletrônicos $r=0,23$ e tecnologia $r=0,24$, portanto, a utilização de equipamentos eletrônicos e a interação com a tecnologia se amplia à medida que a faixas etária dos pais sobe.

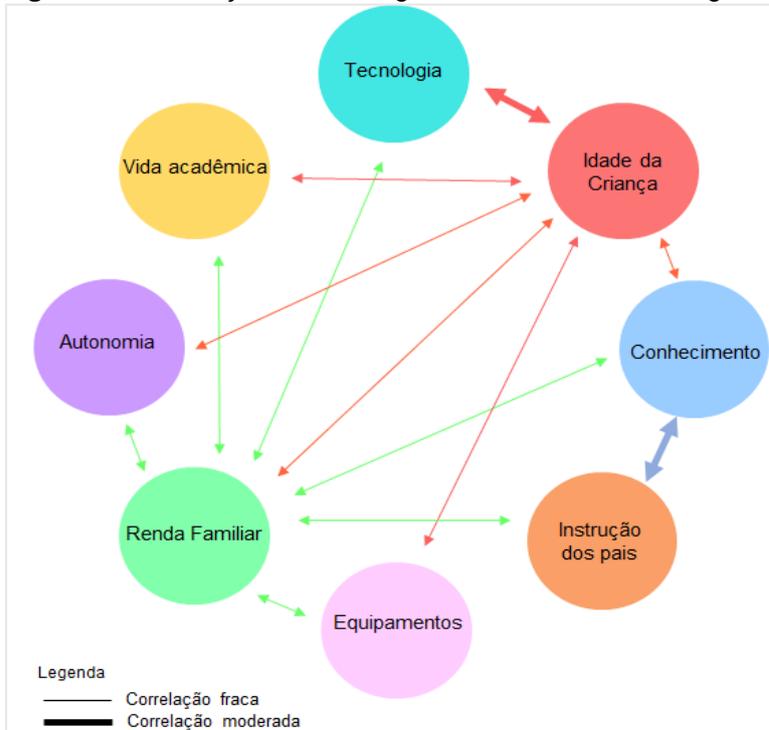
Tabela 5 – Correlações variáveis categóricas e contínuas

Dados sociodemográficos	Categorias	Tamanho do efeito*		
		r	Interpretação	IC 95%
Idade da Criança	Vida acadêmica	0,28	Fraco	0,10 – 0,44
	Autonomia	0,28	Fraco	0,10 – 0,44
	Conhecimento e informação	0,24	Fraco	0,05 – 0,41
	Equipamentos eletrônicos	0,36	Fraco	0,19 – 0,51
	Tecnologia	0,57	Moderado	0,43 – 0,68
Renda familiar	Vida acadêmica	0,38	Fraco	0,21 – 0,53
	Autonomia	0,32	Fraco	0,15 – 0,48
	Conhecimento e informação	0,21	Fraco	0,03 – 0,38
	Equipamentos eletrônicos	0,30	Fraco	0,12 – 0,46
	Tecnologia	0,30	Fraco	0,12 – 0,46
Instrução dos pais	Conhecimento e informação	0,46	Moderado	0,30 – 0,59
Faixa etária pais	Equipamentos eletrônicos	0,23	Fraco	0,04 – 0,39
	Tecnologia	0,24	Fraco	0,05 – 0,41

* Correlação de Spearman IC 95%: intervalo e confiança 95% Fonte: elaborada pela autora.

A rede de inter-relações entre as categorias e os dados sociodemográficos com sua intensidade ficam visíveis na representação abaixo:

Figura 2 – Correlação entre categorias e dados sociodemográficos



Fonte: elaborada pela autora.

Ainda que o tamanho do efeito da correlação entre a maioria das categorias estabelecidas tenha sido identificado como fraco, algumas correlações individuais entre características, comportamentos, atitudes, hábitos e preferências que as compõem, apresentaram um efeito positivo moderado ou forte. Ou seja, ainda que duas categorias, de um modo geral, contenham uma inter-relação leve entre si, suas condutas podem ter correlações acentuadas.

Quadro 4 – Correlação entre as opções de cada questão

Variável 1	Variável 2
Além do ensino regular faz outras atividades ou cursos complementares	Não se interessa por qualquer assunto, seleciona o que gosta e se dedica mais.
	Fornecer instruções e auxilia familiares a usar aparelhos tecnológicos com facilidade
	Possui acesso e recebe grande volume de informação, dados e conteúdos
	Possui ideias próprias, faz reflexões e problematiza assuntos
	É aberto(a) a diversidade e aceita com mais facilidade as diferenças

Continuação do Quadro 4

Variável 1	Variável 2
Aprendeu no ensino infantil conteúdos diversificados que vão muito além da alfabetização	Se alimenta sem o auxílio de adultos
	Possui ideias próprias, faz reflexões e problematiza assuntos
	É aberto(a) a diversidade e aceita com mais facilidade as diferenças
	Fornecer instruções e auxilia familiares a usar aparelhos tecnológicos com facilidade
Se alimenta sem o auxílio de adultos	Considera a internet uma fonte de diversão, mas também de informação e conhecimento
	Realiza as tarefas solicitadas
Quer escolher as próprias roupas e se vestir sozinho(a)	É aberto(a) a diversidade e aceita com mais facilidade as diferenças
	Fornecer instruções e auxilia familiares a usar aparelhos tecnológicos com facilidade
Auxilia ou guarda sozinho(a) os brinquedos que utiliza	Realiza as tarefas solicitadas
	Fica atento(a) a conversas e outras coisas acontecendo a sua volta, mesmo enquanto realiza atividades
	Demonstra ser compreensivo(a) e empático(a) com os outros
	É mais aberto(a) a diversidade e aceita com mais facilidade as diferenças
Celular	Aprendeu a usar o celular, tablet ou outro equipamento eletrônico praticamente sozinho(a)
Computador / laptop	Prefere realizar algumas atividades em meios eletrônicos
	Aprecia estar conectado(a) e, algumas vezes, busca companhia pelos eletrônicos
	Possui acesso e recebe grande volume de informação, dados e conteúdos
Ele(a) não tem aparelho próprio, mas utiliza o tem assinalado pertencente aos pais	Fornecer instruções e auxilia familiares a usar aparelhos tecnológicos com facilidade
Gosta de participar das conversas dos adultos	Tenta argumentar e negociar as medidas disciplinares e castigos
	Considera a internet uma fonte de diversão, mas também de informação e conhecimento
	Possui ideias próprias, faz reflexões e problematiza assuntos
	Quer dar sua opinião e participar de decisões
	Compõe os hábitos de compras da família e influencia na escolha de bens, produtos e serviços
	Revela preocupação com os cuidados ao meio ambiente e respeito às leis, como de trânsito e outras.
Tem bom vocabulário, se expressa bem e conversa sobre vários assuntos	Fica atento(a) a conversas e outras coisas acontecendo a sua volta, mesmo enquanto realiza atividades
	Possui ideias próprias, faz reflexões e problematiza assuntos
	Tem raciocínio rápido e aprende com facilidade
	Quer dar sua opinião e participar de decisões

Continuação do Quadro 4

Variável 1	Variável 2
Desenvolve diálogos mesmo com pessoas desconhecidas	Toma iniciativa e gosta de comandar as brincadeiras
Fala bastante, quase o tempo todo e, geralmente, com rapidez	Realiza várias atividades ao mesmo tempo sem dificuldade
Tem habilidade para argumentar, negociar e convencer as pessoas do que pensa ou deseja	Questiona e quer entender o motivo e funcionamento de ordens e regras
	Permanece concentrado por mais tempo em atividades que gosta
	Considera a internet uma fonte de diversão, mas também de informação e conhecimento
	Possui ideias próprias, faz reflexões e problematiza assuntos
	Tem raciocínio rápido e aprende com facilidade
	Demonstra inteligência, em alguns aspectos, além do que você esperava na idade dele(a)
	Toma iniciativa e gosta de comandar as brincadeiras
Reconhece autoridade e respeita adultos	Quer dar sua opinião e participar de decisões
	Fica atento(a) a conversas e outras coisas acontecendo a sua volta, mesmo enquanto realiza atividades
	Entedia-se ou perde o interesse e troca de atividades e brincadeiras em um curto espaço de tempo
Rejeita limites e exige ter sua vontade atendida	Demonstra ser compreensivo(a) e empático(a) com os outros
	Fica frustrado(a) ou aborrecido(a) com facilidade
Realiza as tarefas solicitadas	Se descontrola quando não é atendido(a), obtém o que deseja ou é criticado(a)
	Demonstra ser compreensivo(a) e empático(a) com os outros
Questiona e quer entender o motivo e funcionamento de ordens e regras	É mais aberto(a) a diversidade e aceita com mais facilidade as diferenças
	Não se interessa por qualquer assunto, seleciona o que gosta e se dedica mais
	Possui ideias próprias, faz reflexões e problematiza assuntos
Tenta argumentar e negociar as medidas disciplinares e castigos	Quer dar sua opinião e participar de decisões
	Tem dificuldade em esperar ou manifesta impaciência com coisas monótonas
	Se descontrola quando não é atendido(a), obtém o que deseja ou é criticado(a)
Entedia-se ou perde o interesse e troca de atividades e brincadeiras em um curto espaço de tempo	Quer dar sua opinião e participar de decisões
	Tem dificuldade em esperar ou manifesta impaciência com coisas monótonas
Permanece concentrado por mais tempo em atividades que gosta	Se descontrola quando não é atendido(a), obtém o que deseja ou é criticado(a)
Não se interessa por qualquer assunto, seleciona o que gosta e se dedica mais	Possui ideias próprias, faz reflexões e problematiza assuntos
	Fica ansioso(a) antes de realizar atividades (Ex.: um passeio ou receber um presente)

Continuação Quadro 4

Variável 1	Variável 2
Tem dificuldade em esperar ou manifesta impaciência com coisas monótonas	Fica frustrado(a) ou aborrecido(a) com facilidade
	Se descontrola quando não é atendido(a), obtém o que deseja ou é criticado(a)
Fornece instruções e auxilia familiares a usar aparelhos tecnológicos com facilidade	Possui ideias próprias, faz reflexões e problematiza assuntos
	É mais aberto(a) a diversidade e aceita com mais facilidade as diferenças
Considera a internet uma fonte de diversão, mas também de informação e conhecimento	Possui acesso e recebe grande volume de informação, dados e conteúdos
	Possui ideias próprias, faz reflexões e problematiza assuntos
Aprecia estar conectado(a) e, algumas vezes, busca companhia pelos eletrônicos	Possui ideias próprias, faz reflexões e problematiza assuntos
Possui ideias próprias, faz reflexões e problematiza assuntos	Quer dar sua opinião e participar de decisões
Demonstra inteligência, em alguns aspectos, além do que você esperava na idade dele(a)	Se destaca por realizar bem atividades mais comuns em crianças acima de sua idade
É criativo(a) e se adapta a mudanças	Demonstra preocupação com o corpo, é vaidoso(a) e tem cuidados com a aparência
Demonstra ser compreensivo(a) e empático(a) com os outros	É mais aberto(a) a diversidade e aceita com mais facilidade as diferenças

* Teste qui-quadrado

Fonte: Maysa Fagundes Pereira Rangel (2020)

As correlações entre as opções que compõem as perguntas do questionário são apresentadas na tabela 6:

Tabela 6 - Correlação entre as opções de cada questão e tamanho do efeito

Variável 1	Variável 2	p-valor*	Tamanho do efeito V de Cramer	Interpretação
Além do ensino regular faz outras atividades ou cursos complementares	Não se interessa por qualquer assunto, seleciona o que gosta e se dedica mais.	<0,001	0,363	Moderado
	Fornece instruções e auxilia familiares a usar aparelhos tecnológicos com facilidade	0,001	0,318	Moderado
	Possui acesso e recebe grande volume de informação, dados e conteúdos	<0,001	0,346	Moderado
	Possui ideias próprias, faz reflexões e problematiza assuntos	<0,001	0,345	Moderado
	É aberto(a) a diversidade e aceita com mais facilidade as diferenças	0,001	0,322	Moderado
Se alimenta sem o auxílio de adultos	Realiza as tarefas solicitadas	<0,001	0,386	Moderado
	É aberto(a) a diversidade e aceita com mais facilidade as diferenças	<0,001	0,409	Moderado
Quer escolher as próprias roupas e se vestir sozinho(a)	Fornece instruções e auxilia familiares a usar aparelhos tecnológicos com facilidade	<0,001	0,331	Moderado

Continuação da Tabela 6

Variável 1	Variável 2	p-valor*	Tamanho do efeito V de Cramer	Interpretação
Aprendeu no ensino infantil conteúdos diversificados que vão muito além da alfabetização	Se alimenta sem o auxílio de adultos	<0,001	0,434	Moderado
	Possui ideias próprias, faz reflexões e problematiza assuntos	0,001	0,302	Moderado
	É aberto(a) a diversidade e aceita com mais facilidade as diferenças	<0,001	0,334	Moderado
	Fornecer instruções e auxilia familiares a usar aparelhos tecnológicos com facilidade	0,001	0,310	Moderado
	Considera a internet uma fonte de diversão, mas também de informação e conhecimento	0,001	0,304	Moderado
Auxilia ou guarda sozinho(a) os brinquedos que utiliza	Realiza as tarefas solicitadas	<0,001	0,493	Moderado
	Fica atento(a) a conversas e outras coisas acontecendo a sua volta, mesmo enquanto realiza atividades	<0,001	0,352	Moderado
	Demonstra ser compreensivo(a) e empático(a) com os outros	<0,001	0,348	Moderado
	É mais aberto(a) a diversidade e aceita com mais facilidade as diferenças	0,001	0,319	Moderado
Celular	Aprendeu a usar o celular, tablet ou outro equipamento eletrônico praticamente sozinho(a)	<0,001	0,389	Moderado
Computador / laptop	Prefere realizar algumas atividades em meios eletrônicos	<0,001	0,366	Moderado
	Aprecia estar conectado(a) e, algumas vezes, busca companhia pelos eletrônicos	<0,001	0,356	Moderado
	Possui acesso e recebe grande volume de informação, dados e conteúdos	0,001	0,313	Moderado
Ele(a) não tem aparelho próprio, mas utiliza o tem assinalado pertencente aos pais	Fornecer instruções e auxilia familiares a usar aparelhos tecnológicos com facilidade	<0,001	0,440	Moderado
Gosta de participar das conversas dos adultos	Tenta argumentar e negociar as medidas disciplinares e castigos	0,001	0,312	Moderado
	Considera a internet uma fonte de diversão, mas também de informação e conhecimento	0,001	0,307	Moderado
	Possui ideias próprias, faz reflexões e problematiza assuntos	0,001	0,308	Moderado
	Quer dar sua opinião e participar de decisões	<0,001	0,355	Moderado
	Compõe os hábitos de compras da família e influencia na escolha de bens, produtos e serviços	0,001	0,300	Moderado
	Revela preocupação com os cuidados ao meio ambiente e respeito às leis, como de trânsito e outras.	<0,001	0,357	Moderado
Realiza as tarefas solicitadas	Demonstra ser compreensivo(a) e empático(a) com os outros	0,001	0,314	Moderado
	É mais aberto(a) a diversidade e aceita com mais facilidade as diferenças	<0,001	0,364	Moderado

Continuação da Tabela 6

Variável 1	Variável 2	p-valor*	Tamanho do efeito V de Cramer	Interpretação
Tem bom vocabulário, se expressa bem e conversa sobre vários assuntos	Fica atento(a) a conversas e outras coisas acontecendo a sua volta, mesmo enquanto realiza atividades	<0,001	0,331	Moderado
	Possui ideias próprias, faz reflexões e problematiza assuntos	<0,001	0,352	Moderado
	Tem raciocínio rápido e aprende com facilidade	0,001	0,309	Moderado
	Quer dar sua opinião e participar de decisões	<0,001	0,353	Moderado
Desenvolve diálogos mesmo com pessoas desconhecidas	Toma iniciativa e gosta de comandar as brincadeiras	<0,001	0,350	Moderado
Fala bastante, quase o tempo todo e, geralmente, com rapidez	Realiza várias atividades ao mesmo tempo sem dificuldade	0,001	0,300	Moderado
Reconhece autoridade e respeita adultos	Fica atento(a) a conversas e outras coisas acontecendo a sua volta, mesmo enquanto realiza atividades	0,001	0,305	Moderado
	Entedia-se ou perde o interesse e troca de atividades e brincadeiras em um curto espaço de tempo	<0,001	0,345	Moderado
	Demonstra ser compreensivo(a) e empático(a) com os outros	<0,001	0,397	Moderado
Tem habilidade para argumentar, negociar e convencer as pessoas do que pensa ou deseja	Questiona e quer entender o motivo e funcionamento de ordens e regras	<0,001	0,445	Moderado
	Permanece concentrado por mais tempo em atividades que gosta	<0,001	0,331	Moderado
	Considera a internet uma fonte de diversão, mas também de informação e conhecimento	0,001	0,321	Moderado
	Possui ideias próprias, faz reflexões e problematiza assuntos	<0,001	0,538	Forte
	Tem raciocínio rápido e aprende com facilidade	<0,001	0,427	Moderado
	Demonstra inteligência, em alguns aspectos, além do que você esperava na idade dele(a)	<0,001	0,399	Moderado
	Toma iniciativa e gosta de comandar as brincadeiras	<0,001	0,341	Moderado
	Quer dar sua opinião e participar de decisões	<0,001	0,376	Moderado
Rejeita limites e exige ter sua vontade atendida	Fica frustrado(a) ou aborrecido(a) com facilidade	0,001	0,301	Moderado
	Se descontrola quando não é atendido, obtém o que deseja ou é criticado	<0,001	0,359	Moderado
Questiona e quer entender o motivo e funcionamento de ordens e regras	Não se interessa por qualquer assunto, seleciona o que gosta e se dedica mais	0,001	0,320	Moderado
	Possui ideias próprias, faz reflexões e problematiza assuntos	<0,001	0,405	Moderado
	Quer dar sua opinião e participar de decisões	<0,001	0,360	Moderado

Continuação da Tabela 6

Variável 1	Variável 2	p-valor*	Tamanho do efeito V de Cramer	Interpretação
Tenta argumentar e negociar as medidas disciplinares e castigos	Tem dificuldade em esperar ou manifesta impaciência com coisas monótonas	<0,001	0,327	Moderado
	Se descontrola quando não é atendido(a), obtém o que deseja ou é criticado(a)	0,001	0,306	Moderado
	Quer dar sua opinião e participar de decisões	<0,001	0,349	Moderado
Entedia-se ou perde o interesse e troca de atividades e brincadeiras em um curto espaço de tempo	Tem dificuldade em esperar ou manifesta impaciência com coisas monótonas	<0,001	0,443	Moderado
	Se descontrola quando não é atendido(a), obtém o que deseja ou é criticado(a)	0,001	0,312	Moderado
Permanece concentrado por mais tempo em atividades que gosta	Possui ideias próprias, faz reflexões e problematiza assuntos	<0,001	0,331	Moderado
Não se interessa por qualquer assunto, seleciona o que gosta e se dedica mais	Fica ansioso(a) antes de realizar atividades (Ex.: um passeio ou receber um presente)	0,001	0,303	Moderado
Tem dificuldade em esperar ou manifesta impaciência com coisas monótonas	Fica frustrado(a) ou aborrecido(a) com facilidade	<0,001	0,399	Moderado
	Se descontrola quando não é atendido(a), obtém o que deseja ou é criticado(a)	<0,001	0,330	Moderado
Fornece instruções e auxilia familiares a usar aparelhos tecnológicos com facilidade	Possui ideias próprias, faz reflexões e problematiza assuntos	<0,001	0,346	Moderado
	É mais aberto(a) a diversidade e aceita com mais facilidade as diferenças	<0,001	0,354	Moderado
Considera a internet uma fonte de diversão, mas também de informação e conhecimento	Possui acesso e recebe grande volume de informação, dados e conteúdos	<0,001	0,417	Moderado
	Possui ideias próprias, faz reflexões e problematiza assuntos	<0,001	0,364	Moderado
Aprecia estar conectado(a) e, algumas vezes, busca companhia pelos eletrônicos	Possui ideias próprias, faz reflexões e problematiza assuntos	<0,001	0,326	Moderado
Possui ideias próprias, faz reflexões e problematiza assuntos	Quer dar sua opinião e participar de decisões	<0,001	0,363	Moderado
Demonstra inteligência, em alguns aspectos, além do que você esperava na idade dele	Se destaca por realizar bem atividades mais comuns em crianças acima de sua idade	0,001	0,310	Moderado
Demonstra ser compreensivo(a) e empático(a) com os outros	É mais aberto(a) a diversidade e aceita com mais facilidade as diferenças	<0,001	0,351	Moderado

* Teste qui-quadrado

Fonte: elaborado pela autora.

7.2 Resultados Qualitativos

Os resultados qualitativos foram categorizados a partir das narrativas evidenciadas que atribuíram sentido e significado às questões alinhadas aos propósitos da pesquisa e propiciaram o aprimoramento da compreensão dos dados obtidos, depreender conhecimento e ampliar o campo de estudo, levando em consideração que essa temática possui poucos estudos (MINAYO, 2002).

Um ponto importante, com base no referencial teórico escolhido como suporte deste trabalho, foi contextualizar o processo de realização das entrevistas pelo fato de complementar e aprofundar a análise dos dados coletados, ampliando a reflexão sobre o material obtido. Nas entrevistas realizadas com no consultório, os casais adotaram uma atitude mais contida e cerimoniosa, de comprometimento com um processo circunscripto. Embora, ao longo da conversa eles tenham se descontraído e expressado abertamente, não deixaram completamente a postura de participantes da fase de coleta de dados de uma pesquisa. Nos depoimentos efetuados no ambiente familiar a pesquisadora foi recebida mais como uma visitante e inserida na rotina doméstica. Os depoimentos ocorreram de maneira mais informal, espontânea e fluída.

Os pais foram bastante participativos e demonstraram muito interesse em dar sua opinião e em fazer colocações de seu ponto de vista sobre seus filhos. Sendo que, 05 (cinco) deles relataram estarem bastante envolvidos no dia-a-dia com os filhos, dividindo atividades de cuidados com as esposas. Em apenas uma das famílias, a esposa não participa da composição da renda familiar. As crianças que estiveram presentes antes, depois ou durante algum momento da entrevista, interagiram com naturalidade, demonstrando cordialidade, desenvoltura e independência.

Foram efetuadas questões norteadoras que visavam fomentar o emergir de aspectos alinhados aos objetivos do estudo, sendo algumas delas integrantes do roteiro de entrevista semiestruturado, outras similares ou apenas complementares. Entretanto, vários pontos significativos foram sendo espontaneamente abordados, pelos próprios casais participantes, ao longo de seu relato em decorrência de suas convicções, sem a necessidade de indagações específicas.

Os trechos destacados a seguir foram extraídos da fala dos participantes durante as entrevistas e foram agrupados seguindo o tema e a categoria que retratavam.

7.2.1. Tema crianças

7.2.1.1 Categoria características filhos

Esta categoria indica as principais características e comportamentos que, de acordo com os pais, descrevem ou representam melhor os seus filhos e seu modo de agir.

Alguns adjetivos e qualidades foram frequentemente associados aos filhos: inteligente, esperto, curioso, observador, questionador, argumentador, manipulador, teimoso, insistente, determinado, pensador, perceptivo, meigo, amoroso, carinhoso, empático, bondoso, espontâneo, comunicativo, articulado, falante, calmo, tranquilo, agitado, ativo, independente, maturidade, liderança, gênio forte, boa memória, aprende rápido, interage facilmente, tem opinião e fala muito.

“É uma criança questionadora, pensadora, muito meiga, ela tem... eu a acho extremamente articulada. Às vezes, manipuladora no sentido tanto do positivo quanto do negativo, como uma criança sabe onde tirar a manha da mãe e manipular um pouco aí, quando é necessário e também quando não é.” (M1)

“O que eu resalto nele é que tem um gênio muito forte. É uma criança de opinião.” (M2)

“É auto independente, ele pega a roupa dele, eu deixo. [...] Ele fica até conseguir, ele fica na sua orelha, até você cansar.” (P2)

“Uma coisa não muda, na escola e em casa ele fala para caramba.” (M3)

“É inteligente, amoroso, é calmo, é paciente, as vezes é meio... como que eu vou falar... meio mimado” (P3)

“Eu acho interessante a maneira dele, assim, de lidar com o desconhecido, né. Essa curiosidade. [...] Ele tem essa facilidade, e na escola foi do mesmo jeito, quando eu vi já tinha feito amizade. [...] É bem comunicativo” (M4)

“É uma criança amorosa né, cuidadosa. [...] Teimoso.” (P4)

“Bem assim, comunicativa. Ela gosta, também, de ajudar as pessoas. [...] ela pula demais, como gosta de pular, né. Ela gosta de pular, de correr, ela gasta uma energia. Ela é bem ativa.” (M5)

“Ele lembra mesmo sem ter que se esforçar demais.” (M6)

“Determinado. Assim... ou uma coisa entre a determinação e a teimosia, porque ele é bastante... com uma opinião forte. Aí, por exemplo, quando ele é contrariado é difícil reverter essa contrariedade, assim... e para outras situações quando ele está em desvantagem, vamos dizer assim, ele também não desiste. Ele é bem... acaba sendo bem durão” (P6)

“É independente, tem iniciativa, ele programa as coisas muito rápido, então, ele não se contenta com qualquer resposta. E ele é bem objetivo, assim, no que ele quer. [...] Ele é muito detalhista, observador.” (M7)

“Ela é divertida, inteligente, né, no sentido de muitas coisas, está aprendendo, começou a aprender a falar agora, ainda tem aquela coisa de nenê, a gente ensina as palavras corretas, mas ela não é uma criança que dá tanto trabalho assim, ela é interagida.” (P8)

A forma de raciocinar, decodificar e refletir as informações das novas gerações é diferente das anteriores, segundo Prensky (2001), em função do contexto tecnológico que a estimula e os pais expressam essa percepção sobre a capacidade intelectual de que seus filhos mencionando que os consideram inteligentes.

“Eu a acho extremamente esperta, muito inteligente.” (M1)

“É assim, muito esperto.” (M2)

“O C3 é inteligente.” (P3)

“Ele é bem inteligente, bem dedicado.” (M6)

“É uma criança esperta, ela fala até palavras em inglês. [...] Acho ela muito inteligente.” (M8)

Os pais indicam os comportamentos e a maneira como as crianças absorvem e desenvolvem o conhecimento acessível em seu entorno e como elas o demonstram na relação com as pessoas e com as coisas. Eles fazem com que a sua reação aos estímulos disponíveis em seu ambiente seja considerada ágil e perspicaz, e o armazenamento e recuperação das informações muito bom.

“É esperto, ele tem uma mente muito... uma memória muito boa. A gente passa num lugar e ele fala: aqui é a casa de fulano de tal. Na rua, a gente está passando de carro e ele fala: é aqui que eu vou estudar, aqui é a casa da dinda. Como é que ele sabe, se só passou de carro? Aí, já tem essas características já.” (P2)

“Ele raciocina muito rápido e perde o interesse. Vai lá e faz rapidinho e pronto: já lidei, já me livre disso.” (M4)

“Até assim no modo de ela se expressar, né. A gente fala alguma coisa com ela e você vê que a cabeça dela já é mais aberta. Ela responde, mas assim, responde assim de uma coisa... Assim, ela tem uma percepção de responder... É, pensa rápido.” (P5)

“Ele tem uma memória muito boa, mas ele tem uma preguiça. Então, ele começa a ler um texto de história, ele bateu o olho e ele lembra de tudo o que ele viu na aula. Aí ele não lê mais, sabe. Ele não lê mais. Ele aprende super rápido, então, ele tem memória do que a professora falou na aula, entendeu?” (P6)

De acordo com Furia (2013), as crianças estão em contato constante com imagens e ideias presentes em muitos os lugares e momentos e, fazer parte desse meio estimulante, desperta uma atitude de interesse e curiosidade pelo que ocorre ao seu redor.

“É uma criança de opinião, agitado, ele é esperto, curioso, pula, chama bastante atenção.” (M2)

“Por mais que eu tente enrolar: não, depois a gente vê. Ele sempre traz: você não falou que a gente ia ver, como que é isso? Tá bom, vamos pesquisar, vamos ver como que é.” (M4)

“Eu estou vendo uma coisa e ele já vem olhar, curiar, já quer mexer. Às vezes, eu estou com óculos e, ele quer tirar o óculos e olhar também como que é. Ele é curioso. [...] Ele quer saber de todos os detalhes” (P7)

Frente a concessão de poder e direitos desiguais conferidos pela hierarquia concedida pelo lugar ocupado na família, que pode legitimar o uso da autoridade e determinar subordinação, os pais relatam que a resposta dos filhos é de contestação. Eles pleiteiam a uniformidade dos preceitos familiares e conformidade entre o que é exigido que eles façam e o que é praticado pelos pais, utilizando aquilo que é ensinado pelos pais para refutar.

“Tendência de querer: mas, você não falou isso! É típico: C1, vai fazer tal coisa. Você não faz! Eu não tenho que fazer C1, quem tem que fazer é você, eu estou mandando. Então, como eu dou muita liberdade para ela: e daí que você está mandando? E eu já: como que é?” (M1)

“Ele tem opinião mesmo, ele enfrenta, ele não chora e, outra coisa, né bem, ele, às vezes, ele está nervosinho e joga as coisas no chão. Eu falo: vai lá pegar C2, pega. E ele vai assim, ele vai, abaixa no chão, comigo né, com a mãe, e faz assim com a mão, mas não abre a mão para pegar o objeto que ele jogou. Ele não pega.” (M2)

“Ele sabe o limite dele com cada um. Ele pode achar que se ele fizer alguma coisa, mexer em alguma coisa, eu não vou falar nada porque eu deixo ele fazer e ele sabe que quando é alguma coisa relacionada ao pai ou alguma coisa que o pai já falou para não fazer. Ele sabe muito bem.” (M3)

“Hoje, ele meio que manipula e usa contra a gente, se de repente a gente bate de frente com algo que ele não concorde.” (M4)

“Eu tenho a impressão que, muitas vezes ele quer se colocar num nível de igualdade, né. Como se a gente, claro, somos os pais dele, mas estivéssemos simplesmente morando os três juntos aqui, sem nenhum tipo de hierarquia, né. Aonde que ele é uma pessoa que está aqui e o que ele deseja, também, ou o que ele quer fazer, também, no tempo dele, tem que ser respeitado.” (P4)

Na interação com seus pais, também é verificada a busca das crianças por saber mais sobre as coisas que são negadas, as restrições feitas, questionamentos e solicitações de explicação sobre as regras, das razões e propósitos das condutas adotadas. O relacionamento horizontalizado, de maior proximidade e conversacional entre pais e filhos associados capacidade das crianças de aprendizagem e assimilação de conteúdo propicia que adquiram argumentos e usem para contrapor e debater.

“O porquê, do porquê, do porquê. Então, tudo é: porque?” (M1)

“Não é nem que ele não aceita, muitas vezes ele fica falando mil vezes. Então, eu já falei que não C3. É, mas... Argumenta até você falar não depois, de novo.” (M3)

“Ele sempre usa o argumento: vocês têm que respeitar o meu desejo, não é assim? Não foi isso que vocês me ensinaram? Sempre cobrando dessa forma.” (M4)

“Ele questiona também, ele fala: mas porque eu não posso ir?” (P5)

“Ele argumenta. Assim, não é aquela criança birrenta, assim, que só usa a favor dele, não.” (M7)

O cumprimento de regras e limites estipulados, o respeito às restrições e realização de solicitações, são apresentados pelos pais conforme os critérios que elaboraram para as orientações que devem ser seguidas, as ordens e os pedidos acatados e se há tentativas dos filhos de fazer as coisas a sua maneira.

“Você é muito esperta, as regras que você quer aceitar você aceita. As regras de tomar banho no horário sozinha, fazer isso, fazer aquilo, você não quer.” (M1)

“Na hora de dormir, se eu falo: não C2, você não vai dormir aqui hoje. Você tem que dormir na sua cama. Às vezes, ele quer dormir na minha cama comigo, aí ele pega, vira a cara, vai para o outro canto, fica no meio do corredor e senta. Ali ele fica e não sai, se for o caso. Então, ele tem uma opinião muito forte.” (M2)

“Quando a coisa não é feita muito do jeito dele, ele resmunga.” (M3)

“Questionando, ele não fica. Ele fica de cara feia, ele fica mais, meio teimosinho com as coisas. Fica irritado: não posso fazer nada! nada eu posso!” (P5)

“Ele argumenta, assim por exemplo, mas ao mesmo tempo que ele argumenta, a gente contra argumenta. Depois dessa argumentação fica, por exemplo, ele fica emburrado.” (P6)

“Se você não explicar e falar: sai do computador que agora... Aí, vai ter uma pequena confusão. Não vai ficar bravo. Vai chorar, vai ficar... começar a resmungar” (M7)

“Quando põe a regra, na maioria das vezes ele obedece a regra, ele reluta um pouquinho, mas acaba obedecendo a regra” (P7)

Os pais descrevem que a reação de seus filhos quando são contrariados ou não têm suas vontades atendidas é ficarem emburrados e amuados em uma tentativa de demonstrar seu desagrado e conseguir o que desejam. Também comentam que buscam satisfazer suas vontades e suprir suas necessidades, acostumando-os a ser atendidos.

“Um gênio forte, de opinião, então assim, se fez uma coisa que não agradou ele, ele vira a cara, não conversa e fica firme.” (M2)

“Quando ele é contrariado ele sai batendo o pé. Não é tão calmo assim. É que quando o pai dele está, ele sabe que o pai fica bravo e, então, ele se segura. Mas, ele é meio invocado, assim, com certas coisas que fazem. Até um amigo, faz alguma coisa no jogo que ele não gosta, ele fica bem de bico. Mesmo na escola ele resmunga bastante.” (M3)

“Ela fica resistente, fala que não quer, e aí a gente: está bom, se você não quer, não quer. E aí ela senta no sofá e fica ali emburrada, chorando as vezes, e aí depois esquece.” (P5)

Cientes de seus gostos, segundo os pais, as crianças procuram fazer valer o seu desejo e impor suas vontades sendo resolutas e decididas. Nas brincadeiras com os amigos tentam convencê-los a fazer o que querem e conduzir por persuasão ou autoritarismo.

“Gosta de tomar conta das coisas, ela gosta de manipular a brincadeira. Então, a brincadeira tem que ser do jeito dela.” (M5)

“Ele manda, ele quer do jeito dele, ele já sabe o que ele quer, como ele quer, como é para fazer. Se estiver fazendo errado, ele sabe falar: oh, isso não é assim, é assado. [...] Ele líder. Exatamente, ele sabe liderar. Ele já tem esse instinto de liderança.” (P7)

A facilidade de contato com outras pessoas, interação espontânea e desinibição é retratada pelos pais, na maioria das crianças. Mesmo aquelas mais inibidas no primeiro contato se socializam depois.

“Onde a gente vai, num instantinho ele já entra, ele não tem vergonha. [...] Ele tem essa facilidade de transitar. Ele entra, conversa.” (M4)

“É bem assim, espontânea, né. Ela se interage muito rápido com as pessoas. Se a gente vai numa festa, a gente não conhece ninguém, ela faz amizade muito rápido, muito... já está lá falando.” (M5)

“Se dá bem na escola com todo mundo.” (P5)

“Eu queria que ela fosse mais fechada, né. Não, se você falar vamos ali com a tia, ela vai.” (M8)

“Ele interage bem assim, se dá bem assim, brinca, conversa, respeita.” (M7)

Os pais ressaltam a demonstração de vitalidade, energia física e disposição dos filhos, como ocupam o seu tempo, as atividades praticadas e as preferências por determinadas brincadeiras e brinquedos.

“Ele fala: prefiro ficar em casa.” (M3)

“Bem tranquilo, não é muito de querer sair. [...] Em casa ele é meio agitado. [...] Só que assim, a gente tem que tirar da mão dele porque se deixar, fica colado no celular” (M5)

“Eles gostam mais de assistir e jogar.” (P5)

“Ele é ativo, mas ele é intenso. Como eu estou falando dessa determinação, se ele vai jogar bola e ele quer tomar a bola, ele vai tomar a bola. Se ele tem que, por exemplo... é uma jogada dura, ele vai lá nessa jogada dura, pensando que outros tirariam o pé, entendeu. Se tem uma questão assim que é um desafio, por exemplo, ele encara o desafio.” (P6)

“Ele é muito ativo, ele brinca com tudo. Às vezes, brinquedo tipo montagem, carta, ele brinca com tudo.” (P7)

“Se ela não estiver com o celular, ela brinca bastante, antes ela ficava mais no celular, só que agora que ela entende mais.” (M8)

Com maior liberdade de expressão e de participação no sistema familiar e um vocabulário amplo desenvolvido a partir dos conteúdos que tem contato e as relações

dialógicas, os pais consideram que as crianças estão mais comunicativas e se manifestando com mais frequência e desembaraço.

“Ela me fala tudo. Acho que com exceção até dessas coisas mais de menina mesmo, daí ela acaba procurando mais a M1 do que eu.” (P1)

“Ele fala mesmo, não tem, não tem medo de falar não, ele se descola sozinho. [...] Ele conversa de tudo, se você chamar ele para conversar, ele conversa o assunto que você quiser.” (P3)

“Desde pequeno, se deixar sozinho ele conversa com as canetas, ele cria um modo para ele conversar. [...] Hoje eu percebo que o C4, ele participa mais, às vezes ele dá opinião.” (M4)

“Ela fala, ela mete a boca mesmo. Aí a gente tem que segurar: C5, não é assim.” (P5)

“Ele quer conversar, ele fala de tudo e passa o dia inteiro falando.” (M7)

7.2.1.2 Categoria características dos pais quando criança

Os pais relatam como eram quando crianças, seu jeito, suas preferências e como se comportavam.

O relato dos pais de como eram quando crianças, se concentram em seu comportamento, as brincadeiras que gostavam e o tipo de comunicação que estabeleciam com seus progenitores.

Descrevem-se como crianças preocupadas em manter um bom comportamento, sem malícia e que eram menos protegidas pelos pais, portanto possuíam responsabilidades e independência.

“Era muito responsável, muito responsável. Eu fui me dar conta disso quando já era mais adolescente. Que eu falo para você, não fui criança, principalmente quando eu converso com o P1, porque eu pensava demais.” (M1)

“Com 5, 6 anos sabia tomar um ônibus, andava sozinho, ia para a escola sozinho na primeira série. Ia para a escola sozinho, levando uma criança menor que eu e que eu era responsável por ela.” (P1)

“Eu até os doze anos, acho que eu era bobo.” (P3)

“Nunca fui assim, de cobra nada. Se ter, tinha; se tinha, tinha; se não tinha, eu ficava na minha.” (P5)

“Sempre fui muito independente.” (M8)

A relação com o seus próprios pais e familiares era de distanciamento e sem diálogo. Não se posicionavam diante dos acontecimentos ou emitiam opiniões e evitavam protestos.

“Eu nem pensava em discordar. Tipo assim, eu nem pensava em discordar, então, muitas vezes eu não me vi questionando algumas coisas que eu deveria ter questionado.” (M1)

“Eu era aquela criança que não respondia na frente, mas fazia por trás, entendeu, era aquela criança digamos, mais esperta. [...] Discordava, mas não respondia, porque naquela época a gente sabia que não ia ter a resposta, a resposta era um “porque não” e acabou, e se você insistisse no porque não, o porque não virava uma punição, então era melhor não insistir.” (P1)

“Eu não era assim de falar. Eu tinha vontade de, as vezes gritar. Mas não, se eu falar minha mãe vai me bater, vai brigar comigo.” (M5)

“Não é não, e acabou. Não tinha o que questionar mais. E eu, às vezes, como eu sou meio C5, que não seguia o exemplo” (P5)

Respeitavam as imposições e ordens estabelecidas e quando discordavam os limites eram desobedecidos apenas escondido. Tinham uma atitude mais pacífica.

“Quebrava as coisas e tentava esconder. [...] Eu aprontava, aprontava um monte, mas eu sabia que existia um limite máximo ali, eu sabia que tinha uma beira do abismo.” (P1)

“Às vezes, eu ia nas casas de parentes, coisa e tal, e eu ficava olhando e eu queria comer. Deixava todo mundo sair né, de perto e ia lá e comia a banana escondido e ninguém ficava sabendo.” (P5)

As atividades de lazer e as brincadeiras eram realizadas em ambiente externo com maior interação e liberdade.

“Eu brincava, corria...” (M1)

“Bolinha de gude, futebol, eu era moleque, bem moleque mesmo.” (M2)

“Brincava na rua, jogava bola, brincava de esconde-esconde, pega-pega, tinha uma bicicleta, tinha um Atari para jogar.” (P5)

“Brincava na rua, eu também descia de carrinho de rolimã.” (M6)

“Sempre preferi mais esportes, de estar na rua, então era muito... como eu morava com um quintal muito grande, tinha muitas coisas lá, era muito engenhoso. Assim... montava as coisas. Meu quintal tinha um pomar, montava minha cabana, montava meus próprios brinquedos [...]. Enquanto não estava na escola, eu praticamente estava na rua. Só voltava quando escurecia.” (P6)

7.2.1.3 Categoria características de outras crianças

Os pais afirmam perceber algumas características e comportamentos também em outras crianças, além de seus filhos, que os levam a pensar que não são traços somente individuais que se referem, exclusivamente, a personalidade, e consideram, na verdade, serem mais comuns.

“Eles têm palavras que eu acho que são extremamente maduras em geral. É um ou outro que não, mas a maioria. [...] Essas crianças têm essa capacidade, às vezes, de sentir mais, a impressão que eu tenho é isso, é muito sensível. [...] Mais questionadoras, mais curiosas. [...] Eles são espontâneos e é difícil lidar com isso. [...] Hoje em dia, elas são mais naturais e na frente dos adultos. [...] Aprontam e não sei o que, sabem o limite, mas eles, eu acho eles mais espontâneos, por isso que eu acho interessante. [...] Eles têm essa conexão, eu vejo isso claro, como essa geração é mais sensível. Acredito que eles são, até o menos deles, eu acho que são mais do que os outros. Eles acabam absorvendo mais esses problemas, de olhar na rua e ver um mendigo e se sensibiliza. [...] É uma coisa que é deles. Então, nunca vejo só a minha filha, vejo mais porque ela está comigo, mas assim, de chorar, de olhar uma pessoa na rua e começar a chorar porque está na rua, sabe?” (M1)

“Mais curiosas, elas têm como saciar, elas têm, parece que elas são mais curiosas do que nós éramos.” (P1)

“Eles não valorizam, é descartável. Então, você sabe que o celular é caro. Então, deu um nervosinho, não importa quanto você pagou, vai lá e quebra.” (P2)

“Não sabe, como se diz... não é controlar o sentimento, talvez não conheça, não sabe lidar com... talvez um não. [...] Eles não têm noção, não tem noção... Então, ontem ele estava conversando com um amigo dele, ontem não, domingo, que eles estavam jogando aquela garrafinha d’água que cai em pé: o moleque jogou tão forte que quebrou a lâmpada, e daí, começamos a dar risada lá! Pronto, normal para eles.” (M3)

“Fica fixado ali entre a TV, aí ele sai da TV, ele vai para o computador, né, é o tablet, é tudo muito ao mesmo tempo, é o celular e tal. [...] As crianças já tinham tablet quando a gente se reunia.” (M4)

“As outras crianças tinham ali, utilizavam tablet, celular né, e tal, e ele não utilizava e as vezes ele ficava isolado por conta disso.” (P4)

“Vejo muitas crianças, por aí fora, pedindo tênis de marca, roupa de marca, passear, mesada.” (M5)

“Hoje eles pedem para ter WhatsApp, eles pedem para ter chip no celular e eu falo, não, não é o momento agora, e eles falam, mas todos os meus amigos da escola têm WhatsApp.” (M6)

“Tenho um sobrinho de nove, você está conversando e ele se intromete, ou se você contar alguma mentira, qualquer que seja, ele desmente na sua cara. E assim segue, e não adianta fazer minha irmã, eu não sei... Agora com ela não sei porque ainda está em processo, né. Não sei como é que vai ser, mas acredito que ela vai ser também essa criança que a gente está falando, ela vai se intrometer.” (M8)

7.2.1.4 Categoria influências sobre as crianças

Algumas ações e circunstâncias, são sinalizadas pelos pais como possíveis potencializadoras de mudanças no perfil de seus filhos e de outras crianças.

De acordo com Oliveira (2009):

As contradições sociais que vivenciamos trazem um mundo novo no qual as famílias passam pela escalada da violência urbana, deixando como consequências o crime, a morte, o tráfico e outras manifestações que podem aterrorizar a vida das pessoas. (OLIVEIRA, 2009, p. 81).

Os pais mencionam as mudanças nas formas de se relacionar com os filhos, a maior proximidade no contato, dedicação a eles, liberdade de expressão e trocas afetivas.

“Hoje em dia, as crianças têm muito mais atenção, muito mais cuidado, então, talvez isso gere um pouco esses medos. Por ela não saber, às vezes, enfrentar, tão sozinha, alguma coisa, como a gente era obrigado a enfrentar. [...] Eles têm mais oportunidade em serem espontâneos. Acho que a geração de hoje eles podem ser espontâneos. Não são soldadinhos criados. A regra é igual para todo mundo. [...] Por conta, digamos, desse diálogo aberto, de ter essa liberdade, dificulta muito a criação. Porque, várias vezes, ela confunde a mãe com uma amiga porque eu permiti isso de alguma forma.” (M1)

“A gente ser mais protetor pelo medo que a gente tem, pela insegurança que a gente sente, faz a gente ser mais protetor e isso, conseqüentemente, muda a forma da criança porque ela acaba, em certo sentido, entrando em temas, talvez mais adultos, mais cedo.” (P1)

“As crianças ficavam mais com os pais né, com os filhos. Ia trabalhar o pai e a mãe ficava em casa. Hoje já é diferente. Vamos colocar na escola, e o pai e a mãe vão trabalhar porque senão, não dá. Então, a criança vai ficando mais independente por si só.” (M8)

Embora seja um relacionamento em que há maior intimidade, o tempo de convívio é menor e os pais consideram que essa ausência provoca um impacto importante.

“Eu penso que essa geração de hoje, ela tem menos... Apesar de os pais serem mais próximos, darem mais liberdade, eles têm menos presença física dos pais. A grande maioria. E antes, a gente tinha mais a presença física do pai e da mãe. A mãe estava geralmente em casa o dia inteiro e, hoje não é assim. Então, são crianças que são criadas nas suas necessidades básicas, às vezes, na maioria delas, por uma escola ou por uma babá. E, se tem o pai e a mãe lá no final do dia ou de manhã, você está conversando, mas não tem essa presença física. Eu acho que isso é algo que, de alguma forma, influencia até para que eles sejam mais questionadores. É diferente, sei lá. Você tem liberdade de você ficar questionando a babá, papapa, a professora, os pais... Você estava em casa, vai no banheiro, era diferente, você não tinha muito disso. Então, eu acho que essa falta de presença física, ela é algo que, eu acho, que influenciou bastante no comportamento das crianças hoje em dia né.” (M1)

“O que influencia muito as crianças hoje, além desse mundo digital todo que eles têm acesso, eu penso um pouco nessa mudança de rotina que a gente tem. Igual, o P6 tem essa flexibilidade toda, mas eu não tenho essa flexibilidade toda. E, eu vejo que muitos pais não tem essa flexibilidade toda e que isso mudou, né, a convivência das crianças. Porque hoje, muitas crianças não tem esse convívio, esse diálogo com os pais. E então, eu vejo que isso dificulta muito, às vezes, a criança enfrentar alguns problemas, enfrentar alguns desafios e acaba levando a transtornos que antigamente não tinha. [...] Um pouco dessa influência da ausência dos pais. Acho que dessa mudança mesmo, de rotina, que as pessoas, muitas não sabem, de alguma forma, utilizá-la. Então, por exemplo, as vezes o tempinho que tem para ficar com os filhos é o tempo que usa para ficar no celular, é o tempo que usa para fazer outras coisas, né.” (M6)

É dado destaque à influência do volume de informação, a facilidade de acesso e contato intenso com a tecnologia.

“Eles têm mais informação do que a gente tinha, hoje eles querem informação, pega o celular, pega o tablet...” (P1)

“Hoje, você tem informações que não tem nada a ver nem com estudo. O dia a dia tem informação sobre qualquer produto. [...] A questão da informação, do acesso à internet, que traz tudo isso. O que muda muito, acho, que no dia de hoje também, que, na verdade, a tecnologia afeta até no estudo né. Na escola, no dia a dia para eles, mudam tudo, porque na escola, hoje em dia, eles podem fazer pesquisa no computador, no tablet, eles conseguem. Tem muita coisa. Tem escola que a criança não escreve mais, não precisa mais escrever, faz pelo tablet, faz pelo computador.” (M3)

“O que eu acho muito, que tem muita diferença, é exatamente isso: a internet traz muita informação para as crianças, de coisas que nós não tínhamos. Então, a comparação de ele falar, eu acho que eu era bobo. Não, mas não tinha de onde buscar tanta informação do jeito que hoje tem.” (P3)

“A questão do acesso à internet, aí à disposição, que tudo tem um argumento, traz alguma coisa. Acho que é mais nesse sentido que a gente conversou logo, esse acesso. Porque o mundo está ali diante deles, né, e eu acho que isso faz com que eles tenham acesso ao que a gente não tinha, tão facilmente, no passado.” (M4)

“Pelo fato de ele ter, sei lá, tablet, celular, videogame, então, às vezes, ele é condicionado a fazer duas ou três coisas ali ao mesmo tempo. E, às vezes, você pedia a atenção, o foco para fazer uma coisa só, é difícil, porque, justamente, ele está estimulado, acostumado a fazer várias coisas ao mesmo tempo, né. Até mesmo, sei lá, com o dever de casa, de falar: filho se concentra, e tem que fazer. É difícil por conta de todos esses estímulos. O que pode acabar tendo uma carga, ali, de dificuldade adicional para que ele possa fazer. [...] Tenho uma convicção que, hoje, as crianças tem muito mais estímulos do que nós tínhamos quando criança, né. Hoje em dia, as crianças tem celular, tem tablet, tem vídeo game, tem todos os equipamentos eletrônicos, sabe. Tudo isso, acaba estimulando as crianças para que elas possam fazer coisas diversas, possam, de repente, obter informações diversas, né. [...] Hoje, a gente tem a referência de alguns influencers digitais. Você pega, de repente, o Felipe Neto ou o Lucas Neto, que está em todo momento interagindo com as crianças. E, eu acho que muito do que, de repente, as crianças, e eu coloco o C4 dentro, de uma das referências que ele utiliza, eu acredito que alguns desses argumentos surgem a partir daí, né.” (P4)

“Eles têm acesso a muita informação. Não quer dizer que seja uma informação qualificada e não quer dizer que seja um aprendizado, um método de aprendizado. É informação. Quem tem facilidade, consegue lidar com essa informação. Nós, por exemplo, temos aqui os nossos filhos, não sei se por sorte ou azar, facilidade de lidar com a informação, então uma coisa que eles ouvem numa conversa nossa, uma coisa que eles ouvem na TV ou uma coisa que eles ouvem lá do youtuber lá que eles assistem, eles correlacionam rapidinho, entendeu. [...] A mudança da rotina, eles são bombardeados com informação, eles têm sido incentivados, já sabem coletar as informações e manipular, fazer a manipulação deles lá, com essa informação e aí por outras.” (P6)

“Eles têm informação que não é adequada para a idade, por exemplo. Então, acho que isso vai gerar um conflito porque a criança vai amadurecer mais rápido, ficar adulta mais rápido.” (M7)

“Tem a tecnologia, o acesso à informação. O que a gente demorava doze anos, quinze anos para saber, hoje, com três, quatro eles já sabem.” (P7)

A sociedade de consumo e o estímulo à aquisição e compras, também são consideradas pelos pais como elementos que sugestionam o comportamento das crianças na atualidade.

“Às vezes, os pais para compensar a ausência: oh, tó, tó. E aí, isso acaba interferindo.” (M2)

“Acho que o mundo interfere. Que nem hoje, porque é Black Friday: ah, porque a gente precisa comprar! O mundo está com essa questão comercial, o consumismo.” (P2)

“Como os filhos mandam nos pais, meio que os pais, se desdobram para poder comprar as coisas que eles querem. Então, comprar uma roupa diferenciada, um jogo... essas coisas influenciam no dia a dia.” (M3)

“Igual celular, cada dia aparece um celular novo. Videogame, cada dia um videogame novo. Para eles: nossa! Tem que estar atualizado.” (M5)

O sistema educacional adotado pelas instituições de ensino, o papel que a escola possui e os métodos de transmitir os conteúdos acadêmicos, assim como os comportamentos reforçados que proporcionam a aquisição de conhecimento, também são mencionados.

“Hoje em dia, a escola dá muito mais liberdade. A escola, na nossa época, era diferente. Eu acho que, hoje você tem um monte de método. Tem o tradicional, tem o nanana... na nossa época era o tradicional e o muito tradicional, entendeu. Acho que, hoje em dia, eles têm mais espaço e tem mais informação, a gente não tinha informação.” (P1)

“Ele fica dez horas na escola, imagina dez horas numa escola? Mas não é que ele reclama assim, mas tem dias que ele realmente está cansado.” (M3)

“Eu achei muito interessante, porque ele, no primeiro ano, eles faziam uma roda de conversa para saber a opinião das crianças. E eu: meu Deus, o que é isso? Imagina! Eh, como assim? E ajuda a questionar né.” (P4)

7.2.1.5 Categoria conceito de criança

O conceito que os pais atribuem a como é ser criança na atualidade, baseado em suas concepções, percepções e vivências.

“Para mim ser criança é ser espontâneo e ser feliz. [...] Ela tem umas coisas dela que eu falo assim, poxa vida, é dela, é meio a uma velha. E, como a gente conhece algumas pessoas da nossa geração, aí você fala: essa pessoa é diferenciada. [...] Eles têm essa conexão. Eu vejo isso claro, como essa geração é mais sensível. Acredito que eles são, até o menos deles, eu acho que são mais do que os outros. Eles acabam absorvendo mais esses problemas, de olhar na rua e ver um mendigo e se sensibilizar. É uma coisa que é deles, então nunca vejo só a minha filha. [...] Criança tem que ser espontânea, criança não tem que pensar, criança tem que ser feliz.” (M1)

“Gostaria que eles fossem mais moleques né, de brincar. Eu acho que eles precisam sair mais. [...] A geração hoje, a criança só falta nascer andando e falando já. Eu acho que está uma geração, assim, tem muita informação.” (M2)

"Não sabe lidar com... talvez um não. Criança que não tem não, que não sabe lidar com não, com uma rejeição. Isso eu acho que nas crianças, hoje, mudam, tem diferença." (M3)

"Ser criança, hoje, a gente sempre faz comparativo, né. Eu brincava na rua, isso, aquilo e tal, e hoje, a gente percebe que está um pouco diferente. Até a questão que você comentou de ir para a escola sozinho, não dá. Eu ia, na idade dele eu ia para a escola sozinho, hoje, não consigo imaginar." (M4)

"Acho que está muito isso: ah, porque fulano tem eu também quero ter. Então, acho que hoje, esse negócio de tecnologia, está acabando com as crianças, com os adolescentes porque está muito, é ostentação." (M5)

"As crianças, voltando para a era de hoje, fez aniversário dá carrinho, dá boneca, mas a criança tem isso, tem isso, tem isso e eles não vão brincar. Muitas vezes, a gente fala, vai fazer aniversário dá roupa. Dá roupa, dá sapato, dá uma camisa, dá um short, é melhor do que ficar trazendo brinquedo." (P5)

"Para mim é o curtir. Assim, é trazer os pequenos detalhes para você se lembrar. Porque assim, tem coisas, por exemplo vai, eles têm um carrinho de rolimã, então aqui é uma descida, eles descem no carrinho de rolimã." (M6)

"Acho que não é muito fácil não e eles tem muitas obrigações, né. E escola, por mais que seja bom, eu acho que acaba sendo sobrecarregado." (M7)

"A gente brincava de tudo quanto era brincadeira, subia nas arvores, pegava bicho de pé, empinava pipa, jogava pião. As crianças, hoje, não querem saber muito disso. Acho que elas são inteligentes na tecnologia, mas solta uma criança de nove anos hoje para atravessar uma rua? [...] Ela eu morro de medo porque eu queria que ela fosse mais fechada, né. Não, se você falar vamos ali com a tia, ela vai." (M8)

7.2.2. Tema infância

7.2.2.1 Categoria características da infância dos filhos

As propriedades e particularidades que os pais identificam que, na atualidade, fazem parte e caracterizam a infância. São mencionados os aspectos relativos ao contexto sociocultural, econômico e, principalmente, relacional presentes que compõem esse período do desenvolvimento e distingue do modo como era vivido anteriormente.

Os pais mencionam a forma como os filhos são tratados e o tipo de cuidados que recebem.

"A gente é muito mais próxima aos filhos, do que os pais eram antes." (M1)

"Hoje em dia, as crianças têm muito mais atenção, muito mais cuidado. [...] Hoje, acho que como até as crianças ficam mais dentro de casa do que nós, do que eu vejo a C1, do que eu, então, esse tempo junto com os pais aumenta, de estar junto, sentar, conversar, ver um filme junto. [...] Hoje em dia acho que os pais, pelo que eu vejo, dão muita liberdade. E alguns dão até excessivas, porque eu acho que tem questões que não tem que ser discutidas com as crianças." (P1)

“Uma coisa que a gente também tem hoje, é a interferência de avós, né. Dos avós, eu acho que é importante, não sei... Como que é aí fora, as pessoas falam, vó e vó faz tudo, né. O pai educa e avô e avó deseducam.” (M2)

“O C4, na hora de dormir ele gosta que vai lá, cobre, dá beijo, faz oração. E o P4: não, ele precisa se cobrir sozinho que quando eu era pequeno... E eu falei: P4, quando você menos esperar, não vai ter mais.” (M4)

“Gosto de brincar com eles, gosto de dançar, quero estar junto, o C6.2 já não gosta, o C6 eu percebo que se não fosse o C6.2, ele gostaria.” (M6)

“Sempre que a gente pode, eu acompanho ele na piscina, eu desço para o parque.” (M7)

O conhecimento disponível, é considerado pelos pais, mais abrangente, com acesso maior e mais fácil, além da tecnologia ser um recurso para encontrar material e facilitar a aprendizagem.

“Hoje também, as crianças têm muito acesso à informação que nós não tínhamos. [...] Hoje em dia, ela pega o celular e pesquisa o que ela quer, ela quer tirar uma dúvida ela pega o celular.” (P1)

“Hoje eles têm um mundo ali diante deles, e assim, que bom que estão usando a favor.” (M4)

“Hoje, eles podem, de repente, fazer esses questionamentos na internet e a gente, basicamente, nem saber o que eles estão questionando, estão perguntando por aí, né. Então, eu acredito que tem muito mais liberdade neste sentido. De se expressar, inclusive, né.” (P4)

“Eles têm acesso a essa informação e eles conseguem relacionar as informações com muita facilidade, para o bem e para o mal. [...] Aprendem uma coisa, assim, com uma amplitude maior, e isso acaba sendo, no meu ponto de vista, ruim.” (P6)

“Quer saber alguma coisa, pergunta para o Google.” (P7)

Porém esse mesmo volume e facilidade de obtenção da informação é percebido como excessivo, muitas vezes, e inserido antes ou além do necessário, inclusive, pelas instituições de ensino que praticam e concretizam essa prática, sobrecarregando as crianças.

“As crianças vão para a escola e aí na escola [...] as crianças acabam colocando seu potencial de criatividade mais para fora e aí vem tudo. Vem o bom e o ruim de uma criatividade.” (M1)

“Hoje, na primeira série a criança já tem que saber ler e escrever e ela carrega uma apostila, caramba [...] Tira da criança, a infância, assim, do brincar e aprender. O aprender deles também é diferenciado. O aprender hoje deles, acho que é muito. A bagagem que eles têm que carregar e aprender é muito maior do que a gente tinha, né. Que eles têm que trazer, aprender muito mais tempo.” (M3)

O uso de bens materiais pelos pais como forma de compensação pela ausência, a possibilidade de ofertar aos filhos coisas que antes não puderam ter, a valorização social e qualificação pela posse e o incentivo ao consumo e é novamente apontada.

“Antigamente, a gente não tinha isso de... lógico que tinha aquela coisa, a minha bola é melhor que a sua, mas hoje está muito. É muita coisa cara, muita ostentação, acho que muita coisa surreal na verdade.” (M5)

“Hoje, assim, eu percebo que eles têm uma estrutura muito melhor. Que a gente pode dar para eles o que eles quiserem. A gente pode dar, mas ao mesmo tempo a gente também, como ele colocou, a gente também tem que se segurar um pouco porque senão eles também nunca vão ter nenhum tipo de frustração na vida dele. Porque tudo o que eles querem, eles têm.” (M6)

“Hoje está menos, as famílias estão menores, a gente vê assim, o espaçamento entre as idades é grande. Não tem uma disputa, assim, muito grande. Ou então, fica sob os cuidados da avó ou de uma cuidadora, uma babá e tal. E aí, tem uma questão, assim, que eles não têm muita frustração porque vai nisso daí. Quem ficou fora, faz, dá um jeito de compensar aquilo. Vou compensar hoje com uma coisa material, né.” (P6)

As opções de entretenimento e lazer que cerca as crianças são consideradas pelos pais bastante diferenciada pela presença maior de brinquedos eletrônicos e em ambientes fechados.

“Tem uma diferença, que hoje, as crianças são muito, brinca de videogame, de ipad, computador... Eles não... não é como era antes, que não tinha isso.” (M3)

“Hoje as crianças ficam mais dentro de casa.” (M6)

“Acho que com essa relação que eles têm hoje, eles gostam muito de TV hoje, de ficar em casa, talvez até pelo conforto que a gente proporcione. [...] Para eles, ah, se quebrou a bicicleta eu vou assistir a TV, se não tem a TV eu vou para o celular, se não tem isso aí, eu vou procurar uma outra coisa.” (P6)

“Antigamente, a gente tinha mais liberdade. Tanto que dava oito, nove horas a gente estava brincando de esconde-esconde na rua. E hoje, eles não sabem o que é isso. Brincar ali no mundinho fechado, eu acho que isso muda.” (M7)

Como o tempo dos filhos é ocupado e preenchido, a quantidade de atividades e o ritmo de vida que eles têm são considerados pelos pais elevados e acelerados para a idade.

“Hoje, as crianças tem que ficar praticamente o dia inteiro na escola, por causa que os pais trabalham e não dá para deixar eles em casa.” (M3)

“Ele fica comigo, então ele tem que ficar a mesma carga horaria que eu faço de trabalho, independente se ele está ali brincando ou não. Então é muito cansativo, então chega em casa no nosso horário. Antes não, minha mãe saía para trabalhar e eu ficava em casa, eu dormia, eu descansava, tinha a TV. Então, acho que acaba mudando. [...] Eles estão sendo criados na nossa rotina, então as vezes é corrido. Eles estão ali, no ritmo e nas obrigações que a gente já tem.” (M7)

“O ritmo de vida de todos né, porque o ritmo de vida é mais acelerado. Antigamente, as crianças nasciam com os olhos fechados. Hoje, já nasce praticamente andando.” (M8)

7.2.2.2 Categoria características da infância dos pais

Nessa categoria os pais falam sobre sua própria infância, a memória que têm daquela época, a forma de se relacionar com os pais e os fatos que consideram a terem marcado.

Descrevem um relacionamento entre pais e filhos hierárquico, distanciado e em que os pais ocupavam um lugar de autoridade e respeito e não havia diálogo.

“A principal diferença entre as criações que é você criar um vínculo. Então assim, acho que na geração anterior, na minha experiência, a gente não criou vínculo com os pais. Você tinha uma criação de autoridade. [...] A gente vem de uma cultura de medo. Você respeitava pelo medo, não pela admiração, porque eu acho que essa é a principal diferença. [...] Minha mãe é uma mulher forte, ela cuidava da casa, ela estava. Mas eu não tenho uma lembrança da minha falando comigo assim: vamos brincar filha. Não tenho.” (M1)

“A gente não tinha muita... muito diálogo. Não tinha linha de diálogo, era isso e acabou, obedece. [...] Naquela época, a gente sabia que não ia ter a resposta. A resposta era um porque não e acabou. E se você insistisse no: porque não? O porque não, virava uma punição. Então, era melhor não insistir. [...] Quando sentava todo mundo na mesa para a refeição você tinha esse tempo, você tinha uma conversa, mas fora isso, os outros momentos, eu me lembro muito mais, por exemplo, no meu quarto ou brincando com meus amigos. [...] Na nossa idade, a gente tinha muito menos a atenção dos pais do que hoje em dia.” (P1)

“A gente tinha medo, né.” (M6)

“Antigamente os pais, eu não condeno nenhum, mas não tinha esse negócio de conversa.” (P5)

Em sua maioria, as mães permaneciam em casa e eram as principais responsáveis pelos cuidados com os filhos e os homens trabalhavam. Passavam muito mais tempo com os filhos, mas não participavam das atividades deles.

“A mãe ficava em casa. Na grande maioria, a mãe ficava em casa. [...] A mãe, a noite botava para dormir no horário certo, estava cansada fisicamente, mas a mãe não tinha o estresse do trabalho. A família era muito separada. O pai tem aquela carga do trabalho, do estresse, que aquilo é terrível.” (M1)

“A mãe tinha o trabalho de casa. [...] O trabalho da mãe era ser mãe, era outro mundo. [...] Os pais antigamente não traziam trabalho para casa.” (P1)

“Lembro que os meus pais trabalhavam, a gente ficava com a minha irmã mais velha. Então a gente brincava muito, muito mesmo. Era bem tranquilo, sossegado.” (M7)

“Na minha infância o meu pai trabalhava muito, né. [...] Na época, então ele trabalhava muito e eu ficava muito com a minha mãe.” (P7)

Era exigido das crianças um comportamento contido e recatado para permanecer junto aos adultos, não era permitido participar ou interferir nas conversas. O comportamento considerado ideal era aquele em as regras eram introjetadas e respeitadas sem a necessidade de repetição em público, bastando um olhar.

“Eu ficava com medo de ir para a diretoria, depois de a professora mandar um bilhete e depois, o pior de tudo, de chamar a minha mãe. Esse era o pior. Eu sabia que eu ia apanhar. Mas tinha medo, então evitava ir.” (P3)

“A gente quando era pequeno: tem que ficar sentadinho, comportadinho. [...] Antes a gente era forçado a ficar lá sentadinho e tal. E, aí de levantar, né! Já vinha com aquele olhar, né. E aí, ficava lá sentadinho: mas porque que eu não posso? Tá vendo lá, aquela criança quietinha, comportada e tal.” (M4)

“Quando adulto estava conversando, até uma determinada idade, a gente não podia opinar e os nossos pais sempre reforçavam.” (P4)

“Não tinha esse negócio de conversa. Antigamente, era não e não, e não discute. Era isso e acabou.” (P5)

“Antigamente, chegava visita em casa, o pai e a mãe só olhava. Com o olho a gente já sabia que ou sai ou vai apanhar.” (M8)

“A rotina, a criança já vê você fazendo e ela já vai aprendendo. Não é que nem antigamente, nossos pais falavam assim, você vai ficar aqui e pronto, não tinha como.” (P8)

É relatado que as brincadeiras eram muito mais coletivas, ao ar livre, simples e com brinquedos que demandavam e estimulavam a criatividade.

“As crianças, você não tinha celular, então elas tinham que usar a criatividade para brincar de alguma coisa. Tinha que ser criativos.” (M1)

“Na nossa época que eu ia para a rua brincar, brincava. Voltava da escola, fazia lição e brincava a tarde inteira. Até a hora de jantar eu brincava na rua e brincava de coisas, de bola, de pega-pega, de esconde-esconde, de pique. Cada brincadeira que hoje ninguém nem sabe o que é.” (M3)

“A gente brincava no mato lá, se divertia, não tinha telefone, não tinha internet.” (P3)

“Na nossa época, a gente brincava de bola no campo.” (P2)

“Na rua, na minha época, a gente brincava de bola.” (M5)

“Antigamente, a nossa diversão o que era? Era brincar na rua, não é?! Era... brincava na rua, jogava bola, brincava de esconde-esconde, pega-pega.” (P5)

“A gente brincava de tudo quanto era brincadeira, subia nas árvores, pegava bicho de pé, empinava pipa, jogava pião.” (M8)

“Tanto eu quanto minhas irmãs, pipa, bolinha de gude. Na casa da minha mãe tinha um campo na frente, então minha mãe levava a gente para empinar pipa. [...] Antes a gente tinha mais liberdade, até para brincar na rua, para sair, por mais que não tinha tecnologia.” (M7)

Os filhos ingressavam na escola mais tarde e a vida acadêmica era a principal via de acesso ao conhecimento e de obtenção e troca de informações sobre diversos assuntos.

“Estava muito lá longe. Talvez existisse, mas como não tinha a internet, você não tinha acesso global a tanta informação. Jornal nacional era coisa de São Paulo né. Era diferente.” (M1)

“Nossa informação era basicamente o que os pais falavam e a escola.” (P1)

“A questão da informação. A gente não tinha, vamos dizer, muito o que almejar, porque o nosso conhecimento do que podia ter e acontecer, também, era limitado.” (M3)

“Infância na nossa época, infância era brincar, se divertir, passar o dia a dia, aprender, ir para a escola, aprender o bê-á-bá, começar do zero. Aprender tudo, mas no seu tempo.” (P3)

“A gente mal assistia jornal assim. E tinha, ia na biblioteca se quisesse fazer um trabalho, enciclopédia.” (M4)

“A gente começou mesmo quando era prezinho. então você começa a aprender alguma coisa. Na televisão era só o desenho, era um ou outro que passava, na cultura que você via fazendo experiência ou alguma conta. Hoje, não. Que nem os vídeos dela, ela já vai aprendendo as coisas. Antigamente, não tinha algo que falava inglês, como eram as cores. Ia começar mesmo quando você já estava na escola.” (P8)

7.2.2.3 Categoria influências sobre a infância

Os participantes indicam quais são os fatores e mudanças que consideram ter interferido nos parâmetros que compõem a infância ou que ainda estão presentes e acontecendo e provocam alterações na maneira que ela se caracteriza e é vivenciada.

Os perigos decorrentes da vida urbana, a violência e a insegurança dos contatos realizados no meio virtual e informações advindas da internet são considerados pelos pais como aspectos importantes.

“Eu acho que o mais difícil hoje em dia, é lidar com essa parte de segurança que talvez a informação também tenha trazido. Porque nós não tínhamos internet, jornal, acesso para saber que todo dia tem quinhentas pessoas morrendo assassinadas. E eles olham isso já, e é difícil para a gente.” (M1)

“O mundo mudou muito. Também, se for pensar nesse sentido, hoje em dia não dá... hoje, você anda dois, três quarteirões e tem a chance de ser assaltado. Na minha época, no interior, putz, eu fui ter medo de assalto, de violência, muito mais tarde.” (P1)

Assim como a interação com aparelhos tecnológicos, pelas crianças, desde bem pequenas e os benefícios e prejuízos que podem representar.

“Hoje as crianças com três anos estão ganhando um celular e aí você olha, isso é ruim até fisicamente para eles.” (M1)

“Tem a internet, tem o celular, o Ipad, videogame, WhatsApp, tem tudo para se comunicar.” (M3)

“Joga online, fica com o fone no ouvido e aí conversa, briga né. [...] e aí depois quando encontra pessoalmente, normal. Assim... como se fosse uma pessoa ali, no virtual, e quando vê pessoalmente.” (M4)

Outro desses fatores seria a aceleração da vida cotidiana, o acúmulo de atividades e a diminuição do tempo de convívio familiar.

“A gente não pensava em mais nada, só pensava em dar o final de semana para ir brincar, não tinha preocupação com mais nada.” (P3)

“Acho que dessa mudança, mesmo, de rotina que as pessoas, muitas não sabem, de alguma forma, utilizá-las. Então, por exemplo, às vezes, o tempinho que tem para ficar com os filhos é o tempo que usa para ficar no celular, é o tempo que usa para fazer outras coisas, né. [...] Nunca ouvi, na minha infância, dizer que uma criança, um adolescente se suicidou, do tanto que a gente ouve hoje.” (M6)

O incentivo da sociedade ao consumo e a tentativa dos pais de fornecer o máximo de conforto e prover as necessidades materiais dos filhos, também corrobora o perfil das crianças Alpha.

“A interferência da sociedade é mais nisso, porque eles pregam o consumismo, tem que comprar, tem que ter, um tênis da marca e aí não dá. [...] A gente quer sempre o melhor para o filho, sempre está tentando.” (M2)

“Numa outra questão é, eles têm poucos momentos de ter as divergências, as frustrações [...] Eles acabam encontrando pouquíssimas frustrações, né, que sempre o que eles querem, eles conseguem.” (P6)

As práticas educativas incentivadoras difundidas, protetivas e afetivas que respeitam a individualidade das crianças e o preparo social para atender suas particularidades são outros aspectos que contribuem para esse quadro.

“Essa geração, se com qualquer transtorno, defeito, etc., que tenha, mas é muito bom quando você é aceito do jeito que você é. E isso que, hoje em dia, eu vejo que existe. É mais normal isso.” (M1)

“A gente era exposto a mais coisas. Acho que, até talvez, mais coisas em relação a sexualidade, a gente era mais exposto, na televisão do que hoje em dia. O negócio parece que era mais, mais livre. [...] Não só isso, de saúde, de tudo a preocupação hoje em dia é maior, hoje o bebê espirra, leva para o hospital.” (P1)

“Acho muito bacana algo que na faculdade os professores sempre comentavam, tem que formar seres pensantes, e tal, que não sei o que, que para a gente foi diferente. [...] Ele já traz uma história, um exemplo e isso eu vejo como uma evolução. Considero né, de repente trazer essas questões. Porque até mesmo esse tipo de conversa era difícil ter com os nossos pais. [...] Hoje você vai num restaurante tem um espaço para criança.” (M4)

“Hoje é diferente, jamais posso exigir uma coisa deles que sejam igual a mim. Não, eu tenho que dar educação, aprendizado né.” (P5)

“Tem muito essa questão de não, de talvez não experimentar as descobertas. Embora tenha autonomia para outras coisas, para essas, eu acho que falta o momento dessa construção. E mesmo quando você proporciona para eles, falta um pouco.” (P6)

7.2.2.4 Categoria conceito de infância

Esta categoria expõe a compreensão dos pais do que é infância hoje, os aspectos que se destacam e como consideram ser passar por ela com as peculiaridades que possui na atualidade.

“O significado da infância para mim é você conseguir com essa espontaneidade e felicidade você aprender a lidar com os seus sentimentos. Eu acho assim, não de forma adulta, mas é a primeira oportunidade de você se conhecer. Acho que se a gente consegue ser espontâneo e criativo, você consegue levar boas memórias, olhar as coisas com um olhar positivo. Acho que a infância é isso, é você deixar a criança ser ela, espontânea.” (M1)

“Infância é um descobrimento. Basicamente, onde ela vai descobrir o que é bom, o que é ruim, o que é ser feliz, o que é ser triste, o que é certo, o que é errado, ela vai descobrir tudo. É onde ela vai formar a personalidade dela para o que ela vai ser no futuro. Para mim, eu ainda acredito um pouco naquela teoria, nem sei, mas uma coisa que se fala em faculdade que é, a gente nasce uma folha em branco. Temos certas predisposições, mas que ainda estão desativas, mas estamos em branco, e o meio que a gente vive vai tornar a gente em quem a gente realmente vai ser.” (P1)

“Hoje acho que é diferente. Hoje, a infância é pouco tempo para brincar. Se for brincar, é muito mais coisas eletrônicas, não tem mais a brincadeira de criança mesmo. Não existe mais. Poucas crianças que tem. E aí, a gente, escola, estudo. A pressão para a criança, hoje, é muito maior do que a gente tinha.” (M3)

“Você tinha a infância, e depois você já estava, meio que, preparado para ir trabalhar. Mesmo que ainda estivesse no colegial, aí um curso técnico, e já termina, já trabalha, faz faculdade. Hoje, eu percebo que está um pouquinho mais estendida, né. Você tem a infância, tem a pré-adolescência, a adolescência, você tem o jovem, o jovem adulto, e vai...” (M4)

“A infância na minha opinião, se eu for conceituar, é um momento onde ele está criando, definindo uma personalidade, criando suas relações de amizade ali, e tentando entender ali, o mundo. Não que ele já entenda, que acredito que nem nós mesmos entendemos como que funciona esse mundo maluco, hoje em dia, né.” (P4)

“Não, acho que não está igual a nossa. Acho que a infância hoje, está muita competitividade, hoje.” (M5)

“Às vezes a gente quer passar o mesmo para eles, tipo assim, coisa de educação, só que as coisas mudaram, as coisas de vinte, trinta anos para cá mudou demais, então não adianta querer achar que a gente vai educar eles como a gente foi educado que não, porque as coisas, o mundo está diferente, as pessoas estão diferentes.” (P5)

“São essas lembranças que eles levam para a vida deles, né. E esses ensinamentos, assim, que a gente vai passando, os valores, e que a gente quer que eles se tornem boas pessoas, homens bons. Então, eu acho que a infância é o início né, de tudo isso lá no futuro deles.” (M6)

“Infância, eu acho que é precioso. Assim, que é o momento de descobrir, o momento de experimentar, e o momento de vivenciar mesmo, memorizar. Então, é um momento que é descontraído, eu acho muito difícil.” (P6)

“A infância de hoje, ela tem que ser mais reservada, mais regrada. Então, antes a gente tinha mais liberdade, até para brincar na rua, para sair, por mais que não tinha tecnologia. [...] Um pouco difícil se for comparar minha infância com a infância dele, não é uma infância fácil. Se pudesse escolher, eu deixaria minha infância para ele. Porque, hoje, a gente trabalha demais e tem nossas obrigações, então eles são criados em cima das regras e das responsabilidades. [...] A infância de hoje ela tem que ser mais reservada, mais regrada. Hoje em dia, eles não podem, eu mesma não deixo, se é para ir no mercadinho, por receio hoje do mundo em si. Então, eu digo que é muitas situações acontecendo, então para você mandar uma criança sozinha.” (M7)

“E, antes, eu acredito que a infância antes, era bem melhor do que a de hoje, porque antes a gente brincava na rua.” (M8)

7.2.3. Tema educar filhos

7.2.3.1 Categoria características de educar adotadas com filhos

Os pais revelam as práticas educativas que adotam com os filhos, os hábitos, crenças, formas de agir, postura e como se relacionam com eles.

Adotam uma atitude de resguardar os filhos da violência, perigos e riscos da vida urbana evitando que entrem em contato com o que não consideram adequado.

“Ser mais protetor pelo medo que a gente tem. Pela insegurança que a gente sente, faz a gente ser mais protetor.” (P1)

“Acho que os pais tem uma tendência realmente de ser mais protetor. E quando a gente é muito protetor, acho que gera insegurança nas crianças porque elas não tem a possibilidade de vivenciar algumas coisas.” (M1)

“Sou meio protetora e meio possessiva. E não, não é para o mundo não, é meu. Mas é difícil.” (M2)

“A gente mesmo podou, não incentivou ele a descer para brincar, porque via muito menino maior do que ele brincando, e falando muito palavrão e a gente não gostou. Então, na verdade ele foi criado diferente. acho que a gente criou também, não deixou o C3 também mais largado.” (M3)

“A gente não deixa ele, nunca deixou ele sozinho.” (P3)

“Até as amizades, né. Nem vou falar que a gente escolhe, mas que a gente vê realmente quem pode deixar brincar. Porque tem gente que você vê que está brincando com ele e fala um tipo de palavrão que a gente né, evita de falar perto deles. Aí o menino vai e fala, ele acha: ah o menino está falando, eu também vou falar. Então, às vezes, eu procuro tipo, tentar não deixar ele muito perto.” (M5)

“Porque não adianta a gente estar educando aqui dentro de casa, mostrando os valores, o respeito, a dedicação, ajudar o próximo se a pessoa do lado não está nem aí. Então, como você vai misturar uma laranja boa com uma laranja ruim? Não tem como, né, então isso vai de pessoa, de família para família né, a gente faz a nossa parte, tenta educar, ensinar, mostrar como é, agora a gente não pode, tipo, um exemplo, o vizinho lá cria o filho de qualquer jeito, não repreende e não está nem aí e tal, então fica difícil, né.” (P5)

“Então, tem coisas que não é para a idade dele, a gente já toma cuidado com o que a gente assiste. Então, não é tudo que a gente assiste quando ele está em casa porque eu sei que se for uma coisa que vai chamar a atenção dele, ele vai perguntar, ele vai querer saber porque. E tem coisas que não vai poder fugir, vai ter que responder e eu sei que não é apto para a idade dele.” (M7)

Os pais conversavam com os filhos sobre diversos assuntos, mantendo-se disponíveis para falar e ensinar, dão abertura e fornecem oportunidade para que seus filhos se expressem.

“A gente tem muito mais diálogo hoje em dia, muito mais, explicar de a criança chegar em casa e você, e aí como foi o seu dia, e ela realmente tentar abrir e falar, e se sentir à vontade, eu acho que o foco é se sentir à vontade para falar e não sei, é uma linha tênue.” (P1)

“Falo bastante com eles.” (M2)

“Quando a gente era pequeno não podia falar, tinha aquela coisa do olhar, né. E hoje, eu sinto que eu posso olhar para ele, arregalar o olho, o olho cair, que vai continuar ali com a opinião dele, que é bem diferente da nossa criação.” (M4)

“Eu falo, não, eles têm que expor o que eles pensam, expor o que eles querem. Não que eu vá dar. Mas expor o que eles querem, o que eles sentem porque eu acho que sofri muito com esse negócio de você não pode, você não deve. Acho que fui um pouco retraída com isso. E aí, quando eu ganhei eles, eu vi que não era bem por aí.” (M5)

“Tem que conversar, tem que explicar porque.” (P5)

“A gente é de conversar muito também, de explicar.” (M6)

“Eu quero conversar tudo, quero que ela me veja como amiga dela.” (M8)

Os pais relatam como são estabelecidas as regras, se há flexibilização de limites se as questões que são passíveis de negociação.

“O que eu tento impor é, é o que eu estava falando, tem questões que não tem que ser discutidas. Tem questões que é aquilo, ponto e acabou, não é ponto aberto para discussão, é uma regra, uma determinação. Então, também tem que aprender a seguir isso. Tem coisas que você pode discutir. [...] Às vezes, você acaba cedendo. Mas eu tento fazer entender, mesmo que vá ceder, que tem diversas dificuldades até ceder essa regra. Normalmente quando cede, eu tento justificar para ela entender o porquê está sendo cedido, para ela não achar que eu cedi, ah, porque ela quis.” (P1)

“Às vezes, eu não pego muito no pé do C2 porque eu quero que ele seja diferente que a mãe. [...] O pessoal: cadê a mãe dessa criança? e eu lá com cara de paisagem e procurando. Cara de paisagem porque também não pego tanto no pé dele. Porque quero que ele, que não seja assim tão calado.” (M2)

“Eu não peço por favor para eles. Vai lá fazer e pronto e acabou.” (P2)

“Às vezes, a gente tem que fazer alguma ameaça: oh, eu vou tirar o videogame, você não vai fazer tal coisa. Aí isso, às vezes, acaba ajudando para que ele de repente tenha aquele comportamento, tenha aquele determinado item que a gente espera dele, né. Oh, vamos com a gente e tal, depois a gente faz tal coisa, a gente compra um açaí para você. A gente procura sempre estar barganhando ou de repente, mostrando as vantagens para que ele, de repente adquira aquele comportamento que a gente considera aceitável.” (P4)

“Eu jogo a real com ele, mostro a real para ele.” (M5)

É que hoje a gente tenta passar assim, não é que não pode, a gente tem que escutar o porquê deles e eles também tem que entender. É aquele jogo de moeda, um escuta o outro e um entende o outro, e respeita.” (P5)

“Depende do grau de importância, vamos dizer assim, coisas muito importantes a gente senta todo mundo e conversa mesmo.” (P6)

“A gente procura ceder, mas não deixar também. Porque se só ir cedendo, não tem limite, então não vai adiantar e ele também não vai aprender com isso né. [...] Geralmente, quando a gente fala alguma coisa a gente explica primeiro o porquê. Mas também não abro mão, por exemplo, se é alguma coisa que eu sei que vai fazer mal para ele a gente acaba não cedendo. Então, por mais que as vezes chore, não, não vai fazer.” (M7)

“Já pego mais pesado com ela. Eu vejo ela fazer coisa errada eu vou lá: não pode, não pode. E fico em cima dela que não pode e pronto.” (M8)

Diante de comportamentos inadequados, descumprimento de combinados ou em que as normas são transgredidas quais as medidas disciplinares aplicadas.

“Eu não bato, mas eu já encosto o nariz no nariz dela, aí ela já vira. Então assim, eu não bato nela, já gritei bastante, mudo o tom de voz. [...] Eu segurei a força física, mas a força na palavra eu não segurei. Tipo assim, eu sou mais... eu falo algumas coisas duras. [...] Tem que se adaptar, não dá, por isso que assim, salvos os exageros de você não pode bater, você não pode nada, mas não dá, se a gente parar para pensar não dá para criar um ser humano na base do medo, esse é o meu conceito, entendeu.” (M1)

“Hoje de manhã mesmo fui obrigado a dar uns tapas nele, umas pauladinha na bunda dele.” (P2)

“A questão de, as vezes, falar assim: C3 você vai apanhar, vou pôr você de castigo. Ele já sabe, ele fala assim: vocês não vão fazer isso. E ele fala: vocês só falam, vocês não fazem.” (M3)

“Sou meio de falar alto, chamar a atenção, eu evito muito de bater. Não que um tapa na bunda não vá resolver, porque as vezes resolve, né. E tem gente que fala que tem que ficar batendo. Mas, às vezes um tapinha na bunda para levar um sustinho, precisa. Procuo mais conversar, chamar a atenção: oh não vai usar o videogame, não vai usar o celular. Porque na minha época a gente ficava sentada, né. Eu procuro não bater. Se eu bater, também, é um tapa na bunda, nada que vá machucar, espancar. Mas chamar atenção, falar alto, eu faço isso todo dia, todo dia.” (M5)

“Nós somos pais que não é aqueles pais rígidos que vai bater, que vai brigar. Não é. A gente é muito de conversa, a gente conversa muito” (M6)

“Existe uma certa situação de violência nessa questão que não é, pode não ser uma violência física, mas é uma violência verbal, de ameaçar: fala ou você vai ficar uma semana sem celular. Essas coisas do tipo. Mas ele não volta atrás, vamos dizer assim, aí eu falo: tudo bem. E a gente espera. Aí num outro momento que já está, acabou aquelas emoções, já estão mais equilibradas e penso: agora é um bom momento. Vamos lá. Oh filho... Qualquer vantagem que ele quiser eu falo, não.” (P6)

“Ele entende muito, então dificilmente se tem que tomar alguma atitude assim mais drástica. [...] bater a gente não costuma... Só de conversar ele já entende, então é muito raro. [...] Eu não gosto de ficar brigando, dificilmente eu vou bater. Eu não gosto, então acho que na conversa você consegue mais.” (M7)

A transmissão de valores e princípios, a preparação dos filhos para a vida adulta, o estilo de diferenciação e requisição de respeito empregada pelos pais é mútuo e pelo exemplo.

“Eu não consigo usar o medo. Eu não quero que a C1 cresça me respeitando por medo. O P1, qualquer um, eu quero que ela respeite as pessoas porque ela as admira. [...] Às vezes, eu viro para ela: não sou sua amiga, não sou sua amiguinha de escola. Sou sua mamãe amiga, é diferente. Isso aqui você não vai ver, comigo não.” (M1)

“A gente passa muito exemplo, histórias de vida. O P2 também conta histórias de vida dele que aconteceu, para eles terem um espelho, um exemplo.” (M2)

“Tem essa liberdade, essa questão de explosão dele, de fazer o que quer, porque, sabe aquela, quando você está cansada, começou a chorar, ah toma, tó, tó. Está chorando, ah tá, tó, tó, porque você está cansada e aí você erra.” (P2)

“Quando eles contam, a gente tem que repreender, falar não, isso é errado, não pode fazer isso, não é certo, blábláblá.” (M3)

“Tem coisas que você não tem que dar satisfação. Tem outras coisas que você tem que dar e tem outras que você não tem que dar, pronto e acabou.” (P3)

“Eu sempre tento pegar um filme com efeito moral assim, se ele faz um questionamento eu sempre uso a moral: está vendo filho, como não é legal.” (M4)

“Eu procuro assim, mostrar para eles. Igual, passa coisa na televisão e ele pergunta para mim: mãe, o que é isso? Eu explico para ele.” (M5)

“Ser rígido com ele assim, como eu fui na minha época, jamais. Não tem como, as coisas são diferentes, né. [...] A gente tenta passar o melhor para eles, conversando, com educação e tudo, né. [...] Eu tento passar o melhor para eles, né. O respeito com o próximo, com os familiares, com os de fora, de ver a pessoa e dar bom dia, cumprimentar as pessoas, ser educado e tentar ajudar o próximo, né.” (P5)

“Às vezes acaba usando uma situação do momento para instruir no que está certo, no que está errado, no que seria mais certo fazer. Aí, por exemplo, a gente sai, aí acontece uma situação na rua, por exemplo, que a gente não concorda, ele mesmo já pergunta e fala: mãe, mas porque está fazendo isso? Aí, em cima da pergunta dele a gente já argumenta, explica o que é certo e o que é errado. Que nem em casa, tem as regras básicas, não gosto de briga, tem que respeitar um ao outro, todo mundo ajuda. [...] A gente procura mostrar o que é certo e o que é errado. A escolha é dele, mas a consequência também é dele.” (M7)

“É no dia a dia conforme vai acontecendo, conforme vai acontecendo as situações a gente vai explicando, vai falando. Não tem nada assim que já é preestabelecido para sempre, né. Desde sempre, aconteceu uma coisa a gente explica o que é certo, ensina o que é certo.” (P7)

7.2.3.2 Categoria características de educar recebidas pelos pais

Os casais participantes contam como foi o processo de educação que receberam de seus pais, os métodos, as atitudes, os costumes e o tipo de relacionamento que era estabelecido com eles.

O modelo educacional é mencionado como hierárquico em que os pais ocupavam o lugar de figuras de autoridade e de exigência de obediência.

“Fui criada muito naquela coisa de medo e respeito. Medo que vira respeito, sem entender como funcionava. [...] A principal diferença entre as criações que é você criar um vínculo. Então assim, acho que na geração anterior, na minha experiência a gente não criou vínculo com os pais. Você tinha uma criação de autoridade.” (M1)

“Minha época assim a mãe era bem rígida comigo né, era bem rígida. [...] Foi bem rígido assim, quando é não é não, e acabou, não tinha o que questionar. [...] Comigo era não e não tinha nem questionamento. Minha mãe olhava para mim, eu já sabia que não podia nem sequer mexer no que estava...” (P5)

“Eu fui criado de uma forma que meu pai tinha pouquíssimo diálogo comigo. Se ele olhasse para mim eu sabia que já estava devendo alguma coisa.” (P6)

Os pais interagiam pouco com as crianças e mantinham uma relação de distanciamento, sem participar das atividades dos filhos.

“Minha mãe é uma mulher forte, ela cuidava da casa, ela estava, mas eu não tenho uma lembrança da minha falando comigo assim vamos brincar filha, não tenho. [...] Meu pai ele trabalhava muito e então, eu fui ter contato com meu pai mesmo, de falar... era assim, chegava, boa noite filha, beijo, não tinha troca de experiência, de tipo, saber o que eu gosto e o que não gosto.” (M1)

“Não tenho essas memórias com os meus pais, não que eu não tenha memória de passar tempo com eles. Eu tenho, mas não de algo habitual. De vez em quando, no final de semana, de sentar todo mundo e almoçar. [...] Minha mãe, não sei, vim sentar e vou assistir um desenho da sua idade, vixe, esquece! Vê aí, que eu vou na minha televisão ver coisa de adulto.” (P1)

“Nunca vi minha mãe como minha amiga, tinha até medo de chegar perto, sabe. Do meu pai a mesma coisa. Não que eles me espancavam, mas era o jeito.” (M8)

Não havia muito diálogo e permissão para as crianças exporem suas ideias, serem ouvidas e, até mesmo participarem das conversas.

“No meu caso não tinha (espaço para conversar com os pais).” (M1)

“O que eu percebo da diferença entre e o passado e hoje né, até nessa questão, todo mundo sentava à mesa para comer e se o meu pai e minha mãe estivessem conversando, a gente não tinha que se intrometer. Ah, conversa de adulto. Tinha essa questão de conversa de adulto, então a gente tinha que sair.” (M4)

“Fulano não fala enquanto os adultos estão falando, sabe. Então faziam todos, sempre esses reforços para que a gente sempre se mantivesse dentro daquele comportamento que eles consideravam aceitáveis. [...] Na minha família também, sempre reforçavam o comportamento de outras crianças que, de repente, não opinavam sobre os assuntos que os adultos estavam conversando para ajudar com que a gente mantivesse dentro daquele condicionamento de não poder falar ou não poder se expressar.” (P4)

“Minha mãe me ensinava muito assim, você não pode pedir, você não pode falar. E eu fui crescendo com aquilo de não posso falar, não posso pedir, não posso questionar. [...] Na época, do jeito que eu fui criada que a minha mãe falava, até hoje e la fala, não pode falar, tem que ficar quieta, não pode falar o que você pensa, nem sempre pode falar o que você pensa.” (M5)

Muitas vezes, as medidas de controle e correção do comportamento, manutenção da obediência e cobrança do cumprimento de ordens eram punições físicas e castigos.

“Eu apanhei bastante. [...] Ela já ia na base do não é, punição, já era na base do tapa, era o jeito dela.” (M1)

“Minha mãe não foi muito de me bater. [...] era ameaça.” (M5)

“Se você teima, se você desobedece, o chinelo comia. Aconteceu muito comigo. [...] Ela falava que não, se não apanhava na hora, chegava em casa o coro pegava.” (P5)

“Muitas vezes eu me dava mal né, com a teimosia e coisa e tal. A gente fazia as coisas sem falar, desobediente, o pau quebrava. Em casa não tinha conversa e a gente cresceu com coisa rígida mesmo.” (P5)

“Eu aprendi de uma maneira diferente, não fui espancada, nunca apanhei na minha vida, mas meu pai e minha mãe ficavam muito em cima.” (M8)

7.2.3.3 Categoria influências exercidas sobre educar filhos

Nesta categoria são destacados os prováveis motivadores, mencionados pelos pais, das diferenças entre a criação que receberam e a educação que dão aos seus filhos.

O aumento da violência e a insegurança presentes, principalmente, nas grandes cidades provoca uma atitude protetora dos pais.

“Insegurança, que a gente é extremamente, que a gente acaba sendo protetor. Eu acho que independente da idade.” (M1)

“Mas porque que a gente não deixa? Pelo medo.” (P1)

“Acho que eles precisam sair mais, só que a gente sabe, não dá para deixar solto aí na rua. Então assim, tem que estar eu ou tem que estar ele. [...] Eu não confio no mundo.” (M2)

“Hoje em dia, não, é papapa, é droga, tanta coisa, tanta coisa ruim aí. Então, a gente não confia muito no mundo de hoje. [...] A gente morre de medo com o mundo, essa é a dificuldade que nós temos hoje. A gente sabe que vai sair, mas não sabe se vai voltar, então a gente tem essa preocupação muito grande.” (P2)

“Hoje tem criança desaparecida, muita coisa, então você acaba privando mais, né.” (M7)

São apontadas as consequências de ambos, tanto pai quanto a mãe, estarem no mercado profissional, permanecendo mais tempo fora trabalhando, dedicando-se aos seus empregos, ao aprimoramento através de cursos e, ainda, realizando atividades domésticas.

“A gente vem para uma época onde os dois precisam trabalhar. Não é questão de a mulher ter liberdade, de ter liberdade, ela precisa trabalhar. Não, é que precisa trabalhar e que acaba acontecendo, e as crianças ficam fora. [...] Chega no final do dia você está lá conversando, você vai jantar, aquele ser humano, pai e mãe também quer ficar um pouco tranquilo, então deixa a criança ficar no celular. Então é um círculo, um negócio infinito.” (M1)

“Os pais antigamente não traziam trabalho para casa. Hoje em dia você traz. Você sai do trabalho, mas o trabalho vem para casa. Fala que você não responde um e-mail em casa, uma mensagem? Antigamente não. Passou da porta acabou o trabalho, você não tem mais o trabalho, você não tinha o celular para alguém te ligar, para te cobrar alguma coisa, para te mandar uma mensagem. Era só no dia seguinte. [...] Você também não tinha que trazer o trabalho para casa, então a criança também não tinha muito a noção do que era o trabalho do pai. O pai trabalhava, pronto e acabou.” (P1)

“Todo mundo fica cansado.” (P2)

“Desde o ano passado também, eu acabei entrando numa pós-graduação também, o que acabou reduzindo mais o meu tempo. Eventualmente, por conta da minha profissão, eu também, às vezes, vou fazer alguma palestra, ou vou participar de algum evento, ou, às vezes, simplesmente por conta de ficar um pouco mais tarde no trabalho.” (P4)

“Mudou a rotina mesmo, não dá tempo.” (P6)

“Você trabalha demais, chega um sábado e domingo você quer descansar. E então, acho que nesta parte a gente as vezes deixa um pouco a desejar porque no tempo em que a gente está em casa tem outras obrigações. Então sempre que pode a gente tenta dar uma escapada, então para não ficar em cima de obrigações e obrigações no tempo nosso, né.” (M7)

“Hoje, o homem e a mulher trabalham e, às vezes, jornada dupla, tripla, acaba tendo que dar um jeitinho para deixar as crianças na escola um tempo a mais.” (P7)

Os modelos parentais com os quais conviveram servem como referências do que consideram adequado ou não para incluir ou não repetir na educação de seus filhos.

“Minha mãe, ela reproduziu a criação dela, aí a gente... (estamos viajando, né) E a gente vai reproduzindo. Tem uma hora que a gente vai ter que quebrar essa reprodução. [...] Essas crianças de hoje, eu acho que elas forçaram essa geração de alguma coisa que a gente acaba quebrando. As crianças, a informação e tudo mais, não dá para você continuar reproduzindo o mesmo modelo. Não tem como.” (M1)

“Quando você vai começar a educar uma criança, se você vai buscar o seu conhecimento, você vai buscar como você foi educado.” (P1)

“Eu confesso que tenho, às vezes, uma certa dificuldade de, de repente conceituar, propor um novo modelo. Porque conforme eu falei, às vezes, na nossa mente fica assim, poxa, um modelo que talvez meus pais utilizaram, acho que minimamente deu certo, então eu vou utilizar a referência que eu conheço, né. Então, às vezes, a gente procura colocar de uma determinada forma como a gente aprendeu, como a gente foi educado, né.” (P4)

Como idealizam que os filhos sejam, as diferenças que desejam em suas personalidades e vidas comparadas as suas e o que almejam para o seu futuro.

“Eu queria que fosse diferente, né. Falo: não quero que você fique que nem eu.” (M2)

“Para mim, às vezes, é um pouco difícil de, de repente, aceitar porque eu gostaria que ele fizesse aquilo que eu entendo que seja melhor.” (P4)

“Talvez por isso eu queira só ela para conseguir fazer tudo o que eu não fiz. Não é que eu queira dar tudo de mão beijada, ela vai ter que batalhar também, mas eu quero que seja diferente para ela.” (M8)

A vontade de realizar um bom trabalho, acertar na educação, a busca de aprovação social ou o receio do julgamento dos outros, também são mencionados como interventores.

“Os pais se medem pelo sucesso se os filhos estão ou não estão bem, e não é assim. Eles são seres individuais.” (M1)

“Para mim, quando eu descobri que eu ia ser pai virou uma preocupação. Uma preocupação que não existe até... na verdade até quando ela nasceu. Não existe até ela nascer e você fica preocupado, putz, primeiro filho, nunca tive.” (P1)

“Não sei, eu sou bastante crítico com relação a isso, né. A gente, às vezes, nunca tem a certeza do que a gente está fazendo sem a gente observar um resultado ali que a gente considere satisfatório. Então eu, na maioria dos casos, procuro por conta do meu trabalho, acabo passando bastante tempo fora. E, às vezes eu, eu sinto um pouco de falta assim, de passar mais tempo né, não só com ele, com o convívio ali da família, né.” (P4)

“Infelizmente as pessoas se preocupam demais com os outros, querem mostrar demais e acaba perdendo essa essência do que é uma família. Porque família não é perfeita, tem os seus momentos de crise, aí um chora, um bagunça. E então hoje não, querem mostrar tudo perfeito e acabam esquecendo um pouco que atrás, ele é uma criança.” (M7)

7.2.3.4 Categoria conceito de educar

Os pais participantes manifestam como se sentem no exercício da parentalidade e como a qualificam na atual conjuntura.

“Você abre esses precedentes, eles são questionadores, eles querem saber mais, dá mais... eu acho que hoje dá mais trabalho. Eu vou ser bem sincera, eu falo isso para a minha mãe e ela fica meio brava. Eu acho que hoje dá muito mais trabalho educar do que antes. Você educar pelo medo, você bota uma regra e manda o cara seguir, não seguiu leva choque na cerca elétrica, é um macaquinho dentro da cerca elétrica e vai pegar, leva choque, vai lá e leva, e para de pegar, e ele fica comportado. É mais difícil você criar onde você deixa ele pensar e ele chega pelas conclusões dele o que ele precisa fazer. Acho que isso que é, e é mais difícil. Logo, se é mais difícil, a capacidade e potencial de ter mais erros, menos insucessos são maiores... mais insucessos são maiores, hoje em dia, porque dá mais trabalho deixar a criança pensar, questionar.” (M1)

“É diferente, mas eu não acho que seja mais difícil ou mais fácil. Acho que a dificuldade talvez seja a mesma, mas com desafios talvez diferentes, com pontos a serem mais pesados do que antigamente. Acho que antigamente se criava mais, as preocupações são diferentes. Dos pais, por exemplo, é difícil falar as preocupações que o meu. Não sei exatamente quais eram as preocupações que os meus pais tinham. [...] Talvez hoje, pela sociedade, pelo mundo, você tem algumas preocupações a mais do que eles tinham naquela época. Que nem eu falei da questão de segurança, pelo menos eu não lembro nunca, tipo cuidado. Não lembro de ter tido aquele aviso: cuidado que você pode ser assaltado.” (P1)

“Eu acho que está difícil. Eu penso assim, não é difícil educar, assim, no ambiente familiar. [...] educar no ambiente familiar é difícil, agora, mas você consegue levar.” (P2)

“Tudo: vai fazer? A gente pensa só em nós três. Na verdade, não. É tudo em função de nós três. A gente é em função do C3 e o C3 em função de nós dois.” (M3)

“Preso. Tudo é o C3. Por exemplo, agora nós vamos para casa, o meu filho está fazendo a janta lá, beleza, mas se ele não estivesse fazendo a janta e não estivesse lá, ou se estivesse e não tivesse feito a janta, a gente ia falar C3... a gente não ia perguntar para os outros, a gente ia perguntar: C3 o que você quer comer?” (P3)

“É um desafio porque tem momentos em que a gente se questiona, poxa, será que eu estou fazendo da maneira correta? Porque coisas simples, como arrumar o quarto, guardar o tênis, é repetitivo. [...] então assim, é um trabalho árduo, repetitivo, mas quando a gente vê um pequeno resultado já dá aquela satisfação, né: ele entendeu. Mas no outro dia volta, volta alguma coisa. Então, eu considero como um desafio assim ser pai, ser mãe. É um pouco do que o P4 falou, acho que também é um pouco atemporal essa questão dos desafios. Talvez para os nossos pais também, com certeza em algum momento eles também tinham dúvidas, né: será que é assim mesmo? Então, acho que faz parte do pacote, é desafiador. Porque é um pouco do que o P4 falou, eles vão crescendo, então até um tempo não sabia falar. Aí você tem que mudar ali né, para lidar com aquela fase, então eu considero desafiador ser pai. Acho que aquela visão de que mãe sabe de tudo, olhar materno, é muito mito.” (M4)

“A minha questão é sempre meio que sentir assim, em dívida. Digamos assim, poxa, precisava me dedicar mais tempo, e mais tempo de qualidade, assim, com ele. Eu vejo que ele tem, que ele sente falta muitas vezes. [...] e, às vezes, a gente não faz uma interação mais junto, mais próximo. Então, a minha questão em específico é achar que eu estou sempre em dívida e ele está crescendo. Às vezes, acredito que a sensação de todos os pais, imagino que é essa, que os filhos sempre crescem numa velocidade que a gente não acompanha, né. Porque sempre quando a gente acostuma com uma determinada fase, muda tudo. [...] eu não acho que, necessariamente, é mais difícil do que era anteriormente. Conforme a gente falou, hoje, sem dúvida, eles têm mais estímulos, né.” (P4)

“Não vou falar que é difícil, mas é uma coisa que a gente pensa no futuro né, deles. Porque hoje eles são crianças, estão aqui com a gente, a gente consegue ver, enxergar o que eles estão fazendo. A gente pensa no amanhã né, na adolescência. [...] Criar filho é difícil, eu acho que atualmente é difícil.” (M5)

“Quando é pequeno é fácil né, quando está pequeno. Mas depois quando pegar a idade né, de querer já descobrir o mundo, descobrir as coisas, daí já fica mais difícil a gente tentar prender, falar: não, você não vai fazer isso. É difícil. Porque, hoje, o social é difícil, o social, né.” (P5)

“Acho que conforme passar o tempo a gente vai aprendendo, porque acho que é criando que a gente vai aprendendo a educar porque ninguém aprende, ninguém nasce sabendo, a gente vai tentar fazer o melhor, né.” (M8)

“Olha, não sei se antes era fácil, mas eu sei que hoje não é fácil não. Não sei, nossa vida é muito corrida. De todo mundo eu acho, né. [...] e ser pai, hoje em dia, é muito difícil por causa disso né, por causa da nossa rotina mesmo, da correria e acho que colocando no geral. Salva algumas exceções, que no caso dela, que pôde ter esse acompanhamento ainda, mesmo que trabalhando né, mas ainda teve essa regalia, que mesmo trabalhando não é todo mundo que tem essa regalia. [...] Então quer dizer, no geral, acho que é muito difícil ter filho hoje, para você cuidar né, porque você... e, principalmente, também porque na nossa geração, como foi uma geração muito difícil, a gente não tinha o que a gente queria, de mão beijada, e tal. Hoje, a gente quer dar o melhor para o nosso filho e então, a gente acaba se desdobrando mais e tentando dar mais presente e menos amor, menos carinho, né. Talvez menos tempo de atenção, essas coisas. A maioria das vezes acontece isso.” (P7)

7.3 Associação dos resultados quantitativos e qualitativos

Os resultados obtidos pelos métodos quantitativo e qualitativo utilizados, foram complementares e, uma vez correlacionados, possibilitaram obter elucidações mais abrangentes sobre os diferentes aspectos e considerações mais pertinentes relativas aos propósitos da pesquisa.

McCrindle (2014), estimou que conforme o número de nascimentos que ocorrem por ano no mundo, o aumento progressivo provável de cerca de dois bilhões de pessoas em 2030 seja, na maioria, de membros adicionais da geração Alpha. De acordo com a Projeção Populacional¹⁴ realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no ano de 2018, com base nos dados do Censo Demográfico, o número de crianças de zero a nove anos no Brasil em 2019 é de cerca de 33 milhões, sendo de mais de 6 milhões no Estado de São Paulo.

Segundo Furia (2013), conhecer suas características auxilia no desenvolvimento de diversos aspectos do relacionamento com elas, de estratégias para atender adequadamente suas necessidades, métodos educacionais, serviços de saúde, estratégias de segurança e produtos pelas instituições, governos e profissionais, bem como, as famílias.

O perfil sociodemográfico dos participantes levantados no questionário e na entrevista mantiveram-se equiparados conforme os dados apresentados na tabela 7:

¹⁴ <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9109-projecao-da-populacao.html?=&t=resultados>

Tabela 7 – Dados sociodemográficos das pesquisa quantitativa e qualitativa

Dados sociodemográficos	Quanti	Quali
Faixa etária dos pais	67,5% 20 a 39 anos 32,5% 40 a 59 anos	44% 20 a 39 anos 56% 40 a 59 anos
Escolaridade dos pais	83% superior completo	69% superior completo
Socioeconômica	66% classe média	50% classe média
Faixa etária das crianças	36% 8 e 9 anos 24% 2 a 4 anos	70% 8 e 9 anos 30% 2 a 4 anos
Gênero das crianças	49% feminino 51% masculino	30% feminino 70% masculino
Tem irmãos	66%	80%

Fonte: Maysa Fagundes Pereira Rangel (2020)

As características e comportamentos das crianças presentes como opções de resposta a serem selecionadas para as perguntas do questionário também foram apresentadas pelos participantes ao longo de seu relato nas entrevistas e foram ilustradas nos quadros a seguir de acordo com a categoria que representam.

Quanto a vida acadêmica, é confirmado pelos pais o ingresso das crianças na escola ainda no maternal, ratificando a projeção de McCrindle (2014) da tendência dessa geração de começar a estudar mais cedo e de seus anos de estudo se estenderem por um período mais longo do que as gerações anteriores, tornando-se academicamente mais educada. Realizam atividades extracurriculares movidas, em parte, pelos próprios desejos e incentivadas pelos pais que consideram necessário prepara-los para um mundo repleto de inovações, informação e competitivo. Alguns conteúdos são introduzidos precocemente e, por vezes, há uma sobrecarga exigindo das crianças adaptação às pressões sociais e responsabilidades. De acordo com Assemany (2016):

A educação para a obtenção de resultados, desde muito cedo, é uma antecipação da dotação de ferramentas necessárias para que as crianças, futuramente, tenham êxito no mundo competitivo. Hoje, as práticas sociais cotidianas são implicadas em conceitos de eficácia, eficiência, foco e sucesso, e o que vemos é a infância transformada em uma corrida rumo à perfeição. Observa-se que as escolas também seguem este padrão. (ASSEMANY, 2016, p. 238).

A autora reforça que intensificar os estímulos não assegura maior assimilação ou aprendizagem e que é necessário avaliar a capacidade da criança, que é singular, e adequar a quantidade de conteúdo para que seja compatível. O método de ensino, acompanhando a cultura vigente, incentiva o raciocínio e a busca de soluções e tem

obtido como resultado a melhora da performance analítica, mas isso não significa, necessariamente, melhora proporcional da capacidade intelectual (SIMAS, 2013).

Quadro 5 – Correspondências categoria vida acadêmica

Vida acadêmica	
54,4 % Entraram na escola antes dos 2 anos de idade	<i>“Eles estão lá desde pequenininho, eles conheciam a escola inteira, todos os funcionários da escola eles sabiam o nome e tal.”</i> (P6)
30% das crianças passam mais de 6 horas na escola	<i>“Esse é o preço que paga, ele fica muito tempo na escola? Fica, mas em contrapartida [...] ele conversa de tudo.”</i> (P3)
40% além do ensino regular fazem outras atividades ou cursos complementares	<i>“Ele só tem um dia de folga de segunda e sexta. Terça ele tem judô, quinta ele tem judô, quarta futebol, então ele só não tem segunda, terça ele tem judô, quarta ele tem futebol e quinta ele tem judô, e sexta ele está livre também, mais ou menos, mas agora ele quer jogar futebol segunda também, então ele, aí se ele jogar futebol vai ficar segunda, futebol, terça judô, quarta futebol, quinta judô, só vai sobrar a sexta para ele.”</i> (P3)
52%, aprenderam ao longo da permanência na educação infantil conteúdos que abrangem mais do que a preparação para a alfabetização	<i>“Antecipação de conteúdo mesmo. Porque, oh Maysa, ele não deu nenhum trabalho, não precisou nada. Eu pensei, nossa, ele vai dar trabalho quando for para outra escola, eu vou ter que procurar professor. Não deu trabalho nenhum. Ele oh... então, acho que a gente tem que respeitar a idade da criança, a faixa etária. Então assim, às vezes, a gente quer forçar alguma coisa, mas não. Tem que respeitar. É o tempo deles.”</i> (M2)
18% possui uma rotina intensa de atividades, inclusive compromissos de lazer, com horários a cumprir	<i>“Acho muito difícil, por exemplo, eles fazem, eles tem alguns dias com horário especial na escola lá, que um dia termina mais tarde, um dia, e eles fazem também um dia na semana, faz o inglês, eles fazem, a gente colocou na escola de inglês e eles fazem a catequese, então, eu acho já tão difícil ter que ficar impondo esses horários porque eu acho que é uma responsabilidade, uma coisa que gera, para essa idade.”</i> (P6)

Fonte: Maysa Fagundes Pereira Rangel (2020)

A capacidade de avaliação e reflexão é incentivada nas crianças nas instituições de ensino e no ambiente familiar e favorecem o desenvolvimento da tomada de decisões. Essas crianças são orientadas para aquisição de autonomia e independência mediante a prática de ações por si mesmos, fazer e poder efetivar suas escolhas e possuir responsabilidades (REICHERT; WAGNER, 2007). Os pais delegam aos filhos a execução de tarefas domésticas, instruem para que realizem cuidados pessoais sozinhos e consentem que optem em pequenas questões.

Menos presentes no dia-a-dia e com menos tempo de oferta de atenção devido aos diversos projetos pessoais, profissionais e familiares que se sobrepõem e induzidos pela aceleração, competitividade e individualismo da sociedade contemporânea os pais preparam os filhos para deixar de demandar auxílio o quanto

antes e criam altas expectativas de desempenho (BIASOLI-ALVES, 1997; LIMA, 2014).

Quadro 6 - Correspondências categoria autonomia e independência

Autonomia e independência	
70% dormem sozinha na própria cama	<i>“Dormem sozinhos no quartinho deles.”</i> (M5)
67% se alimentam sem o auxílio de adultos	<i>“Faz um pão, ele vai lá, pega na geladeira e faz um sanduiche sozinho.”</i> (M3)
78% selecionam os alimentos e se recusam a comer o que não gosta	<i>“Ele vai comendo reclamando: mas eu não gosto disso! E é algo que a gente briga: não, tem que comer filho, tantas crianças passando fome. Nossos pais falavam isso para a gente: tanta criança passando fome, e tal, tem que comer. Então, porque que você não dá essa comida para eles? Se eles estão passando fome? Porque que não dá essa comida para eles.”</i> (M4)
60% escolhem as próprias roupas e se vestem por conta própria	<i>“Eu quero essa roupa e ele vai [...] então, ele pega o sapato dele, pega a meia, pega a cueca, pega tudo e se veste sozinho, toma banho sozinho, desde os dois anos, né.”</i> (P2)
74% ajuda ou guarda sem auxílio os brinquedos que utiliza	<i>“Eles juntam os brinquedos.”</i> (M5)

Fonte: Maysa Fagundes Pereira Rangel (2020)

A presença da tecnologia, cada vez mais intensa no cotidiano, característica da pós-modernidade, faz parte da vida das crianças que nascem e crescem cercadas por celulares, computadores, *tablets*, câmeras de vídeo, videogames e outros equipamentos (PRENSKY, 2001). Segundo Oliveira (2016, p.23), elas têm “acesso a esses dispositivos com idade cada vez mais precoce” e vão aprendendo naturalmente a lidar com eles, considerando-os integrantes de seu mundo.

Assemany (2016) observa que os pais permitem o uso desses aparelhos pelos filhos desde pequenos, principalmente, como meio de entretenimento, mas também para sanar sua curiosidade, como fonte de informação, aprendizagem e distração para mantê-los ocupados enquanto ganham tempo para realizar alguma atividade.

Em todas as oito famílias participantes das entrevistas as crianças têm acesso à internet e em 07 (sete) delas, elas têm celular e videogame, sendo que, a única família em que a criança não possui videogame e um celular próprio é em função de ter 2 anos da idade, então ela utiliza o aparelho dos pais para acessar desenhos, vídeos e histórias.

Quadro 7 - Correspondências categoria equipamentos eletrônicos

Equipamentos eletrônicos	
52% têm celular	<i>“É dele, na verdade era meu, eu comprei outro e dei para ele.”</i> (M5)
47% têm tablet	<i>“Pelo fato de ele ter sei lá, tablet, celular, videogame, então, às vezes, ele é condicionado a fazer duas ou três coisas ali ao mesmo tempo.”</i> (P4)
27% têm videogame	<i>“Hoje o C3 tem a internet, tem o celular, o Ipad, videogame, WhatsApp.”</i> (M3)
45% não têm um aparelho próprio, mas utilizam o dos pais	<i>“Essa história do celular, se eu der na mão dela pode esquecer. Pode esquecer que é o dia inteiro assistindo no telefone.”</i> (M8)

Fonte: Maysa Fagundes Pereira Rangel (2020)

O estilo parental adotado na família contemporânea mais tolerante, participativo e disposto a ouvir e a realizar trocas com os filhos (OLIVEIRA, 2009) e as relações familiares mais dialógicas com espaços comunicacionais para as crianças mais abertos, associados ao volume de conhecimento com que têm contato propiciam que elas sejam comunicativas.

De acordo com Paiva e Costa (2015, p.7) “as crianças estão surpreendendo no relato verbal” por apresentarem um vocabulário amplo, conhecimento do significado das palavras que utilizam, empregarem corretamente os termos e comporem frases elaboradas.

As crianças têm contato frequente com a informação e absorvem grande quantidade de conteúdo desenvolvendo a habilidade de transmitir suas ideias, compartilhar opiniões, estabelecer um diálogo expressando-se bem oralmente e participando de conversas ao falar com os outros de forma fluida e desinibida (OLIVEIRA, 2016).

Quadro 8 - Correspondências categoria comunicação

Comunicação	
55% gostam de participar da conversa dos adultos	<i>“Quando a gente senta para almoçar, né, ele quer conversar, traz a opinião sobre... às vezes, a maioria das vezes é coisa de criança, né.” (M4)</i>
79% têm bom vocabulário, se expressam bem e conversam sobre vários assuntos	<i>“Conversa sobre leis, sobre meio ambiente, conversa sobre psicologia, ele conversa sobre tudo, fala inglês bem, entende bem, conversa bem.” (P3)</i>
52% desenvolvem diálogos mesmo com pessoas desconhecidas	<i>“Esses dias foi uma moça lá na escola [...] que assim que ela chegou ele já vai puxar assunto, então ele se envolve na situação.” (M7)</i>
45% das crianças falam bastante e com rapidez	<i>“Às vezes, a gente fala: amor, para um pouquinho. Então, se ele está assistindo, ele fala, ele comenta o que ele está vendo, na escola, o que aconteceu ele conta, ele fala, ele conversa. Então, no geral ele conversa muito.” (M7)</i>
65% têm habilidade para argumentar, negociar e convencer as pessoas do que pensa o deseja	<i>“Essa informação, esse poder de manipular, de saber chantagear, vamos dizer assim, saber obter as coisas que hoje estão no interesse deles.” (P6)</i>

Fonte: Maysa Fagundes Pereira Rangel (2020)

No que tange à definição dos contornos das regras e normas, por meio do diálogo os pais constroem, muitas vezes em conjunto com os filhos, os parâmetros e medidas corretivas e transmitem com explicações da fundamentação sua aplicação evitando o excesso de rigidez e mantendo um relacionamento harmonioso. Assim mantêm uma postura de autoridade e obtêm respeito (BRITO *et al.*, 2013).

Os pais fazem um paralelo de seu comportamento em relação ao respeito à autoridade e cumprimento de regras afirmando que sua obediência aos adultos era obtida pela coerção, devido às ameaças e por medo das punições e castigos. E que buscam com seus filhos o cumprimento das regras e o respeito não por medo, mas pelo desenvolvimento da noção de responsabilidade, de dever, de seguir o exemplo recebido e de reconhecimento e consideração pelos pais e pelos outros.

É possível identificar no relacionamento estabelecido pelos pais com seus filhos os fundamentos da construção positiva da convivência com regras e autoridade citados por Rodrigues (2018): a formação de vínculos afetivos entre pais e filhos e ter atitudes parentais que demonstram preocupação e cuidado, a permissão para que os filhos sejam autônomos em algumas áreas, a forma como os pais tomam decisões, empregam as regras, verificam e reagem quanto ao seu cumprimento, a inclusão da participação dos filhos no estabelecimento das normas, a compreensão dos pais de

que há questões subjetivas em que não cabe a aplicação de autoridade e consequências que são justas e proporcionais.

Quadro 9 - Correspondências categoria autoridade e regras

Autoridade e regras	
67% reconhecem a autoridade e respeita adulto	<i>“No dia a dia assim, em casa, para de repente passar alguma coisa assim para ele, eu acho que no geral, eu acho que ele até aprende, até procura nos respeitar.” (P4)</i>
15% rejeitam limites e exigem ter sua vontade atendida	<i>“Ele não tem limite.” (P2) “Ela quer ouvir o sim, eu percebo que ela não gosta de ouvir o não, né. Ela não gosta muito de ouvir o não, igual aquela vez: vai tomar banho com a sua avó. Não, não vou.” (M5)</i>
63% realizam as tarefas solicitada	<i>“Uma criança amorosa. Eu peço ajuda para ele, ele faz.” (M2)</i>
64% questionam e querem entender o motivo e funcionamento de ordens e regra	<i>“Fala não para ela, ela quer saber porque o não: mas porque eu não posso fazer isso? Pai, porque? Mãe, porque? Então, ela fica ali brigando com você. Brigando no bom sentido. Ela fica querendo ganhar você no cansaço.” (P5)</i>
53% tentam argumentar e negociar as medidas disciplinares e castigos	<i>“Ele fala muito, muito e muito: não, mas... não sei o que... Ele, por exemplo, fala: eu quero brincar no celular. E você falar: não vai brincar. Mãe, mas porquê? Só um pouco! E você fala: C7, não. Aí ele sai, daqui a pouco ele volta: mãe, mas o celular... C7, não. É assim então, ele tenta ganhar na insistência.” (M7)</i>

Fonte: Maysa Fagundes Pereira Rangel (2020)

De acordo com Tanaka (2008) a atenção exigida hoje é aquela que possibilita estar ligado ou realizar várias coisas ao mesmo tempo, conforme com o que é demandado na situação, contemplando o máximo de coisas possíveis em curto período:

Não se fixar em nada em particular e em prestar a tudo o que ouve a mesma atenção livremente flutuante; atender de modo simultâneo a várias situações. Anteriormente, atenção era considerada como concentração. Hoje, atenção aproxima-se da descentração, da dispersão criativa, de reconhecer-se autor, de confiar nas possibilidades de criar o que já está mais próximo de brincar do que do trabalho alienado. (TANAKA, 2008, p. 74).

O ambiente altamente estimulante que cerca as crianças, atrai e desvia a sua atenção fazendo que seja necessário alternarem o foco conforme ocorrem mudanças ao seu redor (FANTIN, 2016). O volume, o impacto e o surgimento de novos elementos podem causar variações e desviarem sua direção, porém o prazo de conservação da atenção da criança em algo também está correlacionado ao seu interesse e vontade e reflete no modo como reage ao meio.

Quadro 10 - Correspondências categoria atenção e concentração

Atenção e concentração	
67% ficam atentos(as) a conversas e outras coisas acontecendo a sua volta, mesmo enquanto realizam atividades	<i>“Eu pondero bem o que eu falo quando eu converso aqui com ela, mas assim, eu evito de falar certas coisas perto deles, justamente por causa disso, agora ela é assim, não sei, se isso é dela mesmo, se ela vê as coisas e fala, não sei, não sei mesmo.” (P5)</i>
25% distraem-se com facilidade, dispersam-se ou não mantêm a atenção por muito tempo	<i>“Sobre a questão de ser desatento, porque eu percebi aqui dentro de casa que eu pedia as coisas para ele, e aí depois de um tempão: o que você falou, o que é para eu fazer mesmo?” (M4)</i>
28% entediam-se ou perdem o interesse e trocam de atividades e brincadeiras em um curto espaço de tempo	<i>“Eu falo para ela: filha fica aqui e ela fica? Mas não. Ela desce, se tiver qualquer coisa ela apronta, ela joga sal, lava a mão na privada. Então não fica parada não.” (M8)</i>
68% permanecem concentrados por mais tempo em atividades que gostam	<i>“Quando ele está na dele fazendo as coisas dele, tipo no celular, no videogame, assistindo alguma coisa lá, ele não fala com ninguém. Você pode esquecer que você nem vê direito, ele deita lá e começa a assistir as coisas dele e some, mas quando quer falar também, fala para caraca.” (M3)</i>
23% não se interessam por qualquer assunto, selecionam o que gostam e se dedicam mais	<i>“Fixado só no jogo e durante um período a gente teve que controlar a questão do C4 com o videogame, não sei se era porque era novo, era o dia inteirinho.” (M4)</i>

Fonte: Maysa Fagundes Pereira Rangel (2020)

Uma programação extensa de compromissos e ocupações preenchem quase completamente os espaços livres e predispõe a inquietação, agitação, pressa, ansiedade e a diminuição da tolerância a espera e ociosidade. Crianças muito ativas tendem a espelhar o contexto social e familiar a que pertencem. Geralmente sua família não se dá conta de que fala depressa, faz diversas atividades juntas e com rapidez, até mesmo nos momentos de lazer, nem a escola que cobra agilidade, sobrecarrega de estímulos e de tarefas (SILVA, 2019).

Frequentemente, o jovem (e por vezes mesmo os adultos), sentado diante da televisão escuta música com o fone de ouvido do seu MP3 enquanto surge na tela do seu celular as SMS que lhe foram enviadas. Analogamente, quando se usa videogame, ativam-se outras lógicas cognitivas simultaneamente: táticas para fugir do inimigo, estratégias baseadas em inferências para passar ao nível superior do jogo, técnicas de resolução de problemas para resolver situações complexas que se encontram atravessadas. Trata-se indubitavelmente de um tipo de habilidade (fazer coisas simultaneamente) que pode ser entendido como um aspecto positivo dessas mídias sobre o dispositivo da cognição, mas, indubitavelmente implica também que a atenção não seja mais inteiramente garantida a qualquer coisa, deslocando-se superficialmente de um objeto a outro, segundo uma descontinuidade que é inimiga da reflexão e do aprofundamento. Difícil dar atenção exclusiva a qualquer coisa ou a qualquer um: muitas telas nos envolvem, somos protagonistas de muitos circuitos comunicativos paralelos. (FANTIN; RIVOLTELLA, 20, p. 91).

A tendência de fazer várias atividades simultaneamente, não se restringe às crianças. O tempo todo estímulos diversos estão presentes e vão surgindo e demandando versatilidade e agilidade imprimindo a marca de velocidade e aceleração da sociedade pós-moderna (LIPOVETSKY, 2005).

A prática de mudar constantemente o que se está fazendo e ser multifuncional indicam habilidade de deslocar o envolvimento e o empenho de uma ação para outra, porém sem muito aprofundamento e foco (FANTIN; RIVOLTELLA, 2010).

Quadro 11 - Correspondências categoria dinamismo e vitalidade

Dinamismo e vitalidade	
60% são bastante ativos(as) e não ficam quietos(as) por muito tempo	<i>“Eles comem alguma coisa e ficam assistindo TV, aí ele vai pegar o celular, ele joga uma hora, uma hora e meia, duas horas, ele mesmo se cansa, ele pega e: ah, vou deixar aqui e vou chamar alguém para brincar. Vai pôr o tênis ou vai brincar com o cachorro no quintal, ou vai né, ele ainda faz isso.” (P6)</i>
33% realizam várias atividades ao mesmo tempo sem dificuldade	<i>“Ou você usa o note, ou você assiste TV, ou joga o videogame, uma coisa ou outra. Então, direto a gente pega ele né, com o note ligado, assistindo TV, ah não, ou o note.” (M4)</i>
27% demonstram preferência por brincadeiras ou desenhos e filmes agitados e excitantes	<i>“Brinca de tudo, lá na escola também tem um parque lá, ele brinca muito no parque, ele corre, ele joga bola, ele vai nos brinquedos, ele é muito ativo, ele brinca com tudo, às vezes, brinquedo tipo montamonta, carta, ele brinca com tudo.” (P7)</i>
43% têm dificuldade em esperar ou manifestam impaciência com coisas monótonas	<i>“Tem uma bolacha e está na hora da janta, vou pegar aquela bolacha, a gente fala não, ela, mas porquê? Porque não, você vai jantar. Ah mas porque, eu quero só uma bolachinha, e eu falo que não, você vai jantar, depois da janta você come, e ela fica ali oh.” (P5)</i>
57% ficam ansiosos(as) antes de realizar atividades (ex.: um passeio ou receber um presente)	<i>“Ele vai tocar amanhã e hoje era último ensaio. Vai, com o contrabaixo, acho que agora ele está começando a ficar mais preocupado, e assim, com receio do que vai ser.” (M3)</i>

Fonte: Maysa Fagundes Pereira Rangel (2020)

A relação das crianças com a tecnologia é ativa e interativa por conviverem com ela desde o seu nascimento, fazendo parte de sua realidade. Oliveira (2016) justifica essa aptidão:

Imersos na cultura das novas mídias, as consideram como parte integral de seu cotidiano e as utilizam de maneira diferencial se comparada às gerações anteriores, imersos na conexão com a rede mudam sua forma de pensar o mundo e de estar no mundo. Criam novas habilidades, se comunicam de forma diferente, sentem o mundo e interagem com ele de novas maneiras. (OLIVEIRA, 2016 p. 17)

Por meio da observação do funcionamento, do uso pelos adultos e brincando as crianças vão aprendendo como manusear os aparelhos e transferindo os conceitos

de uns para os outros ampliando sua capacidade (FANTIN; RIVOLTELLA, 2010). Devido à habilidade apresentada, muitas vezes, os pais solicitam o auxílio dos filhos com os dispositivos. Entretanto Fantin (2016) alerta que a velocidade com que descobrem como operar e a facilidade das crianças no manejo, não quer dizer que elas compreendam sua função e implicações. Tampouco significa que todas elas sejam prodígios digitais e que seus pais são analfabetos na linguagem tecnológica.

A internet serve como uma ferramenta para se conectar com o mundo, acessar diferentes comunidades, culturas e conhecimentos na qual as crianças são usuárias e modificadoras, mas não se limitam, porque criam e compartilham conteúdo e opiniões construídas em experiências em outros contextos (VIEGAS, 2015).

Quadro 12 - Correspondências categoria interação com tecnologia

Interação com tecnologia	
80% aprenderam a usar o celular, <i>tablet</i> ou outro equipamento eletrônico praticamente sozinho(a)	<i>“Ele pega o celular e ele já sabe o que tem que fazer, já vai com o dedinho, ele vai colocando tudo já, já sabe pedir as coisas no Google por voz.” (P2)</i>
44% fornecem instruções e auxiliam familiares a usar aparelhos tecnológicos com facilidade	<i>“Nem eu sabia que tinha aqui um microfone, porque quando você entra no Google você vê lá, mas ele não entra no Google, ele entra direto no microfone que tem no celular, aperta e aí ele canta um pedaço da música que ele quer ouvir, ele canta um pedacinho, um exemplo, vídeo, ele canta a dona aranha, aí aparecem vários vídeos lá da dona aranha e ele vai clicando e assistindo, e eu nem sei onde é esse botãozinho do celular, sozinho, ninguém ensinou.” (M2)</i>
28% preferem realizar algumas atividades em meios eletrônicos (ex.: escrever, jogar, pesquisar, conversar ou ler)	<i>“O C3 faz procura no Google em inglês para você ter uma ideia, “procura em português”, ele fala “eu não, vou procurar em inglês que tem muito mais opção”, eu não procuro em inglês, eu procuro em português, as vezes eu procuro alguma coisinha que não dá para você ler, por exemplo, eu não sou muito 100% no inglês, entendo alguma coisa, falo alguma coisa, mas não sou fluente, mas alguns termos você tem que procurar em português, ou procura algum trecho, ele procura tudo em inglês, tudo, faz busca, eu falei “porque você está procurando em inglês”, ele falou “lógico pai, em inglês tem muito mais opção, em português é muito mais limitado.” (P3)</i>
36% consideram a internet uma fonte de diversão, mas também de informação e conhecimento	<i>“Os vídeos dela ela já vai aprendendo as coisas, antigamente não tinha algo que falava inglês, como eram as cores, ia começar mesmo quando você já estava na escola. Agora não, você assiste um vídeo, green, quando se passa o verde, ela já aprendeu.” (M8)</i>
25% apreciam estar conectados(as) e, algumas vezes, buscam companhia pelos eletrônicos	<i>“Ele chega, já almoça e ele quer almoçar com o celular. Não, almoçar com o celular você não vai poder [...] porque se deixar é o dia inteiro no celular, é o dia inteiro, amanhece com ele.” (M5)</i>

Fonte: Maysa Fagundes Pereira Rangel (2020)

Tanto os sistemas de informação e comunicação, quanto a tecnologia e a interação social possibilitam o contato integrado com o conhecimento produzido e disseminado conduzindo a um processo de aprendizagem dinâmico. O conteúdo que pode ser obtido é diversificado e consultado em várias fontes encontradas sem grandes dificuldades ou restrições, expandindo a amplitude de pesquisa e aquisição visão crítica desinibida (OLIVEIRA, 2016).

A mídia está presente nas relações pessoais e na construção e interpretação do mundo, filtra o que é conhecido, os assuntos a serem abordados nos diálogos e, mais que isso, a perspectiva a partir da qual eles são compreendidos (WITT; ROSTIROLA, 2019). Então recai sobre as famílias e instituições a responsabilidade de ensinar as crianças a lidar com a informação, tornando-as capaz de qualificá-la, escolher com critérios e transformá-la em saber e não meramente transmiti-la (FANTIN; RIVOLTELLA, 2010). Morin (2010, p.16) distingue conhecer de informar-se:

O conhecimento só é conhecimento enquanto organização, relacionado com as informações e inserido no contexto destas. As informações constituem parcelas dispersas do saber. Em toda parte, nas ciências como nas mídias, estamos afogados de informação. (*apud* WITT; ROSTIROLA, 2019, p.1015).

As crianças convivem com essa realidade e brincando, participam ativamente na troca com o meio e nas relações, vão interagindo, aprendendo e construindo nesse processo colaborativo (FANTIN; RIVOLTELLA, 2010; SANTOS *et al.*, 2017).

Toledo (2012), avaliando o comportamento das novas gerações, destaca a característica marcante de serem curiosas e famintas por informações de forma rápida e clara. Sua motivação é maior nas atividades lúdicas e com os usos de dispositivos eletrônicos e, quando estão empolgadas, tentam novos conhecimentos e oportunidades, tem outro tipo de envolvimento e disposição para novos desafios. Entretanto, mobilizar as crianças, hoje, para aquisição de um conhecimento específico e aprofundado não é simples, pois elas tendem ao abrangente, superficial e focado em seus interesses. Quando não é estimulada continuamente, perde a motivação demandando auxílio para encontrar algo em que faça sentido investir sua atenção.

Quadro 13 - Correspondências categoria conhecimento e informação

Conhecimento e informação	
32% possuem acesso e recebem grande volume de informação, dados e conteúdos	<i>“Eles têm mais informação do que a gente tinha, hoje eles querem informação, pega o celular, pega o tablet.” (P1)</i>
85% demonstram curiosidade pelas coisas e perguntam bastante	<i>“Ele quer saber muita informação.” (M7) “Se a gente não poda ele quer saber muito, tudo, de tudo ele quer saber.” (M7)</i>
46% possuem ideias próprias, fazem reflexões e problematizam assuntos	<i>“Ele raciocina muito rápido, como ele tem esse jeito dele de se expressar, ele é curioso, ele é autoritário, então todas essas informações a mais que ele tem de pessoas mais velhas, ele já usa né.” (P7)</i>
69% têm raciocínio rápido e aprendem com facilidade	<i>“Ele aprende super rápido, então ele tem memória do que a professora falou na aula, entendeu?” (P6)</i>
61% demonstram inteligência, em alguns aspectos, além do que você esperava na idade dele(a)	<i>“É muito madura e aí as pessoas jogam isso como se eu estivesse a criando, eu e o P1 de forma madura, mas eu a vejo elaborando, até pelo que nós passamos.” (M1)</i>

Fonte: Maysa Fagundes Pereira Rangel (2020)

A multiplicidade de fontes de informação na atualidade, viabiliza obter dados, pesquisar e acessar conteúdo para aprender ou se divertir de forma frequente e descomplicada, seja nos espaços de ensino ou por meio da interação com dispositivos tecnológicos e com outras pessoas. Conhecer pensamentos, culturas, práticas, inovações e costumes de outras comunidades e localidades favorece o desenvolvimento do potencial reflexivo, criativo e produtivo (OLIVEIRA, 2016; SANTOS *et al.*, 2017; WITT; ROSTIROLA, 2019).

Estabelecidas no campo digital, “a convivência e sociabilidade estão mudando de lugar e as interações *online* estão propiciando formas de se relacionar cada vez mais complexas” (FANTIN; RIVOLTELLA, 2010, p. 96). As crianças, distantes e em seu próprio espaço, possuem vários amigos virtuais com os quais se divertem e se envolvem, mas sem contatos físicos e a necessidade de realizar acordos, já que as atividades já vêm pré-programadas pelos jogos eletrônicos, aplicativos e videogame (PAIVA; COSTA, 2015; OLIVEIRA, 2016; SANTOS *et al.*, 2017). Estão acostumadas a brincar sozinhas no computador, *tablet*, celular e com atividades que escolhem, regulam as configurações e que precisam satisfazer apenas seus desejos e, quando os acessam encontram outras crianças tendem a querer determinar a brincadeira, as regras e tomar a iniciativa.

No convívio familiar contemporâneo, as crianças também tem um lugar de liberdade de escolha, expressão, respeito a subjetividade, relações mais simétricas e menos conflituosas (BARRETO; RABELO, 2015). Os pais conversam sobre os limites e orientam os filhos, evitando posturas rígidas e autoritárias, e adotam medidas corretivas somente em último caso (BRITO *et al.*, 2013). Sendo assim, algumas crianças, são insuficientemente expostas a situações de contrariedade e controle e desenvolvem pouco a habilidade de lidar com restrições e frustração.

Quadro 14 - Correspondências categoria maneira de agir e reagir

Maneira de agir e reagir	
62% são criativos(as) e se adaptam às mudanças	<i>“Calmo, assim... ele é... ele não é agitado, ele é um menino que é bom, ele é bondoso, sabe. Não quer fazer aquela coisa bagunceira, sabe. Ele é um menino bom e ele é carinhoso também.”</i> (M6)
58% tomam iniciativa e gostam de comandar as brincadeiras.	<i>“Nas brincadeiras ele costuma coordenar, ele organiza.”</i> (M7)
46% ficam frustrados(as) ou aborrecidos(as) com facilidade	<i>“Chora, faz aquela manha, a gente não liga. Que eu falei, se a gente for dar atenção é pior, então eu finjo que não estou vendo, faço outra coisa, tento distrair ela com outra coisa: olha C5, vamos ver não sei o que? Aí passa, acabou, ela fica sua amiga de novo.”</i> (M5)
23% se descontrolam quando não são atendidos(as), obtêm o que deseja ou são criticados(as)	<i>“Tem um gênio muito forte. Não é não! Ela bate o pé, se joga...”</i> (M8)
49% demonstra ser compreensivos(as) e empáticos(as) com os outros	<i>“Tem esse lado de ser muito preocupada com os outros de ser, de defender os outros, defender o mundo. Ela não consegue ver uma injustiça, que ela se mete no meio, ela vai lá e defende quem está sendo injustiçado.”</i> (P1)

Fonte: Maysa Fagundes Pereira Rangel (2020)

As crianças estão em contato, de forma direta ou não, com várias realidades e delas apreendem modelos, valores, identidades e compreensões de mundo que integram a constituição de sua subjetividade. A internet é um dos meios pelo qual elas conseguem se comunicar e compartilhar com pessoas de qualquer lugar suas experiências, comportamentos, produtos, cultura, entre outros aspectos, ampliando seu círculo social, de conhecimento e de referências (OLIVEIRA, 2016).

O meio digital também é uma porta de entrada utilizada pela mídia para enviar às crianças propagandas e empregar estratégias de convencimento que lhes despertem o interesse por produtos e serviços, ciente de que elas são parte desta sociedade materialista e consumista e influenciam as decisões de compra de sua família e, em alguma dimensão, também compram. As facilidades e conforto

proporcionado pelo consumo *online* concedem a opção de ver o produto, selecionar, pagar, decidir quando e onde receber, tudo sem sair de casa e as crianças também são induzidas participar da aquisição excessiva e desnecessária (OLIVEIRA, 2016; VIEGAS, 2015).

A rede também colabora para expandir a consciência da existência de variedade de etnias, culturas, condições físicas, sociais e econômicas e a experimentação de interações sociais diversificadas, favorecendo a elaboração da aceitação das diferenças e transformação das posturas discriminatórias (SANTOS *et al.*, 2017; WITT; ROSTIROLA, 2019). Portugal e Alberto (2013) afirmam ainda, que o diálogo aberto e positivo dos pais com os filhos coopera para que sejam cada vez mais construídas e presentes competências sociais como empatia, aceitação, solidariedade, busca de equidade e justiça, integridade e respeito ao outro.

Quadro 15 - Correspondências categoria posturas e atitudes

Manifestação de posturas e atitudes	
49% se destacam por realizar bem atividades mais comuns em crianças acima de sua idade	<i>“Quer ver? Filha que cor é essa aqui? Green. E essa cor, que cor que é? Yellow. Ela conta até dez, a gente fica na escadinha um, dois, três. Agora ela tem mania de falar: atenção um, dois, três e já! E corre. Ela, as frutas, ela sabe tudo, só não come, mas sabe todas.”</i> (M8)
40% demonstram preocupação com o corpo, são vaidosos(as) e têm cuidados com a aparência	<i>“Ele está com essa mania de que não quer ser gordo.”</i> (M3)
62% querem dar sua opinião e participar de decisões	<i>“Já quer ter mais opinião, quer que a gente respeite mais os desejos dele, né. A gente não determinar tanto o que ele quer fazer, ele quer determinar mais no tempo dele.”</i> (P4)
33% compõem os hábitos de compras da família e influenciam na escolha de bens, produtos e serviços	<i>“A gente tem condições de dar para eles, então hoje eles têm a rua, hoje eles têm uma piscina, eles têm uma quadra, eles conseguem de alguma forma estar socialmente com outras crianças.”</i> (M6)
50% são mais abertos(as) à diversidade e aceitam com mais facilidade as diferenças	<i>“Ele gosta de interagir, independente se é menino ou menina, se é de cor ou não é de cor, então ele não tem essa desigualdade, né.”</i> (M5)
59% revelam preocupação com os cuidados com o meio ambiente e respeito às leis, como as de trânsito e outras.	<i>“Tem umas tiradas, umas pegadas, assim, em relação a coisas mais espirituais ou de leitura mesmo em relação aos pais ou amigos, que eu me assusto, que as vezes eu falo assim, isso não é algo, eu não estava preocupada com o problema do universo ou do meio ambiente quando eu tinha 9 anos de idade.”</i> (M1)

Fonte: Maysa Fagundes Pereira Rangel (2020)

A análise e discussão dos resultados referidos foram realizadas exemplificando cada uma das categorias do questionário com um número reduzido de trechos selecionados dos relatos dos pais em entrevista, devido ao grande volume em que

eles ocorreram, o que oportuniza diversas outras possibilidades de ilustração. Sendo assim, as categorias não são restritivas, eliminatórias ou rígidas, permitindo que os mesmos trechos, ou outros, contenham elementos de outras temáticas e representem mais de uma categoria e não limita o conteúdo e significado presente nas falas dos participantes.

8. Considerações Finais

A presente pesquisa permitiu verificar algumas características e comportamentos que pais de crianças nascidas a partir de 2010 identificam em seus filhos e consideram diferentes de sua geração, seja na manifestação, intensidade ou frequência. Essa pesquisa permitiu também verificar as distinções que fazem entre suas infâncias e entre o estilo parental que receberam e o que adotam, as influências da atualidade que lhes parece contribuir para as distinções, e ainda, como, em sua percepção, todas essas questões interferem em seu conceito de educar e criar filhos (relacionamento).

O conteúdo que sobressaiu refere-se às relações, tanto entre pais e filhos, quanto com os aspectos da subjetividade das crianças e do contexto pós-moderno em que vivem, tendo sido os traços, os modos de agir e de se comportar reportados sobre as mesmas, inseridos em todo o cenário que envolve as interações e trocas realizadas e emergindo delas.

No que concerne à relação com o meio, as fronteiras políticas e econômicas dissipadas, de tempo e espaço, da tecnologia e da informação, da tradição e dos costumes presentes na sociedade contemporânea, suscitaram o emergir de novos estilos de vida, de tipos de relacionamento e de formas identitárias (GIDDENS, 2002). Os resultados obtidos apontam que as condições socioeconômicas, culturais, ambientais, de acesso ao conhecimento e à tecnologia e a estrutura da organização familiar, embora não se restrinjam apenas a essas, influenciaram de modo inédito a individualidade das crianças.

Uma vez que a expressão dessa conjuntura e as circunstâncias históricas e sociais, a concepção de infância, as práticas educativas e o padrão familiar que constituem o universo infantil são interdependentes, dissociá-los seria, portanto,

restringir sua apreensão e compreendê-lo requereria a apreciação dos contornos que lhe são impressos.

A dicotomia tecnológica é notável em alguns extremos, em um polo inclui *softwares*, internet das coisas, robótica e nanotecnologia, por exemplo, e no outro cerca de metade da população mundial, 25% no Brasil¹⁵, não tem acesso à internet devido ao custo, não saber usar ou falta de infraestrutura. Há modelos de famílias variados, monoparentais, reconstituídas, homoparentais, anaparentais e outros, e rearranjos sendo negociados no exercício dos papéis subjetivos pelos membros da família, embora a função materna, paterna e o lugar filial conservem-se equivalentes. A incidência de violência e criminalidade presentes no cotidiano são perturbadoras e as ocorrências noticiadas de localidades e vítimas distantes trazem à tona o potencial e a proximidade do perigo. Os riscos iminentes geram insegurança e evocam posturas e condutas peculiares frente às situações da vida. O consumo preponderante camuflado de liberdade de escolha, de conquista de satisfação, de abundância de opções e de meio de diferenciação, faz parte de um ideal social que reivindica a aquisição, a inovação constante e valoriza a imagem. Impõe velocidade na substituição, manipula a opinião, massifica, oprime os excluídos, sobrecarrega de referências, influi na apreciação e na concessão de pertencimento e provoca outros efeitos que se propagam na cultura, nos costumes e valores.

Quanto à perspectiva dos relacionamentos pessoais, os princípios familiares se entrelaçaram e as ideologias da época atual e suas relações se ajustaram, acompanhando todas as demais evoluções, em uma ligação mais afetuosa, participativa, equitativa e dialógica. Instaurou-se uma criação compreensiva e norteadora, para além de disciplinadora, em que há concessão de autonomia, de liberdade de expressão e de individuação da criança. É perceptível nos vínculos entre pais e filhos um tratamento acolhedor, afável, zeloso e dedicado. Ao invés de ocupar uma posição de submissão e inferioridade na hierarquia familiar, os filhos têm um espaço de respeito e consideração e a proximidade, o companheirismo e o contato físico são valorizados, devido à ausência por períodos prolongados.

Conforme a teoria das gerações, as crianças Alpha pertencem à mesma faixa etária, coabitam o momento histórico, com sistemas político, social e econômico

¹⁵Fonte: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-07/mais-de-um-terco-dos-domicilios-brasileiros-nao-tem-acesso-internet>.

vigentes com escalas globais, vivenciam circunstâncias similares que motivam emoções e reflexos análogos em sua expressividade, portanto, representam uma geração. Observá-las sob essa ótica proporcionou vislumbrar algumas das interações das crianças com aspectos comuns do universo em que estão imersas e conjunturas compartilhadas, que lhes confere similaridades e a indicação de pertencimento a um grupo específico. Contudo, carece ainda de que se contemple melhor, por uma outra perspectiva, as relações intrínsecas que são extremamente importantes por se referirem à subjetividade que compõe sua singularidade.

Cada uma dessas crianças é submetida a uma variedade de condições socioeconômicas, níveis de violência discrepantes, diversidade cultural, pluralidade de modelos de família, níveis de desenvolvimento biopsicofisiológicos e muitas outras questões que possibilitam uma multiplicidade de formas de viver e, segundo as premissas norteadoras, ao mesmo tempo, histórias de vida e subjetividades únicas. Sendo assim, o que se percebe é que existem diversos jeitos de ser criança atribuídos pela singularidade, distanciados da ideia de encerrar em um padrão, que exigem a aplicação fundamentada, pertinente, discriminada e criteriosa do conhecimento sobre as gerações.

As correspondências entre as descrições dos filhos realizadas pelos pais e o perfil atribuído aos integrantes da geração Alpha nos estudos e os traços recorrentes compilados não estabelecem uma idiosincrasia. Esboçam uma representação inicial, flexível e permeável, que serve como fonte de reconhecimento, esclarecimento e orientação. A referência delineada não circunscreve uma tipificação, impõe atributos estritos e enquadramento de todos em um único estereótipo. Pois, suas singularidades são coconstruídas na relação e moldadas pelos espaços sociais, permeadas o tempo todo pelas questões internas. São sim, suscetíveis às contingências, dirigida pelos preceitos e impactadas por seus efeitos, entretanto, seu desenvolvimento não é determinado por apenas um agente, causador ou responsável. É sistêmico. Sua formação é complexa e derivada da combinação de diversas condições, origens, circunstâncias, interações e fatores.

Enfocar as características, habilidades e condutas que os pais têm observado nos filhos elucidou como elas se apresentam nas interações, as repercussões nos relacionamentos, as mudanças causadas no dia-a-dia e os contrastes que marcam as diferenças com as gerações anteriores, ampliando a compreensão sobre essas

crianças. E esse conhecimento é um recurso que aplicado às relações, sejam elas entre pais e filhos, educadores e alunos, psicólogos e clientes, pares ou outras, contemplando seu teor e especificidades, as condições em que se dão, se na família, escola, consultório e tantas mais, e ainda, as implicações que têm tido sobre elas, contribui para desenvolvê-las.

Voltar o olhar para as crianças e fitá-las nos permitiu enxergar melhor seus contornos e ter uma visão mais clara, porém ainda muito distante de autêntica.

Os tempos mudaram. Não adianta tentar transformar nossa infância na infância de vocês, porque não é mais assim. Tudo mudou. Vocês precisam se acostumar com isso. Se tem algo errado acontecendo, talvez seja porque vocês não estão vendo o que a gente realmente faz e nem se aproximando o suficiente. Nós fazemos coisas mais úteis e interessantes que vocês imaginam e queremos que vocês vejam, queremos que vocês participem da nossa vida. Prestem mais atenção na gente. As portas estão abertas pra isso. (Google¹⁶, 12 anos, *apud* BECKER, 2017, p. 218).

Os resultados obtidos neste trabalho puderam contribuir para o conhecimento do comportamento infantil contemporâneo e as características da geração Alpha, na percepção dos pais, porém ele não esgota as possibilidades de discussão sobre esse tema. Investigações futuras iriam complementar os dados e ainda suprir limitações como a amostra. Os participantes da pesquisa fazem parte de um recorte específico da população que possui conexão, condições socioeconômicas, instrução acadêmica e conhecimento para usufruir da tecnologia. Portanto, abranger maior variedade e dimensão populacional contemplando diversidade sociodemográfica e ainda, envolver outros familiares, cuidadores, pares, as próprias crianças e contexto escolar e clínico, também aprofundariam o conhecimento científico do assunto.

¹⁶ Trata-se do participante de um estudo.

9. Referências

ALMEIDA, N.R.; CARMO, A.N.; MEDEIROS, V.S. *A construção social da criança a partir da idade média*. Entreletras, Araguaia, vol. 06, n. 2, p. 28-37, jul/dez 2015.

Disponível em:

<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/entreletras/article/view/2727/8934>.

Acesso em: 17 nov. 2017.

ANDOLFI, M. *Como restituir a voz e a competência à criança por meio de terapia familiar*. Nova Perspectiva Sistêmica, Rio de Janeiro, n.40, p. 39-54, ago. 2011.

Disponível em: <http://www.revistanps.com.br/index.php/nps/article/view/83>. Acesso em: 26 mai. 2018

ARAUJO, C. V. F. de O. *Pai, mãe e filho: reflexões sobre a família e educação na modernidade*. Estilos da Clínica, v. 7, n. 12, p. 100-111, 2002. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282002000100009. Acesso em: 18 mai. 2018.

ARIÈS, P. *História Social da Criança e da Família*. Tradução Dora Flaksman. 2ª ed. Rio de Janeiro: LTC- Livros Técnicos e Científicos, 1981.

ASSEMANY, N. M. *Superestimulação na infância: uma questão contemporânea*. Caderno de Psicanálise (CPRJ), Rio de Janeiro, v. 38, n. 34, p. 231-243, jan./jun. 2016. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952016000100012. Acesso em: 07 ago. 2018

BAUMAN, Z. *44 Cartas do mundo líquido moderno*. Tradução Vera Pereira. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

BARRETO, M. J.; RABELO, A. A. *A família e o papel desafiador dos pais de adolescentes na contemporaneidade*. Pensando Famílias, Porto alegre, vol. 19, n. 2, p. 34-42. ISSN 1679-494X. dez, 2015. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2015000200004. Acesso em: 26 mai. 2018.

BECKER, B. *Infância, tecnologia e ludicidade: a visão das crianças sobre as apropriações criativas das tecnologias digitais e o estabelecimento de uma cultura lúdica contemporânea*. 2017. Tese (Doutorado em Psicologia), Universidade Federal da Bahia, Salvador. Disponível em:

https://pospsi.ufba.br/sites/pospsi.ufba.br/files/bianca_becker_tese.pdf. Acesso em: 20 jul. 2019.

BIASOLI-ALVES, Z. M. M. *Famílias brasileiras do século XX: os valores e as práticas de educação da criança*. Temas em Psicologia, Ribeirão Preto, vol. 5, n. 3, p. 33-49. ISSN 1413-389X. dez. 1997. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1997000300005. Acesso em: 26 nov. 2016.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais cujos procedimentos metodológicos envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes ou de informações identificáveis ou que possam acarretar riscos maiores do que os existentes na vida cotidiana. Diário Oficial da União, Brasília, DF, nº 98, mai. 2016, Seção 1, p. 44-46. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2016/res0510_07_04_2016.html. Acesso em: 19 mai. 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Portaria nº 324, de 31 de março de 2016. Dispõe sobre a aprovação do protocolo clínico e diretrizes terapêuticas do comportamento agressivo como transtorno do espectro do autismo. Diário Oficial da União, Brasília, DF, nº 62, abr. 2016, Seção 1, p. 105. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/sas/2016/prt0324_31_03_2016.html. Acesso: 01 fev. 2019.

BRASIL. *Estatuto da criança e do adolescente*. 3 ed. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2008, p. 96. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/estatuto_crianca_adolescente_3ed.pdf. Acesso em: 17 nov. 2017.

BRITO, L. N. de O.; MIRANDA, F. J.; HANNUM, J. S. S. *O contexto da família na atualidade e o processo de criação de filhos*. Fragmentos de Cultura, Goiânia, vol. 23, n. 4, p. 403-414, dez. 2013. Disponível em: <http://revistas.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/viewFile/2966/1813>. Acesso em: 26 nov. 2017.

BUENO, A. C. W.; SANTOS, B. C.; MOURA, C. B. *Obediência infantil: conceituação, medidas comportamentais e resultados de pesquisas*. Psicologia: Teoria e Pesquisa, Londrina, v. 26, n. 2, p. 203-216, abr./jun. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v26n2/a02v26n2.pdf>. Acesso em: 18 mai. 2019

CACCIACARRO M. F.; MACEDO, R. M. S. *A família contemporânea e seus valores: um olhar para a compreensão parental*. Psicologia em Revista, Belo Horizonte, v. 24, n. 2, p. 381-401, ago. 2018. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/9069>. Acesso em: 14 jan. 2019.

CAMICIA, E. G.; SILVA, S. B.; SCHMIDT, B. *Abordagem da transgeracionalidade na terapia sistêmica individual: um estudo de caso clínico*. Pensando Famílias, Porto Alegre, v. 20, n. 1, p. 68-82, jul. 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2016000100006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 07 ago. 2018.

CARLOS, E. C. M.; NOGUEIRA, F. A. C. *Empregabilidade após os 40 anos*. 2015. Monografia (Tecnologia em Recursos Humanos), Faculdade de Pindamonhangaba, São Paulo. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.funvicpinda.org.br:8080/jspui/handle/123456789/286>. Acesso em: 03 mai. 2018.

CASTELLO, A. L. G. *A desconstrução e reconstrução dos modelos parentais intergeracionais através do sociodrama construtivista*. 250 fls. Dissertação (mestrado em psicologia clínica) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

CERVENY, C. M. O. Família e intergeracionalidade. *In*: CERVENY, C. M. O. (org.). *Família e... intergeracionalidade, equilíbrio econômico, longevidade, repercussões, intervenções psicossociais, o tempo, filhos cangurus, luto, cultura, terapia familiar, desenvolvimento humano e social, afetividade, negociação*. 1ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012, p. 13-45.

CIMINI, J. *Geração Alpha*. 68 fls. Monografia, Departamento de Psicologia, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2013.

CRESWELL, J. W. *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Tradução Luciana de Oliveira da Rocha. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (BRASIL). Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Disponível em: <https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=112015>. Acesso em: 20 jul. 2020.

CORRÊA JÚNIOR, C. C. M.; LIMA, F. A.; CONCEIÇÃO, I. A.; SOUZA, W. A.; KONRAD, M. R. *O gerenciamento das relações entre as múltiplas gerações no mercado de trabalho*. Educação, Gestão e Sociedade, São Paulo, n. 21, ano 6, fev. 2016. Disponível em: http://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20170509162633.pdf. Acesso em: 03 mai. 2018.

CUNHA, L. P. P. *Como gerir a geração Y*. 2013. Monografia (Especialização Gestão de Projetos), Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo. Disponível em: <http://dspace.mackenzie.br/bitstream/10899/298/1/Lilian%20Paiva%20Pereira%20da%20Cunha1.pdf>. Acesso em: 03 mai. 2018.

DAHER, M. A. C. *Now can we stop talking about my body?* discurso publicitário e o processo de (re)construção identitária da boneca Barbie. 2017. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de pós-graduação em letras, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo. Disponível em: <http://tede.mackenzie.com.br/jspui/bitstream/tede/3435/2/Mariana%20de%20Alcantara%20Calil%20%20Daher1.pdf>. Acesso em: 03 mai. 2018.

DANCEY, C. P.; REIDY, J. *Estatística sem matemática para psicologia*. 7ª ed. Porto Alegre: Penso, 2019.

DORICCI, G. C.; CROVADOR, L. F.; MARTINS, P. P. S. *O especialista relacional na terapia familiar de fundamentação epistemológica construcionista social*. Nova Perspectiva Sistêmica, Rio de Janeiro, n. 59, p. 37-51, dez. 2017. Disponível em: <http://www.revistanps.com.br/index.php/nps/article/view/315/293>. Acesso em: 18 mai. 2018.

FACCO, A. L. R.; OBREGON, S. L.; RODRIGUES, G. O.; MARCONATTO, D. A. B.; LOPES, L. F. D. *Geração Z: compreendendo as aspirações de carreira de estudantes de escolas públicas e privadas*. Revista de Administração, v. 15, n. 26, p. 84-108, dez. 2016. Disponível em:

<http://www.revistas.fw.uri.br/index.php/revistadeadm/article/view/2443>. Acesso em: 03 mai. 2018.

FANTIN, M. *Nativos e imigrantes digitais em questão: crianças e competências midiáticas na escola*. Revista Passagens, Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, v. 7, n. 1, p. 5-26, 2016. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/passagens/article/view/3652>. Acesso em: 07 ago. 2018.

FANTIN, M.; RIVOLTELLA, P. C. *Crianças na era digital: desafios da comunicação e da educação*. Revista de Estudos Universitários - REU, Sorocaba, SP, v. 36, n. 1, p. 89-104, jun. 2010. Disponível em:

<http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php/%20reu/article/view/464>. Acesso em: 07 ago. 2018.

FARIAS, V. M. S.; SILVA, A. M. *O uso de tecnologias na educação infantil bilíngue*. In: VI Simpósio hipertexto e tecnologias na educação, II Colóquio internacional de educação com tecnologias, 2015. Recife. Anais... Pernambuco: UNICAP, 2015. Disponível em: <http://www.nehte.com.br/simposio/anais/Anais-Hipertexto-2015/O%20uso%20das%20tecnologias%20na%20educa%C3%A7%C3%A3o%20infantil.pdf>. Acesso em: 03 mai. 2018.

FEIXA, C.; LECCARDI, C. *O conceito de geração nas teorias sobre juventude*. Sociedade e Estado, Brasília, vol. 25, n.2, p. 185-204. ISSN 0102-6992. mai/ago. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/se/v25n2/03.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2018.

FURIA, F. *A geração alpha e a internet das coisas: as crianças de hoje e os objetos do futuro*. Playground da Inovação, 11 dez. 2013. Seção geração digital. Disponível em: <http://www.playground-inovacao.com.br/a-geracao-alpha-e-a-internet-das-coisas-as-criancas-de-hoje-e-os-objetos-do-futuro/>. Acesso em: 17 abr. 2018.

FURIA, F. *Plurals e Alphas: as primeiras gerações do século 21*. Playground da Inovação, 17 set. 2013. Seção geração digital. Disponível em: <http://www.playground-inovacao.com.br/plurals-e-alphas-as-primeiras-geracoes-do-seculo-21/>. Acesso em: 17 ago. 2017.

FURIA, F. *Geração alpha e o futuro da educação*. [Entrevista concedida a] Revista Tutores, Lamônica Comunicação Integrada, São Paulo, ano 2, n. 7, p. 12-16, fev. 2015. Disponível em: <http://revistatutores.editoralmonica.com.br/pub/lamonica/index13/?numero=7>. Acesso em: 17 abr. 2018.

GERGEN, K. J. In the beginning Is the relationship. In: GERGEN, K. J. *Relational being: beyond self and community*. New York: Oxford University Press, 2009. cp 2, p. 29-59. Disponível

em:https://www.swarthmore.edu/sites/default/files/assets/documents/kenneth-gergen/Gergen_02.pdf. Acesso em: 26 mai. 2018.

GERGEN, K. J. *When relationships generate realities: therapeutic communication reconsidered*. In: Narrative Psychology: internet and resource guide, Syracuse, New York, 1999. Disponível em: https://www.swarthmore.edu/sites/default/files/assets/documents/kenneth-gergen/When_Relationships_Generate_Realities.pdf. Acesso em: 26 mai. 2018.

GERGEN, K. J.; Warhuss, L. Terapia como construção social: características, reflexões e evoluções. In: GONÇALVES, M. M. e GONÇALVES, O. F. (Org.). *Psicoterapia, discurso e narrativa: a construção conversacional da mudança*. Coimbra, Portugal: Quarteto Editora, 2001. p. 27-64.

GIDDENS, A. *As consequências da modernidade*. Tradução Raul Fiker. São Paulo: Unesp, 1991.

GIDDENS, A. *Mundo em descontrole*. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Record, 2000.

GIDDENS, A. *Modernidade e identidade*. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOETZ, E. R.; VIEIRA, M. L. *Diferenças nas percepções de crianças sobre cuidado parental real e ideal quando pais vivem juntos ou separados psicologia*. Psicologia Reflexão e Crítica, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 83-90, 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722008000100011&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 06 jul. 2018.

GOMES, R. A análise de dados em pesquisa qualitativa. In: DESLANDES, S. F.; NETO, O. C.; GOMES, R.; MINAYO, M. C. S. (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 21ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

GRANDESSO, M. *Sobre a reconstrução do significado: uma análise epistemológica e hermenêutica da prática clínica*. 3ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

GRANERO, A. E.; COUTO, T. C. *Consumo no ciberespaço: a explosão de aplicativos de dispositivos móveis que ajudam a controlar a vida na palma da mão*. Revista Geminis, v.1, n.2, p. 89-105, ano 4, 2013. Disponível em: <http://www.revistageminis.ufscar.br/index.php/geminis/article/view/147>. Acesso em: 03 mai. 2018.

HADDAD, M. R. *Os gêneros digitais e sua relevância na sala de aula de língua portuguesa*. 2018. Monografia (Licenciatura em Letras), Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia Fluminense, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://bd.centro.iff.edu.br/jspui/handle/123456789/2009>. Acesso em: 03 mai. 2018.

HILLESHEIM, B.; GUARESCHI, N. M. F. *De que infância nos fala a psicologia do desenvolvimento?* Algumas reflexões. *Psicologia da Educação*, São Paulo, n. 25, p. 75-92, dez. 2007. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752007000200005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 07 ago. 2018.

INDALÉCIO, A. B.; RIBEIRO, M. G. M. *Gerações Z e Alfa: os novos desafios para a educação contemporânea*. *Revista UNIFEV: Ciência e Tecnologia*, v. 2, p. 137-148, 2017. Disponível em:

<http://periodicos.unifev.edu.br/index.php/RevistaUnifev/article/view/234/3>. Acesso em: 14 jul. 2018.

LACERDA, R. S.; ANDRADE, V. G. *O uso das redes sociais como ferramenta de inclusão na educação*. In: II Congresso internacional de educação inclusiva, II jornada Chilena Brasileira de educação inclusiva, Universidade Federal da Paraíba. Anais... Paraíba, 2016. Disponível em:

http://editorarealize.com.br/revistas/cintedi/trabalhos/TRABALHO_EV060_MD1_SA2_ID3267_03102016182914.pdf. Acesso em: 03 mai. 2018.

LIMA, M. J. *Viver em família na contemporaneidade*. Nova Perspectiva Sistêmica, Rio de Janeiro, n. 49, p. 88-99, ago. 2014. Disponível em:

<https://www.revistanps.com.br/nps/article/view/68>. Acesso em: 04 out 2018.

LINS, S.L.B.; SILVA, F.M.O.C.; LINS, Z.M.B; CARNEIRO, T.F. *A compreensão da infância como construção sócio histórica*. *Revista CES Psicologia*, Medellín, v. 07, n.2, p.126-137, jul/dez 2014. Disponível em:

http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S2011-30802014000200010&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 17 nov. 2017.

LIPOVETSKY, G. *A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo*. Tradução Therezinha Monteiro Deutsch. Barueri: Manole, 2005.

LIPOVETSKY, G. *Da Leveza: rumo a civilização sem peso*. Tradução Idalina Lopes. Barueri, SP: Manole, 2016.

LOMBARDIA, P. G.; STEIN, G.; PIN, J. R. *Quem é a geração Y*. HSM Management, HSM, vol. 70, p. 1-7, set/out. 2008. Disponível em: <http://ftp-acd.puc-campinas.edu.br/pub/paaa/TEXTOS/PAAA3/Geracao%20Y.pdf>. Acesso em: 03 mai. 2018.

LOUZADA, A. A.; NASCIMENTO, T. B. *Estudo sobre as possíveis causas da rotatividade nos centros de serviços compartilhados brasileiros*. 2015. Monografia (Engenharia de Produção) - Escola Politécnica, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Disponível em:

<http://monografias.poli.ufrj.br/monografias/monopoli10014823.pdf>. Acesso em: 03 mai. 2018.

MACEDO, R. M. S. *A família do ponto de vista psicológico: lugar seguro para crescer?* *Caderno de Pesquisa*, São Paulo, n. 91, p. 62-68, nov. 1994. Disponível em:

<http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/877/883>. Acesso em: 29 set. 2016.

MACEDO, R. M. S.; KUBLIKOWSKI, I.; GRANDESSO, M. *A interpretação em pesquisa qualitativa: a construção do significado*. In: Anais, 1 Conferência Internacional do Brasil de Pesquisa Qualitativa, Taubaté, p. 83, 2004. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/322698041_a_interpretacao_em_pesquisa_qualitativa_a_construcao_do_significado. Acesso em: 14 jan. 2019.

MANNHEIM, K. O problema sociológico das gerações. In: FORACCHI, M. M. (org.). *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1982, p. 67-95.

MARCON, G. T. G.; SARDAGNA, H. V.; SCHUSSLER, D. *O questionário SNAP-IV como auxiliar psicopedagógico no diagnóstico preliminar do Transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH)*. *Construção Psicopedagógica*, São Paulo, v. 24, n. 25, p. 99-118, 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542016000100008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 27 fev. 2019.

MCCRINDLE, M. *Beyond Z: meet generation Alpha*. In: MCCRINDLE, M. *The A B C of X Y Z: understanding the global generations*. NWS: McPherson's Printing Group, 2014, p. 218-228. Disponível em: <https://mccrindle.com.au/>. Acesso em: 26 set. 2017.

MEIRA, M. C. R.; CENTA, M. de L. *A evolução da família e suas implicações na educação dos filhos*. *Família Saúde e Desenvolvimento*, Curitiba, vol. 5, n.3, p. 223-230, set/dez 2003. Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/refased/article/view/8085/5704>. Acesso em: 19 mai. 2018.

MINAYO, M. C. S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: DESLANDES, S. F.; NETO, O. C.; GOMES, R.; MINAYO, M. C. S. (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 21ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

MIRANDA, M. C.; PIZA, C. T.; FERREIRA, J. C. N.; SOUZA, D. P.; VILLACHAN-LYRA, P.; NIKAEDO, C.; BUENO, O. F. A. *Conhecendo as funções do cérebro e o comportamento: atenção e o comportamento executivo*. Projeto pela primeira infância, Temas do desenvolvimento infantil, Pernambuco, 2015.

MORENO, F. C. C.; SONEGO, R. C.; COSTA, B. H. R.; FRANCO, M. L. P. B. *Professores de creche e suas representações sociais sobre crianças de 0 a 3 anos*. *Revista Psicopedagogia*, São Paulo, v. 34, n.105, 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862017000300007. Acesso em: 03 mai. 2018.

MORIN, E. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 18ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MORIN, E. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

OLIVEIRA, B. E. G. *Crianças de seis e sete anos e o uso da internet no ambiente escolar: estudo de caso em escola pública de Sobradinho (DF)*. 2016. Monografia (Comunicação Social) - Faculdade de Comunicação, UNB, Brasília. Disponível em: http://bdm.unb.br/bitstream/10483/15099/1/2016_BarbaraElizabethGuedesOliveira_tcc.pdf. Acesso em: 03 mai. 2018.

OLIVEIRA, N. H. D. *Recomeçar: família, filhos e desafios*. São Paulo: Editora UNESP, 2009. 236 p. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/965tk/pdf/oliveira-9788579830365.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2019.

OLIVEIRA, R. D.; DIAS, A. A. *Avaliação e análise do design thinking aplicado à criação de brinquedos*. DAPesquisa, Santa Catarina, v.10, n.13, p 75-93, 2015. Disponível em: <http://periodicos.udesc.br/index.php/dapesquisa/article/view/5133/4367>. Acesso em: 03 mai. 2018.

PAIVA, N. M. N.; COSTA, J. S. *A influência da tecnologia na infância: desenvolvimento ou ameaça?* O Portal dos Psicólogos. 2015. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0839.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2018.

PARRY, E.; URWIN, P; *The evidence base for generation differences: where do we go from here?* Work, Aging and Retirement, v. 03, n. 2, p. 140-148, apr./2017. Disponível em: <https://www.semanticscholar.org/paper/The-Evidence-Base-for-Generational-Differences%3A-Do-Parry-Urwin/8b278f7e6fb9b394ba0ff065c475ad01c972f5de>. Acesso em: 17 abr. 2018.

PATELA, N. *O perfil geracional dos alunos de hoje*. E-Revista de Estudos Interculturais do CEI, Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto, Cidade do Porto, n. 4, p. 01-20, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.22/8399>. Acesso em: 03 mai. 2018.

PAULA-RAVAGNANI, G. S. P.; GUANAES-LORENZI, C.; RASERA, E. F.; MCNAMEE, S. *O discurso construcionista social na prática clínica de terapeutas familiares*. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 21, n. 2, p. 267-278, abr/jun 2016. Disponível em: <http://www.redalyc.org/html/2871/287147424009/>. Acesso em: 18 mai. 2018.

PECEGUEIRO, C. M. P. A.; FURTADO, C. C.; MARINHO, R. R. *Competências digitais: o professor como gateway de novos pesquisadores*. In: XXVII Congresso brasileiro de biblioteconomia e documentação e ciência da informação, v. 13, 2017. Anais... São Paulo: Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, 2017, p. 1953-1967. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/957>. Acesso em: 03 mai. 2018.

PETER, E. G. *Trabalhadores da geração Y: um comportamento diferente?* 2013. Monografia (Administração), Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul. Disponível em: <http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/handle/123456789/1437>. Acesso em: 03 mai. 2018.

PORTUGAL, A. M.; ALBERTO, I. M. *Caracterização da comunicação entre progenitores e filhos em idade escolar: estudo com uma amostra portuguesa*. Psicologia: Teoria e Pesquisa, Coimbra, v. 29, n. 4, p. 381-391, out/dez 2013. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722013000400004. Acesso em: 14 jul. 2018.

PRENSKY, M. *Digital natives, digital immigrants*. In: PRENSKY, Marc. On the Horizon. MCB University Press, v. 9, n. 5, out/2001. Disponível em: <https://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2018.

RAMOS, A.C. *A construção social da infância: idade, gênero e identidades infantis*. Revista Feminismos, Bahia, vol. 1, n. 3, p. 01-24, set/dez 2013. Disponível em: https://orbilu.uni.lu/bitstream/10993/26082/1/Ramos_A%20constru%C3%A7%C3%A3o%20social%20da%20inf%C3%A2ncia.pdf. Acesso em: 17 nov. 2017.

REICHERT, C. B.; WAGNER, A. *Considerações sobre a autonomia na contemporaneidade*. Estudos e Pesquisas em Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, v. 7, n. 3, p. 405-418, dez. 2007. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=451844615004>. Acesso em: 12 ago. 2018.

RODRIGUES, H. *Por que as crianças obedecem a autoridades e seguem regras?* Caderno de Pesquisa, São Paulo, v. 48, n. 170, p. 1224-1229, dez. 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742018000401224&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 09 mar. 2019.

ROSAS, E. V. *Terapia familiar com crianças: a mágica possível*. Nova Perspectiva Sistêmica, São Paulo, v. 20, n. 40, p. 55-67, ago. 2011. Disponível em: <http://www.revistanps.com.br/index.php/nps/article/view/84/194>. Acesso em: 18 mai. 2018.

SALLES, L. M. F. *Infância e adolescência na sociedade contemporânea: alguns apontamentos*. Estudos de Psicologia, Campinas, vol. 22, n. 1, p. 33-41, mar. 2005. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2005000100005&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 17 nov. 2017.

SANTOS, I. C.; CESTARO, H. J.; AUGUSTO, R. B. B. *Percepções sobre conflitos entre gerações no ambiente de trabalho: uma breve análise sobre os baby boomers e gerações subsequentes*. Revista Científica Hermes, São Paulo, n. 11, p. 26-46, jun.- dez. 2014. Disponível em: <http://repositorio.uscs.edu.br/bitstream/123456789/880/2/132-646-2-PB.pdf>. Acesso em: 03 mai. 2018.

SANTOS, V. B.; SIMÕES, M. M.; GONÇALVES, C. M. *Os desafios de desenvolver-se na era digital*. Revista Científica Eletrônica de Psicologia, Faculdade de Ensino Superior e Formação Integral (FAEF), Garça, SP, ed. 28, v. 28, n. 1, p. 60-66, 2017.

Disponível em: <http://faef.revista.inf.br/site/e/psicologia-27-edicao-novembro-2016.html>. Acesso em: 10 ago. 2018.

SARMENTO, F. *A criança do século XXI*. Agente Digital, Bahia, Escola Brasileira de Psicanálise, n. 8, ano 2, p. 48-51, abr. 2013. Disponível em: http://www.institutopsicanalisebahia.com.br/agente/download/agente008_fatima_sarmento.pdf. Acesso em: 20 mai. 2018.

SAUSEN, J. F. C. L.; BUSSLER, N. R. C.; FROEMMING, L. M. S.; BAGGIO, D. K. *Inovações em marketing: ações sensoriais no varejo de moda infantil*. Ciências Sociais Aplicadas em Revista, Paraná, v.17, n. 33, p. 24-44, 2º sem. 2017. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/csaemrevista/article/view/18611>. Acesso em: 03 mai. 2018.

SCHELINI, P. W.; ALMEIDA, L. S.; PRIMI, R. *Aumento da inteligência ao longo do tempo: efeito Flynn e suas possíveis causas*. PsicoUSF, Bragança Paulista, v. 18, n. 1, p. 45-52, jan/abr. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pusf/v18n1/v18n1a06.pdf>. Acesso em: 07 ago. 2018.

SCOTT, J. B. *Imagens sociais e infância: concepções e estigmas*. 80 fls. Dissertação (mestrado em psicologia da saúde) – Departamento de Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, 2016. Disponível em: <http://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/10354/SCOTT%2c%20JULIANO%20BECK.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 21 nov. 2017.

SILVA, B. P. M. *Como a geração digital consome jornalismo*. 2016. Monografia (Comunicação Social/ Jornalismo) - Escola de Comunicação, UFRJ, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://zonadigital.pacc.ufrj.br/wp-content/uploads/2014/02/Como-a-Gera%C3%A7%C3%A3o-Digital-consome-jornalismo-Bianca-Moura.pdf>. Acesso em: 03 mai. 2018.

SILVA, C. B. F. *As diferenças intergeracionais na conciliação trabalho família: um estudo qualitativo*. 2017. Dissertação (mestre em Psicologia e Desenvolvimento de Recursos Humanos), Universidade Católica Portuguesa, Porto. Disponível em: <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/22869/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Carlota%20FS%20%28320112010%29%2011.Julho.2017.pdf>. Acesso em: 03 mai. 2018.

SILVA, E. T. *Tecnologias digitais da informação e comunicação na formação de professores de língua espanhola*. Revista Transformar Itaperuna, Rio de Janeiro, 10 edição, p. 35-45, jan. 2017. Disponível em: <http://www.fsj.edu.br/transformar/index.php/transformar/article/view/90>. Acesso em: 03 mai. 2018.

SILVA, E. T.; BEZERRA, F. A. S. *Redes sociais digitais na aquisição de língua estrangeira: relatos com estudantes do ensino médio e ensino superior*. Revista Redin, Itaperuna, v. 6, n. 1, p. 01-08, out. 2017. Disponível em: <http://seer.faccat.br/index.php/redin/article/view/602>. Acesso em: 03 mai. 2018.

SILVA, G. F. C.; BOECHAT, I. T.; SOUZA, C. H. M. *Disfunção familiar e hiperatividade na criança: contribuições da Abordagem Sistêmica de Família*. Revista Transformar, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 261-172, jan/jul 2019. Disponível em: <http://www.fsj.edu.br/transformar/index.php/transformar/article/view/180/149>. Acesso em: 13 mar. 2019.

SILVA, L. D. *Educando a geração digital: uma análise sobre o uso das tic no processo educativo a partir da relação tecnologia e metodologia*. 2014. Monografia (especialização em fundamentos da educação: práticas pedagógicas interdisciplinares), Universidade Estadual da Paraíba. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br:8080/xmlui/handle/123456789/5610>. Acesso em: 03 mai. 2018.

SIMAS, A. *Crianças de hoje são mais inteligentes*. Gazeta do Povo, Curitiba, 19 jan. 2013. Caderno de Educação. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/criancas-de-hoje-sao-mais-inteligentes-bs1ybv514alr6rlyxchmopog1>. Acesso em: 09 fev. 2018.

TANAKA, P. J. *Atenção: reflexão sobre tipologias, desenvolvimento e seus estados patológicos sob o olhar psicopedagógico*. Construção Psicopedagógica, São Paulo, v. 16, n. 13, p. 62-76, dez. 2008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542008000100004. Acesso em: 09 ago. 2019.

THOLL, F.; BEIRAS, A. *Terapia familiar com crianças: a importância da interlocução teórico-prática para a superação dos desafios no processo de formação do terapeuta*. Nova Perspectiva Sistêmica, São Paulo, v. 26, n. 58, p. 86-97, ago. 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-78412017000200007. Acesso em: 18 mai. 2018.

TOLEDO, P. B. F. *O comportamento da geração z e a influência nas atitudes dos professores*. In: SIMPÓSIO DE EXCELENCIA EM GESTÃO E TECNOLOGIA, 9, 2012, Rio de Janeiro, Anais... Rio de Janeiro: Associação Educacional Dom Bosco, 2012. Disponível em: <http://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos12/38516548.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2017.

UNICEF. *Situação mundial da infância 2019: crianças, alimentação e nutrição – crescendo saudável em um mundo em transformação*. Caderno Brasil UNICEF, Brasília, DF, out. 2019. Disponível em: https://www.unicef.org/brazil/media/5566/file/Situacao_Mundial_da_Infancia_2019_ResumoExecutivo.pdf. Acesso em: 17 dez. 2019.

UNICEF. *Situação mundial da infância 2017: crianças e adolescentes em um mundo digital*. Division of Communication, UNICEF, NY dez. 2017. Disponível em: http://www.crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/unicef_sowc/sit_mund_inf_2017.pdf

VASCONCELLOS, M. J. E. de. *Pensamento Sistêmico: uma epistemologia científica para uma ciência novo-paradigmática*. In: I Congresso Brasileiro de Sistemas, International Society for the Systems Sciences, Faculdade de Economia,

Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto/USP, Ribeirão Preto, nov. 2005. Disponível em: <http://legacy.unifacef.com.br/quartocbs/arquivos/14.pdf>. Acesso em: 04 jul. 2019

VASCONCELLOS, M. J. E. de. (2010). *Pensamento Sistêmico: o novo paradigma da ciência*. 9^a ed. Campinas: Papyrus. (biblioteca da PUC)

VIDAL, P. V. C. *Dependência mobile: a relação da nova geração com os gadgets móveis digitais*. 2015. Monografia (Comunicação Social, Publicidade e Propaganda) - Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília. Disponível em: http://bdm.unb.br/bitstream/10483/9386/1/2014_PriscilaValimCarneiroVidal.pdf. Acesso em: 03 mai. 2018.

VIEGAS, R. O. de M. C. *Geração Alpha: um estudo de caso no núcleo de educação infantil da UFRN*. 76 fls. Monografia (licenciatura em administração) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Departamento de Ciências Administrativas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015. Disponível em: https://monografias.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/3656/1/GeracaoAlpha_Viegas_2015. Acesso em: 08 abr. 2018.

VINUTO, J. *A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto*. Temáticas, Campinas, v. 22, n. 44, p. 203-220, ago/dez 2014. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/10977> . Acesso em: 06 jul. 2019.

XAVIER, V. R. *A criança e os riscos do mundo virtual*. 2016. Monografia (Computação) – Centro de Ciências Exatas e Sociais Aplicadas, Universidade Estadual da Paraíba, Paraíba. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/12408>. Acesso em: 03 mai. 2018.

WELLER, W. *A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim*. Sociedade e Estado, Brasília, v. 25, n. 2, p. 205-224, mai/ago 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/se/v25n2/04.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2018.

WITT, D. T; ROSTIROLA, S. C. M. *Conectivismo pedagógico: novas formas de ensinar e aprender no século XXI*. Revista Thema, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul), Pelotas, v. 16, n. 14, p. 1012-1015, 2019. Disponível em: <http://revistathema.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/view/1583>. Acesso em: 20 ago. 2019.

ZORNIG, S. M. A. *Tornar-se pai, tornar-se mãe: o processo de construção da parentalidade*. Tempo psicanal., Rio de Janeiro, v. 42, n. 2, p. 453-470, jun. 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382010000200010&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 01 jun. 2019.

10. Anexos

10.1 Anexo A - Termo de consentimento livre e esclarecido

Resoluções nº 466/2012 e 510/2016 - Conselho Nacional de Saúde (CNS)



Você está sendo convidado para participar da pesquisa intitulada: “Comportamento infantil contemporâneo: características da geração Alpha da perspectiva dos pais”, que tem como objetivo geral: investigar as principais características e condutas apresentadas por crianças nascidas a partir de 2010, da perspectiva dos seus pais.

A pesquisa tem como objetivos específicos: verificar as características atribuídas, pelos pais, aos modos de ser infantil hoje a partir da vivência com seus filhos; investigar o impacto de tais características nos relacionamentos dessas crianças com suas famílias e seus pares; verificar quais são as implicações dessas características na experiência de educar filhos.

Este estudo exploratório com delineamento construcionista social e uma visão sistêmica dos fenômenos de método misto: quantitativo e qualitativo, adotará como instrumentos de coleta de dados questionário e entrevista.

Sua participação nesta pesquisa diz respeito à sua percepção acerca das alterações percebidas na maneira de ser, agir e pensar apresentadas pelas crianças, por meio de perguntas diretas ou reflexivas, relativas às suas vivências.

A entrevista será gravada para posterior transcrição, cujo material será guardado por cinco (5) anos e incinerado após esse período.

As respostas serão tratadas de forma anônima e confidencial e, em nenhum momento, será divulgado seu nome em qualquer fase do estudo. Sua privacidade será sempre assegurada, vez que seu nome, em caso de exemplificar determinada situação, será substituído de forma aleatória. Os dados coletados serão utilizados apenas nesta pesquisa e os resultados poderão ser divulgados em eventos e/ou revistas científicas.

Sua participação é voluntária, isto é, não haverá qualquer custo ou compensação financeira e você pode, a qualquer momento, recusar-se a responder qualquer pergunta ou desistir da participação na pesquisa e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará qualquer prejuízo em sua relação com a pesquisadora. Em caso de desconforto emocional a pesquisadora se compromete a realizar acompanhamento psicoterapêutico sem ônus de qualquer espécie. O benefício relacionado à sua participação será o de propiciar maior conhecimento científico para a área da Psicologia Clínica.

Você uma receberá uma cópia deste termo no qual consta o celular e e-mail da pesquisadora, bem como do Comitê de Ética em Pesquisa da PUC/SP, por meio dos quais poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Agradeço sua participação.

Maysa Fagundes Pereira Rangel
Pesquisadora e Mestranda

DECLARO que os objetivos e detalhes desse estudo me foram explicados, conforme seu texto descritivo. Ao participar desse estudo, tenho plena autonomia e exerço minha vontade livre e isenta de coação, entendendo que não sou obrigado a participar e posso desistir a qualquer momento, sem por isso ser em nada prejudicado. Foi explicado que meu nome não será utilizado nos documentos pertencentes a esse estudo e a confidencialidade dos meus registros será garantida. Estando ciente dos termos nos quais o estudo se processará, concordo em participar dele e cooperar com a pesquisadora com as respostas aos quesitos e dados necessários na concretização do mesmo.

Entrevistado

Nome: _____

RG: _____ Data: ____/____/____

Assinatura: _____

Pesquisadora responsável e mestranda

Nome: Maysa Fagundes Pereira Rangel

RG: M-4.011.484

CRP: 06/90803

Fone: (11) 99108-1169

E-mail: maysa_fagundes@yahoo.com.br

Comitê de Ética em Pesquisa da PUC/SP

CEPPUC-SP

Rua Ministro Godói, 969, sala 63-C (Andar Térreo do Edifício Reitor Bandeira de Mello), Campus Monte Alegre, Perdizes, São Paulo/SP - CEP 05015- 001

Fone: (11) 3670-8466

E-mail: cometica@pucsp.br

10.2 Anexo B – Formulário de pesquisa

“Comportamento infantil contemporâneo: características da geração Alpha da perspectiva dos pais”



Olá! As questões a seguir tem o objetivo de verificar quais são as características das crianças nascidas após o ano de 2010. Trata-se de uma pesquisa na área da Psicologia aprovada pelo comitê de ética. A dissertação estará disponível na Biblioteca Nadir Gouvêa Kfourri, da PUC-SP, após a defesa, e poderá ser consultada através do link www.pucsp.br inserindo o nome da pesquisadora Maysa Fagundes Pereira Rangel no campo de busca.

Para contribuir com esta pesquisa responda às seguintes questões com sinceridade. Clique nas respostas que deseja e elas serão marcadas. Saiba que sua participação é de grande importância para este estudo e suas respostas serão utilizadas apenas com fins científicos.

Muito obrigada!

Aceita participar da pesquisa?

Sim Não

I – Características socioeconômicas

1. Qual o parentesco com a criança?

Mãe Pai

2. Qual o seu estado civil?

Casado/a Amasiado/União estável

3. Reside na cidade de São Paulo ou região metropolitana?

Sim Não

4. Qual o sexo da criança?

Feminino Masculino

5. Qual a idade de seu filho(a)?

Menos de 2 anos

De 2 a 4 anos

De 5 a 7 anos

De 8 a 9 anos

6. Ele(a) tem irmãos e/ou irmãs?
 Não Sim _____ (quantidade)
7. Qual a sua idade?
 Até 19 anos
 Entre 20 e 39 anos
 Entre 40 e 59 anos
 Mais de 60 anos
8. Qual seu nível de instrução?
 Ensino fundamental
 Ensino médio
 Ensino Superior
 Pós-graduação
9. Qual é a renda familiar mensal em sua residência?
 Até 2 salários mínimos
 Entre 2 e 4 salários mínimos
 Entre 4 e 10 salários mínimos
 Entre 10 e 20 salários mínimos
 Acima de 20 salários mínimos

II – Características e comportamentos

10. Sobre a vida acadêmica de seu filho(a):
 Entrou na escola antes de 1 ano de idade.
 Passa mais de seis horas por dia na escola.
 Além do ensino regular faz outros cursos complementares.
 Aprendeu no ensino infantil conteúdos abrangentes além da alfabetização.
 Possui uma rotina intensa de atividades e compromissos de lazer, com horários a seguir.
11. Quanto as preferências de seu filho(a):
 Dorme sozinho(a) e no próprio quarto.
 Tenta comer sem o auxílio de adultos.
 Seleciona os alimentos e se recusa a comer o que não gosta.
 Quer escolher as próprias roupas e se vestir sozinho.
 Auxilia ou guarda sozinho(a) os brinquedos que utiliza.
12. Quais equipamentos tecnológicos seu filho(a) possui?
 Celular
 Tablet
 Videogame
 Computador
 Nenhum dos citados acima

13. Como é a maneira de se comunicar de seu filho(a)?
- Interrompe e quer participar das conversas de adultos.
 - Tem bom vocabulário, se expressa bem e conversa sobre vários assuntos.
 - Desenvolve diálogos mesmo com pessoas desconhecidas.
 - Fala bastante, quase o tempo todo e, geralmente, com rapidez.
 - Tem habilidade para argumentar, negocia e tenta convencer as pessoas.
14. Como seu filho(a) reage em relação a autoridade e regras?
- Reconhece a autoridade e respeita adultos que as conquistam e não por imposição.
 - Realiza as tarefas solicitadas somente se incentivado e convencido.
 - Tenta argumentar e negociar as medidas disciplinares e castigos.
 - Questiona e quer entender o motivo e funcionamento de ordens e regras.
 - Rejeita limites e exige ter sua vontade atendida.
15. Como são os níveis de atenção e concentração de seu filho(a)?
- Fica atento a conversas e outras coisas acontecendo a sua volta enquanto está fazendo alguma atividade.
 - Distrai-se com facilidade, se dispersa ou não mantém a atenção por muito tempo.
 - Entedia-se ou perde o interesse e troca de atividades e brincadeiras em um curto espaço de tempo.
 - Permanece concentrado por mais tempo em atividades que gosta.
 - Não se interessa por qualquer assunto, seleciona o que quer e ao que se dedica mais.
16. Qual a quantidade de energia do seu filho(a)?
- Ativo(a) e dinâmico(a), não fica quieto(a) por muito tempo.
 - Realiza várias atividades simultaneamente sem dificuldade.
 - Demonstra preferência por desenhos, filmes e brincadeiras agitadas e excitantes.
 - Manifesta impaciência ou tem dificuldade em esperar.
 - Fica muito ansioso(a) antes de realizar um passeio ou receber um presente.
17. Como lida com o acesso e manejo do conhecimento e informação?
- Possui acesso e recebe grande volume de informação, dados e conteúdos.
 - Demonstra curiosidade pelas coisas e pergunta bastante.
 - Possui ideias próprias, faz reflexões e problematiza assuntos.
 - Tem raciocínio rápido e aprende com facilidade.
 - Demonstra inteligência além da esperada.
 - Faz associações entre as coisas que aprende e usa em vários contextos.
18. Em seu contato e relação com tecnologia:
- Aprendeu a usar o celular, tablet ou outro equipamento eletrônico praticamente sozinho(a).
 - Fornece instruções e auxilia familiares a usar aparelhos tecnológicos com facilidade.

- Prefere realizar as atividades em meios eletrônicos.
- Considera a internet uma fonte de diversão, mas também de informação e conhecimento.
- Aprecia estar conectado(a), eletrônicos estão tão presentes em sua vida e algumas vezes substituem companhia.

19. Sua maneira de agir em algumas situações:

- É criativo(a) e se adapta às mudanças.
- Toma iniciativa e gosta de comandar as brincadeiras.
- Fica frustrado(a) ou aborrecido(a) com facilidade.
- Se descontrola quando não é atendido(a) ou obtém o que deseja.
- Reage com irritação a críticas e desaprovação.

20. Tem atitudes consideradas além de sua idade?

- Se destaca por realizar bem atividades consideradas acima de sua idade.
- Demonstra preocupação com o corpo, vaidade e cuidados com a aparência.
- Quer dar sua opinião e participar de decisões.
- Compõe hábitos de compras da família e influencia na escolha de bens, produtos e serviços.
- É mais aberto a diversidade e aceita com mais facilidade as diferenças.
- Revela preocupação com os cuidados ao meio ambiente e respeito às leis.

10.3 Anexo C - Roteiro de entrevista semiestruturada

“Comportamento infantil contemporâneo: características da geração Alpha da perspectivas dos pais.”



I - Identificação

Mãe: _____ Idade: ____ anos

Pai: _____ Idade: ____ anos

Tem quantos filhos: _____ Residem em: _____

Nome da criança: _____

Idade: ____ anos

Sexo da criança: () masculino () feminino

II - Norteadores

1. Como vocês descrevem seu filho(a)?
2. Vocês percebem essas características em outras crianças da idade dele ou de seu convívio?
3. Como vocês eram quando criança?
4. Quais diferenças e semelhanças vocês consideram ter entre a infância de hoje e a de vocês?
5. Como vocês se sentem diante da tarefa de educar filhos?
6. Como essas características impactam na sua experiência de educar? Como lidam com isso?
7. Como o jeito de ser das crianças dessa geração interfere no modo como ela se relaciona: pais e filhos, amizades, na escola?
8. Na sua opinião, o que faz as crianças de hoje terem essas características?
9. O que vocês acham que é ser criança, hoje?
10. O que é a infância para vocês, hoje?

10.4 Anexo D – Entrevistas

Casal 1

Então, como eu falei vou gravar para ficar mais fácil de transcrever depois, para não ter que anotar tudo o que vocês falaram. Aí as perguntas são as seguintes, a primeira pergunta é, tem aqui os dados de identificação, o nome do pai, o nome da mãe, qual que é sua idade P1?

H – 39.

E a sua M1?

M – 42.

Os dados da idade de vocês vão ser colocados para a gente comparar as gerações de pais com a mesma geração de filhos, para depois a gente saber se tem alguma diferença, por exemplo, se a geração de pais mais velhos tem uma interpretação diferente dos filhos do que uma geração de pais mais novos, por exemplo, então por isso que a gente vai usar a idade. A próxima pergunta: quantos filhos vocês têm?

H – Um.

Aqui pergunta, onde vocês residem, é Guarulhos. O nome da criança?

M – C1.

A C1 está com quantos anos?

M – A C1 está com 9.

H – Nove.

Como é que vocês descreveriam o jeito de ser da C1?

M – Eu começo?

H – Pode começar.

Pode falar junto, intercalado.

M – A C1 é uma criança questionadora, pensadora, muito meiga, ela tem, eu a acho extremamente articulada, as vezes manipuladora no sentido, tanto do positivo quanto do negativo, como uma criança sabe onde tirar a manha da mãe e manipular um pouco aí quando é necessário, e também quando não é, então assim, eu a acho extremamente esperta, muito inteligente, muitas vezes tenho a impressão que, eu costumo dizer um pouco uma velha porque tem umas tiradas, umas pegadas assim, em relação a coisas mais espirituais ou de leitura mesmo em relação aos pais ou amigos, que eu me assusto, que as vezes eu falo assim, isso não é algo, eu não estava preocupada com o problema do universo ou do meio ambiente quando eu tinha 9 anos de idade, estava mais querendo abrir um sapinho e ver o que tinha dentro, era diferente né, então eu tenho essa visão, eu acho ela um pouco madura. Então as vezes eu também me pergunto se isso não é porque ela é filha única, de como ela elabora as questões né. Agora não sei, você complementa aí.

E você acha que você passou isso para ela, você ensinou isso para ela ou você entende isso como próprio dela? Você acha que tem alguma influência de você ter ensinado ou não? Porque quando você fala dá a impressão que algumas coisas são, te surpreendem, você não esperava isso. Então você acha que é próprio dela ou tem...

M - Tem coisas que eu acho que são próprias e tem outras coisas que ela copia, as vezes eu a vejo repetindo exatamente algo que eu tenha falado, mas tem algumas outras coisas que são próprias assim, por exemplo, não sei, vou dar um exemplo, semana passada quando eu estava com dor de cabeça e ela virou para mim e falou, eu estava com muita dor e ela insistiu para que eu fosse ao hospital, e aí depois ela voltou para mim e falou de um jeito chorando “mãe você tem que ver que sua cabeça dói porque é esse trabalho e você tem que largar isso, você tem que ser feliz porque as pessoas não te reconhecem no seu trabalho e você é uma pessoa maravilhosa e você é inspiradora, você, mamãe é uma inspiração”, e eu fiquei olhando para ela assim, de onde ela tirou isso, e eu fiquei pensando, acho que tipo, ela montou um quebra-cabeça, algumas coisas ela ouve né, tipo ah se o trabalho está causando isso é porque ouve o P1 ou ouve eu, ouve algumas pessoas, mas tem outras coisas que ela se indigna, como que eu posso ficar trabalhando num lugar que eu não gosto? Aquilo para ela é tipo assim... e quando eu lembro da minha idade eu não tinha essas elaborações, meu pai trabalhava porque tinha que me sustentar, ponto.

Porque mesmo que ela tenha pego coisas de vários lugares ela conseguiu fazer uma associação e criar uma ideia com isso, bem elaborada, não é?

M - Bem elaborada, então ela tem essas questões, assim, no caso da C1 desde pequenininha, desde a época do infantil, eu sempre ouvi muito, às vezes em lados positivos e outras em lados de críticas de escola, de educadora, ou mesmo de ambientes onde que “a C1 é muito madura” e aí as pessoas jogam isso como se eu estivesse a criando, eu e o P1 de forma madura, mas eu a vejo elaborando, até pelo

que nós passamos, de perder, quando eu falo que tenho um filho, ela fala que eu tenho dois, ela fala, outro dia na escola de inglês fazendo um questionamento, ela falou “mãe me perguntaram quantos irmãozinhos eu tinha e eu coloquei, um no céu”, então ela tem umas coisas dela que eu falo assim, poxa vida, é dela, é meio a uma velha, e como a gente conhece algumas pessoas da nossa geração aí você fala, essa pessoa é diferenciada, é uma pessoa que parece que já nasceu meio Buda. Então acho que essas crianças têm essa capacidade as vezes de sentir mais, a impressão que eu tenho é isso, é muito sensível.

Desculpa te cortar.

H – Não, imagina, eu ia falar, mas ao mesmo tempo que a gente vê essa coisa dela de alma velha, ela tem o lado dela que eu acho de ainda ser bem criança, em certos lados até a gente brinca, infantil mesmo, de ainda ter medos bobos, medo de coisas bobas, das brincadeiras, e é o que ela falou, a C1 tem esse lado de ser muito preocupada com os outros, de ser, de defender os outros.

M – De defender o mundo.

H – Defender o mundo, ela não consegue ver uma injustiça que ela se mete no meio, ela vai lá e defende quem está sendo injustiçado e isso daí é dela, talvez ela tenha pego alguns traços de criação, alguns exemplos, mas por mais que sejam exemplos, eu acho que se a criança não tiver isso dela, ela não, não vai ser, tanto que você vê famílias com mais de um filho, filhos totalmente diferentes, duas crianças totalmente diferentes, que tem a mesma criação e um vai para cada lado.

Sim, quando você fala de medos, dessas coisas, você acha que não são próprios para a idade dela ou é porque você não esperava dela porque os comportamentos as vezes são contraditórios, em alguns momentos ela é muito madura e aí você fala, mas como, ela é tão madura desse lado e desse lado ela tem medo, sei lá, do escuro?

H – Eu não sei se é por... acho que faz parte, acho que na idade dela isso ainda, tentando fazer paralelo, lembrando, que eu estava te falando até antes, na nossa idade a gente tinha muito menos a atenção dos pais do que hoje em dia, hoje em dia as crianças têm muito mais atenção, muito mais cuidado, então talvez isso gere um pouco esses medos por ela não saber as vezes enfrentar tão sozinha alguma coisa como a gente era obrigado a enfrentar, a gente não tinha muita, muito diálogo, não tinha linha de diálogo, era isso e acabou, obedece.

Então como que vocês eram quando crianças então?

H - A minha infância, eu fui criado pela minha bisavó, então imagina, eu tive uma educação de anos 40 nos anos 70, nos anos 80 na verdade, minha avó foi minha matriarca, ela criou quase todas as gerações até a minha, ela criou minha avó, minha mãe e meu tio e a minha, então ela foi a matriarca da família neste sentido, e era meio respondeu, corre. Não que você não podia responder, podia, mas...

M – Tinha que ter perna.

H – Lide com as consequências e eu morava no interior ainda, então minha vida era na rua, eu vivia solto na rua, eu tinha liberdade, eu paro e penso certas coisas que eu faço hoje, pô, eu com 5, 6 anos sabia tomar um ônibus, andava sozinho, ia para a escola sozinho na primeira série, ia para a escola sozinho, levando uma criança menor que eu e que eu era responsável por ela, hoje eu paro e falo, meu, que louco o pessoal que fez isso né, apesar de ser três quarteirões de casa, mas se alguém fosse fazer alguma coisa, ia fazer. O mundo mudou muito também se for pensar nesse sentido, hoje em dia não dá, hoje você anda dois, três quarteirões e tem a chance de ser assaltado, na minha época no interior, putz, eu fui ter medo de assalto, de violência muito mais tarde, eu não sabia, violência para mim era eu brigando com um moleque na rua para resolver algum problema que a gente não se entendeu, mas se vira, chegava em casa machucado “ah machucou, o que aconteceu?”, “briguei”, tá bom então.

O mundo mudou e aí você acha que o mundo mudar mudou a sua forma de educar ou mudou as crianças? Ou as duas coisas?

H - Os dois, acho que as duas coisas, faz a gente ser mais protetor pelo medo que a gente tem, pela insegurança que a gente sente faz a gente ser mais protetor e isso, conseqüentemente muda a forma da criança porque ela acaba, em certo sentido, entrando em temas talvez mais adultos mais cedo, ao mesmo tempo que na nossa infância existia menos, não sei se hipocrisia, mas você pega, por exemplo, os programas de televisão que a gente via na nossa infância era muito mais adulto do que talvez eles vejam hoje em dia, entendeu, hoje eu vejo os programas que a C1 vê são muito infantis perto do que eu já via na minha infância, eu vejo alguns filme que eu falo, nossa, eu via esse filme, mas uma criança ver esse filme.

Um filme que você viu na idade dela hoje você não deixa ela ver?

H – Talvez... Exatamente! Então a gente era exposto a mais coisas, acho que até talvez mais coisas em relação a sexualidade, a gente era mais exposto na televisão do que hoje em dia, o negócio parece que era mais, mais livre, você pega até os programas humoristas antigamente, hoje todo esse negócio do politicamente correto, então você pega até as piadas eram mais pesadas do que as de hoje em dia, hoje em dia tanto que a gente olha um programa humorístico hoje e fala nossa, que porcaria, que bobo,

porque nossas piadas eram mais pesadas, a gente via o Costinha fazendo piada de “bicha” a toda hora, hoje em dia ninguém pode fazer piada de bicha na televisão porque putz, é, aliás, falar “bicha” já é feio né, não pode.

É, você falou da educação da sua avó, que você foi educado pela sua avó e então que a educação foi muito mais rígida, e aí você falou, por exemplo, que até podia responder, mas que tinha que correr. Então assim, o fato de você ter uma educação rígida né, aí você me falou do modelo, do jeito que sua avó te educava, mas que tipo de criança você era?

H - ????

Que assim, você... se a sua avó fosse te descrever, como que ela te descreveria? Você era a criança que respondia ou não, você teve uma educação rígida e então você obedecia? Como que você se descreveria?

H – Eu era uma criança difícil.

O que era uma criança difícil?

H – Eu era aquela criança que não respondia na frente, mas fazia por trás, entendeu, era aquela criança digamos, mais esperta, lembro que minha avó me botava de castigo e ia lá fechar o portão da casa, enquanto ela estava fechando eu já estava pulando a janela pelo outro lado. Entendeu? Então, eu obedecia quando eu queria, mas eu sabia o limite.

Como assim então?

H – Eu sabia que tinha um limite até onde eu podia ir, tipo, eu aprontava, aprontava um monte, mas eu sabia que existia um limite máximo ali, eu sabia que tinha uma beira do abismo.

M – Você tinha que voltar num tempo antes de ela descobrir que você tinha pulado a janela?

H – Talvez, não, não, não exatamente, ela ia descobrir que eu pulei a janela porque ela ia me ver correndo e berrando, mas, eu sabia que existia, eu vejo, vamos lá, que nem você falou que era diferente, eu aprontava muito, mas eu tinha muito respeito, ao mesmo tempo que eu aprontava muito eu tinha muito respeito por eles.

Como é isso?

H – Aprontava, tipo, fazer, meu aprontar era tipo fazer parte de mim, de ser aprontão, de ser bagunceiro, de gostar da rua, de gostar de brincar, eu não aprontava para desobedecer ela, meu objetivo na verdade não era desobedecer, eu queria brincar, ponto, eu queria ir para a rua porque eu queria brincar, e não para desobedecer ela, que se não tivesse meus amigos brincando na rua e ela me botasse de castigo, tudo bem, eu vou ficar de castigo aqui, mas se eles estavam brincando na rua, aí me incomodava porque eu queria brincar, não era desobedecer ela, mas eu sabia que tinha consequências, essa noção do que eu estou fazendo, vai me trazer uma consequência, depois vou ter que lidar com ela, e você sabia que tinham certas coisas que você não ia desobedecer. Eu vejo... regras, até em questão de horário, era diferente, nós respondíamos menos, nós discutíamos menos, eu acho que talvez porque nós tínhamos...

Mesmo que discordasse?

H – Mesmo que discordasse.

Não respondia porque não discordava, ou discordava, mas não respondia?

H – Discordava, mas não respondia porque naquela época a gente sabia que não ia ter a resposta, a resposta era um “porque não” e acabou, e se você insistisse no porque não, o porque não virava uma punição, então era melhor não insistir. Hoje... e a gente tinha menos liberdade, hoje em dia acho que os pais, pelo que eu vejo, dão muita liberdade e alguns dão até excessivas, porque eu acho que tem questões que não tem que ser discutidas com as crianças.

Então me fala você, você falou que os pais dão muita liberdade, e você, como você é como pai?

Você dá muita liberdade?

H – As vezes eu acho que dou, mas o que eu tento impor é, é o que eu estava falando, tem questões que não tem que ser discutidas, tem questões que é aquilo, ponto e acabou, não é ponto aberto para discussão, é uma regra, uma determinação, então também tem que aprender a seguir isso. Tem coisas que você pode discutir.

Quem tem que aprender a seguir isso?

H – A criança.

A criança.

H – Se é uma regra que o pai botou, não tem o que discutir o porquê.

Uma regra que você bota não tem discussão porque não volta atrás?

H – Não deveria, não deveria, as vezes você acaba cedendo, mas eu tento fazer entender mesmo que vá ceder, que tem diversas dificuldade até ceder essa regra.

E mesmo quando você cede você justifica porque cedeu ou não?

H – Normalmente quando cede eu tento justificar para ela entender o porquê está sendo cedido, para ela não achar que eu cedi, ah porque ela quis.

Porque insistiu.

H – Não foi porque institui não.

Foi porque aconteceu isso, e isso.

H – Sim.

E você M1, que criança você foi?

M – Eu era a criança, eu acho que era a criança perfeita, assim, pelos olhares dos outros e pelos olhares do que eu vi, eu era aquela criança assim, ah a M1 não fala palavrão, ah ela ajuda a limpar a louça, ah a M1 ela faz isso, faz aquilo, super empática, então eu era aquela criança que a pessoa nem perguntava e eu já estava fazendo, já estava ajudando, eu estava indo atrás, mas eu, aquilo era porque eu via claramente, a minha mãe ela me criou, como eu sou a filha mais velha, e acho que isso também tem a ver com filho mais velho, eu fui criada para dar exemplo, para ser exemplo, então, mas dentro de mim eu já falava assim, que saco, tipo, eu nunca levei um ponto, sabe criança chata, tanto que quando eu fiquei grávida da C1 eu pensava isso, o meu comportamento enquanto criança me trouxe coisas muito boas na minha vida em relação a eu não... nunca tive necessidade, sempre fui uma criança de personalidade, não tive necessidade de me meter e seguir os outros, e eu também não queria seguidores, então eu era muito eu assim no sentido de “ah não vou fumar, não vou beber”, de um amigo chegar para mim e falar “ah, você vai fazer isso senão não vai ser meu amigo”, beleza, então não vou ser sua amiga. Assim, eu não fazia, mas era porque eu era muito responsável, muito responsável, eu fui me dar conta disso quando já era mais adolescente que eu falo para você, não fui criança, principalmente quando eu converso com o P1 porque eu pensava demais, eu era assim, então realmente não me machucava, eu brincava, corria, mas, aqui se eu entrar eu posso me machucar um pouco mais, então eu sabia, e acho que isso não é uma coisa muito de criança, eu olhando, quando eu tive, quando eu fui ficando mais velha, mas eu era essa, muito empática, de ajudar, realmente era uma criança que eu escutava muito isso, e aí quando eu escutava isso eu me sentia pressionada a ser, que eu tinha que ser daquele jeito, quando eu ia pensar em fazer alguma coisa errada eu pensava, não, não posso porque aquela pessoa, aquela outra pessoa, aquela outra pessoa espera, tem essa relação, né. Então, minha mãe e meu pai são muito diferentes, minha mãe muito militar, então eu fui criada na base do medo, eu nem pensava em discordar, tipo assim, eu nem pensava em discordar, então muitas vezes eu não me vi questionando algumas coisas que eu deveria ter questionado porque, porque ela já ia na base do não é, punição, já era na base do tapa, era o jeito dela. Então, até os dez, onze anos de idade, era mais ou menos assim. Então eu fui criada muito naquela coisa de medo e respeito, medo que vira respeito, sem entender como funcionava.

Ou o inverso né, um respeito que veio do medo.

M – O respeito que veio do medo, exatamente isso. Então, mas não me lembro de aquilo gerar traumas naquele momento, tipo assim...

Era o que você conheceu, que você estava acostumada.

M – É, tipo assim, e eu apanhei, não das minhas irmãs, não muito, comparando com as minhas irmãs, mas eu apanhei bastante, acho que assim, a minha mãe na época de hoje ela ia ter um problema grave porque a gente era, engraçado como elabora né, só que aí quando eu fiquei, é engraçado que quando eu fiquei grávida da C1, já na gravidez eu já pensava isso, ela tem que ser questionadora, eu pensava, lembro do barrigão e de falar, tomara que ela seja questionadora. Eu achava interessante porque as minhas outras irmãs já foram um pouco mais do que eu, já de enfrentar meus pais. E eu achava bacana isso. Então, foi até meio intrauterino, eu sempre desejei assim, tomara que a C1 fale mesmo, se não gostar, e nanana, porque talvez, porque eu não tinha. E eu exatamente pensava o oposto. E quando a C1 nasceu, eu me vi logo no início dos três, quatro, cinco anos, tendo uma tendência meio que de repetir coisas da minha mãe, tipo de bater, de ir lá e dar um tapa, e aquilo me machucava bastante, não era porque estão falando que não pode bater hoje em dia, é porque aquilo me remetia num negócio de pô, eu tenho que adestrar a minha filha? Ela não é um animal. Então, o fato de eu, eu segurei a força física, mas a força na palavra eu não segurei, tipo assim, eu sou mais, eu falo algumas coisas duras para a C1, que as vezes o P1 vira e fala “não precisava ter falado assim”, mas eu não consigo usar o medo, eu não quero que a C1 cresça me respeitando por medo, o P1, qualquer um, eu quero que ela respeite as pessoas porque ela as admira, então assim, eu admiro e então eu respeito, eu entendo, não julgo porque eu vim de uma geração onde eu escutava, “você julga o outro”, “você, fica quieto porque senão você vai apanhar”, eu não quero isso, entendeu, quero ficar quieta porque agora não é a hora, não adianta me pronunciar, falar algumas coisas. Então, acho que eu acabo, a gente acaba levando a C1 numa reflexão, de repente ela já tem isso aflorado, mas conectando com aquele outro ponto que você falou, por conta disso, ela vai elaborando ideias mais maduras né, então ela as vezes vira e fala “mas porque você não falou aquilo para a sua tia”, por exemplo, “ah mãe, não vale a pena”, ela fala assim, “ah mãe, a nossa família é muito tititi, não vale a pena arrumar essa briga não, essa é uma briga que não vale a pena mãe, não quero”, então imagina, você fala, gente, as vezes

aperta um pouquinho o coração, será que a C1 não está muito madura igual eu era madura, só que eu fui madura pelo medo, e ela está sendo madura pelas ideias, assim, tipo, porque as vezes eu penso um pouco.

Vocês percebem algumas dessas características que vocês percebem nela, em outras crianças da idade dela?

M – Ah eu percebo.

H – Acho que você tem mais convívio com outras crianças do que eu.

M – É, eu percebo bastante, tipo, no meu convívio familiar, os meus sobrinhos dos quatro maiores, a mais velha, a G., vejo totalmente assim, até mais do que a C1, mas as vezes eu assemelho a G. como eu era quando era pequena, ela faz aquilo por, de alguma forma ela se sente exigida a ser compreensiva, adulta e etc., não é uma coisa, por conta da situação que ela tem, pais divorciados, é uma outra situação, mas eu vejo. No convívio com outros amiguinhos também, mas não, eles têm palavras que eu acho que são extremamente maduras, em geral, é um ou outro que não, mas a maioria, uma vez uma mãe falou para mim “ah porque a C1 é muito resolvida” porque ela estava indo, ela pegou a C1 na escola com uma amiguinha e acho que falaram alguma coisa de casamento e ela me contou que a C1 falou assim “eu não quero casar não, porque casar, eu quero viver”, ela está reproduzindo falas que ela ouviu da mãe dela, né, alguma coisa assim. E aí ela voltou e falou assim, “ah não, é que sua filha é muito resolvida”, isso é coisa de TV, eu tenho muito comigo que eu falo muito com a C1 “não julgar, não vamos julgar, aceite as pessoas do jeito que são”, isso é uma fala constante que eu tenho com a C1, aceite elas do jeito que são, a gente não consegue, tenta olhar o positivo da pessoa né, que é. Às vezes eu me vejo falando coisas para ela que as vezes eu mesma não pratico, porque eu falo, “eu já sei a dor disso e eu vou falar para ela diferente né”, tipo, “poxa, você sempre esquece a lancheira na escola”. Não. “C1, olha que coisa, você de 360 dias você esqueceu duas vezes, olha que interessante, você não esqueceu 358, é verdade, e não sei o que”. Tentar fazer nesse formato, porque eu não fui criada desse jeito, eu fui criada sempre no “você não faz nada, você esquece tudo, você...” então isso é ruim.

Eu fiquei pensando em duas coisas que vocês me disseram, uma foi que vocês deram mais ou menos um exemplo de como vocês foram criados, de como vocês foram educados, e a maneira como vocês usam hoje. Vocês diriam que hoje, o modelo de pais que vocês são, o tipo de educação que vocês praticam então é mais conversacional, é mais dialógica, é mais próxima?

H – Sim.

M – Com certeza, a gente é muito mais próxima aos filhos, do que os pais eram antes, e acho que isso até as vezes gera, você falou de insegurança, que a gente é extremamente, que a gente acaba sendo protetor, eu acho que independente da idade, acho que os pais tem uma tendência realmente de ser mais protetor e quando a gente é muito protetor acho que gera insegurança nas crianças porque elas não tem a possibilidade de vivenciar algumas coisas, e mas a gente tem muito mais diálogo hoje em dia, muito mais, explicar de a criança chegar em casa e você, e aí como foi o seu dia, e ela realmente tentar abrir e falar, e se sentir à vontade, eu acho que o foco é se sentir à vontade para falar e não sei, é uma linha tênue, mas antigamente, a gente sobreviveu, nós estamos bem, ok.

Faz terapia.

M - A gente faz terapia para sobreviver, você vai olhar, toda vez que você olhar, você não, mas... não vale porque você fuma.

H – O tempo que eu passei, eu tenho minhas irmãs só que eu tenho uma diferença muito grande, você não tem, mas... eu não tenho memória...

Desculpa, qual que é a diferença de idade você com suas irmãs?

H – Minha irmã mais velha, dez anos mais nova. Então, mas eu não tenho memória nem minha, nem delas.

M – A sua irmã do meio é dez anos mais nova do que você.

H – E tem outra, onze anos mais nova e tem meu outro irmão que os meus pais... mas não tenho memória tipo, de coisas que eu vejo hoje, de falar que eu... chegar da escola, sentar e conversar, eu não tenho essas memórias com os meus pais, não que eu não tenha memória de passar tempo com eles, eu tenho, mas não de algo habitual, de vez em quando, no final de semana, de sentar todo mundo e almoçar, mas...

O que vocês acham que tem de igual e o que acham que tem de diferente das crianças que vocês foram e na criança que a C1 é, ou nas crianças que vocês têm contato? Porque quando você fala isso eu fico pensando assim, e você me corrige se eu estiver errada, que você passava tempo com os seus pais, mas parece que era um, e aí também estou falando da minha experiência né, que é um passatempo, mas você passava um tempo meio distante, então, por exemplo, meu pai sempre jantava com a gente em casa, mas o fato de nós estarmos jantando

juntos não queria dizer que nós estávamos trocando experiências, se relacionando, ele estava lá comendo e eu estava lá sentada comendo.

H – Esses momentos de jantar ainda tinha, isso tem que reproduzir, quando a gente consegue sentar todo mundo junto para comer, que era mais ou menos a mesma coisa, quando sentava todo mundo na mesa para a refeição você tinha esse tempo, você tinha uma conversa, mas fora isso, os outros momentos eu me lembro muito mais, por exemplo, no meu quarto ou brincando com meus amigos do que realmente, tipo, hoje acho que como até as crianças ficam mais dentro de casa do que nós, do que eu vejo a C1, do que eu, então esse tempo junto com os pais aumenta, de estar junto, sentar, conversar, ver um filme junto, normalmente eu lembro o que, minha mãe, não sei, vim sentar e vou assistir um desenho da sua idade, vixe, esquece, vê aí que eu vou na minha televisão ver coisa de adulto.

M – É diferente, eu não, assim, eu não lembro de ter trocas com os meus pais na fase de infância, eu olhava minha mãe como uma pessoa forte, no meu caso o meu pai ele trabalhava muito e então eu fui ter contato com meu pai mesmo, de falar, era assim, chegava boa noite filha, beijo, não tinha troca de experiência, de tipo, saber o que eu gosto e o que não gosto, e minha mãe, como tinha diferente do P1, era uma atrás da outra, eu mais velha e depois tinha uma de dez, oito, sete e grávida, então a gente, o nosso núcleo familiar era mais muito irmãs do que pai e mãe, então a gente cresceu através desse núcleo de irmãs. A minha mãe eu olhava minha mãe e pensava, minha mãe é uma mulher forte, ela cuidava da casa, ela estava, mas eu não tenho uma lembrança da minha falando comigo assim vamos brincar filha, não tenho. Com a C1, isso a C1 vai ter porque eu faço, e eu não faço isso porque... é porque acho que também ligado porque eu gosto de criança, então eu procuro fazer, mas tem hora que também não dá. Filha, e eu viro, as vezes ela enche o saco que ela quer fazer e eu falo não quero, agora quero o meu mundo, me deixa, entendeu. Porque é assim, ela não entende aquilo, ela quer a toda hora, porque as vezes confunde a figura de pais com amiguinhos e geralmente quer quando não tem um amiguinho. Não é que quer você, é porque é óbvio, a diferença entre adulto e criança é gritante, então assim, não tem tu, vai tu mesmo, fazer o que. Mas, a conversa, o diálogo, aquela questão, assim, para mim é muito valoroso isso de chegar às vezes como menina, de virar e falar “mãe posso te falar uma coisa? Pode” E aí você fala, lá vem né, e as vezes são coisas assim, e as vezes são coisinhas pequenininhas, mas que ela sente a necessidade, eu acho bacana isso, isso é uma coisa que eu acho que a principal diferença entre as criações que é você criar um vínculo, então assim, acho que na geração anterior, na minha experiência a gente não criou vínculo com os pais, você tinha uma criação de autoridade, é o que eu vejo, eu fui criar vínculo com os meus pais eu já era adulta, eu vejo assim...

H – Quando você vem para a igualdade né, você saiu e você vem para a igualdade, que daí o pai começa a te pedir conselho, a mãe, e aí você começa a ajudar, não ser somente a responsabilidade deles.

M – Mas vou te falar que não sentia nem assim, ajudava meus pais desde pequena, mas assim, de ter vínculo, de ser ouvido, eu acho que o que faltou, pelo menos na minha criação, da minha geração é que nós não éramos ouvidos, e eu acho muito ruim, você tem que ser ouvido, entendeu?

H – Eu não sei nem se a gente não era ouvido ou também se a gente não buscava isso, eu não lembro de buscar, pô mãe, vamos conversar.

Mas tinha espaço para isso?

H – Não sei.

M – No meu caso não tinha.

H – No seu não tinha, no meu eu não sei, eu nunca chamei minha mãe, do mesmo que ela não me chamou, eu não chamei.

M – Imagina que eu ia virar para a minha mãe e falar assim, a C1 ela tem nove anos, e outra é miopia você achar que a criança, a criança passando por todas as fases, está conhecendo o seu corpo, ah vou fazer de conta que eu não estou vendo que está se mexendo, miopia isso. E aí sempre vai ter no relacionamento um que vai ter mais habilidade e outro menos com isso, mas de chegar e levar aquilo de uma forma mais lúdica. Como que era antes: era porrada e gritaria, era uma coisa, “o que você está fazendo? Jesus Cristo”.

Se você pôr a mão aí de novo eu passo pimenta na sua mão.

M – Era umas coisas, então assim, acho que não tinha essa questão de chegar, virar e falar, “ah mãe achei aquele menininho bonito”, já, era umas coisas assim, tipo, é natural, mas eu posso estar falando do meu caso isolado. Acho que essa falta é...

M1, não se preocupe porque a intenção é saber da experiência de vocês.

M – Porque acho que quando a gente acaba fazendo, é igual macaquinho na gaiola, aquela experiência né, você vai lá, tem a cerca eletrificada, você vai lá uma vez e você leva um choque, aí depois você leva outro choque, chega uma hora que você não vai mais na cerca. Então o que você faz, eu cresci, fui cedo para a igreja, tinha um hall de amigos, aquele foi meu mundo, de lá que eu fui descobrindo, nunca tive uma conversa com a minha mãe com relação a nada de intimidade, nada de falar do menino,

de uma menina, imagina. E hoje já vejo com a C1, e não é que eu procuro isso, aquilo já está nela como estava em mim, só que eu não falava para a minha mãe porque se eu falasse para a minha mãe, minha mãe ia olhar para mim e me achar um Etezinho. Então, a C1 as vezes ela vira e fala “nossa mãe, como que pode uma menina gostar de uma menina?”, “ah filha é o amor, amor não vê sexo, nada”, por mais que eu M1 não consiga elaborar a questão, porque eu venho de uma outra geração que eu acho realmente, é uma coisa, mas eu penso assim mesmo, é questão de amor, eu falo “é assim C1, e o passarinho...”, aí mudo o assunto, entendeu. Mas eu não deixo. A C1, ela vira e fala “ah credo, mas eu nunca vou querer fazer isso”, mas é tentar ver as coisas naturais, na nossa época eu achava que nada era natural, então tudo era tabu, você falar era tabu, você achar um menino bonito “você não tem idade para achar um menino bonito”, “mãe, eu acho menino bonito desde os 4 anos de idade”, a minha vontade era falar isso, “nossa, mas e aquele menino!” Com quatro anos de idade e eu achei bonito. Não podia ter achado? Então acho que a minha criação foi uma criação que botou muita culpa na cabeça, então tudo você se sente culpada, eu me sinto culpada de achar o outro bonito, sinto culpada de fazer isso, me sinto culpada de achar que eu tenho alguma coisa que eu goste de fazer, é tudo culpa, e aí você vai criando uma casca de que você não pode ser aquilo, e você vira uma perfeição fake, entendeu? Assim, e eu falo disso abertamente com a minha mãe hoje, e ela concorda, é engraçado que a minha mãe virou educadora e ela fala “não filha, é verdade, você, a gente, meio que eu e seu pai nos apoiamos em você”, e a gente tipo, acho que as vezes os pais se medem pelo sucesso se os filhos estão ou não estão bem, e não é assim, eles são seres individuais, a minha mãe precisava ver que eu era perfeita para ela se sentir bem, não, eu via isso, entendeu, então assim, “a M1 eu consegui criar bem”.

A C1 vê essa diferenciação entre vocês dois, de algumas questões, ela só falar com você M1 e algumas coisas ela só fala com você P1, ou ela tem uma abertura maior do que vocês tinham com os seus pais, por exemplo, de as vezes trazer algumas questões para vocês?

H – Não, ela me traz quase tudo, acho que essas coisas mais, talvez até, a gente também sempre tentou montar tipo, eu ser o mais bravo, eu tenho o papel talvez ali do bravo né.

Seu pai chegou, vou falar com o seu pai!

H – É, tem, até para ter o bonzinho, o mais bonzinho, ela me fala tudo, acho que com exceção até dessas coisas mais de menina mesmo daí ela acaba procurando mais a M1 do que eu, essas coisa tipo de menino bonitinho, ela até fala pra mim “o menino é bonitinho”, mas quando ela tem alguma dúvida já mais de menininha mesmo daí ela procura mais a M1, daí ela já fica com um pouquinho de medo de falar com o pai, acho que ela fica com vergonha e um pouquinho de medo, tipo, vou tomar bronca do pai. Mas, eu acho que talvez até aquele respeito mais sadio, e acho que vai ser normal, vai ter certas coisas que ela vai procurar a M1, que é muito mais fácil a M1 explicar do que eu, porque ela já passou isso e eu nunca passei, então para mim a visão é, quando for menstruar, tudo, vai olhar para mim e falar “papai eu menstruei”, para mim é tipo, pega o OB e está tudo certo, não é nem OB na idade dela, vai ser pega o Carefree, sei lá.

M – Também não amor.

H – Põe o absorvente, põe a fralda e está tudo certo, entendeu.

Pega uma toalhinha aí na cozinha e fala com a sua mãe.

H – Eu acho que é mais normal ela ter essa procura pela mãe, mas ela me conta coisas que acontecem na escola.

M – Ela acha que eu sou o ponto de convencimento do P1, então se ela quer ir, mas ela também acha que eu sou as vezes a pessoa que, o P1 fala não, mas se eu quiser eu faço ele falar sim, é assim que então ela vê, então ela vem, “meu pai falou, mas eu sei que se você falar com ele”, ela já vem, pepepe, e eu falo assim, se o seu pai falou isso é isso. E ela fala, mas se você quiser, então ela me culpa muito assim das decisões, dessa, não, é porque você não está sendo parceira comigo. Então para mim, por conta, digamos, desse diálogo aberto, de ter essa liberdade dificulta muito a criação porque várias vezes ela confunde a mãe com uma amiga porque eu permiti isso de alguma forma, então ela tem essa, as vezes, eu viro para ela não sou sua amiga, não sou sua amiguinha de escola, sou sua mamãe amiga, é diferente, isso aqui você não vai ver comigo não. Então, a gente, com quem ela tem mais brigas dentro de casa, discussões é comigo do que com o P1, com o P1 ela nem ameaça discutir.

H – Às vezes parecem duas adolescentes.

M – Ela nem ameaça.

H – As vezes eu olho elas brigando e eu falo, meu, eu juro, já te falei isso né, eu olho e falo, duas adolescentes brigando, porque a briga vai para um ponto e daí você pega, teve um ponto final, e pumpum, e volta, e teve um ponto final, e volta... e o negócio reinicia, sabe, parece que entra num loop, e não para.

M – Mas é porque ela tem liberdade.

De questionar, não de enfrentar a sua autoridade, mas de questionar no sentido de perguntar porque que você está falando.

M – O porquê, do porquê, do porquê, então tudo é porque. E as vezes ele fala essa fala, vocês são adolescentes na frente dela e eu brigo com ele, você está me colocando no andar dela, você não pode fazer isso, então assim, ah vocês parecem duas adolescentes brigando, eu falo, você não pode fazer isso porque ela se coloca no meu andar, ela se coloca, e acho que isso também é um pouco da idade né, que começa a competir com a mãe, tem o pai, então ela, ontem mesmo eu estava falando para ela, você é muito esperta, as regras que você quer aceitar você aceita, as regras de tomar banho no horário sozinha, fazer isso, fazer aquilo, você não quer, a gente tem que continuar te tratando como tivesse dois anos de idade, aí é a morte para ela quando você fala que ela tem dois anos de idade, a casa caiu, entendeu. Aí ela começa, não vou discutir. Então ela, tem hoje em dia essa tendência de querer, mas você não falou isso, é típico, “C1 vai fazer tal coisa”, “você não faz”, “eu não tenho que fazer C1, quem tem que fazer é você C1, eu estou mandando”. Então como eu dou muita liberdade para ela “e daí que você está mandando”, e eu já “como que é?”, aí já tipo assim, eu não bato, mas eu já encosto o nariz no nariz dela, aí ela já vira. Então assim, eu não bato nela, já gritei bastante, mudo o tom de voz, eu faço para ela “você quer que a mamãe monstro vira?” Vai mudar, aí ela já olha assim, tá.

Ela dá uma testada.

M – Ela dá uma testada, então ela está testando, mas isso assim, é muito raro acontecer hoje em dia.

Na opinião de vocês quais foram as coisas que influenciaram o jeito de ser das crianças de hoje? Tem alguma coisa que vocês acham que faz mais sentido, que teve algum impacto?

H – Eu acho difícil de definir uma influência, para mim tudo o que está ao redor dela, tudo acaba influenciando um pouco de certa forma, o que ela vê, o que ela ouve, com quem ela convive, a escola que ela estuda, os amigos, acho que tudo, acho que a composição pessoal de uma pessoa é a soma das influências, é difícil falar que tem uma influência só.

Todas essas coisas influenciaram, nos influenciaram também quando nós éramos crianças. Só que, o que nos amigos, na família, no mundo, na sociedade, que são coisas que nos influenciam, que você acha que era de um jeito e agora é de outro e faz com que essas características que vocês me disseram antes, possam estar mais presentes ou não?

M – Eu penso que essa geração de hoje ela tem menos, apesar de os pais serem mais próximos, darem mais liberdade, eles têm menos presença física dos pais, a grande maioria, e antes a gente tinha mais a presença física do pai e da mãe. A mãe estava geralmente em casa o dia inteiro e hoje não é assim, então são crianças que são criadas nas suas necessidades básicas, às vezes, na maioria delas por uma escola ou por uma babá e se tem o pai e a mãe lá no final do dia ou de manhã você está conversando, mas não tem essa presença física, eu acho que isso é algo que de alguma forma influencia, até para que eles sejam mais questionadores, é diferente, sei lá, você tem liberdade de você ficar questionando a babá, papapa, a professora, os pais você estava em casa, vai no banheiro, era diferente, você não tinha muito disso. Então eu acho que essa falta de presença física ela é algo que eu acho que influenciou bastante no comportamento das crianças hoje em dia né.

H – Hoje em dia a escola dá muito mais liberdade, a escola na nossa época era diferente. Eu acho que, hoje você tem um monte de método, tem o tradicional, tem o... nanana, na nossa época era o tradicional e o muito tradicional, entendeu. Não era que tinha o tradicional e o normal, era o tradicional e o muito tradicional. Eu fiz primeira e segunda série em colégio de padre, aquilo era muito tradicional, minha educação física era separada das meninas.

M – Você é do tempo do onça né P1, vamos combinar, o meu já era junto.

H – Eu fiz no Diocesano, era no interior, mas era da rede diocesano, então era de padre mesmo, era o Lassari. E eu vejo hoje na escola, onde é questionado a professora, ela botou no colo, falou que está certo, está certo. Eu não concordo, está errado, não está certo, eu errei. É tipo, a sala toda bonitinha, aquele silêncio perfeito, não que nós não fossemos crianças, saía para o recreio parecia que transformava né, aquelas coisinhas perfeitas, lindinhas na sala, estourou, o sinal era o estouro da boiada literalmente, você tinha uma transformação. Acho que hoje em dia eles tem mais espaço e tem mais informação, a gente não tinha informação.

M – Eles têm mais oportunidade em serem espontâneos, acho que a geração de hoje eles podem ser espontâneos, não são soldadinhos criados, a regra é igual para todo mundo, e eles são espontâneos e é difícil lidar com isso.

H – Eles têm mais informação do que a gente tinha, hoje eles querem informação, pega o celular, pega o tablet, e hoje em dia muitos pais usam, o que eu acho extremamente errado o tablet como um cala a boca na criança, a criança começa a chorar “Toma o tablet”.

A C1 tem tablet?

H – Tem, ela usa mais o celular, mas não, a gente até briga para ela sair, não para ela ficar, ela nunca foi aquela criança tipo, a gente ia, que nem hoje em dia eu vejo o pessoal sai para jantar, estão os pais

conversando, bota um tablet com um desenho para a criança e a criança fica no mundo dela lá, e os pais em outro mundo aqui, isso também quando não está cada um com o seu celular na mão...

M – Mas isso também é da época, da era da tecnologia né.

H – Não, eu acho que isso é muito mais dos pais, a gente nunca fez isso.

M – Mas eu nunca fui tecnológica, isso que eu ia te falar, eu não sou uma pessoa tecnológica.

H – Sim, eu sou um pouco mais.

M – Você é um pouco mais.

H – Mas a gente nunca...

M – Mas a gente não é um tipo de casal tecnológico, se você parar para pensar a gente, eu não sou, agora que eu fui ter um celular decente, que é da empresa ainda, você é mais...

H – É, mas eu não sou desesperado e tal.

M – E aí isso justifica, o que acontecia, a gente não tem, tipo tem um Black Berry, vamos dar um Black Berry para a C1? Mas assim, você não dá, entendeu? Então o que eu estou tentando dizer é o seguinte, a gente cria formas diferentes quando você não tem acesso a algumas informações, então a onda digital, a onda tecnológica demanda algumas outras coisas, que eu também acho incorreto a criança estar com o celular desde pequenininha, e cada vez isso está ficando mais, o nosso foi pegar o celular com seis, sete, oito anos, e hoje as crianças com três anos estão ganhando um celular e aí você olha, isso é ruim até fisicamente para eles, mas assim, o fato que eu vejo mesmo é, eu vejo mais ou menos o seguinte, a mãe ficava em casa, na grande maioria, a mãe ficava em casa.

H – Você tinha a figura materna.

M – Você tinha a figura materna em casa, as crianças, você não tinha celular, então elas tinham que usar a criatividade para brincar de alguma coisa, tinha que ser criativos.

H – Você não tinha canal de desenho, só tinha desenho naqueles horários certinhos e acabou.

M – Só que a gente era criativo, mas não podia falar, não podia ser muito criativo senão a mãe pegava, ou a escola pegava, então sua criatividade ficava lá no seu mundo de brincadeiras. Hoje em dia, e a mãe a noite botava para dormir no horário certo, estava cansada fisicamente, mas a mãe não tinha o estresse do trabalho, a família era muito separada, o pai tem aquela carga do trabalho, do estresse, que aquilo é terrível.

H – A mãe tinha o trabalho de casa.

M – Mas tinha o trabalho da mãe, mas mentalmente...

H – O trabalho da mãe era ser mãe, era outro mundo.

M – O estresse mental dela de pensar que vai morrer, vai isso, vai aquilo, o outro me xingou, está me colocando para atrás, era diferente, a gente vem para uma época onde os dois precisam trabalhar, não é questão de a mulher ter liberdade, de ter liberdade, ela precisa trabalhar.

H – Você está numa discussão tão linda.

M – Não, é que precisa trabalhar e que acaba acontecendo, e as crianças ficam fora.

H – Não, eu sei, é que isso daí puxa uma discussão lá para atrás que é uma discussão que foi criada.

M – As crianças vão para a escola e aí na escola não dá para esperar que um professor, e não pode ser, que vai ser uma mãe ou diretora, porque não vai, as crianças acabam colocando seu potencial de criatividade mais para fora, e aí vem tudo, vem o bom e o ruim de uma criatividade, é isso que eu vejo, entendeu. E aí começa a se discutir de tudo, mas assim, a escola não vai botar o limite que uma mãe ou um pai coloca em casa, chega no final do dia você está lá conversando, você vai jantar, aquele ser humano, pai e mãe também quer ficar um pouco tranquilo, então deixa a criança ficar no celular, então é um círculo, um negócio infinito. Mas aí depende, porque assim, a gente realmente nunca teve isso com a C1, a gente nunca teve de ficar no celular, nada, é raro os casos porque nós não somos assim, mas tem pessoas que são extremamente tecnológicas. E aí como que você tira esse...?

H – Aí a criança vai para esse mundo também né.

M – O pai, tem que entrar no mundo do pai e falar, agora vou ter que me privar de fazer isso por causa do meu filho, talvez isso hoje em dia eu acho que acaba não ficando, tem que se privar, eu vou me privar do momento de descanso que é...

H – Não. Mas que nem, uma diferença de antigamente que você falou, os pais antigamente não traziam trabalho para casa.

M – Exato, era isso o que eu estava tentando dizer.

H – Hoje em dia você traz, você sai do trabalho, mas o trabalho vem para casa.

M – Isso que eu estava tentando dizer.

H – Fala que você não responde um e-mail em casa, uma mensagem? Antigamente não, passou da porta acabou o trabalho, você não tem mais o trabalho, você não tinha o celular para alguém te ligar, para te cobrar alguma coisa, para te mandar uma mensagem, era só no dia seguinte, você pega nossos pais e não tinha nem o Pager ainda, direito, o Pager estava começando a acontecer e era grande novidade, que você precisava bipar para ligar, para pegar o recado.

M – Exatamente.

H – Mas quem tinha Pager? Ninguém, médico talvez era quem acabava tendo um pouco mais, isso eu já estou falando quando a gente já tinha mais de dez anos que isso daí já é no começo da década de 90. Então você, quando, você também não tinha que trazer o trabalho para casa, então a criança também não tinha muito a noção do que era o trabalho do pai, o pai trabalhava, pronto e acabou.

M – Exatamente, não era tão envolvido né.

H – E acho que hoje também as crianças têm muito acesso à informação que nós não tínhamos, nossa informação era basicamente o que os pais falavam e a escola, hoje em dia ela pega o celular e pesquisa o que ela quer, ela quer tirar uma dúvida ela pega o celular, a gente tinha que pegar a Barsa, e a preguiça, quando se tinha.

M – Quem tinha a Barsa era rico, aí você ficava feliz.

H – Mas e aí, e a preguiça também de procurar um negócio na Barsa, aqueles 50 volumes, desse tamanho para você procurar lá.

M – É tinha que ir à biblioteca, você está certo, certíssimo o que você está falando.

H – E hoje eles têm informação, quer fazer uma pesquisa, quer saber quem foi não sei quem, pega aqui e fala, não precisa nem digitar, então a criança não precisa nem aprender direito a escrever, se ela já souber ler ela já descobre, se ela souber ouvir, porque fala e entra em tudo. Então acho que isso muda muito para fazer talvez elas serem mais questionadoras, elas terem algumas conversas que a gente olha, mais avançadas, porque elas têm mais informação do que a gente tinha.

M – Concordo, pelo fato de ter mais informação faz com que elas sejam mais questionadoras, mais curiosas.

H – Mais curiosas, elas têm como saciar, elas têm, parece que elas são mais curiosas do que nós éramos.

E quando vocês falam “elas”, vocês consideram a C1 também, é mais curiosa?

H - Sim, com certeza.

Como é que vocês se sentem como pais, como que é para vocês educar?

H – Para mim quando eu descobri que eu ia ser pai virou uma preocupação, uma preocupação que não existe até, na verdade até quando ela nasceu, não existe até ela nascer, e você fica preocupado, putz, primeiro filho, nunca tive.

Vocês acham que é mais difícil ser pai e educar hoje do que era antes? É diferente, é mais fácil?

H – É diferente, mas eu não acho que seja mais difícil ou mais fácil, acho que a dificuldade talvez seja a mesma, mas com desafios talvez diferentes, com pontos a serem mais pesados do que antigamente, acho que antigamente se criava mais, as preocupações são diferentes dos pais, por exemplo, é difícil falar as preocupações que o meu, não sei exatamente quais eram as preocupações que os meus pais tinham.

M – Nenhuma, na idade deles.

H – Não, meus pais não, mas pensando assim na questão de educar.

M – Acho que tem um paralelo com a idade também.

H – Na verdade, eu acho que tem coisas que são muito básicas, você quer que o seu filho vá lá, estude para ter uma profissão, para ter a sua renda, para crescer, isso acho que é básico, é meio que a linha...

M – Para você ver como é, se me perguntar, sabe o que eu vou falar? Que eu só quero que seja feliz, o que ela vai fazer...

H – Mas, tudo bem, para ser feliz ela vai precisar se sustentar.

M – Não necessariamente.

H – Ou vai precisar ser sustentada, mas você precisa o mínimo de norte, você tem que dar, é, você precisa que esteja com saúde, essas preocupações são básicas, eu acho que talvez hoje pela sociedade, pelo mundo você tem algumas preocupações a mais do que eles tinham naquela época, que nem eu falei da questão de segurança, pelo menos eu não lembro nunca, tipo, cuidado, não lembro de ter tido aquele aviso “cuidado que você pode ser assaltado, cuidado”.

Só leva um casaquinho que pode esfriar.

M - Era só isso, eu acho que o mais difícil hoje em dia é lidar com essa parte de segurança que talvez a informação também tenha trazido porque nós não tínhamos internet, jornal, acesso para saber que todo dia tem quinhentas pessoas morrendo assassinadas e eles olham isso já, e é difícil para a gente, e eles crescem com esse medo já, por mais que a gente deixe eles numa redoma, não tem como, né, e tem o caso da escola de Suzano, tem o negócio dos Estados Unidos, então eu acho mais difícil.

H – Hoje teve mais um né.

Hoje teve?

H – Hoje teve, um funcionário público invadiu a repartição e dizimou.

M – Aonde?

H – Nos Estados Unidos para variar né.

M – Então, esse tipo de coisa é difícil porque essas questões quando eles trazem para a gente assim, como que você verbaliza? porque antigamente uma mãe falava “não pega uma balinha”, era o máximo que a gente ouvia, você não via o mal nas pessoas.

Era uma coisa que estava muito lá longe né.

M – Estava muito lá longe, talvez existisse, mas como não tinha a internet, você não tinha acesso global a tanta informação, jornal nacional era coisa de São Paulo né, era diferente, hoje...

H – Não só isso, de saúde, de tudo a preocupação hoje em dia é maior, hoje o bebê espirra, leva para o hospital, meu, acho que a primeira vez que eu fui para um hospital eu tinha uns sete anos, mas porque eu estava doente, foi porque eu tomei um capote tão lindo de bicicleta que eu ralei metade do meu corpo, e eu fui para o cara limpar, mas não era porque eu estava doente.

M – Mas também é porque tem o lance social né amor. As vezes eu fico me perguntando. Essa pesquisa, você fazendo com uma classe social onde a mãe fica em casa, ganha um salário mínimo e o pai é um pedreiro, como que a resposta seria?

H – Diferente, o meio social vai influenciar, se você for...

M – Porque, talvez seja exatamente, está resfriado, vai ficar resfriado e vai tomar o leite com mel e melhora.

H – Sim, se você for, você pega uma família que não tem condições de ter um plano de saúde e vai ficar cinco horas na fila do hospital, não dá, nem vai.

M – Nem vai.

E vocês acham que o jeito de ser, como que vocês classificariam a qualidade ou o jeito de se relacionar com essas crianças com essas, com essas crianças não, vamos dizer, com a C1 com essas características que ela tem? Vocês acham que o jeito de ser interfere nos relacionamentos com os amigos, com a família?

M – Eu vou te falar que eu só tenho, interfere positivamente, eu só tenho lembrança positiva, se eu falar para você assim hoje assim, eu acho muito gostoso ser mãe com todos os desafios que tem que se enfrentar, gosto muito da companhia da C1, o jeito dela assim, todo mundo tem características positivas e outras a melhorar, mas assim eu acho muito saudável, honestamente, eu acho que é um ambiente saudável, gostoso. Assim, para mim a minha família, voltar do meu trabalho e voltar para a minha família é tipo algo como se fosse tomar um chá de energia, porque é gostoso, isso era gostoso com a minha família também, eu lembro de ter memórias bacanas, memórias muito bacanas, mas era engraçado que tinha uma pressão naquilo, entendeu? A diferença que eu sinto, não sei porque, não estou falando pela voz dela, mas eu não podia ser 100% e é ruim quando a gente não pode ser a gente 100%, eu acho que essa geração se, com qualquer transtorno, defeito, etc., que tenha, mas é muito bom quando você é aceito do jeito que você é, e isso que hoje em dia eu vejo que existe, é mais normal isso, você não precisa... vou dar um exemplo básico, a criança chega, a C1 chegou agora, mas não deu beijo e não sei o que, em outras épocas assim, a gente via, “não, mas tem que dar beijo, dá beijo, dá beijo, da abraço”.

Pede a benção.

M – Sabe, é, umas coisas pequenas se transformavam num momento de estresse, está falando com uma criança, se parar para pensar, de ficar pressionando uma criança “dá beijo, faz aquilo, aperta a mão, não sei o que”, deixa ela ser como ela é, ela está crescendo, ela vai aprender, eu acho que tem que ter educação, tem que ter o básico, não pode brigar, não pode bater, tem que falar bom dia, falar boa tarde, mas assim, acho que hoje em dia elas são mais naturais e na frente dos adultos, eu lembro que era assim, mas a gente era quando estava com a gente, passou dos dez anos de idade já, o negócio mudava, quando chegava pai e mãe a gente já pensava duas vezes para falar alguma coisa. Então eu acho, eles pensam, com certeza, eles não falam palavrão na nossa frente, com certeza na escola deve falar palavrão, aprontam e não sei o que, sabem o limite, mas eles, eu acho eles mais espontâneos, por isso que eu acho interessante.

H – Para mim, eu já falei, até comentei com ela as vezes, minha impressão de que a gente está fazendo um bom trabalho, estamos sendo bem-sucedidos no papel por atitudes que eu vejo dela, as vezes até que eu vejo os outros falando que se ouve da escola, então a impressão que me dá é que está sendo bem-sucedido. Ela está sabendo falar, que nem teve o episódio recente na escola da professora...

M – Esse eu não estava, eu já tinha saído.

H – Da professora perguntar se algum aluno tinha...

M – A professora fez uma roda com todas as crianças para perguntar o que eles podiam, o que ela podia melhorar e o que eles podiam melhorar, e falou que todo mundo ficou mudo, não sei se o F. estava lá, acho que não estava, falou que todo mundo ficou mudo e ela ficou insistindo e a C1 vomitou, falou tudo, e aí depois fiquei sabendo, não foi nem por ela, mas porque a mãe do Fr., porque as outras mães falaram no grupo, que o Fr. falou que tudo o que ele queria falar a C1 falou e então ele ficou feliz, e o dia em que eu fui na reunião eu falei para elas, eu achei interessante porque é o desafio das

peessoas, elas precisam ser ouvidas e aprender da forma correta de falar para que sejam ouvidas, então assim, achei interessante, ele fala de trabalho, a gente não sabe como vai ser o futuro, mas é tentar tratar, todo mundo tem oportunidade de melhora e tem coisas para tratar, trata no privado, tenta ajudar. Eu acho que isso não era assim antigamente, os pais davam bronca na frente de todo mundo, expunha as crianças, eu lembro desse tipo de coisa, não comigo e nem com minhas irmãs, de você ir numa loja e querer um negócio e a mãe “não tenho dinheiro para isso”, era tudo muito assim, sabe, então a gente vem de uma cultura de medo, você respeitava pelo medo, não pela admiração, porque eu acho que essa é a principal diferença, só que você abre esses precedentes, eles são questionadores, eles querem saber mais, dá mais, eu acho que hoje dá mais trabalho, eu vou ser bem sincera, eu falo isso para a minha mãe e ela fica meio brava, eu acho que hoje dá muito mais trabalho educar do que antes, você educar pelo medo você bota uma regra e manda o cara seguir, não seguiu leva choque na cerca elétrica, é um macaquinho dentro da cerca elétrica e vai pegar, leva choque, vai lá e leva, e para de pegar, e ele fica comportado, é mais difícil você criar onde você deixa ele pensar, e ele chega pelas conclusões dele o que ele precisa fazer. Acho que isso que é, e é mais difícil, logo se é mais difícil, a capacidade e potencial de ter mais erros, menos insucessos são maiores, mais insucessos são maiores hoje em dia porque dá mais trabalho, deixar a criança pensar, questionar, sei lá, é igual ir para um acampamento, na minha época eu fui para um acampamento a primeira vez com 14 anos, Deus sabe como foi difícil deixar a C1 ir para o acampamento e ainda é, mas eu deixei por muita pressão.

H – Dela.

M – Dela.

H – E foi ótimo para ela aparentemente né, mas porque que a gente não deixa, pelo medo.

M – E eu vejo que as inseguranças que ela tem, as que ela tem são as que eu tenho, assim, claro, mas tipo, se eu tenho igual eu passei naquelas fases de doença, ainda as vezes tenho muito, se eu tenho, se ela tem medo de morrer é porque ela vê a mãe dela tendo medo de morrer, assim, então eles têm essa conexão, eu vejo isso claro, como essa geração é mais sensível, acredito que eles são, até o menos deles eu acho que são mais do que os outros, eles acabam absorvendo mais esses problemas, de olhar na rua e ver um mendigo e se sensibilizar.

Se sensibilizar, se tocar com isso.

M – É uma coisa que é deles, então nunca vejo só a minha filha, vejo mais porque ela está comigo, mas assim, de chorar, de olhar uma pessoa na rua e começar a chorar porque está na rua, sabe?

Bom, e para finalizar eu queria saber qual que é o significado para vocês de ser criança e de infância? O que significa isso para vocês?

M – Eu começo? Para mim ser criança é ser espontâneo e ser feliz, e o significado da infância para mim é você conseguir com essa espontaneidade e felicidade você aprender a lidar com os seus sentimentos, eu acho assim, não de forma adulta, mas é a primeira oportunidade de você se conhecer, acho que se a gente consegue ser espontâneo e criativo você consegue levar boas memórias, olhar as coisas com um olhar positivo, acho que a infância é isso, é você deixar a criança ser ela, espontânea.

H – Acho que infância é um descobrimento, basicamente, onde ela vai descobrir o que é bom, o que é ruim, o que é ser feliz, o que é ser triste, o que é certo, o que é errado, ela vai descobrir tudo, é onde ela vai formar a personalidade dela para o que ela vai ser no futuro, para mim, eu ainda acredito um pouco naquela teoria, nem sei, mas uma coisa que se fala em faculdade que é, a gente nasce uma folha em branco, temos certas predisposições, mas que ainda estão desativas, mas estamos em branco, e o meio que a gente vive vai tornar a gente em quem a gente realmente vai ser. Eu ainda acredito um pouco nessa teoria, não sei nem mais se ela está em desuso, nem sei se existe, mas para mim é mais ou menos isso.

Mas se serve para você e faz sentido para você, pode não estar em uso, mas na sua vida cabe, é...

H – E você tem certas predisposições que são suas, por isso que as vezes eu falo, como as vezes dois irmãos são, a gente tem um exemplo em família, dois gêmeos.

M – Totalmente diferentes.

H – São personalidades opostas, literalmente, mesma criação, mas por isso que eu falo, tem a predisposição e daí os valores que você vai tendo em volta, aonde você convive, a sociedade na verdade vai de dar os valores, algumas coisas para essas suas predisposições irem seguindo certos caminhos.

M – Por isso, conectando isso que você está falando, por isso que eu falo de ser espontâneo e ser feliz porque se você não tiver oportunidade de ser espontâneo como que você vai mostrar isso e os pais que são responsáveis por aquela criança vão conseguir direcionar de uma forma a educar corretamente, gravar isso no DNA né, então assim, senão você vai levar para outra fase, se você não se conhecer nesse período, em algum momento essa conta vai precisar ser paga né, aí você vai ter que...

H – Fazendo um paralelo para mim a função do pai é um orientador, na verdade é tentar mostrar o melhor caminho, a melhor maneira de fazer as coisas, tentar mostrar, porque as vezes o melhor caminho é para mim e não para ela, mas fazer ela aprender a analisar, a criança analisar as opções e o que vai ser melhor para ela, ela entender o que vai ser melhor para ela, entender o que é certo e o que é errado, mas também o que vai ser melhor para ela, o que pode levar a coisas boas e o que vai levar a coisas ruins, mais ou menos ser o GPS deles, pegando a tecnologia, ser o Waze deles, eles podem escolher o caminho que quer chegar, mas está mostrando mais ou menos aonde eles tem que chegar, e eles vão traçando o caminho deles, faz parte você errar, faz parte você quebrar a cara, muitas vezes eu até brinco, para mim serviu muito na minha infância as vezes que eu mais aprendi que mais foram para a minha personalidade não foi aonde eu acertei, foi onde eu fiz as maiores cagadas da minha vida, e talvez foi onde deu a maior direção, talvez aquilo ter dado tão errado, a burrada ter sido tão grande, pum, deu aquela luz na cabeça, putz, calma, para, olha, pensa, analise e conserta, porque se dá um pouquinho errado, passa batido.

M – Mas eu acho que criança tem que ser espontânea, criança não tem que pensar, criança tem que ser feliz.

H – Não, não pensar, mas eles precisam aprender.

M – A gente orienta, mas criança é criança, ela não precisa se preocupar.

H – É que acho que o nosso vai entrar na fase mais desafiadora, eles ainda não, eu espero grandes surpresas nos próximos dez anos, como as vezes pode não.

M – É que eu tiro por mim entendeu, eu volto, se alguém me perguntasse, eu teria sido eu, teria sido espontânea, ia mandar minha mãe tomar no cu quando desse vontade, eu não ia falar porque eu ia apanhar, mas eu ia responder para ela, ia ser natural, do que eu vejo, entendeu? Tipo assim, ao mesmo tempo, que legal, tem que ser, a gente está se conhecendo.

H – Eu penso também, será que se voltasse eu mudaria, eu não sei se eu mudaria, eu sou capaz de se alguém me botar lá no passado eu fazer as mesmas cagadas que eu fiz. Tudo tem seu lado, você ter sido mais responsável você quebrou menos a cara que eu, com certeza, você fez menos burrada.

M – Não, mas a gente está no mesmo lugar hoje em dia.

H – Sim, mas chegamos aqui, cada um por um caminho, é isso que eu te falo, por direções diferentes...

M – E eu vou no psicólogo e você não.

H – Por direções diferentes.

Vou entregar um cartãozinho para você...

H – Mas é o que eu te falo, será que eu não sou uma pessoa mais fria? Eu tenho menos crenças, eu tenho menos...

M – Mas você foi espontâneo P1 quando a gente conversa e você fala da sua infância você foi você, você foi criança.

H – Ah não tenho nada do que reclamar.

M – Criança vai meter as mãos, vai fazer, armar um plano mirabolante para o pai e a mãe não descobrir, isso faz parte de ser criança, entendeu?

H – E fazia, quebrava as coisas e tentava esconder.

M – Você não é aquela pessoa que toda hora, faz assim, não faz, sabe, é isso que eu acho de ser criança.

H – Mas tinha.

M – Tinha, mas você não tinha toda hora alguém faz isso, senta, levanta, come, é o que eles fizeram, é o que eu falo.

H – A questão é de responder né, talvez, não sei. Eu acho que pelo fato da minha bisavó, por ter me criado, já por ter uma certa idade ela acabava pegando mais leve em algumas coisas, normal, ela talvez não tivesse tanta energia quanto a sua mãe tinha.

M – Não, mas a sua mãe também, isso é, aí a gente vai começar a voltar em arvore genealógica sua mãe também é uma pessoa mais leve, e isso depende da criação, minha mãe ela reproduziu a criação dela, aí a gente, estamos viajando né, e a gente vai reproduzindo, tem uma hora que a gente vai ter que quebrar essa reprodução, e a gente não faz isso sem...

H – Normal porque quando você vai começar a educa uma criança, se você vai buscar o seu conhecimento você vai buscar como você foi educado.

M – Então, mas essas crianças de hoje eu acho que elas forçaram essa geração de alguma coisa, que a gente acaba quebrando, as crianças, a informação e tudo mais, não dá para você continuar reproduzindo o mesmo modelo, não tem como, é isso que eu vejo, eu falo, como que eu vou reproduzir o mesmo modelo?

H – Para a gente não dá certo, mas dependendo do tipo da criança, talvez um modelo mais...

Não cabe por causa do jeito de ser da criança? Das crianças, é isso?

M – Eu acho que não cabe.

H – Acho que não cabe pelo jeito de ser das crianças e pelo jeito que o mundo está indo, talvez tenham crianças que vão exigir uma linha mais dura, vai precisar que você empurre.

M – Mas tem que se adaptar, não dá, por isso que assim, salvos os exageros de você não pode bater, você não pode nada, mas não dá, se a gente parar para pensar não dá para criar um ser humano na base do medo, esse é o meu conceito, entendeu.

H – É que eu não fui criado na base do medo, é diferente.

M – Você não foi, mas acontecia muito isso, antes da geração da minha mãe.

H – Até porque eu não tinha medo de apanhar, então...

M – Ou não é nem, eu também não tinha, dava na bunda, bate, eu não fazia isso porque ela batia mais, mas minhas irmãs já faziam “não tá doendo”, “ah não tá doendo? Espera aí?”, é normal, e eu falo que isso que é ser criança, entendeu? Agora aquela criança que senta e fica lá, tipo assim, tudo bem, aí você fala, gente não é criança, tem alguma coisa aí, fala sério.

H – Troca o chip.

M – Tem alguma coisa errada por aí, vamos mudar isso.

Ok, então.

Casal 2

Qual a idade de vocês?

H – Eu tenho 49 anos.

M – Eu tenho 46.

E vocês tem quantos filhos?

H – Três.

Qual a idade das crianças?

M – 16, 10 e 4.

Vocês são residentes aqui de Guarulhos mesmo?

M - Sim.

E vocês falaram para mim, C2.3 16, C2.2 10 e C2 4 anos. São todos meninos?

M – Todos meninos.

Como vocês descreveriam seu filho?

M – O C2 ele tem um gênio forte, de opinião, então assim, se fez uma coisa que não agradou ele, ele vira a cara, não conversa e fica firme, não é muito chorão, mas é manhoso, e é uma criança de opinião, agitado, ele é esperto, curioso, pula, chama bastante atenção, mas o que eu resalto nele é que tem um gênio muito forte, é uma criança de opinião.

Mas quando você fala que ele tem um gênio muito forte, o que é?

H – Que puxou eu.

M – Eu falo que puxou o pai, porque assim...

Mas é sempre assim, nessas coisas é sempre na família do outro lado, não da nossa.

M – Não faz o que ele quer, aí ele já vira, que nem hoje, desde ontem ele falou que queria um tal de caramujinhos lá, que acho que ele viu no quintal do avô e porque quer que compre, que compre, falei que não tem como comprar, aí hoje de manhã já falei “chega, não tem, não dá”, aí o que ele fez? “Então não vou tomar meu leite”, e foi para a escola sem tomar o leite e aí assim vai. Na hora de dormir se eu falo “não C2, você não vai dormir aqui hoje, você tem que dormir na sua cama”, que as vezes ele quer dormir na minha cama comigo, aí ele pega, vira a cara, vai para o outro canto, fica no meio do corredor e senta, ali ele fica e não sai se for o caso. Então ele tem uma opinião muito forte.

Só quando ele é contrariado ou não?

M – Mais quando é contrariado né amor?

H – Contrariado.

Quando não é, fica normal...

M – Quando não, é normal.

H – Mas ele é esperto, ele tem uma mente muito.

M – Uma memória né.

H – Uma memória muito boa, a gente passa num lugar e ele fala, aqui é a casa de fulano de tal, na rua, a gente está passando de carro e ele fala “é aqui que eu vou estudar, aqui é a casa da dinda”, como é que ele sabe, se só passou de carro? Aí já tem essas características já, o celular, ele pega o celular e ele já sabe o que tem que fazer, já vai com o dedinho, ele vai colocando tudo já, já sabe pedir as coisas no Google por voz.

Quem ensinou?

M – Ninguém, nem eu sabia que tinha aqui um microfone, porque quando você entra no Google você vê lá, mas ele não entra no Google, ele entra direto no microfone que tem no celular, aperta e aí ele canta um pedaço da música que ele quer ouvir, ele canta um pedacinho, um exemplo, vídeo, ele canta a dona aranha, aí aparecem vários vídeos lá da dona aranha e ele vai clicando e assistindo, e eu nem sei onde é esse botãozinho do celular, sozinho, **ninguém ensinou**. Na escolinha também, ele vai trocar de escola ano que vem, eu falei oh filho, você vai estudar nessa escolinha, explicando para ele já ir se adaptando, e aí outro dia a gente passou lá, essa semana, e aí dentro do carro ele falou “oh pai a escola que eu vou estudar ano que vem”, e aí é assim, muito esperto.

E nessas características que vocês colocam que ele tem, quais destas características vocês acham que vocês também tinham?

H – Eu vejo assim uma, que na verdade, como eu fui criado sozinho, aí a gente acaba absorvendo algumas coisas do mundo para nós mesmos.

Você acha que era uma criança diferente da criança que ele é?

H – Sim, sim, porque eu me tornei, ela fala que eu sou ranzinza né, mas foi o mundo que me ensinou assim, a ser ranzinza, porque eu tive que aprender sozinho, eles têm muito, eu não tive nada disso, então não sei porque que apareceu isso dele, mas meu irmão como é, a mesma coisa, meu pai a mesma coisa, então ela fala “puxou sua família, puxou você”, mas é assim, ele tem umas qualidades bastante interessante, que ele é auto independente, ele pega a roupa dele, eu deixo, quando está comigo, eu quero essa roupa, e ele vai, ela não, não, você vai com essa, então ele pega o sapato dele, pega a meia, pega a cueca, pega tudo e se veste sozinho, toma banho sozinho, desde os dois anos, né.

M – Dois anos e meio já sozinho.

H – Ele saiu da fralda com 9 meses?

M – Não, foi com um ano que ele estava na escolinha.

H – Que ele tirou, enjoou, tirou e jogou, não usou mais, opa, que bom!

M – Ótima.

Decidido.

M – Decidido, ele é decidido.

H – Então isso aí é bom, eu acho viável, agora tem outras coisas que a gente desaprova, tem que puxar a orelha né, as vezes ela fala que eu sou meio duro né, então a gente combina de não tirar a autoridade um do outro, se tirar tem que ser isolado para o moleque entender que existe a figura materna e paterna, então a nossa autoridade tem que manter, se eu falei assim tem que ser assim, se ela falou assim tem que ser assim, então nenhum tem que tirar a autoridade do outro. Então na hora que a gente exceder, vem e conversa, mas não na frente da criança, porque aí ele vai entender que um vai ter mais poder do que o outro né.

Mas isso, isso com os outros filhos também, com o C2.3 e com o C2.2 também ou é, tem alguma relação com o fato do C2 ter uma opinião forte?

H – Com o C2.2 não foi tão difícil assim não.

M – Não foi não, com o C2.3 foi mais tranquilo.

H – O C2.3 foi o mais tranquilo.

M – Agora com o C2 ele tem opinião mesmo, ele enfrenta.

H – Ele não chora.

M – Ele não chora, e outra coisa né bem, ele as vezes ele está nervosinho e joga as coisas no chão, eu falo “vai lá pegar C2, pega”, e ele vai assim, ele vai, abaixa no chão, comigo né, com a mãe, e faz assim com a mão, mas não abre a mão para pegar o objeto que ele jogou, ele não pega, o pai dele fala uma vez só, aí ele vai e pega, mas emburrado, e xinga, torce o pezinho, eu falo, nossa, como tem opinião, já os meninos não, pega no pé, fala, eles sempre fizeram, mas o C2 não, isso desde novinho, com um aninho um aninho e meio, quando jogava as coisas “pega lá C2” e ele ia com a mão assim, fechada, mas não pegava, é uma benção.

O que ele tem então de semelhante, por exemplo, com o C2.2, que é mais próximo da idade?

M – Não tem muita coisa né, semelhante com o C2.2?

H – O C2?

M – O C2.

Como vocês descreveriam o C2.2?

M – O C2.2 ele é, eu acho ele uma criança amorosa, eu peço ajuda para ele, ele faz, até quando me responde mal, me dói muito e aí até falo assim “oh filho doeu o que você fez com a mãe, que você respondeu” porque ele é muito difícil de responder, então quando ele responde assim meio torto, aí me dói demais como mãe, e ele é assim, ele não sustenta, as vezes, mentira, ele tenta falar mentira, eu falo assim “C2.2 eu quero a verdade”, ele fala “tá bom mãe, então aconteceu isso, isso e isso”, então ele muito puro, eu sinto ele como uma criança pura, ele é inocente, entendeu assim, pela idade dele,

não tem aquela malícia, e as vezes eu pego no pé dele e falo assim “filho, você tem que ser mais esperto, você não pode deixar as pessoas fazerem as coisas”, outro dia ele chegou riscado assim nas costas, na orelha e no pescoço, e eu falei “mas o que é que foi isso?”, “ah foi a menina que ficou pintando de canetinha”, eu falei “mas você deixou?”, ele falou “ah eu falei para ela parar, mas não parou”, então aí quando for assim você levanta, vai lá e fala com a professora olha professora, eu já falei com ela e ela não parou, mas antes disso eu perguntei “você gostou que ela estava te riscando?”, ele falou “não mãe, não gostei”, então “aí você tem que tomar uma atitude, ter autoridade, tem que ir lá falar”. E isso aí eu ressaltar nele, isso ele não tem, sabe? Eles brigam bastante, ele e o C2 brigam muito, brigam mesmo e aí que ele fala que odeia o irmão, que não gosta do irmão, mas eu falo que não pode ser assim, mas ele tem esse lado que eu acho que é dócil, eu acho que ele não tem, como que fala, malícia para as coisas né.

H – Mas o C2 é assim, por exemplo, o C2.2 sempre quer dormir na casa do tio, então a primeira coisa que ele fala “cadê o C2.2?”.

M – É, não fica longe.

H – Então ele não, ele se preocupa muito com o C2.2, desse tamanho aí, então ele sente saudade dele, do irmão, mesmo brigando.

São diferentes, mas se gostam muito.

H – É, então a gente também ensina muito que, a gente fala para eles assim “vocês têm amigos lá fora, você tem colega lá fora, mas seu irmão é seu amigo, seu pai, sua mãe, são seus amigos, acontecendo o que acontecer ninguém vai abandonar no meio do caminho”, isso a gente fala até para o grande também, para o maior, ele, eu acho assim que é uma criança muito dócil, os dois.

M – O C2.2 né.

H – O C2.2 acho que ele usa o segredo, acho que ele usa o segredo porque quando ele quer uma coisa...

M – Aff, aí é, a gente sofre, ele fica assim mesmo. Fala da bola de basquete né, ele fala “oh mãe dá uma bola de basquete?”, aí passa cinco minutinho, “oh mãe, sabe, eu estava vendo a bola de basquete” e aí depois quer, como que fala bem? A bandeja, aí ele fica, assim, ele fica até conseguir ele fica na sua orelha, até você cansar.

Mas ele argumenta ou ele faz carinho...?

M – De dó, de pidão.

H – De pidão, pidão, o C2.3 já foi diferente, que nem, primeiro filho né, comprava tudo, tudo, e um dia ele veio, e não pedia nada para mim porque sabia que eu não dava, então já ia para ela, um dia ele me pediu um boneco do homem aranha, baratinho, foi 35 reais, aí eu falei assim “você vai comprar”, e ele falou “mas pai como eu que vou comprar se eu não trabalho e não tenho dinheiro?”, “você pede um real para mim, um real para a sua mãe, no dia que não tiver não tem”, e todo dia ele pedia um real, até juntar os trinta e cinco reais, ele foi lá na loja, pegou o dinheiro e foi lá e pagou, e foi o brinquedo que ele mais valorizou. Então a gente verifica que mesmo com essa geração, a nossa geração tem uma, como que se diz, tem uma força muito grande ainda, porque vale a lei do esforço né, fica encrostada dentro da mente dele e ele abraça aqui lá, e é dele, então é isso, eu que comprei com o meu dinheiro, ele valorizou, então a gente tem que fazer isso com eles também, porque eles não valorizam, é descartável, então, você sabe que o celular é caro, então deu um nervosinho, não importa quanto você pagou, vai lá e quebra.

M – O C2 né, o C2 joga, o que ele tiver na mão ele joga.

H – Mas o C2.2 já fez isso aí também, então a gente tem que ainda, ainda há da nossa geração a educação muito forte ainda, da nossa...

M – Para poder frear.

H – Para poder frear, não sei se a gente pode dar um exemplo aqui do C2.3, pode?

Pode. Pode falar deles tranquilamente. São três crianças.

M – Diferentes.

Diferentes, como que é?

M – Eu falo assim, o C2 acho que também ele tem essa liberdade, essa questão de explosão dele, de fazer o que quer porque sabe aquela, quando você está cansada, começou a chorar, ah toma, tó, tó, está chorando ah tã, tó, tó porque você está cansada e aí você erra, e o C2.3 até me repreendeu já disso, “mãe, ele faz tudo o que ele quer, ele consegue tudo o que ele quer, você, tudo o que ele fala que ele quer, você faz”, mas é porque você está cansada, sabe, você não quer ouvir choro, choro, aí você acaba cedendo e é difícil, eu acho difícil porque, com um você tem que pisar em ovos, outro você tem que ser de outro jeito, é complicado eu acho, porque são bem diferentes um do outro, mas eu tenho assim, na medida do possível, chegar próximo, que nem com o C2.3, eu estou reaprendendo, que eu acho que é aprender, desaprender e reaprender né, cada, porque são fases diferentes e aí com o C2.3 eu estou reaprendendo de novo a lidar com essa parte da adolescência que dói, machuca, porque você

quer abraçar e não pode, quer beijar não pode, não pode tocar, e aí eu tento reaprender como lidar com ele, aí conseqüentemente eu falo para ele, eu acho engraçado assim, vamos supor, num sábado quando eu vou fazer curso, quando eu chego é “mãe, mãe, mãe”, eu falo assim, “meu Deus, para quem é que eu vou dar atenção?”. Porque são três homens, quatro homens, e cada um na sua diferença, mas eu tento fazer o melhor para eles. Uma coisa que você falou da educação que eu tive com minha mãe e com o meu pai, de honestidade, humildade, e as vezes eu não pego muito no pé do C2 porque eu quero que ele seja diferente que a mãe, porque eu peguei muito no pé do C2.3, eu peguei muito, e eu pedi desculpa para ele, eu sentei, nós dois e falei “filho desculpa, a mãe errou com você, a mãe pegou muito pesado com você em questão de notas”, que eu acho que ele tinha que tirar melhor, que ele tinha que ser, mas, na verdade não era ele, era nota minha né, e não é, eu tinha que respeitar.

Como assim nota sua? Como mãe?

M – Como mãe, eu acho que ele tinha que ser o melhor, mas para ele, não precisava ser o melhor, então quer dizer, essa nota melhor era minha, que nem, tinha trabalho...

Se ele fosse um excelente aluno, sinal que você foi uma mãe, excelente mãe?

M – Não, como se a nota fosse minha, eu me apropriar, porque assim, eu queria que fizesse o melhor do melhor jeito possível, eu falava assim “não, você tem que fazer”, tinha uns trabalhos de escola, acho que do quinto ano né bem? Quinto ano, a professora não pedia referência bibliográfica, eu peguei tanto no pé desse moleque “você põe, você tem que por, sua mãe sabe o que está falando”, “mãe a professora não pede isso, a professora não pede, ela só quer um trabalhinho ali do quarto, quinto”, “não, mas você tem que pôr a referência bibliográfica, de onde você está tirando”, neurótica, mãe neurótica, vamos lá, tem que pelo menos pesquisar nuns quatro, cinco sites, e todo trabalho, de tanto pegar no pé ele ia, aí o que aconteceu? Depois que a professora viu isso aí começou a colocar como regra da sala, então aí ele falou “tá vendo, por causa de você agora a professora vai colocar regra, agora todo trabalho tem que ter uma referência”.

E eu sou odiado pela escola inteira.

M – Por causa da mãe, então isso daí pegou, e eu acho que, e aí eu pedi desculpa para ele há um tempo atrás e estou revendo a história com ele, pedi desculpas, mas eu falo assim “filho eu quero que você seja mais esperto que a mãe né, porque a mãe é assim”, que sou eu, eu sou muito passiva e as pessoas fazem o que quer, muitas vezes, tem assim, como que é... amizades abusivas, então assim, o pessoal não faz, então vou lá e arrepio, eu faço, não, eu vou lá, faço desde o começo ao fim e as pessoas acabam se acomodando, e eu brigava com eles que eu queria que fosse diferente, né, falo “não quero que você fique que nem eu, quero que você tenha a resposta na ponta da língua, que você enfrente as pessoas” e o C2.3 é um pouco assim, ainda pego menos, agora o C2 por isso que eu vejo que é uma outra geração, nossa o C2, o pessoal “cadê a mãe dessa criança?” e eu lá com cara de paisagem, e procurando, cara de paisagem, porque também não pego tanto no pé dele porque quero que ele, que não seja assim tão calado, o P2 não é assim, mas eu sou né, bem sou muito calada, não dou resposta para as pessoas, não estou falando de brigar, mas algumas coisas você tem que se impor, colocar sua postura, e as vezes eu fico muito calada.

Do limite que você falou que o C2.2 deveria ter dado para a coleguinha que o rabiscou.

M - Isso, isso mesmo, nessa questão de limites, e a questão do C2.3 que eu peguei no pé, é como o trabalho era meu e não é meu, a nota não é minha, é dele, se ele em cinco minutos, eu também não admitia que em cinco minutos ele pegava o caderno e “já estudei”, “não, mas como?”, então eu errei muito com o C2.3, “mas como em cinco minutos você já estudou? É muita coisa”.

Eu não aprendo, imagina você.

H – E o pior que o bichinho aprende.

M – E ele sempre tirou notas boas, e com o C2.2, um tem que sofrer né, coitado, aí com o C2.2 eu já maniquei, “filho tem que estudar, está aqui o caderno”, e ele “não mãe, eu sei”, e ele também pega cinco, seis minutos e já foi.

H – Eu também desconfio, mas vem o boletim né.

M – Quando a gente vê o boletim as notas vem, então aí eu aprendi, reaprendi né então assim, essa nota não tem que ser minha, é deles, é o momento deles, o meu já passou, então assim, essa questão de rigidez eu acho, essa é a palavra, eu sou rígida comigo.

H – Mas de vez em quando tem que ser, se você não tivesse pegado no pé dele na referência, ele não ia ficar com isso na cabeça dele, no futuro, não ia saber o que é referência, o que é isso? Então a gente vê aí, e tem outra, as duas matérias mais importantes é português e matemática, e ele tira 9 e 10, fica intercalando, 9 e 10, 9 e 10, eu fui até questionar o professor na escola lá porque ele tirou nota baixa em história e ele “meu filho não se preocupa com isso não, ele está bom de português e matemática que é só isso”, então e eu falei “tá bom, tá bom, mas ele pode reprovar né”.

Vocês acham que existe alguma influência nessa mudança na maneira de educar de vocês em relação a eles?

H – Eu acho que sim, eu acho que prejudicou, eu acho que deveria ser com todos igual, porque o C2 ele não tem limite, as vezes é obrigado, hoje de manhã mesmo fui obrigado a dar uns tapas nele, umas pauladinha na bunda dele, que ele não queria tomar o leite e queria ir para a escola, tudo bem, vai ter o lanche as dez horas né, mas é só olhar para o C2.2, o C2.2 já sai correndo já, então e ele não, não está nem aí.

M – Não está.

Mas você mudou o seu jeito, porque a M2 falou que ela mudou o jeito dela?

M – Ele não, ele é um jeito só.

H – Eu não mudei.

M – Para todos.

Mas mesmo assim o C2 responde de um jeito diferente?

H – Diferente, o C2 me respeita, todos eles me respeitam, então, por exemplo, eu fico até assim, por exemplo, o C2.3 ele vem para mim e fala “meu carequinha”, para ela não fala nada.

M – Toca, abraça.

H – É, me abraça, eu falo você tem que de vez em quando abraçar sua mãe, é sua mãe, ela sente falta de você, ela ama você. Às vezes estou sozinho assim, então, ela falou assim, na hora que ele vier falar para você “meu carequinha” dá um abraço nele. Eu não faço isso, não sei, é o meu jeito mesmo.

Mas é com todos.

H – É com todos, então eu percebo assim, por exemplo, se ela falar assim “C2.2, C2.2, C2.2”, eu falo “ô C2.2” ele já “o que foi pai?”.

M – É uma vez só.

H – É diferente, entendeu, perde a autoridade né, eu falo, você tem que impor autoridade de mãe, matou o problema, é autoridade de mãe, vai ter que fazer, pronto e acabou, não tem essa de pedir por favor, você é mãe, eu não peço por favor para eles, vai lá fazer e pronto e acabou, vai lá e pega uma água para mim, já o C2.2 não desce porque tem medo.

M – Porque está escuro, se estiver todo mundo lá em cima ele não desce.

H – Se o C2 vier com ele, ele vem.

M – E o C2 não tem medo.

H – C2 não tem medo.

M – Desce numa boa, uma coisa que ele falou o C2.2, agora que eu lembrei, que eu não comentei do C2.2, o problema dele é as gavetas né, a roupa do jeito que ele tira, ele guarda, vamos supor, tira o short e fica do avesso.

Enroladinho né.

M – Enroladinho, do lado avesso, vai lá, só jogando na gaveta, toda vez que eu lavava, passava, ia lá, sentava, arrumava a gaveta, separava, tal e tal, agora sabe o que eu fiz, larguei mão, aí se você abrir a gaveta dele, depois se você quiser subir para ver, você vai ver a gaveta dele, está até assim oh, está lá, aí larguei de mão, falei, na hora que ele entender que é necessário, que tem que mostrar, porque o C2.3 já arruma as gavetas dele, antes eu guardava a roupa de todo mundo, então já falo oh C2.3, está aqui sua roupa, aí o C2.3 já separa e guarda. O C2 não, o C2 já não bagunça a gaveta dele desse jeito, por mais que eu que pegue as roupas e guarde, ele não faz né bem, assim. O C2.2 nessa parte ele é, ele cuida das coisas da escola, mas das gavetas, de jeito nenhum.

Espera um pouco, o C2, você falou que ele se veste sozinho né?

M – Ele que pega as roupas, ele não faz bagunça.

Então ele pega as roupinhas dele, veste, depois tira e coloca lá de volta, sem bagunçar.

H – O C2 bagunça bem.

M – Não, assim de bagunçar as gavetas, de tirar as roupas não.

H – Mesmo porque quem mexe é você né.

M – É, mas ele coloca lá na cadeira a roupa quando ele tira, mas ele não é assim, sabe, de ir tirando as roupas da gaveta, pega uma peça, pega uma camiseta, que nem agora eu pedi para ele pegar uma camiseta na gaveta que ele molhou, aí ele vai lá e só tira a camiseta, ele não fica assim, sabe...

H – O C2.2 é assim.

M – O C2.2 é.

H – A gente percebe, é independente, muito independente.

Vocês me falaram, por exemplo, de uma inteligência muito grande do C2, falaram também do C2.2 e falaram também do C2.3, e uma facilidade deles de aprender que eu entendi, que eles, parece que eles aprendem com muita facilidade.

M – Com muita facilidade.

Vocês acham que isso é muito em função da educação de vocês e da característica da família de vocês ou é uma coisa que tem a ver com a geração deles?

H – Eu penso assim, acho que quando você, você tem que ser exemplo, se você não for na igreja aí você coloca o seu filho na catequese e quer que ele vá para a igreja, como que você vai querer que ele vá para a igreja se você não vai? Então a gente lê muito, eu leio muito, leio dez livros por ano, dez, doze livros por ano, então a gente pega o material para estudar e então eles já criam esse hábito de vir fazer.

Eles veem vocês estudando.

H – É, o C2 já vai e já pega o livro, cada um vem e fica nessa mesa aqui que ela abre, e fica então, mas para o lado dela porque ela estuda para caramba aqui, eu leio, mas eu leio dentro do ônibus, leio lá no serviço, então, tem um monte de livro lá que eu já li, então eu acho que essa necessidade de aprendizado deles é reflexo dela, né, eu acho. Posso estar enganado.

M – Mas eu vejo também pela geração né, a geração hoje a criança só falta nascer andando e falando já, eu acho que está uma geração assim, tem muita informação.

H – Mas eu penso assim, hoje você pega, eu estou com uma menina lá de 16 anos, “oh céus, oh vida”, eu perguntei para a menina “você sabe fazer porcentagem?”, ela não sabe, ela está terminando o ensino médio, como é que pode um negócio desse? Eu perguntei para ela assim, eu fiz uma pergunta lá para ela de história e ela não soube me responder, está complicado. Então eu acho que a juventude de hoje, eu não concordo com esse negócio de produto do meio, do meio em que vive lá e que observe tudo lá. “mano, cara, é nois”. Então você vê que até o vocabulário é diferente. Então quando você cria, eu penso, não sei, posso estar enganado, mas quando você é exemplo, aqueles exemplos se arrastam, as palavras movem e os exemplos se arrastam, então eu acho que puxa sim.

M – É o espelho né, é o espelho.

H – Eu penso dessa forma porque, por exemplo, eu tinha um amigo que ele lia para caramba, ele leu a bíblia todinha, eu falei “preciso ler a bíblia todinha também” e então eu comecei a absorver as palavras lá da bíblia, gravar mesmo, então se a pessoa vê, ela vai querer fazer igual.

M – Ela tem um estímulo né.

H – Tem um estímulo né, então, eu fico feliz da vida quando você vem para cá e o C2 vem para cá e já quer fazer o desenho dele.

M – Quer desenhar em cima dos testes, “oh mãe deixa eu pintar junto”?

Que significado então que vocês atribuem a ser criança nos dias de hoje?

H – Olha, ela é mais uma referência né porque ela já andou de carrinho de rolimã, já empinou pipa.

M – Bolinha de gude, futebol, eu era moleque, bem moleque mesmo, e o que eu acho assim, Maysa, eu gostaria que eles fossem mais moleques né, de brincar, eu até falo para ele assim “bem, domingo à tarde, vamos pegar e vamos ali no parquinho que tem aqui perto”, para eles se soltarem, ter o ar livre porque a gente fica só em frente à televisão, e começa série, série, mas é porque a gente está cansado da semana toda.

Mas eles também ou você está falando vocês?

H – Todo mundo fica cansado.

M – Todo mundo fica aqui, então a gente faz sessão cinema, mas eu falo assim que eu acho que eles precisam sair mais, só que a gente sabe, não dá para deixar solto aí na rua, então assim, tem que estar eu, ou tem que estar ele, então as vezes a gente vai para a rua ou vai num parquinho aqui embaixo, mas eu gostaria que eles brincassem mais, mas de contrapartida, na escolinha do C2 a professora falou assim que ele estava com dificuldade, que ele acaba de fazer uma coisa e amanhã vai dar de novo ele não lembra, não recorda, não tem memória, e aí fiquei questionando “nossa, não tem memória?” e ela falou que até as cores ele não pegou, a criança na idade dele já deveria saber as cores, e não sei o que, e eu fiquei questionando e eu conversei com uma professora e ela falou “M2 vai investigando, vai vendo” porque ela falou assim, mas não é fase de alfabetização, ele tem quatro anos, então tudo tem as podas, tem as janelas corretas, e mesmo que você é da área você fica se questionando, porque você quer que o seu filho “não, ele tem que saber ler e escrever com quatro anos”.

Aí de repente, no ensino infantil tem, como que é... mostra cultural, aí você chega lá e ele construiu o sistema solar com quatro anos.

M - É, e você quer, com quatro anos, quer, aí eu peguei e falei assim, aí até com a mudança da escola dele para que ele vá no ano que vem mexeu bastante comigo na questão do C2, está uma coisa para ser resolvida, mas daí vem a questão de dar o tempo dele também, de respeitar a faixa, acho que tem que respeitar a criança, não adianta forçar porque eu também forcei muito lá com o C2.3 lá atrás, tem que dar o tempo dele, na hora que ele for ele vai, com o C2.2 foi a mesma coisa, a professora, era pré né, antes do primeiro ano, a professora falou assim, mandava os recadinhos na agenda olha, ele não está de, como que é, ele não está igual as outras crianças, ele está um pouquinho mais para trás, e aí uma vez o C2.2 chegou da escola e falou assim oh mãe, eu falei, C2.2, você fez isso daqui? Ah não, foi um colega que fez. Mas porque? Porque a professora mandou ele fazer, aí no outro dia eu mandei

um recadinho, gostaria de falar com você professora, aí quando eu cheguei lá e aquela coisa, a primeira impressão é a que fica, aí vi a professora e já falei “vixe”, não curti a professora, não curti o jeito dela, sei lá, a vestimenta, a gente olha tudo né, sei lá, está trabalhando com criança com uma roupinha assim né, não estava com uniforme neste dia e eu pensei não vou criar nada, e aí eu falei assim então, mas porque que o outro colega está fazendo a lição dele? Ah porque ele está com dificuldade, e eu falei, mas então ele vai ter mais dificuldade ainda se outra pessoa fizer para ele, ele tem que aprender o caminho, e aí depois, como era o último ano na escola, deixei quieto, não vou ficar batendo nisso porque vai ter o tempo dele, então acho que tem que respeitar o tempo da criança, porque quando ele foi para a outra escola né bem, quando ele foi para o primeiro ano nossa, não teve nenhum problema.

A escola teve antecipação de conteúdo mesmo né.

M – Antecipação de conteúdo mesmo porque, oh Maysa ele não deu nenhum trabalho, não precisou nada, eu pensei, nossa, ele vai dar trabalho, quando for para outra escola eu vou ter que procurar professor, não deu trabalho nenhum, ele oh... então acho que a gente tem que respeitar a idade da criança, a faixa etária, então assim, as vezes a gente quer forçar alguma coisa, mas não, tem que respeitar, é o tempo deles. O C2, que nem a professora falou, aí falei, quer saber. Que uma professora minha falou assim “escola que enche a criança de apostila com três, quatro anos de idade, gente isso daí está, você está empurrando goela abaixo uma coisa que não é da idade deles”, então eu dei uma relaxada, por isso que as vezes escuto os comentários assim, você deixa fazer o que quer, está vendo, você nem pega no pé, não tem lição, olha, nem tem lição da escola, e a gente tinha e ele não tem mesmo, mas é da idade dele mesmo né bem.

H – Mas eu acho assim, você é referência de ele ser criança, por exemplo, eu estava procurando uma foto aqui, por exemplo, eu cheguei aqui em casa e estava uma bagunça no quarto do C2.3, o quarto do C2.3 é grandão, aí fez um monte de cabana, assim, e todo mundo dormiu debaixo de cabana.

Vocês, ou os três?

M – Eu.

H – Ela e os três.

M – Que eles estavam de férias e aí o que eu fiz, um acampadentro no quarto. Montamos, pegamos lençol, amarramos, penduramos, e colocou o coberto, os colchão e fizemos sessão pipoca né, de cinema, então vira e mexe eu faço isso com eles, a gente junta tudo e fica lá no quarto do C2.3, só que agora o C2.3 está adolescente e não está rolando muito o espaço, mas a gente sempre fez isso. Agora uma coisa Maysa que eu acho interessante e que eu falei para ele que eu quero levar até quando puder, natal e ano novo, vamos supor, a gente sempre passa nos meus pais, quando volta, é que agora o C2.3 está adolescente e meio ranzinza, mas eu já falei para ele que eu quero manter essa tradição, quero que fique uma tradição para eles como uma história porque eu acho importante também você deixar uma tradição para a criança, uma tradição gostosa “olha, eu lembro, nossa, que gostoso, eu fazia isso com a minha mãe e com o meu pai”, então é assim, natal e ano novo a gente joga tudo no chão lá no quarto do C2.3 e dorme todo mundo junto, entendeu, na virada para o natal e depois no ano novo a mesma coisa. Aí o C2.3 que fala, mas eu já estou grande, eu falei não, vai continuar a tradição, eu sei que você está adolescente, mas o seu quarto é o maior que tem, nós vamos fazer no seu quarto, e aí teve um ano que ele não quis né, aí a gente até tentou no nosso quarto, arrancamos, a gente vira a noite só tentando ajeitar o espaço físico, mas a gente faz, então eu falei para eles que eu quero isso como tradição nossa, a virada, passar juntinho mesmo, dormir juntinho e a gente fala que é gostoso, no começo, antes quando eles acreditavam que tinha papai Noel eu também fiz isso né bem, eu deixei, a gente foi para a minha mãe e a gente montou uma mesinha na sala e coloquei o leite, coloquei uns biscoitos, e falei quando o papai Noel chegar ele vai ter que tomar o leite e o biscoito, e aí quando ele parou o carro... ele não gosta de história, eu falo bem a vida nossa é muito curta, criança tem que ter fantasia, imaginação, e quando ele encostava o carro eu falava demora aí para você entrar com o carro na garagem e aí eu entrava correndo, comia o biscoito, tomava o leite correndo, engolia assim, aí quando eles entravam “mãe o papai Noel veio, tomou o leite, comeu o biscoito”, desse jeito.

H – Mas eu penso assim porque eu sempre tive vontade de comer panetone e não tinha, eu pedia para o papai Noel e não vinha, minha mãe morreu e eu fiquei praticamente órfão né, então não tinha, então no dia que pedir um brinquedo e não der, e daí? Que não chega, e daí? Tem que saber que é o pai e a mãe que dá, pelo menos uma referência, apenas uma referência que eles colocam lá para poder induzir a criança, acho que é mais ou menos marketing, acho que a simbologia tem que ser diferenciada do papai Noel, então a gente, que nem, lá a gente, tem o papai Noel nos Correios, aquelas cartinhas, aí li uma carta lá e a menina falou assim “você pisou na bola comigo papai Noel, eu pedi presente para minha sobrinha, para a minha irmã, para a minha prima, todas elas ganharam, menos eu”, entendeu? Então é assim, vem ou não vem?

Vocês trazem então referência das crianças que vocês foram, da infância que vocês tiveram para eles?

M – Para eles.

H – É.

Então parte da maneira de vocês educarem tem a ver com a educação que vocês tiveram ou da criança que vocês foram?

M – Isso mesmo, a infância minha também eu falo para eles valorizar o que eles têm porque eu nunca tive quarto meu, eu fui ter quarto meu depois que eu casei.

Nem foi seu né.

M – Nem foi meu, aí já foi dividido, nem foi meu sozinho, porque dormia eu, minha mãe, meu pai, e eu falo para eles, eu dormia no beliche, e na faculdade já isso hein, então quer dizer, não foi uma coisa assim, quando eu era pequenininha, foi na faculdade, eu falei, eu dormia em beliche com a minha irmã, meu irmão tinha que montar a cama todo dia a noite, aquelas camas de mola, lembra, de montar? Então montava aquelas camas de mola, como que era, era de ferro né?

Era de ferro.

M – De ferro, e aí eu falo para os meninos, valorizem tudo o que vocês têm, porque que nem a mãe, os pés da minha cama que eu guardava o material, não tinha lugar para guardar o material, fichário, uns livros, apostilas, ficava lá, não tinha computador, aí eu lembro que eu ganhei uma máquina de escrever que eu amo até hoje o barulho da máquina de escrever, parece doida né, e eu ganhei quando eu fiz 15 anos né bem? Lá da empresa?

H – Não sei, você que falou.

M – Aí ganhei uma máquina, nossa, aquilo ali foi o meu sonho, então os relatórios da faculdade, as observações eu digitava porque eu fiz aula de datilografia, e até outro dia eu peguei a máquina, nossa, eles ficaram encantados, sentei aqui na mesa, e eles “mãe deixa eu bater”, e vira e mexe eles querem brincar e eu falo, não, isso não é brinquedo, isso é uma relíquia da mamãe, coisa séria.

É meu brinquedo.

M – É, meu brinquedo, e assim, também não fui uma criança de ter brinquedo, ter tudo o que eles tem assim, vários não, era uma boneca e aí falo para eles valorizarem muito isso, não tinha quarto, o pessoal ficava conversando, brincando lá no canto e eu ficava lá no quatinho estudando, olha, a minha mesa era a tabua de passar roupa, montava a tabua de passar roupa e sentava lá e ia estudando, então acho que isso também ajuda a gente na educação para eles, porque a gente passa muito exemplo, histórias de vida, o P2. também conta histórias de vida dele que aconteceu, para eles terem um espelho, um exemplo.

H – E assim, a gente vai criando hábito também né, a gente está dirigindo, o que você tem para agradecer hoje? A gente faz uma oração todo dia dentro do carro, porque a gente tem, eles tem que ter alguma fé em alguma coisa, para ter referência lá na frente, eles tem que ter um herói, tem o pai e a mãe, pode considerar o pai e a mãe seus heróis, mas pode considerar outras pessoas também como herói, para eles terem aquela referência.

Enquanto a M1 não vem em que você acha então que o mundo de hoje influencia no jeito de ser das crianças, porque você falou uma coisa de referência, e a M1 também estava falando alguma coisa neste sentido?

H – Você, por exemplo, pega o C2.3, se o C2.3 passar numa faculdade, vamos supor, lá em São Carlos, você vai confiar de deixar ele sozinho?

M – Não.

H – Porque?

M – Porque eu não confio no mundo.

H – Está vendo Maysa, então na nossa época a gente brincava de bola no campo, saía na porrada, hoje em dia não, é papapa, é droga, tanta coisa, tanta coisa ruim aí, então a gente não confia muito no mundo de hoje por conta das, a gente tem que confiar nos filhos por conta da referência que eles têm aí, é droga, é álcool, você está tomando o seu refrigerante aí, aí o cara vem aqui oh, tudo bem, está colocando um negócio aqui e você não sabe o que é, aí quando você vê você já está acordado em outro lugar, então a gente morre de medo disso, morre de medo disso, então a gente fala, olha, cuidado, você vai tomar, leva o copo junto, ela sempre pega no pé.

M – É, uma coisa também que eu ensino para eles é questão de escola, tomar cuidado quando vai no banheiro, oriento bastante, o C2.3 eu já tive conversas até em questão de relação sexual, os meninos eu falo, cuidado quando for no banheiro, não mexer nas partes íntimas, então eu oriento mesmo, falo bastante com eles, acho que o mundo interfere Maysa, que nem hoje, porque é Black Friday, ah porque a gente precisa comprar, o mundo está com essa questão comercial, o consumismo, isso aí que a gente tem medo, uma vez o C2.3 pediu, eu nem lembro o que era, ele falou assim, “ah mãe eu queria tanto isso”, e eu falei, mas o seu colega tem, tem o Nintendo Wii, seu colega tem celular, tem isso, mãe, tem tudo isso, aí acabou meus argumentos né, porque eu queria chegar e falar alguma coisa que os colegas dele não tinham, para falar tá vendo, seu amigo não tem isso, mas você tem né, aí acabaram

os meus argumentos, então, mas eu acho que também está nisso, as vezes os pais para compensar a ausência oh, tó, tó, e aí isso acaba interferindo porque aí eles acabam vendo lá fora algo que foi. Não, o C2.2 também já falou “eu queria isso, ah meu amigo todo dia come na cantina”, isso ele fala, e eu falei filho que bom que ele come todo dia na cantina né, quer dizer então que o pai e a mãe dele tem condições, mas a mãe e o pai, não dá para te pagar todo dia um lanche na cantina, primeiro, financeiramente e também não é saudável você comer todo dia lanche da cantina, aí o que eu fiz? Fui numa loja aí né bem, comprar salgados congelados e depois você só assa, um tal de “hamburgão”, lá na escola é 4,50, no lugar que eu compro um hambúrguer gostoso sai dois e pouco cada um, mais ou menos assim. E aí estou colocando um valor nele, a mãe pode fazer isso, que sai mais em conta para mim, a mãe assa na hora que você estiver indo para escola, vai e leva, ai estar quentinho na lancheira térmica, porque eu falei para ele que não é saudável comer todo dia e financeiramente não dá para a mãe e o pai, não é viável. Uma coisa que a gente faz, “hoje não dá”. Mãe hoje eu quero comer isso, eu falo tá bom, quando dá a gente faz, quando não dá a gente explica, “olha, hoje não dá, ah mas passa o cartão”, eles falam assim né, passa o cartão, e depois a gente tem que pagar esse cartão. Então uma coisa que eu acho que também, a interferência da sociedade é mais nisso porque eles pregam o consumismo, tem que comprar, tem que ter, um tênis da marca e aí não dá.

E no que isso reflete no jeito de ser deles?

H – Eu percebo assim, por exemplo, o C2.2 é consumista mesmo, se eu der cem reais...

M – Ele não guarda nada.

H – Eu dei cem reais para ele, ele gastou todo o cem reais, o C2.3 guardou.

M – O C2.3 guarda.

H – Olha a diferença né, aí você, eu dei dez reais para o C2 que ele falou naquele momento, aí teve que guardar, senão ia... aquele lado seria a mesma coisa.

Espera aí, não entendi, você deu dez reais para o C2...?

H – Cem para o C2.2 e cem para o C2.3.

Mas do C2 teve que guardar porque ele não sabe o que é dez reais ou porque ele, assim como o C2.2...?

M - Ele não sabe.

H – Ele falou assim “e eu?”, que eu dei para todo mundo, “e eu?”.

Ah porque ele não sabe o valor, não é que ele gastaria tudo, entendi.

M – Não sabe o valor.

H – Isso, agora o C2.2, não, ele já foi na loja, deu 98 reais num negocinho desse tamaninho assim.

M – Aqueles Imaginex que é caro.

H – O C2.3. não, ele guarda.

M – O C2.3 guarda.

H – É tanto que o violão ele falou assim “oh pai, compra um violão para mim, eu quero aprender música”, eu falei “C2.3 não vou comprar violão para você não meu, você é fogo de palha”, aí nosso compadre arrumou um violão emprestado, e eu falei “vou te colocar na escola para ver”, entrou na escola, começou a tocar violão, começou a treinar para caramba e ele toca violão bem, aí eu falei, agora você vai comprar um violão, pega o seu dinheiro e vamos comprar, e ele tinha 300 reais guardado, só que ele escolheu um violão de 690 reais né, aí eu tive que pagar o resto.

M – Teve que pagar o resto.

H – Mas eu queria assim Maysa, é a malícia que eles não têm, porque o mundo aí fora você pega um moleque do tamanho do C2.2, ele dá um pau no C2.3, de esperteza, mexer com dinheiro.

Você fala dos meninos de onde?

M - Da rua né, daí de fora.

Então aí eu pergunto para vocês, vou voltar um pouquinho lá no começo tá, a primeira coisa que vocês me disseram, do C2. que ele tem a opinião forte, alguém faria isso com o C2? Como vocês acham que o C2 reagiria?

H – Se o C2 estivesse na idade do C2.3, não faz.

M – Não faz.

H – Com o C2.2 faz, mas com o C2 não.

M – Coisas que os meninos nem falam, ele já fala de namoradina, de beijar na boca, e isso a gente não incentiva não, então assim, é totalmente diferente.

H – Lá na escola a menina atracou com ele lá, ele agarrou a menina, beijou na boca, assim a menina falou, aí foi lá e separou.

M – Até o C2.3 brincou “o que é isso, eu nem beijei ainda?”, esse dia, a gente deu até risada, mas assim, risada, mas também a gente não fica incentivando não, porque tem pais que eu já percebi que incentiva “ah tá namorando”, a gente não faz isso não, aí o C2.2 esse ano, agora no final do ano que ele falou mãe, ele soltou numa conversa com um amigo porque a gente deu um celular para ele em

setembro e aí você conta do celular, e ele acabou soltando, e eu ouvi, porque a mãe ouve né, fazer o que né.

Sem querer.

M – Sem querer, eu falei assim, filho sem querer eu ouvi um negócio, ele estava gostando de uma menina, mas todo delicado, todo sem jeito, ele fica todo sem jeito, não gosta nem que fale que ele fica todo vermelho, todo sem jeito de falar, e o C2 já fala sem, logico que ele não entende ainda todo o significado né, ele fala, entende, sabe o que é beijo na boca porque vê na televisão, mas tem uma diferença muito grande aí. Fala do celular do C2.2 que ele pediu de aniversário.

Deixa só fazer uma perguntinha, pelo que vocês estão falando que o C2 ele teve esse comportamento, ninguém ensinou para ele, não foi ninguém que falou, vai lá e tal, como é que ele aprende então?

H – Pode ser na televisão.

M – Na televisão, a menina...

Mas então, por exemplo, ele viu na televisão, mas ele soube aplicar na hora certa e no lugar certo.

M – É, mas a menina, isso que você falou é interessante porque a menina tem a mesma idade que ele, a professora falou que a menina é também bem atirada, falou que cada coisa, falou que a menina também fala muita coisa na escola que a professora fica assim oh... e ela até já chamou os pais, para conversar com os pais, para entender, porque a menina é bem, falou que não deixa muito os dois pertos porque falou também que a menina agarra ele, se deixar ela agarra, então ela sempre tenta distanciar. Mas, aí para você ver a idade né, então...

H – Mas ele fala todo tempo o nome dela, ele.

M – Fala.

E aí você falou, por exemplo, que ele ainda não sabe o significado, mas ele teoricamente ele aprende. Ele não sabe exatamente o que quer dizer, mas ele já grava.

M – Ele guarda, guarda.

Tipo, essa informação vai servir daqui a pouco.

M – É isso mesmo, e as vezes eu estou deitada no sofá e ele fala vem aqui mãe, e os meninos não faziam isso comigo não, vem aqui mãe, deixa eu te dar um beijo na boca, eu falo que beijo na boca, ele fala “eu sou seu namorado”, e eu falo você não é meu namorado, você é meu filho, meu namorado é o papai. E uma coisa que eu fico besta, porque é a televisão porque eu e o P2 não vive se agarrando na frente deles, se beijando assim. A gente se cumprimenta, mas se beijando assim não, então nem foi de casa. Aí eu até falei para a professora, em casa não é assim, eu e o pai não fica fazendo essas coisas assim, na frente, mas pega, viu, aprende.

O jeito de eles serem, vocês acham que interfere no relacionamento, por exemplo, de vocês enquanto pais, com os coleguinhas na escola, na família?

H – Eu não sinto interferência nenhuma não.

Muda o jeito de eles...

H – Sabe o que eu penso Maysa... Eu não tenho muito mais contato com os meus irmãos não.

M – Assim, eu falo para eles que tem uma coisa assim que falam que se odeiam, não se amam, aí eu falo para a gente amar a família, que a gente tem que se amar.

Você amava os seus irmãos?

M – Amava, eu brigava com o meu irmão...

O tempo inteiro?

M – Quando eu brigava com meu irmão, a gente brigava que era normal, mas assim, ninguém relava a mão no meu irmão não que eu brigava até na rua.

Tá, você brigava e você odiava ele naquele momento.

M – Sim, mas aí passava, mas eles falam que não se gostam, eles falam assim, que nem, aconteceu...

H – Mas é mais o C2.3 que fala isso.

M – É mais o C2.3, mas o C2.2 também fala ah não gosto dele, do C2, ele também fala no carro e eu falo não, não pode falar assim que você não gosta do seu irmão, eu falo assim que existe momentos sim que a gente vai ficar com raiva e fica, mas falar que não gosta.

H – Mas também o C2.3 é porque o C2.3 pegou o celular dele e estourou, foi por isso, num momento de emoção.

M – E eu falo que eles têm que ser mais família.

H – Ele pegou o celular, o único celular que ele tinha e não funcionou mais nada.

M – Foi, ele quebrou, fez em mil pedacinhos.

É um momento bom para dar uma odiadinha, pequenininha né.

M – Desse jeito.

O contato que a M1 tinha com os adultos e com as outras pessoas do entorno dela era de um jeito e eu fiquei pensando se o jeito de ele se relacionar com as outras pessoas é da mesma maneira ou é diferente?

H – Ah, para a geração deles sim, a geração deles igual.

Por exemplo, você trouxe um exemplo de uma menina de 16 anos né, acho que do seu trabalho, alguma coisa assim, e o jeito que você falou dela se relacionar, dela agir assim, é diferente do que você se relacionava, de como você agia?

H – Sim, porque quando você numa organização você espera de uma pessoa iniciativa, proativa, então a gente percebe, e eu já conversei com ela várias vezes, olha, isso daqui é o seu ponto de partida, isso aqui vai ficar marcado para você, tenha iniciativa, e a gente percebe que ela não está nem aí. E aí por exemplo, a gente vai comparar a nossa geração com a geração de hoje, por exemplo, eu vim aqui desse jeito que o C2 vem? É ruim hein, passar e não pedir licença? Depois o coro comia, a minha avó, esses princípios, esses valores, senhor, senhora, bença pai, bença mãe, está acabando, ela ainda pede, então, eu falo uma vez só, não deu, não deu, para mim tanto faz, ela não, ela fica, você tem que dar bença para a mãe, bença para o pai e isso está acabando, está modificando isso daí.

Então o jeito de eles se relacionarem com a gente está diferente?

H – Diferente, diferente. Completamente diferente.

E entre eles?

M – Acho que entre eles, não com os irmãos, vamos supor, o C2.2 ele é mais tímido né, não olha muito, fica meio sem jeito, e o C2 as vezes não dá muita atenção, as vezes eu fico com a cara no chão, mas é a idade dele, a pessoa vai cumprimentar, dá a mão e quer dar um beijo e ele não dá não, já é uma outra geração.

E você falou que você brigava com o seu irmão, quero que vocês tragam os exemplos de vocês.

M – Era assim mesmo, trancado no banheiro, o meu era trancado no banheiro, em casa porque trancar no banheiro eu não tranco porque eu assim, eu ficava com uma raiva da minha mãe naquele momento porque chegavam vezes que eu dormia no banheiro, de tanto tempo que ela deixava presa lá dentro, então isso daí eu não quero para eles, mas da camiseta, a camiseta é saudável, mas eu falo para ele, agora uma coisa que eu brigo com eles Maysa é que eu, eu podia brigar com o meu irmão, eu, mas ninguém mais poderia brigar com ele, ninguém podia falar nada que eu virava uma onça, e eu briguei mesmo na rua, e a minha mãe e meu pai me falaram, o dia que você entrar em casa chorando você vai levar outra surra porque você é que nem moleque, mas como o pessoal tirava uma com o meu irmão, falava assim olha, mexe com alguém do seu tamanho, eu briguei com dois moleques lá da rua da minha mãe, né bem, na época que eu contei a história para ele e hoje eu vejo que eles não fazem isso de defender o irmão, alguém está judiando dele, eles não tomam, eu falo, gente tem que defender, ele é seu irmão, não estou falando para vocês brigarem, mas falar olha, não faz isso, ele é meu irmão, ele é pequeno e eu falo, vocês tem autoridade para isso, e aí eu pego no pé deles, porque eu falo o seu tio até hoje, eu não gosto que falem mal do meu irmão, ele tem os defeitos dele como eu tenho, mas não fala mal do meu irmão, que eu não gosto. E eu falo assim, eu defendo, defendo o seu tio até hoje, e isso aí eu não vejo neles, de defender, sabe, está judiando,

E para poder fechar então, o que vocês, vocês enquanto pais como é que vocês sentem que está a tarefa de educar hoje?

H – Eu acho que está difícil, eu penso assim, não é difícil educar, assim no ambiente familiar, mas para você manter, eu penso mil e uma vezes para colocar meus filhos em escola pública, a gente estudou em escola pública, mas funcionava, hoje não funciona mais, o C2 vai agora para a escola pública, mas a gente teve uma referência da própria escola particular que diz que está melhor do que a própria escola para o ensino dele, para a faixa etária dele, está muito boa.

M – E a gente vai até avaliar né Maysa que a professora falou que o C2 tem essa dificuldade toda, ela falou que vai ser ótimo ele ir para a escolinha da prefeitura, mas eu confesso que eu fiquei bem assim, eu sempre estudei em escola pública, particular foi na faculdade que eu paguei com muito sacrifício, foi só na faculdade, porque a vida toda foi na pública, mas a gente quer sempre o melhor para o filho, sempre está tentando, e a minha mãe já trabalhou em escola, eu fui eventual de uma escola, então eu via o que acontece, eu via as coisas, a vizinha aqui também né bem, as meninas queriam bater na filha dela do nada, então assim, vamos ver, eu falei, vamos tentar né, então é uma experiência aí e a gente está rezando para dar certo, se não der a gente já fala, não, se não der certo não vamos deixar ele sofrer, a gente tira, porque mãe também é melodramática né, mas enfim.

H – Então, eu penso assim, educar no ambiente familiar é difícil agora, mas você consegue levar, agora para manter na escola é complicado porque é dinheiro, você não tem condições, se a pessoa não ganhar super bem ele não consegue manter três filhos numa escola particular, não consegue porque só de material né bem?

M – Apostila.

H – Então, eu acho gostoso assim, porque eu sempre almejava assim, poxa, eu quero chegar cansado em casa e aí meu filho vem tirar o meu sapato, o C2.3 fazia direto, tirava meu sapato, tirava a minha meia, eu ficava com os pés lá para cima, então é gostoso. A gente fica triste, eles vem, a gente já quebra aquele gelo, mas a gente morre de medo com o mundo, essa é a dificuldade que nós temos hoje, a gente sabe que vai sair, mas não sabe se vai voltar, então a gente tem essa preocupação muito grande, eu, eu penso dessa forma. Agora ela, eu não sei né.

M – Não, medo a gente tem menos, o C2.3 até fala “você não confia em mim”, eu falo “filho eu confio até demais, eu não confio é no mundo, mas aí também a gente tem que aprender que a gente não cria para a gente né, a gente cria para o mundo como diz o ditado, mas eu sou meio protetora e meio possessiva, e não, não é para o mundo não, é meu, mas é difícil. Mas eu acho assim, a gente educa, a gente está fazendo a nossa parte e também ele vai ter o livre arbítrio, que nem ética, o que é ter ética, a gente sabe, ter ética é saber o que o certo e o errado, e então o que eu vou fazer com isso, com o conteúdo, eu que tenho que escolher, isso aí eu falo para eles, isso aqui está errado, isso aqui está certo, e aí cada um vai ter o livre arbítrio, quando chegar na idade deles mesmo, quando estiver aqui, com a sua mãe, morando com a sua mãe e com o seu pai, vai ter que ser do nosso jeito, depois, aí você faz o que você quiser, porque senão não tem limite.

Tem alguma coisa que eu não tenha perguntado para vocês que vocês gostariam de acrescentar?

M – Uma coisa só que eu lembrei, que você falou da educação, uma coisa que a gente também tem hoje, é a interferência de avós né, dos avós, eu acho que é importante, não sei. Como que é aí fora, as pessoas falam, vô e vó faz tudo né, o pai educa e avô e avó deseducam, agora na minha casa lá com meu pai e com minha mãe, a minha mãe sempre foi mais firme, o meu pai não, meu pai deixa as crianças fazerem o que quer, e aí é uma briga intensa porque aí quando você vai na pediatra, a pediatra está assim, está assado, e eu falo, mas é assim porque fica com o avô e o avô deixa comer, o avô libera, e a gente, se a gente também vai falar, chamar atenção dos meninos, desobedeceu alguma coisa com a avó ou com o avô, meu pai não permite, tira a nossa autoridade. Então a gente já brigou muitas vezes que eu falo que não pode tirar minha autoridade, ou então, eu chego lá para pegar eles, que nem aqui, meu pai ajuda a olhar e minha mãe, oh, o C2 fez isso hoje, mas não conta nada para o P2, pelo amor de Deus, o C2.2 fez isso, mas não conta nada para o P2, eu falo, não pai, eu não tenho que esconder nada, sou eu e o P2, nós somos os pais, e eu falei assim, você não fala isso para eles porque você está ensinando eles a mentirem para a gente, e aí o que eu faço? A primeira coisa né bem, quando a gente chega, “C2.2 o que você tem hoje para contar para o papai? Você conta, se você não contar, conto eu, então é melhor você conta”, aí fica ih, ih, assim para ele, é pai, ih, mas aí as vezes eu dou um toque para o P2, falo oh nego, as vezes dou uns toques, pelo amor de Deus, ele vai falar, não bate, escuta, porque para eles também, porque as vezes acho que eles têm medo do P2 né e eu não quero criar essa imagem do pai, não assim, o pai é ruim, a mãe, porque senão eu também fico fazendo papel de bruxa né, coloco o pai contra os filhos, e é isso que eu acho importante também, a interferência externa dos avós e aí eu também tenho que reeducar o meu pai que eu falo não, não é assim, não vou mentir nada para o P2, eu falo tudo, e eu falo mesmo para ele, então não tem que mentir, a gente tem que tomar as decisões juntos, e eu falo para eles, não pode mentir, nunca minta para a sua mãe ou para o seu pai. Eles falam, “mas o vô mente né mãe”, e eu falo, “mas é o seu avô, é outra história, ele já está adulto, mas a mãe e o pai preferem que vocês não mintam porque a gente sempre vai estar do lado de vocês, mas na verdade, na mentira.”

Então tem mais gente participando da educação deles do que na de vocês?

M – Teve, ah sim, com certeza.

Agora tem vocês dois, tem os avós, tem a escola, tem os colegas, tem a televisão, ou o celular ou algum outro meio.

H – Eu penso assim Maysa, a figura paterna é muito, muito importante, paterna e materna, os dois, porque eu senti uma falta muito grande da figura paterna e materna, porque a minha mãe morreu eu tinha oito anos, praticamente não sabia quase nada, e então eu fiquei órfão. Eu ficava, eu falava para ela assim, eu tenho inveja de você porque o amor que seu pai e sua mãe tem por você, de falar, eu não tive instrução disso, eu aprendi sozinho no mundo, e é complicado você aprender sozinho no mundo. Porque o mundo ele vai te ensinar a ser mais duro, mais enérgico, sem sentimentos, porque você aprendeu na dor como é que tem que ser. E aqui não, aprendeu com amor. Então acho que eu dei sorte né, será que eu dei sorte?

M – Deu, ele conheceu a felicidade ao me encontrar na vida.

H – Porque assim, ela pegou um ranzinza, e uma pessoa dura e eu peguei uma pessoa amorosa né, como diz uma passagem na bíblia, que é bom que ande dois, dois, porque se um cair, o outro levanta, né, e é bom que seja um casal porque a mulher evangeliza o marido ou o marido evangeliza a mulher, então a gente tem que ter essa reciprocidade né, eu penso dessa forma.

Se complementam.

H – É, um complementa o outro né, então o jeito que ela educa e tem o jeito que eu educo, e acaba dando certo.

Meus parabéns, vocês estão de parabéns porque realmente é uma família linda, os meninos estão lindos e assim, acho que de tudo que vocês me disseram acho que é só parabéns, porque independente dessas adversidades vocês estão indo muito bem.

H – É, sempre vai ter adversidade, não tem jeito.

Mas vocês estão indo muito bem, obrigada gente.

H – Deu para ajudar?

M – Deu.

Muito, muito.

Casal 3

Para começar eu gostaria que vocês falassem um pouquinho, primeiro a idade de vocês, quantos filhos vocês têm, a idade dos filhos, para depois delimitar de quem a gente vai estar falando.

H – Meu nome é P3 tenho 51 anos, tenho dois filhos, C3.4 com 28 anos e C3 com 10 anos.

M – Meu nome é M3., eu tenho 3 filhos, a C3.3 de 26, o C3.2 de 21 e o C3 de 10 que é do nosso casamento atual.

Então a gente vai estar falando do C3 está na idade da pesquisa. Se vocês tivessem que descrever o C3, as características, o jeito de ser dele, o que vocês diriam?

M – Pode falar você.

Pode falar.

H – O C3 é inteligente, amoroso, é calmo, é paciente, as vezes é meio, como que eu vou falar, meio mimado.

No que você acha que ele é mimado, o que ele faz ou quais são as situações que faz com que você ache isso?

H – São N situações, pode ser na hora do jantar, se falar para ele que tem muita comida, ele fala “é, não posso comer nada”, e já pega, bate o pé, tipo fazendo charminho e sai, aí você manda ele voltar, ele volta e come dois pratos.

M – É, mas ele tem atitudes diferentes com a mãe e com o pai, ele está falando “o C3 ele é calmo”, ele é calmo até certo ponto porque quando ele é contrariado ele sai batendo o pé, não é tão calmo assim, é que quando o pai dele está, ele sabe que o pai fica bravo e então ele se segura, mas ele é meio invocado assim com certas coisas que fazem, até um amigo faz alguma coisa no jogo, que ele não gosta, ele fica bem de bico, mesmo na escola ele resmunga bastante, em casa talvez não tanto quando está com o P3, que o P3 reprime ele, mas ele resmunga bastante. Você vê que ele é meio manhoso, tanto que na escola isso é o que a professora fala, todo mundo fala, só que com o P3.

Ele é manhoso?

M – Ele é manhoso sim.

O que é manhoso, porque pelo que você está falando assim, ele tem opinião própria...

M – É, mas quando a coisa não é feita muito do jeito dele, ele resmunga, e quando as vezes está na escola, acontece um atrito, uma desavença, não é nem uma briga, um amigo quer fazer de um jeito, ele quer fazer de outro, ele já fica de bico, ou se ele vê alguma coisa que ele não concorda e que está sendo feito daquele jeito, ele vai lá e resmunga para a professora, vai lá e reclama para a professora, tanto que a professora as vezes fala “C3 para, você toda hora vem reclamar de um amigo”, tanto que no futsal o C3 nem está indo nos jogos, não porque ele não joga bem nos jogos, ela já explicou, ele reclama, ah o amigo chutou o pé sem querer, ele vai lá e fala “ah professora o amigo foi lá e chutou”, aí o menino foi lá e dobrou a meia errada, ele fala “professora, ele dobrou a meia errada”, ela falou que ele resmunga, vai lá e reclama de tudo, toda hora, e aí ele foi penalizado por ser muito chorão, e não foi convocado para os jogos.

Mas vocês acham que isso tem alguma coisa a ver com o fato, por exemplo, de ele ter mais irmãos?

H – Não.

E aí tipo, pela diferença da idade dos irmãos quando acontece alguma coisa...

H – Não, não é nem mimado, é que ele foi ensinado e eu estou ensinando ele a não, por exemplo, não procurar o jeito mais fácil que é chegar lá, empurrou, vai lá empurra e bate, vai lá e reclama para o professor.

M – A não revidar.

H – A não revidar, eu preferia que ele fosse lá e batesse, mas não vai resolver, então eu falo para ele, meu, não gostou, vai lá e avisa para a professora porque eu acho que a professora que tem que tomar atitude.

Por exemplo, no caso do futebol, estamos falando de futebol, eu vou aos jogos dele, tem um menininho lá que joga, joga muito, mas joga muito mesmo, o moleque é bom, o C3 não é tão bom, só que o moleque desfaz de todo mundo, ele é o bom e pronto e acabou, por exemplo, o C3 fez um gol, todo mundo cumprimentou o C3, o C3 deu a mão para o moleque para cumprimentar, o moleque virou as cotas e saiu, deixou ele no vácuo, o moleque não passa a bola para o C3, jogo todo, a professora não viu, eu fui lá e reclamei para ela, esperei o jogo acabar e fui falar com ela, falei, olha, a próxima vez que eu estiver aqui, assistir o jogo e eu ver que esse moleque não passa o jogo, não faz a bola, não passa, e não interage com os outros, eu vou reclamar de você para a diretora, porque você é a professora, então é você quem tem que olhar, ela “é, é mesmo, eu não prestei atenção”. Não estava prestando atenção, “porque senão eu vou parar, vou tirar o C3 e além de tirar o C3 eu vou reclamar de você”, ponto, simples assim. Porque eu falei para ela que já que ele é bom, põe ele para jogar sozinho então, põe ele para jogar com os adultos de dezoito, vinte anos para ver se ele é bom, ele é bom com os molequinhos menor que ele, mas ele joga bastante, mas eu falei para ela que não gostei e aí ela falou “ah não, já tivemos reclamações dele por conta disso, eu vou falar, vou prestar mais atenção”, e eu falei “então presta”, por isso, porque o C3 conversa mais que os outros, ele não é igual aos outros, que vai lá, empurra, pronto e acabou, ele vai lá reclamar com a professora, e as vezes a professora não gosta né, quer que ele tenha a atitude de revidar, mas não é, não é a cara dele de fazer isso, ele prefere sair e chorar, ou reclamar, falar que não vai mais do que entrar num atrito.

Mas ele fala que está contrariado, enfim?

H – Às vezes, ele chega sem falar nada, chega sem falar nada, se for uma quarta-feira que é dia de futebol e ele chegar quieto e vai para o quarto tomar banho, sabe que é o futebol.

Já sabe, não precisa nem perguntar.

M – Mas ele também, quando não é futebol, as vezes é em sala de aula, aí tem essas questões que ou chega de bico, ou fala que vai mudar de escola, sempre tem alguma coisa quando ele fala “quero mudar de escola, ou quero voltar para tal escola”, aconteceu alguma coisa, e ele não fala, aí você tem que dar uma apertada. Outro dia ele falou que a menina chamou ele de gordo e ele não gostou, e ele está com essa mania de que não quer ser gordo e ele fica, foi lá e falou para mim depois de um tempo, e eu falei está bom, mas você tem que não fica se importando com essas coisas, você vai crescer, vai emagrecer, vai ter o estirão, calma, lógico que você tem que manejar no que você come, eu falo para ele, mas agora ele está com mania de ir para escola com uma camiseta branca. Marca, aí o que eu fiz, comprei umas regatas para ele pôr por baixo, pelo menos, porque senão ele fica de blusão o dia inteiro, o blusão volta para casa fedido, suado e fedido, eu falo C3, imagina você, como você está se sentindo aí dentro.

Derretendo.

M – Então tem essas coisas que ele não fala, mas tem que ficar dando uma apertada, mas até eu falo para ele, quando alguém chamar você de gordo você fala “e daí, eu sou inteligente pelo menos, em contrapartida eu sou inteligente, eu ganhei uma medalha”...

Eu posso emagrecer e você que é feio? (risos)

M – Eu falei para ele, ele ganhou uma medalha na prova nacional do COC, nacional, de todas as provas, eu falo para ele, e você que não ganhou medalha, eu sou inteligente, aí ele falou assim para mim, mãe, você acha que o moleque está ligando de ele não ter ganho medalha? Ninguém liga de não ganhar medalha, de não ser inteligente, ninguém liga se eu falar isso. Eu fiquei pensando, nossa, deve ser mesmo, se a criança não estuda ela nem está ligando se ela está tirando dez, ele tem razão, acho que não liga mesmo, mas eu falei, bom, mas você tem que lidar com isso porque agora você está realmente um pouco acima do seu peso, não tem o que fazer, eu não vou cortar você, “Ah não tem uma cirurgia para fazer?”, “não tem C3”, “dá pra a gente tomar um remédio?”, “não dá”, fecha um pouco a boca, é o jeito, faz esportes, mas agora vai ter que ter paciência né. Mas, ele as vezes chega chateado sim, mas não é de ficar falando muito não, ele chega fechado mesmo.

Vocês dois falaram assim: “mas ele é mimado, da inteligência”. O que dessas características, tem a ver com o jeito que ele é, e com a maneira como vocês criam ou como funciona a família de vocês?

M – Olha, acho que tem muita coisa que é dele mesmo, sim, o fato, mas ele tem atitudes muito diferentes comigo e com ele.

Por exemplo?

M – O C3 com o pai dele já é mais de abraçar, de beijar porque o P3 é assim, eu já não sou muito, então ele já não tem mais essas atitudes comigo porque as vezes eu vou beijar ele e ele nossa...

H – Muito ou quase nada.

M – Não, as vezes que eu vou beijar ele fala nossa mãe, para de me beijar, não precisa ficar me beijando, não precisa ficar me abraçando, ele brinca e fala, com ele, o P3 pega, agarra, brinca ou beija e ele não fala nada. Beijo na boca de jeito nenhum, nem quando era pequeno, tipo selinho, ele sempre não gostou, só que ele sabe que em questão de, mesmo o pai dele sendo mais rígido, ele é mais mole, do C3 pedir alguma coisa para comprar, para fazer, principalmente coisa de “vamos comer não sei o que, compra isso aqui para mim?”, ele sabe que o pai cede mais que eu, então as vezes ele vai, quero comprar não sei o que e eu “não”, deixa que eu vou falar com o meu pai, normalmente é o contrário dentro de casa, mas ele sabe que o pai dele é mais mole. E também a questão de as vezes falar assim “C3 você vai apanhar, vou pôr você de castigo”, ele já sabe, ele fala assim “vocês não vão fazer isso” e ele fala, vocês só falam, vocês não fazem.

Já sabe como é que funciona.

M – Eu falo, olha que absurdo, então, você está esperando isso, a hora que eu colocar você, aí você vai ver, mas ele fala, o pai dele assim dá umas, ele é bravo, mas bravo, mas também é meio mole.

Então ele sabe argumentar com cada um de vocês.

M – Sabe, sabe sim.

O jeito que ele tem que fazer para poder lidar com cada um.

M – Tanto que ele é bem diferente, tem atitudes diferentes comigo e com ele, e isso já não é de agora não, acho que isso já tem bastante tempo assim, que a percepção dele já vem, tipo cinco anos, seis anos, ele já vem nisso, na verdade acho que muito pequeno, mesma coisa quando a criança sabe que ela pode rolar, espernear com a mãe e não pode fazer com o pai, desde pequeno ele sabe, muito fácil, não sei exatamente em que ponto eles vão percebendo isso, mas hoje mais ainda.

Mas ele bem pequenininho já...

M – Já.

Vocês têm filhos com idades diferentes, vocês acham que tem alguma diferença além da questão da idade?

H – Todas.

Quando vocês pensam a C3.3 e o C3.2 quando eram pequenos, e no jeito de ser, do C3...

H – Tudo diferente.

M – Se comparar, mas ela está falando em relação de quando eles tinham a mesma faixa etária.

H – Tudo diferente, não tem nada igual.

M – Não sei assim, claro que tem coisas muito diferentes.

H – Por exemplo, o C3.2, C3.2 meu enteado, ele com 7 anos a gente deixava ele sozinho em casa, por exemplo, você tem que ir para a escola, sua comida está aqui, quando você chegar da escola, põe lá, aperta um minuto e come, não precisa lavar, ele ia, esquentava e comia. Hoje o C3 tem dez e a gente não deixa ele, nunca deixou ele sozinho. Então o C3.2 era mais independente, o C3 é dependente, então, na mesma idade, C3.2 saía para jogar bola, “tô indo jogar bola”, com seis anos.

M – Não, ele tinha oito, tinha oito quando a gente mudou para cá, oito anos.

H – Que seja, com oito anos, ele saía, tô indo jogar bola, batia a porta e ia jogar bola, voltava depois de uma hora, duas horas, trocava de camisa, comia, bebia e voltava para jogar e tudo, o C3 não vai, então são diferentes, não tem nada igual.

M – Mas isso a gente criou diferente também.

H – Mas ela não está perguntando...

É a pergunta que eu ia fazer.

M – A gente criou diferente, o C3.2 veio e ele era praticamente sozinho com a gente, não tinha nem a C3.3, que a C3.3 tinha ficado ainda em M. Mas o C3.2, ele já vinha e não tinha ninguém, e a gente morava num condomínio e a gente deixava ele descer para brincar porque o condomínio também era menor, só tinham dois blocos e não eram tantas crianças e ele descia. Já tinha feito amizade logo que a gente mudou, com uns meninos da mesma faixa etária, que vinham, “vamos descer, vamos descer”, e ele começou já fazendo amizade dentro do prédio. O C3 quando a gente foi morar no prédio, na verdade é um condomínio muito maior e as poucas vezes que a gente começou a descer com as crianças, tinha muito moleque falando palavrão e não sei o que, e a gente mesmo podou, não incentivou ele a descer para brincar, porque via muito menino maior do que ele brincando, e falando muito palavrão e a gente não gostou. Então, na verdade ele foi criado diferente. Hoje o C3 com nove, para cá, que ele está até ficando mais sozinho quando a gente fala “vou ali fazer a unha”, ele fica, o P3 fala “vamos até o mercado, você quer ir?”, na padaria, e ele “não, não quero” e ele fica. E agora ele está começando a se virar sozinho, e ele fala, pelo menos faz um pão, ele vai lá, pega na geladeira e faz um sanduiche sozinho quando a gente, se ele está com fome. Agora que eu acho que ele está realmente ficando mais independente, mas é bem diferente mesmo, o C3.2 ia para a escola, a gente deixava ele na escola, ele voltava sozinho a pé porque também era um quarteirão, entrava, tinha a chave dele, entrava, pegava a comida na geladeira, já estava lá preparado o prato, ele esquentava e comia.

Agora a C3.3 não, a C3.3 também já foi diferente que era do outro casamento, também foi diferente, ela já era, ela é praticamente assim, era muito mimada, faziam tudo para ela, meio o que faz com o C3, até a meia, o tênis, até os nove anos acho que colocavam no pé dela, não colocava sozinha, o C3 está meio que nessa linha também.

Mas pelo que eu estou entendendo, se eu estiver errada vocês me corrijam, tem a ver também com as condições de vida que mudaram né.

M – Bastante.

De ser mais seguro, pelo que você está falando, era mais seguro onde vocês moravam e aí podia descer, podia ir para a escola a pé sozinho, que não tinha tanto perigo, podia ficar no apartamento sozinho, essas coisas ou não? Não é bem isso?

M – Sim, também, mas, interfere sim porque também quando a gente, o C3 nasceu, a gente também foi morar do apartamento e mudamos para o prédio, ele ainda era pequeno, e aí ele não tinha.

H – Do apartamento para o prédio não, o apartamento para casa, o contrário, quando o C3 nasceu a gente saiu do apartamento para a casa, não foi o contrário.

M – E da casa a gente foi para o apartamento de novo, mas ele realmente não tinha o costume de descer, e até hoje, até esses dias ele foi umas duas vezes ele desceu e falou “ah nem encontrei meus amigos direito, eu não gostei”, e ele voltou, mas também tem uma diferença que hoje as crianças são muito, brinca de videogame, de ipad, computador, eles não, não é como era antes que não tinha isso, apesar que na idade do C3.2 já tinha bastante videogame, o C3.2 com três, quatro anos ele já jogava videogame, era, só que era diferente, eles não brincavam tanto quanto brincam hoje, então eles focavam mais em brincar de jogar bola, mais coisas assim, nadar, a piscina estava ali, era diferente, mas a segurança do prédio, acho que a gente criou também, não deixou o C3 também mais largado como o C3.2 era. Até o C3.2 fala, até hoje, ele fala “meu, eu me criei sozinho”, eu falo, “não senhor, quem deixava sua comida ali? Fazia tudo, saía e fazia tudo, deixava tudo arrumadinho? Eu saía para trabalhar e deixava tudo lá e levava você para a escola, você fazia as coisas a tarde sozinho, mas você não se criou sozinho não”. Ele fala as vezes “eu me criei sozinho”, porque aí depois ele foi crescendo e mesmo assim ele foi ficando mais tempo sozinho, a gente, aí ele cada vez maior, mais tempo a gente ficava, antes eu ia trabalhar, deixava ele um tempo, voltava da escola e o P3 tentava voltar o mais rápido possível para ele ficar pouco tempo sozinho, mas aí ele foi crescendo e a gente vai deixando ele mais tempo, e não precisava voltar correndo, podia ficar trabalhando até mais tarde, então muda mesmo.

Bom, agora o C3 ele tem mais oportunidade de contato com outras crianças pelo videogame e por essas tecnologias do que o C3.2 tinha, por exemplo?

M – Ah sim, hoje eles jogam online.

O C3.2 para encontrar um amigo, ele tinha que ir em algum lugar.

M - É, e eles mal usavam o telefone, ninguém tinha celular.

Telefone era caro.

M – A gente mesmo tinha celular, mas criança, ninguém tinha celular, então eles desciam, e também a internet e o celular naquela época era muito caro, ninguém quase tinha, ele descia muito para falar com os amigos, ele chamava os amigos do prédio, então os amigos eles eram do convívio da escola e do prédio, hoje o C3 tem a internet, tem o celular, o Ipad, videogame, WhatsApp, tem tudo para se comunicar, até com os amigos que ele não estuda mais, que mudaram de escola, ou que ele mudou de escola, ele ainda tem contato pelas redes sociais, rede até que nem tanto porque ele não usa, mas tem bastante pelo WhatsApp e pelo videogame, então é diferente né, bem diferente.

Se vocês tivessem que falar um pouco de como que vocês eram quando crianças, o que vocês percebem de diferença que tem na criança que vocês foram, ou na infância que vocês tiveram e na que o C3 tem hoje?

H – Eu até os doze anos acho que eu era bobo porque eu morava, eu ia para o sitio da minha avó, e ficava muito tempo lá, então a gente ia lá pra o mato caçar, pegar madeira, que a minha avó falava assim, vai pegar madeira para fazer a lenha para o fogão, aí a gente ia porque da casa da minha avó a gente atravessava, abria a porta e já caía na mata fechada, aí a gente já fazia aquelas touceiras de mato, de galho e deixava, e ia para o rio tomar banho, aí tinham as minhas amigas que moravam lá, até os doze anos eu lembro que a gente tomava banho de cueca e elas de calcinha e ninguém pensava em nada, não tinha malícia de nada, elas e um pedaço de pau e os moleques era igual, a gente brincava no mato lá, se divertia, não tinha telefone, não tinha internet, tinha televisão que a minha avó foi uma das primeiras que teve televisão lá, então juntava muita gente no sitio dela porque vinha gente de longe para assistir televisão, e a gente não pensava em mais nada, só pensava em dar o final de semana para ir brincar, não tinha preocupação com mais nada. Mas, hoje é diferente, hoje o C3 fala em comprar Iphone 10 como se fosse comprar uma borracha de um real, não tem noção nenhuma, e também não tem apego nenhum assim, se falar assim, caiu no chão e quebrou ele fala “tá bom”, comprou o telefone

agora, caiu no chão e quebrou ele só fala “ih, quebrou”, não fica preocupado se foi caro, se não foi, se o pai vai ficar nervoso, se não vai, esqueceu o telefone N vezes, no restaurante, no hotel, no taxi, no carro de aluguel nos Estados Unidos, esqueci, tá bom, pronto e acabou. Não tem muito, não tem noção. M – Não tem preocupação, acha que é só comprar. Mas, isso acho que não é porque é as crianças de hoje não, é porque a gente criou né, é a forma que a gente talvez tenha passado, que parece que comprar é tudo fácil, é só ter dinheiro, isso eu acho que a gente que erra nesse ponto.

H – Um pouco.

M – Mas o que eu acho muito que tem muita diferença é exatamente isso, a internet traz muita informação para as crianças de coisas que nós não tínhamos, então a comparação de ele falar, eu acho que eu era bobo, não, mas não tinha de onde buscar tanta informação do jeito que hoje tem.

H – Tinha que procurar nos livros.

M – Mas nem tinha tudo isso e era muito mais, para você procurar livro...

Tinha a Barsa né.

H – Barsa e biblioteca.

M – E outra, a Barsa...

H – Barsa quem tinha era rico.

M – Então, era isso.

H – Rico assim... quem tinha um pouco mais de condição.

M – Era muito cara a coleção, mas nem tudo o que você quer, hoje você tem informações que não tem nada a ver nem com estudo, o dia a dia tem informação sobre qualquer produto.

H – Porque tem a tecnologia.

M – Qualquer coisa que queira você vai procurar na internet.

H – Mas não é, não é para todo mundo não, por exemplo, mudando um pouco o assunto, eu fui fazer uma corrida domingo, aí deram um kit lá que parecia uma cesta básica, dentro do kit tinha um canudo retornável, está bom, pontinha de plástico e tal, e aí estavam escrevendo o nome, todo mundo segurando lá, e eu estou lá segurando meu canudinho, e eu sei como é o canudo, e tem o limpador do canudo que é uma esponjinha, e aí eu tirei a pontinha e estou lá segurando, aí todo mundo, nossa para que é isso? E eu falei, isso é para você limpar o canudo, você tomou uma vitamina e você limpa o canudo, por exemplo. “nossa, como você é inteligente”, “nossa eu nunca tinha visto isso”, eu falei “como assim, vocês nunca viram um canudo que tem um negocinho para limpar? É igual limpar mamadeira de nenê que tem a buchinha”, “nossa, nunca vi isso, nossa como você é moderno”. Não vi nada de modernidade, mas as pessoas...

M – Mas é uma coisa diferente e que não tinha.

H – Pode ter um telefone, vai caçar e procurar.

O que vocês acham que tem no mundo de hoje, que interfere, influencia no modo de ser das crianças, ou do C3 especificamente?

M – Fora a internet? O negócio que você falou da questão da informação, a gente não tinha, vamos dizer, muito o que almejar, porque o nosso conhecimento do que podia ter e acontecer, também, era limitado.

M – Mas a questão da informação, do acesso à internet que traz tudo isso, o que muda muito acho que no dia de hoje também, que na verdade a tecnologia afeta até no estudo né, na escola, no dia a dia para eles, mudam tudo, porque na escola, hoje em dia eles podem fazer pesquisa no computador, no tablet, eles conseguem, tem muita coisa, tem escola que a criança não escreve mais, não precisa mais escrever, faz pelo tablet, faz pelo computador, a dele ainda não, faz no livro, mas você vê até que a letra das crianças hoje em dia não, com dez eu já escrevia diferente, mais redondinha a letra, tinha uma prática muito para escrever.

Caderno de caligrafia né.

M – Que era, que hoje se você for pôr as crianças de dez anos elas são muito mais lentas para escrever.

H – A minha letra é a mesma desde os dez anos, desde a quarta série eu escrevo do mesmo jeito, não mudou.

M – Mas muda a questão de que isso tudo afeta bastante, e as crianças nesse caso de ficar brincando muito só, eles ficam muito em casa né, muito mais em casa do que ficavam antes, quando criança assim, eu digo na idade deles, que é ficar brincando com o celular, videogame, Ipad, eles não saem tanto. E hoje em dia a gente, mesmo falando vamos sair, vamos viajar, vamos para algum lugar “ah não, eu quero ficar em casa”.

Ele prefere ficar em casa.

M – Ele não tinha essa atitude, ele começou mais agora, que ele não jogava tanto videogame, mas agora ele quer mais, e ele fala “prefiro ficar em casa”, eu falo vamos no shopping e ele fala ah não mãe, não quero, eu falo, então vamos comer não sei o que, que você gosta, ele fala não, “não dá para você trazer?” Eu falo que não, não dá porque eu quero que você vá comigo.

Ainda pede para trazer né.

M – Ele fala, “não dá para você trazer?”

Não dá para pedir um Uber eats, um lfood.

M – Ele ainda fala, “vai você, depois você traz um para mim?” Então tem essa questão. Ele está falando aí?

H – Não.

M – Fala para ele esperar. Mas, talvez um pouco de preocupação nossa, talvez um pouco de falta de convivência com outras crianças fora da escola, talvez. O que acontece que eu vejo muito, não é nem muito na idade deles, mas os jovens que tiveram também essa, ficaram muito mais com a tecnologia, eles não sabem lidar muitas vezes com outras pessoas no dia a dia, não sabe, como se diz... não é controlar o sentimento, talvez não conheça, não sabe lidar com... talvez um não, criança que não tem não, que não sabe lidar com não, com uma rejeição, isso eu acho que nas crianças hoje mudam, tem diferença.

Vocês percebem isso no C3 também ou não, estão falando de modo geral?

H – Não, o C3 não. É não direto, “não, não”. As vezes ele fala assim “porque você está falando isso?”, eu falei “presta atenção no que eu vou te falar, e só vou falar uma vez, eu sou o seu pai e eu não tenho que dar satisfação para você, é e acabou, é assim e pronto, entendeu?”, “sim senhor”, pronto e acabou, tem coisas que você não tem que dar satisfação, tem outras coisas que você tem que dar e tem outras que você não tem que dar, pronto e acabou.

M – Mas assim, exatamente isso que é o problema, que o C3, com o P3, o meu não é nem que, ele não aceita, muitas vezes ele fica falando mil vezes, então, eu já falei que não C3, é, mas...

Ele argumenta?

M – Argumenta até você falar, “não”, depois de novo, “mas não dá”, “ah mãe será que você não pode comprar aquele negócio para mim? C3, não vou comprar”, aí vai, volta “então, compra vai, compra”, nossa meu, pq, eu falo “não, não, não vou comprar”, aí beleza, ele vai embora, depois de muito não, aí ele fala “e não dá para ser outra coisa? Dá para trocar?” E ele é insistente.

Você fala que hoje eles convivem pouco uns com os outros, você percebe isso no C3, o que você acha que muda nele o fato desse contato ser, não ser tão pessoal, ser menos pessoal?

M – Você diz assim, como que...

Você acha que tem alguma coisa do jeito de ele ser, característica dele que tem a ver com o fato de ele ter menos contato, comparando com a gente né, que você falou da nossa infância?

M – Hoje, assim, de pouco tempo para cá, apesar que a questão da criança ser tímida ou tem um pouco de vergonha, ou receio de fazer, tomar alguma atitude, eu acho que é normal, todo mundo tem um... dependente, que eles são, as vezes até a gente né, mais fácil lidar, conversar com alguém por WhatsApp do que chegar pessoalmente e ficar argumentando, falando com alguém, já fala pelo celular porque você não está vendo a pessoa presencial e vendo qual é a atitude dela, se você vai brigar com ela, conversar ou fazer alguma coisa é muito mais fácil. Então não sei no dia a dia como ele faria, se ele tem esse problema com os amigos, sinceramente na escola eu não sei.

H – Mas ele é mais descolado assim, ele é mais desenganado, se fala um negócio que ele não gosta, ele fala tá bom, vira as costas e pronto e acabou, não fica se preocupando, se martirizando, porque que foi e o que não foi.

M – Mas até o ano passado, sinceramente, até esse ano, no começo do ano eu acho que ele era mais solto, ele tinha, era menos introvertido, ele não é, mas eu acho que esse ano ele está mais, está mais sim porque tem coisas que eu falo, vai lá falar com não sei quem, vai lá perguntar, ele não vai como ele ia. Igual ano passado a gente foi para os Estados Unidos, e ele de cara ia lá, nem falando inglês, ele falava, quanto é isso aqui, em inglês, e o cara respondia em inglês e ele não entendia, mas ele ia.

H – Não entendia algumas coisas, algumas ele entendia.

M – É, outras não, porque o cara fala número...

Rápido né.

M – É um número longo, tipo, diferente de você falar dez, não, é vinte e cinquenta, mas ele ia de boa, não tinha vergonha, não ficava com receio, hoje eu vejo que saio com ele para comprar alguma coisa...

H – Mas é o jeito dele, as vezes ele não vai porque não é nem por conta de vergonha, é porque ele não quer mesmo, ele acha que não tem que ir e pronto.

M – Nas, mas as vezes ele quer alguma coisa e ele fala “ah mãe, vamos lá comigo?”.

H – Mas isso é com a M3, igual ela falou, tem coisas que ela faz com ele, com ela e que não faz comigo, conta de restaurante, por exemplo, a gente dá para ele conferir e ele vai e confere, já fomos em restaurante que ele falou que não ia pagar os 10% para o garçom porque ele foi mal atendido, na cara, então eu estimulo ele a fazer, entender, e quero que ele entenda e use isso mesmo, olha, não fui bem atendido, não vou pagar porque não fui bem atendido, chamei o garçom duas vezes, ele olhou para

mim e ele não veio, chamei de novo e ele não veio, pedi um negócio e ele trouxe errado, então ele fala mesmo, não tem, não tem medo de falar não, ele se descola sozinho.

E o que vocês acham que o jeito de ser dele, as características influenciam no modo de viver, de relacionar de vocês como família, ou dele com os colegas?

H – Dos colegas a gente não sabe né, porque na escola, a maioria dos colegas são da escola, e lá é um jeito, em casa...

M – Uma coisa não muda, na escola e em casa ele fala para caramba, quando quer falar.

Na escola ou em casa?

H – Nos dois.

M – Na escola ele fala muito, a professora reclama que ele conversava demais quando não era para conversar, em casa quando ele quer falar, ele fala mesmo, vai e chega, e fica atrás de você falando, quando ele está na dele fazendo as coisas dele, tipo no celular, no videogame, assistindo alguma coisa lá, ele não fala com ninguém, você pode esquecer que você nem vê direito, ele deita lá e começa a assistir as coisas dele e some, mas quando quer falar também, fala para caraca. E então não sei o que, não sei o que...

H – Até toma bronca de tanto falar.

M - Eu não dou não, deixo ele falar, eu acho que até deixo ele falar pelo incentivo, o P3 não, “para de falar, nossa, moleque você fala demais, não sei o que”, eu falo, “meu deixa ele falar, ele quer conversar”, mas eu, ele realmente gosta de falar, mas tem a hora dele também, acho que cada vez mais, que ele está ficando mais velho, ele está falando menos, mas ele falava mais, até falava mais.

H – Ele vai chegar no nível japonês oficial, só escuta e não fala.

M – Mas o que é engraçado, as vezes ele tem umas atitudes muito mais, as palavras, não sei se é porque é menino né, mas as palavras, as frases, ele faz igualzinho a ele, igualzinho, fala a mesma coisa, porque o P3 fica reclamando, “sua mãe, sua mãe isso, sua mãe aquilo”, e aí quando aconteceu alguma coisa ele já fala, “então mãe, você isso, você aquilo”, igualzinho o pai fala, as mesmas coisas, as mesmas coisas, e as vezes eu fico pensando, porque eu tive uma atitude de coisas que ele reclamou, comentou com ele “a sua mãe não presta atenção, ou então que ela repete duas vezes a mesma coisa”, por exemplo, e é porque ele falou isso para ele, umas três vezes, aí eu faço alguma coisa e ele vai lá e fala “não, você realmente não escuta, a gente tem que falar três vezes”, mas a frase é idêntica, idêntica a dele, e eu falo “C3, pode parar”.

Então o que vocês acham que esse jeito de ser dele interfere na maneira como vocês educam?

H – Não interfere.

Não interfere?

M – Você acha que não interfere a maneira da gente ser com ele?

H – Não, de ele ser conosco.

Não, esse jeito dele ser, altera alguma coisa na educação que vocês dão, no modo de agir com ele?

M – Sim, porque não? Ele sabe o limite dele com cada um, ele pode achar que se ele fizer alguma coisa, mexer em alguma coisa, eu não vou falar nada porque eu deixo ele fazer, e ele sabe que quando é alguma coisa relacionada ao pai ou alguma coisa que o pai já falou para não fazer, ele sabe muito bem. Então as vezes, falar que não interfere, não, interfere. Porque ele tem dois modos operantes né, porque as vezes tem coisa do pai que ele faz, coisa minha que ele não faz, ou quando ele está sozinho ele faz diferente.

E vocês também fazem isso? Alguma coisa no jeito de vocês educarem, vocês fazem diferente porque o C3 é assim?

M – Como o C3 é o mais novo hoje, meio que todo mundo vive meio em função dele, tipo, vamos sair para comer, fazer alguma coisa para comer, normalmente faz mais o que ele gosta, ou o que ele quer, se ele quer ir comer em algum lugar, fazer alguma coisa, normalmente é tudo em função dele, para nós dois, e os outros, agora três porque tem mais um, na verdade cada um está no seu espaço, eles fazem o que eles querem, assim, entre aspas, mas eles estão vivendo a vida deles dentro da mesma casa, essa é a verdade. Os adultos, os filhos adultos estão vivendo a vida deles, todo mundo mora na mesma casa, mas eles fazem o que eles, o dia a dia deles, a rotina deles, não que é diferente, agora o C3 , a gente é em função do C3 e o C3, C3 em função de nós dois.

E como é que vocês se sentem em relação a isso?

H – Preso.

M – Preso o que, em relação ao C3?

H – Tudo é o C3.

M – É porque você deixa.

H – Ela perguntou, eu respondi. Por exemplo, agora nós vamos para casa, o meu filho está fazendo a janta lá, beleza, mas se ele não estivesse fazendo a janta e não estivesse lá, ou se estivesse e não

tivesse feito a janta, a gente ia falar “C3...”, a gente não ia perguntar para os outros, a gente ia perguntar “C3 o que você quer comer?”, ele ia falar “estrogonofe”, os outros iam falar eu não quero, aí a outra ia falar eu não quero, aí que a gente ia falar, então o que a gente vai comer, hambúrguer, não, não quero e o C3, C3 vai falar não, não quero, pizza, o C3 gosta de pizza de calabresa e está todo mundo enjoado de comer pizza de calabresa com cebola porque o C3 só gosta de pizza de calabresa com cebola.

M – E aí também a questão de qualquer coisa que a gente vá fazer, na verdade nossa programação também. Não é culpa assim, do dia a dia, eles estão vivendo a vida deles porque já são adultos, o C3.2 está estudando, agora veio para casa e começou a trabalhar, a C3.3 está fazendo a faculdade dela e as coisas dela, e aí o C3 é o único menor né, “ah o que a gente vai fazer agora no final de semana?” Então tudo, vai fazer, a gente pensa só em nós três, na verdade, não, é tudo em função de nós três. Então não tem jeito. Mas, por um lado ele também é mimado pelos três né, só que agora o outro, o C3.4 chegou depois, mas a C3.3 e o C3.2, o C3.2 é mais duro assim com o C3, de querer colocar ele na linha, não deixar ele fazer nada. Eu falei “C3 vai tomar banho”, o C3.2 ouviu, não tem ninguém em casa, só está nós três, o C3 não vai, “C3 já falei para você ir tomar banho”, e o C3 nem tchum. Nossa, o C23. sai lá do quarto “menino, você não ouviu, a mãe está falando para você tomar banho faz tempo”, papapa, desliga tudo, “pode ir”. “C3 vem comer”, e ele não vem, “C3 vem comer”, o C3.2 sai do quarto dele, ou da TV, ouve, vai lá e faz o C3 fazer. Mas isso foi desde pequeno, desde quando o C3, C3 era menor. Eles tem doze anos de diferença né, é onze anos, então o C3.2 sempre mais cuidou do C3 do que a C3.3, né. E aí ele sempre quer pôr o C3 na linha. Mas em casa é tudo, é como se estivesse mais nós três porque os outros são grandes.

Bom, para finalizar queria perguntar para vocês o que é infância para vocês hoje, o que vocês acham que significa ser criança, a infância hoje em dia?

M – Comparado, se você falar, infância na nossa época, infância era brincar, se divertir, passar o dia a dia, aprender, ir para a escola, aprender o bê-á-bá, começar do zero, aprender tudo, mas no seu tempo, hoje acho que é diferente, hoje a infância é pouco tempo para brincar, se for brincar é muito mais coisas eletrônicas, não tem mais a brincadeira de criança mesmo, não existe mais, poucas crianças que tem, e aí a gente, escola, estudo, a pressão para a criança hoje é muito maior do que a gente tinha, era, na nossa época que eu ia para a rua brincar, brincava, voltava da escola, fazia lição e brincava a tarde inteira, até a hora de jantar eu brincava na rua, e brincava de coisas, de bola, de pega-pega, de esconde-esconde, de pique, cada brincadeira que hoje ninguém nem sabe o que é, talvez eles saibam um pouco de algumas coisas na escola, na educação física, mas hoje as crianças tem que ficar praticamente o dia inteiro na escola, por causa que os pais trabalham e não dá para deixar eles em casa.

H – É o preço da vida moderna.

M – E que tira um pouco dessa parte, eu acho que isso tira da criança a infância assim do brincar, e aprender, o aprender deles também é diferenciado, o aprender hoje deles acho que é muito, a bagagem que eles têm que carregar e aprender é muito maior do que a gente tinha né, que eles têm que trazer, aprender muito mais tempo, não sei se na primeira série, eu não sabia ler e escrever, acho que eu fui aprender na primeira série, mas era um livrinho e tal. E aprendi na primeira série e era do zero. Hoje na primeira série a criança já tem que saber ler e escrever e ela carrega uma apostila, caramba.

No infantil eles estavam fazendo o sistema solar.

H – Já tem que aprender, para entrar no primeiro ano já tem que aprender ler e escrever, antigamente a gente ia começar a entender no primeiro ano, ia falar bem no segundo ano, hoje já está no primeiro ano falando tudo.

M – É engraçado que até ano passado, acho que foi ano passado que o C3, que ele já faz o bilíngue de manhã, ele vai as oito e meia e a gente só pega ele as seis e meia, então ele fica dez horas na escola, imagina dez horas numa escola? Mas não é que ele reclama assim, mas tem dias que ele realmente está cansado, chega agora esse mês e ele não quer mais ir, é claro. Mas era engraçado, o dia que ele chegou, alguém chamou ele para fazer alguma coisa depois da aula e ele falou assim, “olha, não vai dar, será que você não entende, é porque eu não tenho tempo mesmo, eu estudo o dia inteiro, quando eu chego em casa não consigo, eu ainda tenho que ir no judô, ou no futsal, eu não tenho tempo mesmo”, acho que foi minha irmã que falou para ele para fazer alguma coisa, e ele falou “não, é que não dá, não tenho tempo, eu sou muito ocupado”, coitado.

H – Mas é mesmo, por exemplo, ele só tem um dia de folga de segunda e sexta.

M – Mas não parece um adulto falando, tipo, estou super atarefado, estou cheio de coisa para fazer.

H – Terça ele tem judô, quinta ele tem judô, quarta futebol, então ele só não tem segunda, terça ele tem judô, quarta ele tem futebol e quinta ele tem judô, e sexta ele está livre também, mais ou menos, mas agora ele quer jogar futebol segunda também, então ele, aí se ele jogar futebol vai ficar segunda, futebol, terça judô, quarta futebol, quinta judô, só vai sobrar a sexta para ele.

Isso depois de dez hora de escola, ainda vai fazer...

H – Mas em contrapartida ele conversa de tudo.

M – Mas nessa parte de atividade extra a gente não obriga ele não.

É interesse dele.

H – Ele conversa de tudo, se você chamar ele para conversar, ele conversa o assunto que você quiser, conversa sobre leis, sobre meio ambiente, conversa sobre psicologia, ele conversa sobre tudo, fala inglês bem, entende bem, conversa bem, e tem ele e o amigo dele, por exemplo, ele contou para mim ontem, é mas a mãe fica mandando ele pra a escola, porque o amigo falou que vai para a escola e que não sei o que, e eu falei tá, e daí, o que você tem a ver com ele? Não tem nada, então ele é ele, e você é você, os dois vão para o bilíngue? Vão, quem você acha que fala mais? Ele falou, logico que sou eu, ele não fala nada, a professora pergunta as coisas para ele e ele fica, então professora, é, é... aí eu vou e falo “é assim”, ele fala, aí ele responde o que eu falei para ele, a professora fala, “muito bem Fp.”, mas não foi ele que falou pai, fui eu que falei para ele e ele só repetiu, mas aí ele leva o crédito. E eu falei, esquece porque a vida toda vai ser assim, você vai ter boas ideias, você vai comentar ou vai falar, alguém vai pegar a sua ideia e vai falar mais rápido do que você e a pessoa vai levar o credito e você não vai nem poder falar que foi você, vai ter várias situações que vão acontecer isso, então vai e fala, faça isso mesmo, mas no bilíngue as pessoas as vezes não sabem mesmo, eu vou e falo, eu vou e falo, a professora pergunta eu vou e respondo. Mas você responde certo ou errado? Respondo certo, aí quando eu fico quieto que a professora pergunta para as outras pessoas e ninguém responde, a professora, “C3 você sabe qual a resposta?” Aí eu vou e falo, as vezes eu falo “professora eu não vou falar, eles têm que aprender também, chega, só eu que tenho que aprender”.

M – Então, isso é história que você fala que isso acontece, ou ele fala para você, mas igual eu falei para ele, você tem que ir para o inglês e ele falou que ninguém está índio, são só quatro alunos, e ele falou “ninguém tá indo”, e eu falei não. Eu falo “C3, vai porque está tendo aula”, ele fala “não, não está tendo aula”, eu falei “tá sim, o pai do amigo falou que ele está indo, então isso significa, e ele está tendo aula, então significa que vocês podem aproveitar isso, ir lá e desenvolver”, porque não é que é uma aula, ele canta, ensina música em inglês, assiste às vezes filme em inglês para eles desenvolverem.

H – O C3 faz procura no Google em inglês para você ter uma ideia, “procura em português”, ele fala “eu não, vou procurar em inglês que tem muito mais opção”, eu não procuro em inglês, eu procuro em português, as vezes eu procuro alguma coisinha que não dá para você ler, por exemplo, eu não sou muito 100% no inglês, entendo alguma coisa, falo alguma coisa, mas não sou fluente, mas alguns termos você tem que procurar em português, ou procura algum trecho, ele procura tudo em inglês, tudo, faz busca, eu falei “porque você está procurando em inglês”, ele falou “lógico pai, em inglês tem muito mais opção, em português é muito mais limitado”, quer dizer, esse é o preço que paga, ele fica muito tempo na escola? Fica, mas em contrapartida, eu falei assim, tá, mas a professora fala que o amigo, parabéns para o amigo., mas não foi o amigo que falou pai, fui eu, eu falei, beleza, legal. Os dois estão procurando emprego, você está numa sala e o amigo está na outra, e as mesmas perguntas para os dois, só que só tem uma vaga, os dois estão concorrendo no inglês, quem você acha que vai pegar a vaga? Ele falou, logico que sou eu, ele não sabe nada. Então, então esquece isso que o outro leva os méritos e as congratulações, o importante é você saber, enquanto você souber, acabou.

M – Eu não sei, eu acho, é por isso que eu falo que o C3 tem uma atitude com ele e outra comigo.

H – O C3 é inteligente, por exemplo, vou te dar um exemplo prático, você conhece a nossa casa, tem a cozinha, tem um corredor e os quartos lá no fundo, igual a sua, a M3, “C3 vai tomar banho, C3 vai tomar banho, C3”, fala dez vezes ele não fala nada, eu falei, “você fala demais, porque você não fala uma vez só que resolve”. Ah ele não vai, não vai? Então está bom. “C3 vai tomar banho. Sim senhor pai”, desliga o que está fazendo e vai, ponto, acabou. Para mim, P3, não importa se ele vai fazer porque está com medo, se ele está com dor, para mim não importa, importa que ele vai fazer. “C3 vai tomar banho”, “sim”. Ele pega e vai, se ele vai desligar o jogo na metade, se ele vai ter que começar de novo ou se ele vai perder a partida, não importa, vai tomar banho, vai tomar banho. A M3 está viajando, ficou 15 dias fora, beleza, ele sai da escola as seis e meia, faz as tarefas que tem que fazer na escola, ou pós escola, por exemplo, o judô, oito horas, vamos imaginar o dia que tem o judô, ele chega, janta, oito e meia está os dois dormindo, não passa disso, nove horas talvez assim, no exagero, está os dois dormindo. Seis horas da manhã o C3 acorda super disposto, alegre, falando, blábláblá. Quando a M3 está em casa, dez horas, onze horas, meia noite, uma hora, as vezes a M3 está lá assistindo, sentada, ele está lá do lado dela, mas não vai. Então ele sabe com quem ele tem que ir, o que ele pode fazer e o que ele tem que fazer, se falar “C3 vai dormir, acabou”. Ah, mas porque você não põe ele para dormir? Porque eu durmo antes.

M – Ele dorme antes e as vezes o C3, o P3 fala assim para mim, o C3, a gente chega aqui, quando você não está, ele chega, come e dorme, mas as vezes eu vejo no WhatsApp, e falo “oi filho”, ele está acordado, “cadê o seu pai?” Já está dormindo e ele fica quietinho, respondendo. Por isso, aí você fala C3 vai dormir, ele sabe que o P3 dorme primeiro e ele pode ficar acordado, e ele sabe disso, não

adianta, mas o que, mas essa atitude dele, ainda ele falando mas eu percebo muito mais que o C3 tem, o P3 tem um pensamento do C3 assim, C3 no pedestal, eu já não enxergo muito assim, não adianta, não acho o C3 o mais inteligente, o C3 isso, eu não acho.

H – Eu nunca falei isso.

M – Não, mas a forma que você fala.

H – O que eu penso não importa, mas o que eu falo, eu nunca falei que o C3 é mais inteligente, eu falei que o C3 se destaca, mas ele faz coisa errada igual aos outros também, eu tinha medo de ir na diretoria, por exemplo, na quarta, quinto ano, sexto, até o primeiro colegial eu tinha medo de ir para a diretoria, olha, você vai para a diretoria, eu ficava com medo de ir para a diretoria, depois de a professora mandar um bilhete e depois o pior de tudo de chamar a minha mãe, esse era o pior, eu sabia que eu ia apanhar, mas tinha medo, então evitava ir. Hoje eles não vão, não tem, escutei ele falando com a M3, a M3 falou você vai para diretoria, ah tá bom, mãe hoje eu fui para a diretoria, foi falar com a coordenadora, que é a mais brava de lá, e daí, ela me deu uma bronca lá, falou para fazer isso, as vezes não gosto de ir muito lá não porque ela é meio brava, a M3 falou assim, ela está lá para ser brava mesmo, para ser enérgica, para cobrar, ela não está lá para ser boazinha, mas eles não ligam não. Se ele for expulso da escola hoje, por exemplo, tomar uma bronca e tomar uma advertência, for expulso da escola, ele vai chegar em casa e falar assim, pai, tenho uma coisa para te contar, o que C3? Ah eu fui expulso da escola, tá, o que você fez? Matei uma criança, fui expulso, ah quebrei o braço de um menino, fui expulso, chutei a bola e quebrou uma vidraça, e fui expulso, normal. Eles não têm noção, não tem noção, então, ontem ele estava conversando com um amigo dele, ontem não, domingo, que eles estavam jogando aquela garrafinha d'água que cai em pé, o moleque jogou tão forte que quebrou a lâmpada, e daí, começamos a dar risada lá, pronto, normal para eles.

M – E aí quando eles contam, a gente tem que repreender, falar não, isso é errado, não pode fazer isso, não é certo, blábláblá, ou deve pagar para fazer. Aí você fica pensando, de repente se você repreende demais, ele nunca mais vai contar nada do que aconteceu porque ele sabe que se ele conta uma coisa para você, isso não é nem ele, é toda criança.

H – Por exemplo, agora, um exemplo prático, a M3 mandou um áudio que tinha que pegar o C3 e levar o C3 para a escola de música, beleza, aí mando um áudio, ah estou indeciso, não sei se eu vou, não sei se não vou, beleza, aí eu mandei, escrevi para ele, C3 arruma suas coisas que você vai para o treino, para a escola. Aí beleza, ele pegou e entrou no carro, e eu falei C3, que história é essa de você, ah então, eu acho que não sei a música, e eu falei não, você sabe a música e você vai porque foi você que escolheu entrar na escola, foi você que escolheu o instrumento, nós pagamos para você ir, e você falou que queria ir, então agora você vai. Você está indo para o treino, para a escola agora para fazer o ensaio, ou é para que? Para tirar os erros e verificar alguma dúvida que você tem e consertar para ver como é que vai ser, então você vai, pronto e acabou, você não vai tocar sozinho, não é um solo, você vai tocar com outras pessoas, você acha que todo mundo sabe qual o som de um baixo, de um contrabaixo, de uma guitarra, sabe, eu falei eu não sei, e eu vou estar na plateia lá, então não pensa que todo mundo sabe a diferença, porque não sabe, eu particularmente não sei, e se você ver que vai errar, que está indo mal, toca menos, tira a mão, faz o movimento que você está indo, o professor está indo com você, e você só aquele pedacinho que você não sabe você dá uma paradinha e depois continua de onde você sabe, não precisa ficar lá com cara de espantalho, de não sei, continua e pronto e acabou, e vida que segue. Ele falou, ah legal. E está lá, já acabou a aula, falou para ir buscar, e está lá, está sossegado.

M - Acho que é a mesma coisa, até ele estar ensaiando e tudo, ele estava de boa, como ele viu que a data está chegando muito próxima, que ele vai tocar amanhã e hoje era último ensaio.

Ah ele vai se apresentar.

M – Vai, com o contrabaixo, acho que agora ele está começando a ficar mais preocupado, e assim, com receio do que vai ser.

H – Porque não é uma apresentação na escola, é uma apresentação num hotel super legal, Hotel, é um lugar legal, grande, são muitas pessoas, então talvez tenha esse pânico assim, esse receio, mas tocar na escola informal é uma coisa, tem que colocar uma camisa, tem que ir, se apresentar, tem que ir direitinho, talvez ele esteja pensando nisso, mas eu já desencanei, falei, não, vai lá e toca, e pronto e acabou, rapidinho.

M – Então, eu não sei porque ele não me ligou ainda depois que ele mandou o áudio para mim, porque para mim que ele mandou “mãe, você sabe que eu acho que já esqueci a letra da música, não sei, não sei se vai dar para tocar”, mas ele mandou para mim, porque sabe que se mandar para ele, não, isso não pode, você escolheu isso, você quer, agora você vai até o fim.

Não importa se souber a música ou não.

M – É, então ele falou para mim e eu encaminhei para ele porque ele estava indo levar ele, e minha intenção era que ele acalmasse ele, aí...

H – Colocou o áudio para escutar.

M – E aí eu respondi para ele a hora que ele mandou, eu falei, C3, olha só o professor vai estar junto com você, você está indo para o ensaio de hoje exatamente para você revisar, para ver o que vai acontecer amanhã e o professor vai estar do seu lado o tempo todo, até no dia em que você vai tocar, então não se preocupa, aí ele já ficou, não falou mais nada, e eu encaminhei para ele porque ele ia levar, mas como o dia está chegando ele realmente estava, até então ele estava tranquilo, mas você vê que a criança para lidar com isso, nem eu hoje sei, ficar apresentando em palco, para fazer apresentação para outras pessoas, eu não gosto, é meu, eu não me sinto à vontade, e ele não tem obrigação também de gostar, e ter afinidade com isso, não acho, então é uma questão de ele ir desenvolvendo, mas nem todo mundo mesmo desenvolvendo consegue né, porque eu já tentei várias vezes e eu odeio.

Tem alguma coisa que eu não perguntei para vocês e que vocês gostariam de falar, de acrescentar, de comentar?

M – Você falou em relação que tipo, do lado de administração que eles chegaram a, como se diz, a conclusão que essa geração alfa, é uma geração que na verdade hoje ela não está no mercado.

H – Lógico que não, ele tem dez anos.

M – Mas isso que eu estou falando, ela não está no mercado, ela talvez atinja no mercado o consumo, porque como os filhos mandam nos pais, meio que os pais se desdobram para poder comprar as coisas que eles querem, então comprar uma roupa diferenciada, um jogo, essas coisas influenciam no dia a dia, no mercado. Agora, qual a ideia deles, de vocês, de quem seja, psicólogos, que estejam estudando essa parte, de o que essas crianças alfas serão em dez anos, dez é pouco vai, em quinze, que já deveriam estar formados com 25 anos?

H – Eles não sabem, isso daí é o estudo que vai determinar.

M – Mas eles já pesquisando.

H – Está pesquisando hoje, mas pode ser que daqui um pouco eles mudem, é muito tempo, são doze anos, dez anos mudaram essa geração, mas daqui dez anos, daqui para frente.

M – Mas existe uma expectativa, ou existe uma ideia.

Sim, com certeza.

Casal 4

Vocês têm quantos filhos?

M – Um.

Tem só o C4 né, e qual a idade dele?

H – Dez.

M – Dez anos ele fez em outubro.

E se vocês tivessem que descrever o C4, o que vocês diriam a respeito dele?

M – O C4 é bem comunicativo, algo que os professores sempre comentam, o que mais?

H – É uma criança amorosa né, cuidadosa né. Às vezes, eu acho que conforme a idade, um pouco preguiçoso.

M – Teimoso.

H – Teimoso, acho que ele está chegando já numa fase, já quase de pré-adolescência e então já quer ter mais opinião, quer que a gente respeite mais os desejos dele né, a gente não determinar tanto o que ele quer fazer, ele quer determinar mais no tempo dele.

M – Algo que era simples, vamos com a mamãe lá na padaria, nossa, pulava, ia junto, agora não e aí ele sempre usa o argumento “vocês tem que respeitar o meu desejo, não é assim, não foi isso que vocês me ensinaram?”, sempre cobrando dessa forma.

Ele argumenta, mas de fato sempre foi o que vocês ensinaram?

M – Sim, tem que respeitar o que o papai e a mamãe estão falando, na hora de conversar, esperar e tal, então hoje ele meio que manipula e usa contra a gente, se de repente a gente bate de frente com algo que ele não concorde.

H – Eu tenho a impressão que, muitas vezes ele quer se colocar num nível de igualdade, né, como se a gente, claro, somos os pais dele, mas estivéssemos simplesmente morando os três juntos aqui, sem nenhum tipo de hierarquia né, aonde que ele é uma pessoa que está aqui e o que ele deseja também, ou o que ele quer fazer também no tempo dele, tem que ser respeitado.

M – É interessante que você citou o Portela, porque as vezes a gente fica nessa dúvida, ué, mas quando a gente era pequeno não podia falar, tinha aquela coisa do olhar né, e hoje eu sinto que eu posso olhar para ele, arregalar o olho, o olho cair, que vai continuar ali com a opinião dele, que é bem diferente da nossa criação.

Como é que vocês eram enquanto crianças e como que era a educação?

M – Então, o que eu percebo da diferença entre o passado e hoje né, até nessa questão, todo mundo sentava à mesa para comer, e se o meu pai e minha mãe estivessem conversando, a gente não tinha que se intrometer, ah conversa de adulto, tinha essa questão de conversa de adulto, então a gente tinha que sair, ou então chegava visita, minha tia ou a minha avó é “conversa de adulto”, e então tinha que sair, e hoje não, hoje eu percebo que o C4 ele participa mais, as vezes ele dá opinião, e as vezes eu fico na dúvida até onde ele pode ir porque a minha família não está tão preparada, que nem a minha avó, tem 90 anos, então para ela sempre vai ser conversa de adulto né, e ele tem que ficar a parte, e por outro lado, os meus pais, acho que por serem avós né, os pais do P4 também e ele o único neto, então ele é o xodó, ele participa, conversa.

Pode falar, dar opinião.

M – Exatamente, então acho que nesse sentido né.

H – Eu penso que, eu acho interessante porque para mim é um pouco difícil racionalizar sobre o que a gente passou porque a gente sempre tem uma visão um pouco parcial das coisas que aconteceram com a gente no passado, talvez não tenha sido tão maravilhoso ou tão ruim quanto a nossa lembrança tem né, eu penso que quando a gente era criança a gente era um pouco mais condicionado a determinadas situações né, conforme até a M4 comentou, então por exemplo, quando adulto estava conversando até uma determinada idade, a gente não podia opinar, e os nossos pais sempre reforçavam.

Na sua família também era assim?

H – Na minha família também, sempre reforçavam o comportamento de outras crianças que de repente não opinavam sobre os assuntos que os adultos estavam conversando, para ajudar com que a gente mantivesse dentro daquele condicionamento de não poder falar ou não poder se expressar.

Tipo comparando? Fulano é assim.

H – Exatamente “fulano não fala enquanto os adultos estão falando”, sabe, então faziam todos, sempre esses reforços para que a gente sempre se mantivesse dentro daquele comportamento que eles consideravam aceitáveis.

E vocês conseguiam manter esse comportamento? Que tipo de criança vocês eram?

H – Olha, acho que em geral sim, mas muitas vezes não.

M – Complicado porque é criança, meu pai sempre fala que eu era bocuda né, e assim, eu acho que o bocudo que ele falava comparado a hoje, são os questionamentos né, mas porque que não pode, porque eu percebo isso no C4, e hoje ele dá risada, ele fala “oh lá, viu, igualzinho a você, questionando” tudo tem, mas é entender o funcionamento, e eu acho isso bacana, e as vezes é claro, nem sempre a gente está preparado para responder.

Para responder, ou está esperando a pergunta né.

M – Exatamente, mas eu lembro que até um ponto, para mim o meu pai era super inteligente, sabia de tudo, nossa, sabe de tudo e tal, até não ter uma resposta, e quando ele não tinha uma resposta, aí o argumento era, quando você crescer você vai entender, quando você for adulta, era sempre essa coisa. E o que eu percebo do C4 é que por mais que eu tente enrolar, não, depois a gente vê, ele sempre traz, você não falou que a gente ia ver, como que é isso? Tá bom C4, vamos pesquisar, vamos ver como que é. Então eu percebo nessas coisinhas a diferença, hoje você vai num restaurante tem um espaço para criança, antes não, antes a gente era forçado a ficar lá sentadinho e tal, e aí de levantar né, já vinha com aquele olhar, né, e aí ficava lá sentadinho “mas porque que eu não posso?”, “tá vendo lá aquela criança, quietinha, comportada” e tal, e hoje não, tem espaço para criança, tem vídeo game, as crianças se reuniram, ontem né, na sexta-feira tivemos a confraternização dos pais que a gente tem amizade lá da escola, e para achar um lugar foi muito difícil porque eles estão numa fase que só os brinquedinhos não ajudam, aí a gente achou um local bem bacana com quadrinha de futebol, e eu fiquei observando isso né, olha que mudança né, que avanço, e por outro lado, a gente foi num casamento da prima do P4 que era um salão que não tinha absolutamente nada para criança e tinha muitas crianças, e tinham muitos adultos assim mais maduros, e se as crianças corressem aí já, os olhares, o julgamento e tal, aí voltei um pouco no passado, caramba olha, parece a gente quando era pequeno, tem que ficar sentadinho, comportadinho, então nessas questões eu vejo um avanço, considero como, é bem interessante.

H – Acho que no meu caso também tinha um agravante porque eu tenho um irmão mais novo, então é aquele negócio da comparação, sempre meus pais falavam “olha, você é o mais velho e tem que dar o exemplo”, então adicionava para mim, de repente uma carga de mais responsabilidade de ter que dar o exemplo ali para o meu irmão mais novo, porque no meu caso tinha que sempre que ter o comportamento ideal para que justamente o meu irmão pudesse seguir o comportamento, então no caso do C4 a gente, não tem digamos assim esse referencial, e eu não sei se de repente ele tivesse um irmão mais novo ou um irmão mais velho se a gente faria dessa forma também.

Vocês acham que então hoje eles têm um pouco mais de liberdade, assim, de terem lugares para ir em que são preparados e pensados neles, ou de não ter tanto uma cobrança de um modelo para seguir?

M – Eu acho que está mudando, não sei se liberdade seria o termo correto, mas acho que nós avançamos um pouco em relação a isso, eu acho que a escola também ajudou bastante porque a gente vinha ainda com aquele modelo tradicional, caramba, não comemora lá o 7 de setembro, não canta o hino nacional, e ainda mais porque o meu pai é militar, então a cobrança ainda era maior, o meu pai foi maestro da banda da aeronáutica, e aí eles tocavam lá na escola que eu morava lá na vila militar, e ele ficava bem olhando para ver se eu estava cantando o hino direitinho e tal, então no caso do C4 eu achei muito interessante porque ele no primeiro ano, eles faziam uma roda de conversa para saber a opinião das crianças, e eu “meu Deus, o que é isso, imagina?”.

Criança pode ter opinião, né?

M – É, como assim? E ajuda a questionar né, assim, eu acho muito bacana algo que na faculdade os professores sempre comentavam, tem que formar seres pensantes, e tal, que não sei o que, que para a gente foi diferente, e eu vejo, eu acho bonitinho as vezes ele questionar e as vezes ele até saber de algo assim, uma notícia, que a gente mal assistia jornal assim, e tinha, ia na biblioteca se quisesse fazer um trabalho, enciclopédia, e hoje eles têm um mundo ali diante deles, e assim, que bom que estão usando a favor, poderiam explorar mais. Mas, eu acho interessante ele trazer e querer falar o que aprendeu, hoje a professora perguntou para mim assim e assado, e eu acho bacana, e considero como um avanço, a gente ainda tem um longo caminho, mas...

Ele tem contato com bastante informação então?

M – Sim.

H – Eu considero que sim, eu acho que eles têm uma liberdade um pouco maior hoje, assim como a gente teve uma liberdade um pouco maior em relação as crianças que os nossos pais foram, então acho que a gente como até mesmo a M4 comentou, nós estamos evoluindo com essas coisas, acredito, tenho uma convicção que hoje as crianças tem muito mais estímulos do que nós tínhamos quando criança né, hoje em dia as crianças tem celular, tem tablet, tem vídeo game, tem todos os equipamentos eletrônicos, sabe, tudo isso acaba estimulando as crianças para que elas possam fazer coisas diversas, possam de repente obter informações diversas né, tudo aquilo que anteriormente a gente questionava as vezes os nossos pais, conforme até mesmo a M4 comentou, hoje eles podem, de repente fazer esses questionamentos na internet e a gente basicamente nem saber o que eles estão questionando, estão perguntando por aí né, então eu acredito que tem muito mais liberdade neste sentido, de se expressar inclusive né.

Entendi, e aí vocês falaram que o C4 ele argumenta, ele pergunta, ele questiona e você falou da questão de ter liberdade de se expressar e ter mais informação, não é?

H – Exato.

Como é que ele usa essas informações todas que ele tem acesso? Como é que vocês percebem isso?

H – Sim, eu penso assim, hoje a gente tem a referência de alguns influenciadores digitais, você pega, de repente o Felipe Neto ou o Lucas Neto que está em todo momento interagindo com as crianças e eu acho que muito do que, de repente, as crianças, e eu coloco o C4 dentro de uma das referências que ele utiliza, eu acredito que alguns desses argumentos surgem a partir daí, né, surgem a partir do contato também que ele tem com outras crianças na escola, surge a partir do nosso contato familiar e ele condensa todas essas informações e cria um juízo próprio para de repente determinar os questionamentos que ele vai fazer.

Então ele tem opinião própria você acha?

H – Acredito que sim, eu acredito que ele já tenha uma opinião, mas acredito que todos esses meios acabam influenciando na opinião dele em algum sentido.

Como que ele expressa a opinião dele, como vocês percebem a opinião dele em casa assim?

M – Então, eu acho que a gente percebe mais no momento de resistência mesmo, até para ir no casamento né, que ele não queria, ele tirou argumento assim, mas porque que eu tenho que ir, não é a prima do papai? É, mas é sua prima também, mas vai criança? Aí começa a trazer, e ele insiste, mas não tem que respeitar a opinião do outro? Então, vocês não estão respeitando a minha opinião, e aí ele traz, então aí a gente começa a perceber, caramba, está crescendo né, já está trazendo alguns argumentos assim que antes a gente falava e era pronto e acabou, era pequenininho, ou ia né, não tinha tanta noção do que era. Então, nesses momentos de resistência, às vezes, quando a gente está assistindo um filme e eu acho muito legal, que nem teve um filme que a gente estava assistindo que eu sempre tento pegar um filme com efeito moral assim, se ele faz um questionamento eu sempre uso a moral, está vendo filho, como não é legal beber, olha o que acontece e tal, e a gente estava assistindo algum filme que o menino matou aula né, matou aula, saía com os amigos e ia beber, e ele “olha mamãe

o que ele está fazendo é errado né, caramba, não é legal, sabia que tem um amigo que não sei o que”, e tal, e aí ele já traz uma história, um exemplo, e isso eu vejo como uma evolução, considero né, de repente trazer essas questões, porque até mesmo esse tipo de conversa era difícil ter com os nossos pais, mas assim, para os nossos pais tudo tinha uma moral. O P4 sempre fala, não sei se você já viu a série Todo Mundo Odeia do Cris?

Sim.

M - Aí ele fala “o Julius é o meu pai”, ele sempre fala isso, o Julius é o meu pai, aí ele contou uma vez da conta de luz.

H – Conta de água.

M – Aí o P4 disse, nossa, baratinha e não sei o que, aí o que é que o seu pai falou?

H – Ele falou “barato porque você não está pagando”, né.

M – Quando você trabalhar... sempre tinha uma moral por trás, então eu trago isso para o C4, mas com esse cuidado assim né.

Dele construir um pensamento e não ser uma coisa assim, imposta, vamos dizer assim. Por exemplo, estou percebendo que assim, os nossos pais diziam não pode e ponto.

M – E esse não pode e ponto, trazer uma curiosidade do porquê.

E você já faz de uma maneira diferente, e diz olha, você não pode por causa disso e disso, e as consequências, é mais ou menos assim?

M – Isso, exatamente, e nesses momentos eu percebo, até quando a gente senta para almoçar né, ele quer conversar, traz a opinião sobre, às vezes, a maioria das vezes é coisa de criança né.

Mas te conta coisas, por exemplo, ou tem conversas com vocês que vocês, por exemplo, não tinham com os seus pais?

M - Sim, sim, que não era muito comum, né, a gente sentiu esse conflito, sente até hoje, será que a gente não está mimando demais, porque na nossa época era assim, assado, nesse período, imagina, a gente não fazia isso. E assim, fazendo um comparativo com as outras crianças da idade dele eu percebo que faz parte também.

Vocês percebem isso nas outras crianças também?

H – Eu confesso que tenho as vezes uma certa dificuldade de, de repente conceituar, propor um novo modelo porque conforme eu falei, as vezes na nossa mente fica assim, poxa, um modelo que talvez meus pais utilizaram, acho que minimamente deu certo, então eu vou utilizar a referência que eu conheço né. Então, as vezes a gente procura colocar de uma determinada forma como a gente aprendeu, como a gente foi educado né, e aí as vezes a M4 fala “poxa P4, vamos fazer de uma outra forma”, eu acho, por exemplo, o C4 ele gosta de dormir com a luz acesa, e eu falo para a M4.

M – De abajur.

H – Eu falo M4, mas quando eu tinha dez anos eu dormia com a luz apagada.

Era tudo escuro né.

H – Exato, e era confortável, é gostoso e tal, não, mas vamos respeitar, é um desejo dele, o momento que ele quiser, e aí teve uma fase que ele estava dormindo com abajur apagado e eu falei, bom, está legal né, e aí voltou a querer dormir com ele aceso.

M – Nós mudamos de casa.

H – Não então, mas quando a gente mudou ele dormia apagado, aí depois de um tempo ele voltou a querer dormir com ele aceso novamente, e aí para mim as vezes é um pouco difícil de, de repente aceitar porque eu gostaria que ele fizesse aquilo que eu entendo que seja melhor, não filho, acho que você já pode dormir apagado ali e tal, e a M4 não, vamos respeitar o tempo dele.

Então como é que vocês resolvem essas questões, como é que vocês lidam com essas questões? Para fazer com que seja uma regra, uma norma, ou que tenha um modelo, um jeito de educar?

H – Normalmente a gente procura entrar em consenso com relação a isso, eu, conforme eu falei tenho essas referências que as vezes eu acho interessante utilizar e muitas vezes, a M4 não, vamos tentar fazer alguma coisa diferente né, e tal, e aí a gente vai conversando até de repente entrar num consenso né.

Então vocês tentam. Você tenta de uma certa forma aquele modelo que você tinha, a experiência que você teve, ao jeito de ser do C4 e da família de vocês, é isso?

M – é, acho que a palavra certa é adaptar, mas de uma forma diferente né, porque que nem essa questão da luz, está bom, não, mas então vamos deixar o abajur, de repente deixa o abajur aceso, a gente procura uma solução satisfatória para os dois, nem sempre né, satisfatória para os dois, as vezes só para mim, as vezes só para o P4, mas a gente procura adaptar, ou pega as duas opiniões e transforma.

Talvez nem seja adaptar, talvez seja um jeito próprio, né?

M – Isso, um jeito próprio, exatamente.

É um jeito que seja de vocês.

M – Exatamente, porque fica essa guerra interna, como eu comentei com você, ah mas quando eu era pequeno, ah, a comida né, a gente comia o que tinha, né.

Nossa, nem me fala, odiava fígado e tinha que comer, come que é bom para você.

M – E o C4, e ele vai comendo reclamando, mas eu não gosto disso e é algo que a gente briga, “não, tem que comer filho, tantas crianças passando fome”, nossos pais falavam isso para a gente, “tanta criança passando fome, e tal, tem que comer”. Então porque que você não dá essa comida para eles? Se eles estão passando fome?

Essa é ótima.

M – Porque que não dá essa comida para eles, essas coisinhas, que nem o P4 falou uma vez, “nossa M4”, as vezes eu me vejo com a cara do meu pai dependendo do que ele faz, ou de como ele age, e eu nunca tinha parado para pensar nisso e quando eu me comporto assim também me vejo como o meu pai, e eu fico olhando para o C4, tipo, mas será, ele tem que comer porque é o que tem, e tal, não tem que ser do jeito dele, e isso eu falo para ele, filho nem sempre vai ser do jeito que você quer, não é assim, tem que aprender a lidar, “mas eu não gosto mamãe”, come só um pouquinho, vou pôr só um pouquinho para você experimentar e aí é todo aquele drama.

H – Novamente, outra referência, eu tenho um certo problema com relação a desperdício de comida, eu, sinceramente, é que assim, meus pais eles passaram de fato assim, por dificuldades quando criança, e então eu me lembro que na minha infância isso era sempre reforçado né, de repente dessa questão da comida e tal, então no caso a gente fazia até competição assim para não deixar nenhum grãozinho de arroz no prato, né. E essa referência ficou em mim, então assim, quando eu vejo que o meu filho vai lá, come e deixa um pouquinho no prato, eu falo não, não pode, faço ele voltar, e tal, raspo o prato ali junto com ele, e falo, não, tem que comer. Porque eu acho que é uma referência importante nesse sentido, e é um dos fatos, por exemplo, se, digamos assim, eu tive que ceder na questão da luz, nesse fato da comida, por exemplo, é um fato que a M4 ela cedeu e a gente acabou entrando num consenso também, para de repente trazer uma referência positiva ali para ele, então neste caso, sempre que eu vejo, eu falo, não filho, vai lá raspar o prato e ela também reforça para que esse comportamento seja mantido, e então a gente sempre está adaptando e entrando em consenso em determinados itens.

E como é que vocês percebem que é o relacionamento dele com os colegas, como ele é no relacionamento com os colegas?

M – Então, até legal porque na quinta-feira nós tivemos um aniversário e ele foi para a casa do amigo depois da aula né, e aí a mãe falou, ele vai direto comigo para o aniversário, e aí outra mãe entrou em contato e pediu para se dava para eu dar uma carona para um coleguinha dele que mora aqui perto, e eu falei, olha, só vai eu, o C4 não está aqui comigo, ele quer ir comigo mesmo? Ah ele quer, aí no fim acabei dando carona para uma outra mãe que estava com a menina, também que estuda tudo com ele, e aí a gente veio conversando, ah quem é o mais legal da turma, quem é aquele menino mais carinhoso e tal? Ah eu acho que o C4, mas o C4 ele gosta muito de brigar por justiça, se ele é queimado, brincadeira de queimada na escola, se ele é queimado ele quer justiça porque não foi justa a maneira que ele foi queimado, então eles estavam argumentando, e teve um momento que até o Pd. imitou ele “isso é muito injusto, não foi correto” e ele quer provar que foi errado e tal.

Vai ser advogado.

M – Exatamente, e aí o que mais, muitas coisas que eles trouxeram do C4 que eu vejo no dia a dia, mas de modo geral, o que eu percebo do C4 com os amigos e eu acho muito legal, quando ele mudou para a escola nova, eu achei que ele fosse sentir bastante, de fato ele sentiu porque foram cinco anos, cinco né, cinco anos no Cl., e de repente uma escola diferente e ele foi o único que foi para lá, exatamente, e isso eu fiquei muito preocupada, fiquei com medo da angústia ser muito mais minha do que dele, e de repente não passar isso para ele, e no Cl. a gente deixava a criança no portão e a tia levava, e no primeiro dia eu deixei o C4 no portão e ele foi sozinho, e lá não, lá você pode entrar, pode ficar.

E você nem sabia.

M – Eu nem sabia e ele foi sozinho, e assim, eu achei muito bonitinho que depois quando eu fui buscar, ele já tinha feito amizade assim com alguns amigos, não sei se isso é uma característica de filho único, mas onde a gente vai, num instantinho ele já entra, ele não tem vergonha se, vai, as crianças estão jogando bola, de repente quando eu vejo o C4 já está lá no meio jogando bola.

Ele faz amizade rápido?

H – Aham.

M – No churrasco do primo do P4 não tinham muitas crianças, mas no condomínio as crianças estavam brincando de futebol, aí daqui a pouco “cadê o C4?”, aí estava lá brincando lá no meio, jogando futebol, então eu vejo que ele tem essa facilidade de transitar, ele entra, conversa, fica chateado quando não

deixam ele jogar, e eu falo, mas eles não te conhecem é assim mesmo, nem todo mundo vai abrir, mas poxa, eu só queria jogar bola. Eu acho interessante a maneira dele assim de lidar com o desconhecido, né, essa curiosidade, então é que a gente as vezes tem até que segurar né, não filho, aqui não é assim, né, não pode ser sempre assim entrando e tal. Mas, ele tem essa facilidade, e na escola foi do mesmo jeito, quando eu vi já tinha feito amizade, ah fulano me chamou para ir na casa dele, não, mas calma, mamãe nem conhece, como é que vai chamar, e mais ou menos no fim do ano assim, ele já estava bem relacionado né, os amiguinhos já vinham aqui em casa, então eu vejo que ele transita bem assim, entre os amigos.

Ele encontra bastante com os amigos ou é mais pela internet?

M – Então, a internet a gente demorou um pouquinho para liberar o C4, as crianças já tinham tablet quando a gente se reunia, e o C4 ele até tinha, mas ele não usava, o tablet ficava mais jogado.

H – A gente, no começo a gente pensava assim, eu sou uma pessoa da área da tecnologia e então eu gosto né, mas a gente pensava, vamos deixar ele brincar com brinquedos mais lúdicos, e tal, e não vamos dar tanta tecnologia assim para ele nesse primeiro momento, e ele também não ligava assim muito pelo fato de a gente privilegiar os outros brinquedos, ele gostava de brincar com carrinhos, ficava enfileirando ali os carrinhos, ficava horas as vezes enfileirando os carrinhos ali. Mas, depois o que a gente começou a perceber né, isso estava dificultando um pouco as interações que ele tinha com as outras crianças porque as outras crianças tinha ali, utilizavam tablet, celular né, e tal, e ele não utilizava e as vezes ele ficava isolado por conta disso, então a gente aos pouquinhos começou a liberar um pouquinho, mas não era uma preocupação nossa no começo, ele nem gostava muito, por exemplo, até mesmo o videogame, ele tinha, ele jogava eventualmente né, mas acho que de um ano para cá agora que ele está inteirado nesse videogame.

Está mais interessado.

M – É, que ele ganhou, que aí joga online, fica com o fone no ouvido e aí conversa, briga né, briga bastante, “Pd!”, eu falo ah filho, então para de jogar porque as vezes é uma gritaria, eu falo chega, e ele não, estou online e não dá para eu sair e aí depois quando encontra pessoalmente, normal, assim, como se fosse uma pessoa ali no virtual e quando vê pessoalmente, como que é isso, porque a maioria são as crianças da própria turminha deles, é algo também difícil de controlar né e as vezes quem está conversando, e eu “quem é esse, quem é?” , “é o Davi, ele é do sexto ano”, “quem é fulano?”, “ah, mora lá no sul”, eu falo “então não, você não conhece, como que você joga com quem você não conhece?”, para a gente é muito novo isso né, como jogar com alguém que pode estar em qualquer lugar aí do Brasil.

A gente nem sabe se é quem está dizendo que é...

M – Exatamente, e é justamente o que o P4 falou, vamos liberar, mas de acordo com a idade né, usar a tecnologia a favor, mas com um controle porque ele tem um primo que joga online desde pequeno e ele fica, o C4 tenta interagir com ele, mas ele fica fixado ali entre a TV, aí ele sai da TV, ele vai par ao computador, né, é o tablet, é tudo muito ao mesmo tempo, é o celular e tal, e a nossa preocupação era justamente essa.

Como assim?

M – Fica, os amigos serem apenas virtuais, né, fixado só no jogo e durante um período a gente teve que controlar a questão do C4 com o videogame, não sei se era porque era novo, era o dia inteirinho, a gente não via C4, era comer no quarto, tudo no quarto, ah não, então não, vamos sair.

Você começou a falar da questão do videogame, que teve um período que ele ficava mais preso, ficava o dia inteiro e tal, e que aí vocês regularam isso um pouco.

M – Exatamente, sim, tinha uma tal de Vbux, que, ah compra Vbux, e não sei o que.

H – Ele está nessa fase agora.

M – E a gente teve uma conversa bem séria sobre isso, mostrei para ele a realidade

Você comentou também que as vezes ele está jogando e alguma coisa não dá certo, como é que ele fica, como ele reage quando é contrariado?

M – Fica muito bravo, as vezes desliga o videogame. Fala, “eu vou parar de jogar então”, e aí vem para a sala, fica um pouco comigo aqui, “não vou jogar mais porque fizeram isso e não sei o que”, aí quando eu vejo já está lá de novo. Já voltou a ser amigo, as vezes fala, não vou mais falar com o fulano, Mr., e é “Mr., Mr., não Mr.”, né, aí eu entro, “mas filho, então para de jogar”, o que é isso gente, porque para mim né, grito, sei lá, não é legal.

O que vocês acham que faz com que ele tenha essas características, esse jeito de ser? Vocês acham que tem alguma coisa no mundo hoje que influencia, que ajude que ele seja dessa maneira?

M – Nossa, é um bom questionamento. Então, mas eu acredito que sim, também a questão do acesso, a internet aí à disposição, que tudo tem um argumento, traz alguma coisa, acho que é mais nesse sentido que a gente conversou logo, esse acesso, porque o mundo está ali diante deles, né, e eu acho

que isso faz com aqueles tenham acesso ao que a gente não tinha tão facilmente, no passado. Então acho que hoje é um pouco disso, porque eu ando bastante no mundo dos meninos, caronas, e eu vejo, que nem, vou shippar tal casal, e eu fico, mas o que é isso, shippar e tal, até converso com outras mães, o que é isso, shippar tal casal, aí se o casal é C4 e menina, vamos shippar, como que é, “C4menina”, junta o nome dos dois, isso que é shippar, e eu, ah meu Deus, ainda tem isso?

A gente tem até que reaprender a falar né.

M – Exatamente, shippar, eu fiquei, mas o que é isso. E eles trazem algumas coisas assim, tudo bem que cada período tem algo diferente, na nossa acho que era boymagia, hoje não, hoje é o crush e tal.

E como isso impacta na maneira de educar, o que vocês acham de educar filhos hoje?

H – É...

Como que é para vocês?

H – Eu não acho que necessariamente é mais difícil do que era anteriormente, conforme a gente falou hoje sem dúvida eles têm mais estímulos, né, é um ponto até mesmo que as vezes eu comento com a M4, pelo fato de ele ter sei lá, tablet, celular, videogame, então as vezes ele é condicionado a fazer duas ou três coisas ali ao mesmo tempo, e as vezes você pedia a atenção, o foco para fazer uma coisa só, é difícil porque justamente ele está estimulado, acostumado a fazer várias coisas ao mesmo tempo, né, até mesmo sei lá, com o dever de casa, de falar filho se concentra, e tem que fazer. É difícil por conta de todos esses estímulos, o que pode acabar tendo uma carga ali de dificuldade adicional para que ele possa fazer. Mas, uma releitura que eu faço, eu falo para a M4 às vezes, falo M4, eu quando era criança eu também tinha essas mesmas dificuldades, eu lembro das professoras as vezes conversando com os professores, olha, ele é muito desatento, e não sei o que, e tal, e eu tenho uma postura muito de questionar modelos neste sentido, as vezes eu considero que não é tão eficiente quanto a gente imagina que é, ficar aprendendo ali através simplesmente da repetição. Eu acho que esse daí é um ponto. No dia a dia assim, em casa, para de repente passar alguma coisa assim para ele, eu acho que no geral eu acho que ele até aprende, até procura nos respeitar, as vezes a gente tem que fazer alguma ameaça ‘oh, eu vou tirar o videogame’, ‘você não vai fazer tal coisa’, aí isso as vezes acaba ajudando para que ele de repente tenha aquele comportamento, tenha aquele determinado item que a gente espera dele, né, ‘oh, vamos com a gente e tal, depois a gente faz tal coisa, a gente compra um açaí para você’, a gente procura sempre estar barganhando ou de repente, mostrando as vantagens para que ele, de repente adquira aquele comportamento que a gente considera aceitável.

Mas vocês percebem ele como desatento, ou como, capaz de fazer várias coisas ao mesmo tempo?

M – Eu acho que quando é do interesse né, que nem matemática na escola, ele não foi bem numa prova e aí a gente falou não filho, tem que estudar, o que está acontecendo e tal, porque a média dele gira em torno de 8 e 9, e aí deu uma bela caída, e assim, é o fato do videogame também, eu que estava na fase final também da faculdade, enfim, eu não estava acompanhando detalhadamente o C4, então eu só perguntava, fez a lição? Ele, fiz. O problema deles é o carimbo né, que eles têm medo de levar o carimbo lá da professora, então, fez a lição? Fiz, aí o que a esperteza estava fazendo, a professora falou assim “se tiver dúvida, só circula a lição e não precisa fazer”, então quando eu fui olhar, ele tinha dúvida na maioria das coisas, porque...

Tudo circulado, era bolinha para todo lado.

M – E eu, C4, tem que fazer, e não sei o que. Então nesse aspecto eu ficava meio que na dúvida, será que está tendo algum problema, falta de atenção na sala de aula, e tal, aí até a professora chamou para conversar, a professora e a coordenadora, e foi a primeira vez que tinham chamado, e ela falou, é difícil a gente conversar sobre o C4 porque ele é um aluno muito bom, ele fica dentro do esperado, mas ele está conversando demais, e assim, eu não me importo de ele conversar, mas quando fica competindo comigo, aí não dá, ela falou que ele termina muito rápido e aí ele conversa justamente com aqueles que tem um pouco de dificuldade, aí ela mudou ele de lugar, mas o C4 desde pequeno, se deixar sozinho ele conversa com as canetas, ele cria um modo para ele conversar. E aí eu questionar sobre a questão de ser desatento, porque eu percebi aqui dentro de casa que eu pedia as coisas para ele, e aí depois de um tempão, “o que você falou, o que é para eu fazer mesmo?”, aí ela falou que não, que é assim, que ela percebe que ele raciocina muito rápido e perde o interesse, vai lá e faz rapidinho e pronto, já lidei, já me livre disso, não é nem o já lidei com isso, já me livre disso, e agora eu mereço conversar. Então foi algo que eu trouxe para o P4 e o P4 começou a falar da infância dele, que ele também tinha um pouco dessa característica, que os professores comentavam, e para trabalhar um pouquinho isso no C4 a gente começou a delegar responsabilidades, terça e quinta você desce o lixo, arruma a cama, ou você usa o note, ou você assiste TV, ou joga o videogame, uma coisa ou outra, então direto a gente pega ele né, com o note ligado, assistindo TV, ah não, ou o note, e essas coisinhas, trabalho de formiguinha, mas foram dando resultados, porque coisinhas que nem você comentou,

independência para mim é escovar os dentes sozinha, e as vezes a gente exigia muito dele essa questão da independência, mas não filtrava o que de fato é independência, até a gente estava discutindo hoje sobre cobrir o C4 né, que o C4 na hora de dormir ele gosta que vai lá, cobre, dá beijo, faz oração, e o P4, não, ele precisa se cobrir sozinho que quando eu era pequeno, e eu falei P4 quando você menos esperar não vai ter mais.

Ele não vai querer que beije.

M – Exatamente, a porta fechada, nem quer muito acesos, então não tinha muito um filtro do que era a independência, e nesse aspecto a escola também ajudou na questão da responsabilidade, fazer a lição sozinho, a questão da supervisão, aí olho, mas porque você não fez essa, qual é a dúvida, aí a gente trabalha junto, aí vê que não é dúvida, é preguiça mesmo só para terminar rapidinho e se livrar, então nesse aspecto eu acho que ele melhorou assim bastante. Mas, acho que tem muito do que o P4 falou dos estímulos, você tem note, tablet, celular, televisão, e ajudar a equilibrar isso traz resultados né, positivos, agora, se a gente deixasse do jeito que estava, seria completamente diferente os resultados que a gente teria, tanto aqui no social quanto na escola, porque as vezes até a gente faz isso né, está conversando, mas está ali mexendo no celular, vendo o WhatsApp, a pessoa está lá, o que você disse? O que fulano disse? Às vezes eu faço isso, o P4 está falando comigo e eu estou respondendo alguém, ah é, é verdade, né, esses pequenos ajustes eu acho que ajudou, é difícil.

Tarefa de formiguinha mesmo.

M – É.

E como vocês se sentem como pais?

M – Como a gente se sente? Mas, como assim?

H – No sentido amplo mesmo?

Nessa tarefa de educar, desse trabalho de formiguinha, e de conciliar que você falou.

M – Tá, de modo geral.

H – Não sei, eu sou bastante crítico com relação a isso, né, a gente as vezes nunca tem a certeza do que a gente está fazendo, sem a gente observar um resultado ali que a gente considere satisfatório. Então eu, na maioria dos casos, procuro por conta do meu trabalho, acabo passando bastante tempo fora, e as vezes eu, eu sinto um pouco de falta assim de passar mais tempo né, não só com ele, com o convívio ali da família, né, esse, desde o ano passado também eu acabei entrando numa pós-graduação também, o que acabou reduzindo mais o meu tempo, eventualmente por conta da minha profissão eu também as vezes vou fazer alguma palestra, ou vou participar de algum evento, ou as vezes simplesmente por conta de ficar um pouco mais tarde no trabalho...

Ou trazer trabalho para casa.

H – Ou trazer trabalho para casa, é, então a minha questão é sempre meio que sentir assim em dívida, digamos assim, poxa, precisava me dedicar mais tempo, e mais tempo de qualidade assim com ele, eu vejo que ele tem, que ele sente falta muitas vezes, que nem ontem mesmo, ontem eu precisei ir participar de um evento e a noite eu fui fazer um casamento também, e ontem basicamente eu fiquei o dia inteiro fora, e aí ontem, de manhã quando eu fui sair e aí ele falou assim “poxa, você vai sair, e não sei o que”, e eu falei “é, o papai precisa participar num evento e tal”, e eu saí e eu percebo assim que ele ficou triste, mas, por outro lado, né, se eu tivesse ficado também ele fica ali no mundinho dele também, e as vezes a gente não faz uma interação mais junto, mais próximo, então a minha questão em específico é achar que eu estou sempre em dívida, e ele está crescendo, as vezes, acredito que a sensação de todos os pais imagino que é essa, que os filhos sempre crescem numa velocidade que a gente não acompanha, né, porque sempre quando a gente acostuma com uma determinada fase, muda tudo.

Já está em outra.

H – É, tem até uma frase que é um pouco clichê né, quando você acha que sabe todas as respostas, as perguntas mudam, então e basicamente com ele tem sido dessa forma né M4, e acompanhado de maneira geral, algumas mudanças, transições que eu fiz também de trabalho, então eu tive um trabalho as vezes que me possibilitava ficar um pouco mais, e ultimamente tenho trabalho que me possibilita de ficar um pouco menos, então tem tido alguns altos e baixos.

M – É um desafio porque tem momentos em que a gente se questiona, poxa, será que eu estou fazendo da maneira correta? Porque coisas simples, como arrumar o quarto, guarda o tênis, é repetitivo, mas C4 já falei filho, chega em casa tira o uniforme, põe para lavar, guarda o tênis, é simples, suas responsabilidades. Tá bom, aí chega no outro dia é o mesmo desafio, e eu vejo que a repetição não é só no tênis, a repetição também as vezes é referente ao comportamento, não é? Ah mas porque não? Você sabe porque, eu não te falei ontem? Ah tá bom. Então assim, é um trabalho árduo, repetitivo, mas quando a gente vê um pequeno resultado já dá aquela satisfação né, ele entendeu, mas no outro dia volta, volta alguma coisa. Então eu considero como um desafio assim ser pai, ser mãe, é um pouco do que o P4 falou, acho que também é um pouco atemporal essa questão dos desafios, talvez para os

nossos pais também, com certeza em algum momento eles também tinham dúvidas, né, será que é assim mesmo? Então acho que faz parte do pacote, é desafiador, porque é um pouco do que o P4 falou, eles vão crescendo, então até um tempo não sabia falar.

Estava funcionando assim, não está funcionando mais.

M – Aí você tem que mudar ali né, para lidar com aquela fase, então eu considero desafiador ser pai. Acho que aquela visão de que mãe sabe de tudo, olhar materno, é muito mito.

Está descobrindo agora.

M – Exatamente, não tem olhar nenhum.

E só para finalizar então, o que é infância para vocês hoje, o que vocês acham?

M – Infância hoje, poxa, difícil né, porque a gente sempre fala de...

Ou o que é ser criança hoje?

M – Ser criança hoje, a gente sempre faz comparativo né, eu brincava na rua, isso, aquilo e tal, e hoje a gente percebe que está um pouco diferente, até a questão que você comentou de ir para a escola sozinho, não dá, eu ia, na idade dele eu ia para a escola sozinho, hoje não consigo imaginar o C4....

H – Indo daqui até a esquina né.

M – Porque é pertinho, mas...

Tem a questão da violência né.

M – É.

H – Exatamente, eu acho que, não sei dizer exatamente se a gente olhar assim a questão da fase, talvez ele ainda esteja numa infância, mas não sei exatamente conceituar que atualmente ele está na infância, na minha opinião ele está numa outra fase, que ainda não é a adolescência, mas também não é infância, acho que ele já está...

Pré-adolescência?

H - Poderia ser, porque eu acredito que a infância na minha opinião se eu for conceituar, é um momento onde ele está criando, definindo uma personalidade, criando suas relações de amizade ali, e tentando entender ali o mundo, não que ele já entenda, que acredito que nem nós mesmos entendemos como que funciona esse mundo maluco hoje em dia né, mas eu percebo que ele já tem muito mais convicções do que em outros momentos, outros anos da vida dele, acredito que ele já carrega uma carga muito maior de convicções né, com relação a tipos de amizade que ele quer ter, opiniões que ele defende, de repente atividades que ele de repente quer fazer, porque normalmente quando é criança, conforme até mesmo o que a M4 falou, a criança está muitíssima aberta a fazer quase tudo, assim, né.

M – São receptivas né.

H - São receptivas, então hoje ele já tem uma carga já de opinião, de personalidade né, de valores próprios, então eu acho que hoje até é mais difícil de repente você propor uma coisa diferente, pra ele, a não ser que seja alguma coisa de interesse, você fala, oh filho nós vamos viajar, nós vamos para o Nordeste, ele vai associar com praia, diversão e não sei o que. Oh, nós vamos viajar, nós vamos para Brasília, mas o que a gente vai fazer lá?

Tem internet, tem wi-fi?

M – Posso ficar no hotel?

H – Recentemente nós fomos para Foz do Iguaçu, muito legal, a gente ficou impressionado lá e tal, mas assim, o ponto que ele mais gostou foi ficar no hotel, brincando lá, com o entretenimento do hotel.

M – Com os monitores do hotel, vai ter jantar não sei o que, festa nanana, aí fomos lá nas Cataratas, andamos, andamos, pronto, já vi, vamos embora.

H – Sabe, então é mais difícil.

H – É, nossa!

M – Tirando quinhentas fotos.

H – Mas ele já não tem muita paciência com relação a isso, então essa fase assim de mais infantil, eu acredito que já passou, estamos em outra fase. Claro, novamente, eu acho que se a gente for comparar com períodos anteriores, claro que ele está numa fase de infantilidade ainda, mas já não é...

Talvez uma infantilidade diferente do que a gente tinha. Do que a gente era talvez.

H – Isso, exatamente, exatamente.

M – Até porque acho que não tinha tanto essa questão de adolescente né, você tinha a infância, e depois você já estava meio que preparado para ir trabalhar, mesmo que ainda estivesse no colegial, aí um curso técnico, e já termina, já trabalha, faz faculdade. Hoje eu percebo que está um pouquinho mais estendida né, você tem a infância, tem a pré-adolescência, a adolescência, você tem o jovem, o jovem adulto, e vai...

H – Exatamente, hoje a gente não é muito, não estranha a gente ouvir que uma pessoa de 40 anos é jovem, eu acho bom isso, né. Acho ótimo.

Para mim, muito me favorece, inclusive.

H – Mas não era assim.

Casal 5

Bom, então a primeira pergunta na verdade, eu gostaria de saber a idade de vocês para a gente ter uma ideia de em que gerações nós estamos e em que geração eles estão?

M – Eu tenho 40 anos, dia 28 agora faço 41.

Parabéns adiantado.

H – Eu tenho 44, próximo ano faço 45 em julho, dia 28 de julho eu faço 45.

Estamos juntos P5, ano que vem é 4.5. me falem um pouquinho da estrutura da família de vocês, são dois filhos né?

M – Eu tenho dois filhos, na verdade, na primeira gestação eu perdi com três meses, aí veio o C5.2 e depois de 4 anos veio a C5, e aí eu e meu esposo.

Está com quantos anos o C5.2?

M – O C5.2 fez nove anos dia 09 agora, e a C5 vai fazer cinco em fevereiro.

Todo mundo pertinho.

H – É um perto do outro.

Perto do natal, carnaval.

M – Carnaval.

Dia da criança, tudo perto.

H – Tudo perto.

Se vocês tivessem que descrever o C5.2, o que vocês diriam, como que é o jeito de ser dele, como que são as características dele?

M – Quer que eu falo?

H – Pode falar.

M – O C5.2 ele é um menino, ele é bem estudioso, ele é dedicado nos estudos, na escola sempre recebi elogios dele, que ele é prestativo, ele gosta de interagir, independente se é menino ou menina, se é de cor ou não é de cor, então ele não tem essa desigualdade né, uma coisa que eu ensino ele, a gente procura ensinar isso para ele. Então assim, em casa ele é meio agitado, ele se pega muito com a C5 né, coisa normal.

Coisa de irmão né.

M – De irmão, mas assim, a princípio ele é um menino tranquilo, não é de, não exige muitas coisas igual eu vejo muitas crianças por aí fora pedindo tênis de marca, roupa de marca, passear, mesada, sabe, então ele não tem isso, eu procuro seguir o ritmo que eu tive, com eles, então nosso foco hoje é o estudo dele, focar no estudo e eu passo isso para ele, e ele é bem tranquilo, não é muito de querer sair, de muito amigo assim, ele é bem tranquilo nessa parte. A C5 já é mais agitada, já é mais boca dura.

Ela é o que?

M – Boca dura, respondona.

H – Respondona.

M – Tipo assim, ela gosta de afrontar, ela as vezes afronta.

H – Ela afronta às vezes, a gente fala alguma coisa com ela e ela responde.

M – Ela responde.

H – Em cima da linha.

M – Em cima da linha ali, ele já é mais tranquilo, eu falo com ele, ele já abaixa a cabeça e fica quieto, ela já retruca, porque que eu não posso, porque que eu não posso, e tenta te vencer no cansaço. Então a C5 já é mais espoletinha.

H – Fala não para ela, ela quer saber porque o não, mas porque eu não posso fazer isso? Pai, porque, mãe, porque? Então ela fica ali brigando com você, brigando no bom sentido, ela fica querendo ganhar você no cansaço.

M - Ela quer ouvir o sim, eu percebo que ela não gosta de ouvir o não, né?

H – É.

M – Ela não gosta muito de ouvir o não, igual aquela vez, vai tomar banho com a sua avó, não, não vou, você vai, não eu não vou, você vai, então ela tipo quer ali lutar, ela quer ouvir o sim. E ele nesse ponto já não é assim, se eu falo com ele, ele acata e é mais tranquilo nesse ponto, já a C5 é mais espoletinha.

E ela argumenta?

M – Argumenta.

Ela pergunta, não porquê?

H – A gente fala o porquê.

M – Mas é o porquê do porquê, do porquê, do porquê que eu falo gente, não tenho nem mais resposta para ela, vou procurar no Google daqui a pouco.

H – Questionando porque, porque que não pode fazer aquilo, por exemplo, tem uma bolacha e está na hora da janta, vou pegar aquela bolacha, a gente fala não, ela, mas porquê? Porque não, você vai jantar. Ah mas porque, eu quero só uma bolachinha, e eu falo que não, você vai jantar, depois da janta você come, e ela fica ali oh.

M – E é todo dia né. Chega a hora da janta e a gente já percebe que está mexendo nas coisas, e ela já fala, posso pegar uma bolachinha? Não, porque você vai jantar, mas porque que eu não posso? Porque vai tirar o seu apetite, não, mas eu prometo que eu vou comer tudo, C5 eu falei que não é não, então depois que você jantar você pode comer um pacote de bolacha.

H – E aí depois por fim ela janta e nem come.

M – Não come, ela quer ali é te afrontar mesmo, ela gosta de afrontar.

H – Daí a gente fala come uma bolacha, ela fala, agora eu não quero, então está bom, não come.

M – E aí amanhã no mesmo horário ela quer a bolacha.

H – Então a C5 é mais espoletinha, o C5.2 é mais tranquilo.

M – Mas ele questiona também, ele fala, mas porque eu não posso ir? Ah C5.2, porque assim, assim e assim, ah tá bom.

H – Ele só fica de cara feia né.

M – É, emburrado.

H – Mas questionando ele não fica, ele fica de cara feia.

M – Ele joga um livro, joga um caderno ali.

H – Ele fica mais, meio teimosinho com as coisas, fica irritado, não posso fazer nada, nada eu posso, ele é assim, mas questionar ele não fica questionando não.

Ele fica emburrado, mas ele aceita, vamos dizer assim?

H – É.

E ela, e se o não é não mesmo, como que a C5 fica?

M – Depois passa.

H – Daí ela vai chorar né.

M – Ela chora, faz aquela manha, a gente não liga, que eu falei se a gente for dar atenção é pior, então eu finjo que não estou vendo, faço outra coisa, tento distrair ela com outra coisa, olha C5 vamos ver não sei o que? Aí passa, acabou, ela fica sua amiga de novo.

H – Ela fica resistente, fala que não quer, e aí a gente, está bom, se você não quer, não quer, e aí ela senta no sofá e fica ali emburrada, chorando as vezes e aí depois esquece.

M – Dá os cinco minutos dela, aí ela esquece e vem, ah mãe, não sei o que, acabou, passou a birra.

Esquece rápido né, criança esquece rápido.

M – É.

E você falou que tenta fazer como era com você né, como que era quando você era criança? Como que era?

M – Sim, comigo era não e não tinha nem questionamento, minha mãe olhava para mim eu já sabia que não podia nem sequer mexer no que estava, até mesmo, eu lembro que a gente ia na casa da minha tia, ela falava chega lá, você não pede nada, aí eu olhava, estou com uma vontade de comer uma banana, uma vontade de comer não sei o que, mas eu não pedia porque sabia que minha mãe ia me bater, só que neste ponto eu já não ensino isso para eles, eu acho assim, está com vontade, coisa de comer né, está com vontade filho, tem que pedir, porque as vezes vê a banana e uma outra coisa qualquer, e se a gente for comprar não é a mesma coisa né, então tipo, se eu vejo alguém eu falo, você podia dar um pouco para ele, eu peço para a pessoa.

E as vezes a pessoa nem se importa né.

M – Então, né, então minha mãe me ensinava muito assim, você não pode pedir, você não pode falar, e eu fui crescendo com aquilo, de não posso falar, não posso pedir, não posso questionar. Só que hoje eu estou com 40 anos e vi que não é assim, então hoje se eu quero alguma coisa, eu mudei, dos meus trinta anos para cá eu acho que mudei, por causa deles porque eu falo, não, eles tem que expor o que eles pensam, expor o que eles querem, não que eu vá dar, mas expor o que eles querem, o que eles sentem porque eu acho que sofri muito com esse negócio de você não pode, você não deve, acho que fui um pouco retraída com isso. E aí quando eu ganhei eles eu vi que não era bem por aí.

H – É que hoje a gente tenta passar assim não é que, não pode, a gente tem que escutar o porquê deles e eles também tem que entender, é aquele jogo de moeda, um escuta o outro e um entende o outro e respeita, entendeu, que é o que ela está falando assim, minha época assim a mãe era bem rígida comigo né, era bem rígida.

M – Até mais que a minha eu acho.

H – Era bem rígida e eu não, minha mãe conheceu o esposo dela, o meu padrasto praticamente desde os 5 anos foi ele que me criou junto com ela, então foi bem rígido assim, quando é não é não, e acabou, não tinha o que questionar mais, e eu as vezes como eu sou meio C5.2, que não seguia o exemplo...

M – Não, meio C5.

H – Às vezes eu ia nas casas de parentes, coisa e tal, e eu ficava olhando e eu queria comer, deixava todo mundo sair né, de perto e ia lá e comia a banana escondido e ninguém ficava sabendo. Eu sabia que não ia falar não, na casa da sua tia não fica pedindo as coisas, e não sei o que lá, tá bom mãe, beleza, criança né, dava vontade, catava e saía de perto dela para ela não poder ver, mas minha mãe foi sempre, bem rígida comigo né.

E se ela visse, o que aconteceria?

H – Ave Maria, o bicho pegava, ela falava que não, se não apanhava na hora, chegava em casa o coro pegava.

M – Era ameaça.

H – E muitas vezes eu me dava mal né, com a teimosia e coisa e tal, a gente fazia as coisas sem falar, desobediente, o pau quebrava, em casa não tinha conversa, e a gente cresceu com coisa rígida mesmo, entendeu, e as vezes a gente quer passar o mesmo para eles, tipo assim, coisa de educação, só que as coisas mudaram, as coisas de vinte, trinta anos para cá mudou demais, então não adianta querer achar que a gente vai educar eles como a gente foi educado que não, porque as coisas, o mundo está diferente, as pessoas estão diferentes. Então naquela época lá, que nem hoje, hoje tem celular, hoje tem isso daqui, tem essa televisão, antigamente a nossa diversão o que era? Era brincar na rua.

M – Ah eu brinquei muito nessa rua, gente que delícia.

H – Não é?! Era, brincava na rua, jogava bola, brincava de esconde-esconde, pega-pega, tinha uma bicicleta, tinha um Atari para jogar.

M – Eu não tive bicicleta.

H – Eu sou da época do Atari, eu não tive nada disso, eu jogava, mas através do que, as vezes um parente tinha, um colega tinha e coisa e tal, mas eu nunca fui também de cobrar minha mãe uma bicicleta, nunca fui de cobrar um vídeo game, eu nunca fui assim de cobra nada, se ter, tinha, se tinha, tinha, se não tinha eu ficava na minha, mas hoje é diferente, jamais posso exigir uma coisa deles que sejam igual a mim, não, eu tenho que dar educação, aprendizado né, graças a Deus ele estuda, se dá bem na escola com todo mundo, mas ser rígido com ele assim como eu fui na minha época, jamais, não tem como, as coisas são diferentes né, antigamente para falar com a pessoa, era ou o orelhão ou quem tinha telefone, ou através de carta.

Telefone era caro né.

H – Hoje em dia quem manda uma carta para quem hoje em dia, ninguém vai mandar, se você tem um parente em outro Estado, fora de São Paulo, você vai mandar hoje é o zap né, ou liga.

Nem liga, usa o WhatsApp.

H – Eu tenho meu irmão que mora aqui em C. e eu nem ligo para ele, eu pego aqui, ligo o zap, falo com ele por aqui e acabou, anos atrás eu lembro que o meu padrasto mandava era carta para a minha avó que mora lá em Pernambuco, fazia aquela carta, eu lembro disso, fazia aquela carta e contava tudo né. Então a gente mandava carta, então as coisas foram evoluindo, evoluindo, hoje tem o que, já tem internet, tem e-mail, tem isso, aquilo, coisa de 40 anos atrás isso não existia né, é isso.

Você falou que passa para eles diferente do relacionamento que você tinha com os seus pais, né?

H – Sim.

Como é que você, o que você passa para ele, como que você é como pai?

H – Eu tento passar o melhor para eles né, o respeito com o próximo, com os familiares, com os de fora, de ver a pessoa e dar bom dia, cumprimentar as pessoas, ser educado e tentar ajudar o próximo né.

Mas é mais na conversa, ele fala você fala também?

H – Sim.

Tem essa troca, ou é como na época de vocês que tipo, a mãe só olhava assim né?

M – Aqui pode virar o avesso, virar o olho.

H – É, nem adianta, tem que conversar, tem que explicar porque as vezes, até quando eu desço aqui às vezes, tipo a avó, eu digo, C5.2 a avó, a bença, e aí ele vai lá, bença avó, bom dia avó, e não sei o que, porque se não ensinar isso não sei...

M – Acho que perdem os valores.

H – Perdem os valores, e eu quando ia para a casa dos meus parentes, era dá bença para o tio, dá bença para a tia, “bença tio, bença tia”, hoje em dia aqui na cidade acho que é difícil isso, é muito difícil. E que nem a avó do meu cunhado tem um sitio aqui em Nazaré, então a gente fala, chegou lá, dá bença para o sr. Joao e dá bença para a dona Iracema”, então “bença dona Iracema, bença”, para

poder crescer num ritmo, a gente pede tudo e eles vão e fazem né, agora se eles vão fazer isso daqui para a frente, quando casarem, com os filhos a gente não vai saber né, mas a gente tenta passar o melhor para eles, conversando, com educação e tudo né.

Transmite os valores, mas é de uma maneira mais conversada, é isso?

M – Isso.

H – É, conversada, isso mesmo.

M – Eu sou muito assim, sou meio de falar alto, chamar a atenção, eu evito muito de bater, não que um tapa na bunda não vá resolver, porque as vezes resolve né, e tem gente que fala, tem que ficar batendo, mas as vezes um tapinha na bunda para levar um sustinho, precisa, procuro mais conversar, chamar a atenção, oh não vai usar o vídeo game, não vai usar o celular, porque na minha época a gente ficava sentada né.

H – Antigamente os pais, eu não condeno nenhum, mas não tinha esse negócio de conversa.

M – Minha mãe não foi muito de me bater, eu falo assim, mas ela não foi muito de me bater não, eu acho que você apanhou mais do que eu.

H – Não tinha esse negócio de conversa, antigamente era não e não, e não discute, era isso e acabou. Se você teima, se você desobedece, o chinelo comia, aconteceu muito comigo. Acontecia muito comigo isso aí.

M – Às vezes eu apanhava do meu irmão, a gente tinha, a diferença de idade era de quase três anos né, então ele aprontava, ele apanhava e eu ria dele, ah você está rindo, então você vai apanhar porque está dando risada dele.

Eita.

M – Aí quando minha irmãzinha nasceu, aí a gente parou mais de brigar, a gente andava muito junto né, era muito colado um com o outro, e aí começou de sair, você quer sair, só vai sair se o seu irmão for junto, então só se meu irmão fosse junto para eu sair. Mas assim, de bater, bater mesmo assim foi pouco, meu pai nunca me bateu, nunca, nunca tocou, e eu falo que é meu defensor até hoje assim, mas com eles eu também procuro não bater, se eu bater também é um tapa na bunda, nada que vá machucar, espancar, mas chamar atenção, falar alto eu faço isso todo dia, todo dia.

E normalmente pelo que, o que acontece no dia a dia que faz com que você tenha que falar alto, repetir?

M – Eles se pegam demais, mas é por causa mais de briga mesmo dos dois, pelo amor de Deus, para de brigar, ficam se pegando e dão importância por coisa boba, tipo, a revista está aqui, aí porque ela pega, é “não, porque a revista é minha, porque eu ia ver agora”, e não estava nem vendo, sabe, aquela importância, o negócio está jogado tem três dias, mas porque um pegou, o outro também ia querer pegar. Aí já me irrita, e já pego a revista “ninguém vai ver”, aí a hora que passa e depois já estão tudo brincando junto de novo, aí eu pergunto “quem vai ver agora?” aí começa a briga de novo.

H – A mesma coisa os problemas de internet, isso daí, já sabe todos os episódios que vão passar e ele não quer mais ver, aí fica aquela picuinha, as vezes ela fica duas, as vezes fica assistindo e ele chega, aí agora é a vez do outro, e ela não quer deixar, aí começam a brigar, começa aquela picuinha, e eu já entro no meio, não vai, me dá o controle, pego o controle e ninguém assiste, e quando eu estou irritado com negócio de programação de televisão eu desligo ou eu mudo de canal, muitas vezes eu desligo, ponho o controle ali e dou bronca nos dois, “se vocês não sabem dividir as coisas então vai ser nem para um e nem para outro e acabou, e eu vou dar graças a Deus”.

M – E rapidinho ela acha boneca, ela acha panelinha e ele joga joguinho para brincar e esquece da internet.

H – Porque hoje as crianças voltando para a era de hoje, fez aniversário, dá carrinho, dá boneca, mas a criança tem isso, tem isso e eles não vão brincar, muitas vezes a gente fala, vai fazer aniversário, dá roupa, dá roupa, dá sapato, dá uma camisa, dá um short, é melhor do que ficar trazendo brinquedo, né amor?

M – É, mas eu acho que é importante ter um brinquedo, é importante porque ele precisa também saber que o mundo não é só tecnologia, tem que ter, igual ontem ele ganhou um carrinho da N. e do M., ele correu, subiu aqui e foi brincar, cheguei aqui tinha um monte de carrinho, pensei, nossa, quanto tempo que eu não vejo carrinho espalhado, um monte de carrinho e ele ficou brincando o tempo todo, meu cunhado falou posso levar ele, eu falei pode, e levou os carrinhos, ficou brincando de carrinho o tempo todo.

H – Porque a gente vê assim que já viveu em outros tempos, a gente vê que na nossa época a gente se virava, tinha bolinha de gude, onde você vê hoje criança brincando com bolinha de gude? Não vê.

Nem tem mais.

H – No interior.

M – Na rua, na minha época a gente brincava de bola.

H – Jogar um taco na rua, pião, vamos brincar de pião, você não vê, o que mais vê nas férias são os pipas, essas coisas você vê.

M – Vou dar um exemplo hoje, minha amiga veio para cá com três crianças, tipo de idade dele e uma da idade da C5, tipo assim, colocaram a casa abaixo, mas eu falei estão brincando, então nem ligaram para nada, então deixa eles brincarem né, estão brincando, pegaram mascara, pegaram boneca, espada, e eu falei deixa eles brincar, ah meu Deus.

Mas no geral eles brincam assim, ou não, eles gostam mais de assistir e jogar?

H – Eles gostam mais de assistir e jogar.

É o que passa mais tempo?

M – Eu procuro não deixar, tipo ele chega da escola, ele estuda de manhã, ele chega, já almoça e ele quer almoçar com o celular, não, almoçar com o celular você não vai poder almoçar com o celular, ah então posso ver um pouquinho, primeiro vai fazer a lição, aí quando ele desliga a televisão ele mexe nas coisas dele, mas também fica meio entediado, ah não tenho nada para fazer, não posso fazer nada, e aí se está com o celular na mão ele não reclama, mas o que você está vendo aqui, tem brinquedo para você brincar, vai brincar, vai jogar uma bola. Ah não quero, vou jogar bola sozinho? Joga com a C5, ah não quero jogar com a C5, mas como as vezes eu trago né, vizinho aqui do lado, colega dele da igreja, a gente até deixa trazer o menino aqui do lado porque eu sei que eles vão brincar, e a mãe dele também é meio nesse ritmo de não deixar muito no vídeo game, então eu sei que vai brincar de joguinho, quebra-cabeça, carrinho, porque se deixar é o dia inteiro no celular, é o dia inteiro, amanhece com ele.

H – E isso estraga a criança né, não é bom ficar plugado direto.

M – Esses dias era o que, era umas onze horas né, ele estava com o celular na mão, e eu falei “C5.2 amanhã você vai acordar cedo”, “não, mas eu não estou com sono”, você está sim, você está lutando para poder ficar vendo vídeo.

H – Onde começa a trocar, agora nessa época de férias tem que vigiar muito, começa a trocar a noite pelo dia né.

M – É, e foi pegar o celular dele, ele escovou os dentes, ele deitou e ele dormiu, capotou no sofá, está vendo onde estava o sono dele, ele estava querendo ver vídeo, então se eu deixar, ele fica vendo a noite inteira.

E o celular é dele ou de vocês?

M – É dele, na verdade era meu, eu comprei outro e dei para ele, só que assim, a gente tem que tirar da mão dele porque se deixar, fica colado no celular, quando vai para a escola eu não deixo, porque se vai estudar não tem que ter o celular, não mãe, mas não tem internet, mas tem jogo. Então até a professora mesmo reclamou, na segunda-feira teve reunião e ela falou, gente os pais tem que vigiar as mochilas dos alunos porque eles estão trazendo celular, tablet, e não foca na aula, então não adianta a escola estar ali para educar né, então os pais tem que vigiar a mochila também dos filhos.

H- O negócio de celular aqui em casa a gente é bem rígido, entendeu, negócio de celular, não, aqui em casa não tem vez não, se é não, é não, quando faz uma coisa e não obedece, já vai recolher, está de castigo, recolhe, joga lá em cima.

M – Assim, não que a gente não deixa, acho que tem que dosar né, igual a hora que você chegou, ele pegou naquela hora hoje, posso ver o celular, estava vendo vídeo, acho que estava até assistindo isso daí, então a gente tem que dosar porque se a gente não dosar vai viver só nisso, daqui a pouco está amarelo só de ficar vendo vídeo, vídeo.

H – É, e esquece até de brincar né.

M – E acaba com as vistas né. Então acho que a gente tenta passar isso para eles.

E no dia a dia quais as características deles que chamam mais a atenção de vocês, das coisas que eles fazem?

M – O que mais chama atenção... a C5 ela pula demais, como gosta de pular né, ela gosta de pular, de correr, ela gasta uma energia.

Ela é bem ativa?

M – Ela é bem ativa.

H – Mas as vezes até assim no modo de ela se expressar, né, a gente fala alguma coisa com ela e você vê que a cabeça dela já é mais aberta.

M – Ela tem uma maturidade muito, ela, realmente eu vejo que ela é uma criança bem evoluída.

H – Ela responde, mas assim, responde assim de uma coisa...

M – E ela não vai para a escola ainda, ela vai só no ano que vem, ela ainda não está no colégio.

H – Assim, ela tem uma percepção de responder...

M – Muito rápida.

Ela pensa rápido.

H – É, pensa rápido.

E fala bem assim, de ter argumento, de falar, de se conversar de tudo assim.

M – É, tem até a sobrinha dele que ela é advogada, ela fala, nossa tia, a C5 pode ser advogada também, ela fala assim de uma forma muito, então assim, as vezes eu comparo ela com ele, na idade que eles tinham, ele era muito pacatão, quando ele era bebê eu colocava ele para ver televisão enquanto eu fazia alguma coisa, ele ficava brincando, ela não.

H – Só um exemplo assim, eu estou nesse serviço novo né, aí na primeira semana foi muito puxado né, que é na área de logística e tal, na área de recebimento, então essa semana foi a semana toda correria, correria, hoje eu cheguei cedo, mas tinha dia de eu chegar dez, dez e meia, onze horas e a primeira semana foi bem puxado, e as vezes chegava cansado, será que vou conseguir, estou cansado, reclamava né, questionava, e ela escutava, aí no outro dia eu chegava, ela e aí pai, você está cansado? Aí você vê e fala, nossa, como né, pai está tudo bem, você está cansado?

M – Ela perguntou como foi seu dia, você está cansado?

H – Está com dor nas costas, como que foi, você está cansado? E tal, então aí você fala, caramba, uma coisa que aconteceu ontem e ela está perguntando.

M – E ela só escutou e depois no outro dia ela foi perguntar de novo.

H – Só escutou, então você vê né, como que a criança está bem focada nas coisas né.

E as vezes você não estava nem conversando com ela né, ela estava só no ambiente. Está percebendo tudo o que está acontecendo.

H – Não, não.

M – É, as vezes ela está lá no quarto e entra na conversa e fala, até na igreja mesmo, né, a gente vai para igreja e ela sabe rezar, tem oração que ele nem sabe e ela ouve a gente fazer, ela sabe, ela pega as coisas muito rápido, muito rápido mesmo, até falo, essa menina não sei, essa menina ela é estranha. Ela é muito, teve até uma vez, ele falou assim para mim, nossa, tem que dosar do que a C5 fala, só que eu não quero fazer isso, tipo, ela responde, ela é bem pá pum né, você falou, ela respondeu, aí ele até falou até uma vez para mim, nossa, já pensou ela ir para a escola assim? Eu falei, mas ela tem que se defender e esse é o temperamento dela, é o jeito dela, a personalidade dela é essa.

H – Não pode ser demais também né.

M – Mas eu não posso tirar a personalidade dela.

H – Não digo mudar a personalidade, mas ela tem que crescer com o estímulo dela, mas ela tem que saber como que ela vai falar com as pessoas.

M – Mas ela é uma criança ainda de quatro anos, ela ainda não sabe o que é certo falar ou o que é errado, o momento certo ou errado de falar, outro dia eu ouvi ela falar “nossa vó, você não sai do WhatsApp né?”, aí outro dia “nossa vó, você está de novo no celular?”.

H – E ela fala, ela mete a boca mesmo, aí a gente tem que segurar, C5 não é assim C5.

M – “C5 respeita a sua avó”, e ela “só estou falando, não falei nada demais”.

Inocência total.

H – Às vezes o cigarro né, mas ele fuma no quintal.

M – Porque ela não pode né com o cigarro.

H – E aí quando ela vê ela fala “oh, mas você está fumando de novo aqui dentro, não pode? Vai fumar lá fora”.

M – Vô o senhor esqueceu que eu não posso com o cheiro do cigarro, você está cheirando cigarro, você não pode ficar cheirando cigarro”. Aí outro dia subi aqui e encontrei minha amiga ali, você fumou? Você não vai entrar na minha casa não, que faz mal.

H – Então é esse tipo de coisa que a gente vê que ela é bem.

E com quem ela aprendeu assim essas coisas?

M – Eu não sei.

H – Eu também não sei, sinceramente, porque eu pondero bem o que eu falo quando eu converso aqui com ela, mas assim, eu evito de falar certas coisas perto deles, justamente por causa disso, agora ela é assim, não sei, se isso é dela mesmo, se ela vê as coisas e fala, não sei, não sei mesmo.

E o que vocês acham que pode fazer com que as crianças de hoje estejam assim? Você falou né, você estava comentando que hoje as coisas estão diferentes, o que vocês acham que pode fazer com que eles?

M – Assim, ela era a caçula do quintal, então tem a I. de 14 anos, a R. de 10 e o C5.2 de 9, então ela brinca muito com eles, então eles falam muito da escola, vamos brincar de escolinha e mostra vídeo de inglês para ela, então acho que isso ajudou muito, estimulou muito ela, então ela sabe falar as cores em inglês, coisa assim que a gente, como ela não está na escola, ela sabe fazer muita coisa né, que as meninas ensinam ela também.

Tem muita informação.

M – Tem muita informação.

Fica sabendo de muita coisa, tem contato.

M – É, eu acho que isso influenciou bastante para o desenvolvimento dela, assim né. Então não sei, se isso é negativo ou positivo para ela futuramente, eu vejo como positivo porque ela sabe muita coisa né mô? Ela sabe muita coisa, igual as cores em inglês ela sabe, todas as cores dos lápis, ela já aprendeu a fazer a letra, o a, e, i, o, u né, as vogais, porque a R. ensina muito ela, igual a R. está de férias e então ela fica aqui com a minha mãe, então ela fala, vamos brincar de escolinha? Então eu vejo as duas alia brincando, deixa, está ensinando né.

E ela se interessa.

M – Ela se interessa também, então assim, não vejo como ponto negativo não.

E como é que você acha que esse jeito de ser dela e dele funciona no relacionamento com as outras pessoas?

M – Acho que é normal.

Como que é o contato com os colegas, como que é na escola, na família? Por exemplo, você deu um exemplo de ela falar para avó, você está no WhatsApp demais, como é que fica essa relação? Porque você era, por exemplo, sua mãe, você era quietinha, não podia olhar, não podia falar, ela já é totalmente diferente.

M – Eu acho que ela sou eu hoje, então, ainda minha mãe fala, nossa, a C5 é você todinha de pequena, mas eu falo, mas eu não era assim de falar, eu tinha vontade de as vezes gritar, mas não, se eu falar minha mãe vai me bater, vai brigar comigo, mas hoje eu não penso assim, hoje o que eu tenho que falar eu falo, então eu vejo que ela sou eu, porque eu não inibi isso dela, eu já era inibida de falar né, então acho que ela herdou isso de mim, porque na época, do jeito que eu fui criada que a minha mãe falava, até hoje ela fala não pode falar, tem que ficar quieta, não pode falar o que você pensa, nem sempre pode falar o que você pensa, então minha mãe fala nossa, eu vejo a C5 assim, eu vejo você, parece muito com você, o jeito de falar. Outro dia eu falei, eu tenho que falar uma coisa o que eu acho é isso, isso e isso, ela falou nossa, mas é o que eu acho, você pediu minha opinião e eu estou te dando, depois outro dia ela falou, isso foi positivo para mim né, então eu acho que ela herdou isso de mim mesmo, e da minha família nunca ninguém falou nada, só falam assim “nossa, é bem diferente do C5.2”, eu tenho uma prima que ela é professora e ela fala “nossa a C5 é bem assim, espontânea né, ela se interage muito rápido com as pessoas”, se a gente vai numa festa, a gente não conhece ninguém, ela faz amizade muito rápido, muito, já está lá falando, a gente foi no aniversário do filho do meu primo, e ela estava lá no pula-pula, e daqui a pouco ela pegou lá no braço do rapaz, eu falei porque ela foi dar a mão para esse homem? Levou ele lá no pula-pula porque o menininho dele tinha caído e se machucado, ela foi e procurou o pai do menino e levou o pai do menino lá, então assim, ela é bem assim comunicativa, ela gosta também de ajudar as pessoas, então o jeito dela é esse, agora ele é mais tranqüilão, ele também tem facilidade de fazer amizade, mas não é aquela pessoa que se envolve e tem um monte de gente em volta dele, ele é mais restrito.

Mais reservado assim, na dele.

M – Mais reservado, na dele, ela já é mais assim espontânea, você vai ver e já tem três, quatro meninas conversando com ela, ele já pega um ali, fica com aquele menino ali brincando e para ele está bom, ela já gosta de ser, eu falo que ela gosta de ser estrelinha, mas nem sempre ela vai ser, eu falo para ela, C5, menos, tem que manear, brincar, mas não querer também tomar conta da brincadeira, que ela gosta de tomar conta das coisas, ela gosta de manipular a brincadeira, então a brincadeira tem que ser do jeito dela, então eu falo que nem sempre vai ser assim, tem que aceitar também a forma como as outras pessoas brincam, e ela fala “está bom mãe” e aí ela manear.

E ela consegue?

M – Consegue, mas se deixar vai querendo dominar tudo né.

E para vocês como é o papel de pais, como que é para vocês educar, criar filhos?

M – Não vou falar que é difícil, mas é uma coisa que a gente pensa no futuro né, deles, porque hoje eles são crianças, estão aqui com a gente, a gente consegue ver, enxergar o que eles estão fazendo, a gente pensa no amanhã né, na adolescência.

H – Quando é pequeno é fácil né, quando está pequeno, mas depois quando pegar a idade né, de querer já descobrir o mundo, descobrir as coisas, daí já fica mais difícil a gente tentar prender, falar não você não vai fazer isso, é difícil.

M – Até as amizades né, nem vou falar que a gente escolhe, mas que a gente vê realmente quem pode deixar brincar, porque tem gente que você vê que está brincando com ele e fala um tipo de palavrão que a gente né, evita de falar perto deles, aí o menino vai e fala, ele acha, ah o menino está falando, eu também vou falar, então as vezes eu procuro tipo, tentar não deixar ele muito perto.

Ver quem são as companhias né.

M – Ver as companhias, então hoje a gente consegue fazer isso, mas e depois? Futuramente ele vai ficar só, não vou poder levar e buscar na escola todo dia, então é uma coisa...

H – Porque hoje o social é difícil o social né, porque não adianta a gente estar educando aqui dentro de casa, mostrando os valores, o respeito, a dedicação, ajudar o próximo se a pessoa do lado não está nem aí, então como você vai misturar uma laranja boa com uma laranja ruim? Não tem como, né, então isso vai de pessoa, de família para família né, a gente faz a nossa parte, tenta educar, ensinar, mostrar como é, agora a gente não pode, tipo, um exemplo, o vizinho lá cria o filho de qualquer jeito, não repreende e não está nem aí e tal, então fica difícil, né.

M – Igual, um exemplo que eu vou dar, tem uma vizinha aqui do lado, ela tem gêmeos da idade dele e então eu escuto muitas vezes os meninos falando muito palavrão, xinga a mãe, xinga a avó, e a gente escuta daqui que é colado, parede com parede, e ele fala, nossa mãe, escutou o que o l. falou? Nossa mãe, não pode falar isso com a mãe né, não pode falar isso com a avó. E eu falo é C5.2, não pode, mas cada um cria de uma forma diferente né, então assim, ele não brinca com estes meninos, não porque eu nunca deixei, uma vez eu até deixei, você quer ir brincar com eles? Não, não quero brincar com eles. Então eu procuro assim, mostrar para eles, igual passa coisa na televisão e ele pergunta para mim, mãe o que é isso? Eu explico para ele, uma vez ele até brigou consigo que ele perguntou para mim o que era camisinha, porque ele viu na Malhação e ele falou você vai falar? Falei, não vou falar detalhadamente o que é, mas vou procurar explicar mais ou menos o que é porque lá fora ele vai perguntar para alguém, e alguém vai responder para ele de uma forma diferente, as vezes até mostrar como que é o negócio, que tem internet e mostra. Eu falei, olha C5.2 é uma coisa que você vai usar quando você estiver mocinho, para você prevenir doença, mas só quando você estiver mocinho você vai entender, quando estiver na idade certa a mamãe vai te explicar melhor.

H – Você pôs a bomba nela.

M – Pus. Eu vou te explicar melhor, é uma coisa que você vai usar só quando estiver maior, mocinho, adolescente, namorando ou casado, depende né, mas eu vou colocar isso aonde?

A gente quer dar só um superficial.

M – É, eu falei para ele, quando chegar na hora certa você vai saber onde você vai colocar, não mamãe, mas fala onde que eu vou colocar isso daqui.

Vai colocar na carteira.

H – Essas curiosidades são difíceis de explicar, eu assim...

M – Aí eu falei você vai colocar nas suas partes genitais para você não pegar doença, aí eu expliquei tudo para ele, e ele ah tá bom mãe, preciso saber de mais nada não. E eu falei, quando chegar no momento certo a mãe vai te ensinar, eu vou sentar com você e vou te explicar tudinho, e aí não perguntou mais, então as vezes eu falo para ele que as vezes eu tento conversar com ele e mostrar para ele, que eu não quero assim, ah não vou deixar assistir novela porque meu filho não pode ver, ah está passando Malhação, ah meu filho não pode ver, igual a gente foi na Paulista uma vez e só tinha menino com menino dando a mão, eu ia fazer o que com ele? Colocar uma venda? A gente foi no centro cultural né, chega lá na recepção e dois meninos se abraçando, se beijando, e eu ia falar o que com ele? Ele falou mãe, isso não é certo né, eu falei C5.2, para a gente não é certo, mas eles, cada um tem o seu modo de viver, mas não é certo, não é isso que eu quero para você, não é certo, mas assim, não vou esconder dele, o que é, tipo ai meu filho não pode ver, porque amanhã ou depois ele vai ver e falar nossa, minha mãe nunca me falou, então eu prefiro que ele tire daqui de casa do que ele pergunte lá fora. Então eu procuro passar isso para eles e assim, é difícil, criar filho é difícil, eu acho que atualmente é difícil.

H – Complicado né assim.

Porque é difícil?

M – Porque na nossa geração, na nossa geração que eu me lembre, não via dessas coisas na rua, não via essas coisas na televisão.

H – Abertamente como está hoje né.

M – Abertamente.

H – Abertamente, antigamente eu mesmo nem, só que hoje as coisas estão muito assim, muito para frente, muito escancarada, não sei, acho que cada um, cada um, cada um tem sua opção de escolha que quer seguir, eu respeito, só que é difícil as vezes você lidar com isso, é complicado no mundo de hoje assim, é muito difícil.

M – Tem que saber a forma de mostrar, de falar, para não despertar a curiosidade também né, que na minha época que eu me lembre quando eu era criança, adolescente, era muito difícil de ver essas coisas, de menino com menino, menina com menina, e roupas.

H – Às vezes até pela televisão também né, está tendo muito nessas novelas aí, hoje em dia, eu não vejo novela não.

M – A gente não vê mais novela em casa.

H – Eu não tenho mais paciência para ver novela, eu não vejo novela, eu vejo novela? Não vejo, me irrita.

M – Eu estava vendo até os vídeos que ele assiste no youtube tem menino que é gay, entendeu?

H – Por isso que eu falo, eu não discrimino ninguém, só que assim, eu não discrimino ninguém, a pessoa tem sua opção, eu respeito tudo e tal, mas tento mostrar para ele o melhor caminho para seguir né.

E vocês falaram para mim assim que os dois são diferentes no jeitinho assim, de ser, como que é para vocês como pais lidar com a diferença dos dois, como é que vocês fazem para poder?

H – A diferença de um com o outro? Eu tento unir os dois né porque cada um tem um jeito de ser, né, então a gente tenta apaziguar e mostrar para os dois que as coisas, que tem que se unir né.

Mas para vocês enquanto pais, como que fica, por exemplo, na hora que vai falar com um é de um jeito, na hora que vai falar com o outro tem que ser do outro, com um fica mais fácil fazer uma coisa com um do que com o outro, ou não? Como que vocês lidam com isso?

H – Por ser um casal, um menino e uma menina, tem que ter a diferença né, de falar com um de um jeito, porque se eu falar com ele de um jeito, eu falo com ele de um jeito, só que se eu falar com ela do mesmo jeito, ela chora.

M – Eu falo do mesmo jeito, no mesmo tom que eu falo com um, eu falo com o outro.

H – Se eu falar com ela do mesmo jeito que eu falo com ele, não é?

M – É que você é puxa-saco.

H – Não sou puxa-saco, eu não sou puxa-saco.

M – É sim, eu falo com os dois no mesmo tom e coloco os dois no lugar deles do mesmo jeito que eu coloco o C5.2 eu coloco a C5.

H – Não, não sou puxa-saco não.

M – Às vezes você briga com a C5 e ele fala, tá vendo, o pai briga comigo, mas com a C5, ele só fica passando a mão na C5. Ele não fala?

H – Não.

M – Ele fala sim, lembra ele e pergunta.

H – Não, eu tento ver com ele para ele não ficar caindo na conversa dela, deixa ela fazer, pegou o negócio aqui, ah é meu, deixa ela brincar, porque se ele ficar é meu, me dá, me dá.

M – Então P5, mas não tem que fazer isso, ele pegou e ela quer, tem que dar, porque ela quer e vai fazer birra? Não, ele pegou, ele vai ver primeiro e acabou.

H – Mas sabe o que tem que fazer, é não birrentar com ela, é isso que eu quero mostrar para ele, se ela pegou e ela está fazendo birra para ele, ah tá bom, fica com você, e não ligar, é isso que eu quero que ele entenda, entendeu? É não ligar para as birras dela porque se ele fica caindo na pilha dela, ele vai ficar nervoso.

M – Não, isso eu falo para ele também, as vezes ele está brincando e ela quer pirraçar, ela vai para pirraçar ele, adora pirraçar ele, uma vez ele estava dormindo, e estava lá no quarto guardando roupa, eu só vendo, ela veio, olhou para trás, eu fingi que não vi, ela veio assim e tuf, no olho dele, e eu falei eu não acredito. Aí ela não se contentou, foi e puxou a coberta dele, quando ela foi puxar eu dei um grito nela “C5”, aí não fiz nada, você está cutucando seu irmão dormindo C5? Ah, mas não está na hora de dormir. Eu falei está, você que não foi ainda para a cama, então ela gosta de pirraçar ele, igual eu falei, ela está aqui, se ele pega, ah porque eu que ia pegar. Então... é complicado esses dois.

E como é que vocês fazem para combinar como é que vai ser? Vocês concordam, conversam, a medida que as coisas vão acontecendo vocês vão falando.

M – A gente conversa né amor, bastante, as vezes quando ele está dando bronca eu não, não vou defender nem um, nem outro, eu só escuto, as vezes eu vejo que para mim, no meu ponto de vista está errado, eu chamo ele e falo, eu acho que você não deveria ter feito assim, ou até mesmo ele fala para mim, porque você não falou assim, falou desse jeito? Então a gente não discute, a gente briga com os dois, vamos supor, ele está brigando com a C5, e eu entro no meio ou ele entra no meio a gente não discute quem está errado, quem está certo, então a gente vai deixando levar. Agora, discutir assim, está brigando com um dos dois e a gente discutir porque está brigando com os dois, é muito difícil a gente fazer isso.

H – Brigar assim, discutia, na frente deles não, a gente deixa.

M – Para qualquer coisa a gente não discute nada, mas assim se ele está brigando, ah P5 não tem que brigar com a C5, coitada da C5, não, não faço, o C5.2 está errado, só quando eu vejo as vezes que ele está brigando com o C5.2 e a C5 que estava errada eu falo, vê direito quem estava errado porque não era o C5.2, era a C5, aí ele vai, é C5, você fez errado. Mas assim, a gente procura não discordar um do outro na frente deles porque, acho que os dois tem autonomia né, dependendo a gente para e conversa, e fala olha, não foi legal, você não devia ter feito isso, ela ficou chateada, ou ele ficou chateado. A gente tenta levar assim.

H – Porque filho é uma caixinha de surpresa né.

Sim.

M – Que surpresa, mas é gostoso né, igual na segunda ele foi para a casa do meu cunhado, parece que fica um vazio né, a C5 falou assim “mas eu vou dormir sozinha no meu quarto?”, eu falei tá bom, eu fico lá com você, você me dá a mão? Tá bom, eu fico lá com você, mas eu pensei e vou dormir com ela hoje, aí quando foi de madrugada ela veio para minha cama correndo “o C5.2 não está lá comigo”. Briga, briga e briga, mas sentem falta um do outro.

O que vocês acham o que é infância hoje, o que é ser criança hoje?

M – O que é ser criança hoje, eu acho que a infância hoje...

Pode comparar com a de vocês.

M – Não, acho que não está igual a nossa, acho que a infância hoje está muita competitividade hoje, igual tem um amiguinho dele que vai, aqui do lado e que não gosto muito que ele vai, ele é filho único, a mãe tem condições, então as vezes eu percebo que ele chama o C5.2 para falar, olha, eu ganhei uma coisa nova. Eu ganhei um não sei o que lá novo, última vez que ele foi, ele veio com a ideia de PS4, né, porque o B. ganhou um PS4 do pai dele, eu falei “C5.2, o B. é o B., você é você, as condições que o pai do B. tem a gente não está tendo no momento”, então acho que está muito isso, “ah porque fulano tem, eu também quero ter”, então acho que hoje esse negócio de tecnologia, está acabando com as crianças, com os adolescentes, porque está muito, é ostentação, igual você falou que a gente estava conversando, posta uma coisa que não é verdade, né, as vezes posta uma cara feliz que está numa praia e as vezes nem está ali.

Ou não está feliz.

M – Ou não está feliz, então eu falei para ele, a gente tem que viver com o que a gente tem, eu falei para ele, você quer um PS4, eu te dou um PS4, só que a sua escola a gente não vai poder pagar mais, você prefere estudar, eu quero te dar um estudo que eu não tive, uma escola boa que você está indo muito bem na escola, ou você prefere ficar jogando? Ele falou não mãe, primeiro lugar vem meus estudos. Então você vai continuar estudando com o vídeo game que você tem, então eu jogo a real com ele, mostro a real para ele, e falo C5.2 a nossa realidade é essa, a dele é outra, cada um tem a sua, então eu procuro mostrar para ele que os nossos valores são diferentes de outra família né, não tem que se comparar com vizinho, nem com ninguém da escola. Tem outro amiguinho da escola que a mãe dele fala, eu gosto que o C5.2 tem amizade com o J. porque a gente pensa igual, a gente tem a mesma idade, e eu procuro tratar o J. da mesma forma que eu vejo você tratar o C5.2, de não dar nada de luxo, né, eu falei, mesmo se eu tivesse condições eu acho que estraga, porque hoje eu tenho, e amanhã? Eu posso não ter né, então eu prefiro mostrar para ele que a nossa realidade é essa, a gente tem o básico para sobreviver, então é com esse básico que você vai sobreviver, porque eu acho que antigamente a gente não tinha isso de, logico que tinha aquela coisa, a minha bola é melhor que a sua, mas hoje está muito, é muita coisa cara, muita ostentação, acho que muita coisa surreal na verdade.

Não sei, eu fico pensando assim, na minha realidade era, só existia aquela boa para mim, então assim, se alguém tivesse uma bola, e o outro tivesse outra bola, eram todas as bolas, era o mesmo tipo de bola, e você também só tinha contato com aqueles coleguinhas ali do bairro, então não dava para saber que no mundo, igual hoje, não sei quantas pessoas tem bola, ou uma bola maior, a bola dele é melhor, então era mais...

M – A internet, tem aquele Lucas Neto, que a C5 às vezes gosta de assistir, ele abre aquele quarto dele, cheio de brinquedo, cheio de não sei do que, e ela fala, nossa, olha quantos brinquedos ele tem, então eles mostram uma realidade que as vezes as crianças, meu Deus né.

H – Que as vezes a criança vê, ele tem, então eu também posso ter, né. Então as vezes na cabecinha deles é diferente, se eles veem essas coisas tudo lá, bonito, cheio de boneco e não sei o que, eles acham que também tem que ter, e nem sempre é a mesma coisa, né.

M – Igual outro dia a gente comprou uma bolacha e a C5 falou assim, eu não quero dessa, eu quero da outra, eu falei da outra não vou levar, então eu não vou comer dessa, eu falei está bom, agora pensa quantas pessoas que tem na rua e que nem uma bolacha dessa tem para comer? E você tem essa daqui para você comer, e ela parou, pensou, verdade né mãe, e eu falei é, tem muita criança aí na rua que está passando fome, está passando frio e você tem, pelo menos o básico você tem. Então eu mostro a realidade para eles. Uma vez a gente veio passear em São Paulo e tem muito morador de rua né, a gente passou pelo viaduto e ele falou, nossa porque essas pessoas estão na rua, eu falei porque não tem onde morar, não tem o que comer, não tem o que vestir, e as vezes vocês reclamam do que vocês têm, é certo? Não é. Então, eu procuro mostrar isso. E, é essa coisa mesmo, o mundo tem muita informação, muita. Igual celular, cada dia aparece um celular novo. Videogame, cada dia um videogame novo. Para eles, nossa, tem que estar atualizado.

H – Não é todo mundo que consegue acompanhar a atualização né. Não dá não, pega um videogame, dá dois mil reais num vídeo game desse, eu não dou, não compro, eu posso ter, mas eu não compro não. Vamos viajar, vamos encher o carro de gasolina e ir para a praia, ficar na praia, né, vamos para

um sitio aí, vamos viajar, eu sou mais campo, gosto muito de campo, de mato assim, eu gosto, então vamos passear gente.

M – Outro dia nós fomos para o sitio né, da dona I., a gente vai para o sitio e lá não pega sinal de nada, nossa.

H – E eu dou graças a Deus.

M – É uma paz, joga bola, vai para a piscina, e se rala todo, corre atrás das galinhas.

H – Ele sabe que não tem sinal, ele nem pede, nem pede.

M – Eu falei, olha só como é, nem pede, aí chega no portão de casa, me dá o celular, muda, parece que muda até a personalidade.

H – Muda, parece que liga a chavinha.

M – Eu falei assim, talvez a gente vai passar o ano novo na dona I., vamos ficar o que, uns cinco dias né, cinco dias? Eu falei é, mas lá não pega internet, e eu falei ih? Tem piscina, tem bola, tem balanço, tem escorregador, tem um monte de coisa. Minha sobrinha não gosta de ir para lá, nossa tia, vocês vão para o sitio, vão ficar dois dias lá? Ah não vou não, vai ficar sozinha dentro de casa? Não vai, você vai comigo.

Maior tédio do mundo, eu deixei de existir porque estou sem internet.

H – Então são coisas que na nossa época isso não existia, a gente ia para o sitio, ah legal, vamos passear, e ia né.

M – Eles ainda vão, gostam, mas ela já está naquela fase de nossa, não tem internet, não tem não sei o que, sujar meu pé de lama, é complicado né.

Outra realidade. Com as coisas deles, na casa, nas atividades na escola, como é que eles funcionam? Eles ajudam em alguma coisa, o que eles já conseguem fazer, o que eles têm independência?

M – O C5.2 de manhã gente faz o café dele, ele se troca sozinho, ele vai escovar os dentes, os dentes ainda damos um empurrão, não sei o que acontece. Aí a gente leva no dentista e eu falei para o C5.2 aí a gente vai no dentista e quem vai levar bronca vai ser eu, eu sou sua mãe, eu vou escutar reclamação, h que coisa escovar os dentes, vai almoçar tem que escovar os dentes, vai não sei o que vai escovar os dentes, para que? Meu Deus é um parto para escovar os dentes. A C5 já vai de boa, mas o C5.2 para escovar os dentes. Mas assim, ele levanta, se troca, ele levanta de boa né amor, C5.2 levanta para ir para a escola, nunca reclamou, acho que umas duas vezes que ele reclamou porque estava cansado, mas ele levanta no pique, já se troca, já fica sentadinho e já toma o café dele, aí as vezes ele pede para lavar minha louça e dependendo do que tem eu deixo, posso lavar a sua louça, eu falo, só porque eu acabei de lavar você quer lavar? Ah mãe, mas eu lavo de novo, ah não, e quanto tem muito copo de vidro eu não deixo, mas quando tem a louça do café deles eu procuro deixar, de dar brinquedo para eles juntar, outro dia estava aqui um monte de brinquedo espalhado, aquele monte de pininho magico, C5 junta os seus brinquedos.

H – Apareceu de novo esses pininhos?

M – Sei lá onde você guardou, você jogou no lixo eu acho.

H – Está escondido já.

M – C5 junta os seus brinquedos, ah, mas não fui eu, foi o C5.2, não, foi a C5, ah foi o C5.2, eu falei, tá bom, não foi ninguém? Peguei o saco de lixo, peguei a vassoura, comecei a juntar, rapidinho sumiram os brinquedos do chão, eu falei pronto, custava guardar? Então assim, eles juntam os brinquedos, o quarto eu faço eles guardarem calçado quando eles chegam para não deixar espalhado na casa, o C5.2 estou tentando fazer ele começar a dobrar o uniforme, dobrar o pijama, arrumar a cama ele está meio.

Eles dormem sozinhos no quarto deles?

M – Dormem sozinhos no quatinho deles, a C5 às vezes vai arrumar a caminha do jeitinho dela, ela fala, mãe eu arrumei sua cama, então eu deixo tadinha, depois que vou sem ela ver e arrumo de novo. Então assim, procuro deixar eles participarem no que eles querem, as vezes estou fazendo comida, mãe posso te ajudar? Posso amassar seu alho? Pode, então o que eles pedem eu deixo eles ajudarem, a C5 está querendo tomar banho sozinha, está bom, mas depois eu vou e dou aquela repassada, mas eu deixo. Mas eu procuro deixar para ter essa independência dela né, ele já toma banho sozinho, mas dou uma repassada também nele porque senão o cascão fica.

Bom, tem alguma coisa que eu não tenha perguntado e que vocês lembraram e gostariam de falar? Já perguntei muito né.

H – Não, perguntou tudo o que acontece né.

M – É.

Então é isso.

Casal 6

Não tem nenhuma resposta certa, resposta errada, as perguntas são mais genéricas, na verdade, muito mais para entender e conhecer a experiência de vocês, está bom? Então vocês podem ficar tranquilos para responder, só uma pergunta que não é tão tranquila para responder que eu preciso saber a idade de vocês para a gente entender um pouquinho qual a diferença de geração que vocês estão falando.

M – Quarenta, os dois, 80 aqui.

Vocês têm dois meninos né.

M – Dois meninos.

E vocês trabalham com o que?

M – Eu sou enfermeira e ele é biólogo.

Então vocês têm dois meninos, um de onze e um de?

M – Um de nove.

Então a gente vai estar falando, qual o nome do de nove?

M – O C6.

É o C6 e o P6?

M – C6.2. Ele é o P6.

P6, C6.2 e o C6, nossa, que nomes lindos, parabéns. Então a gente vai estar falando do C6, né.

M – Isso, que tem nove.

O outro fica um pouquinho fora da nossa curva de pesquisa. E se vocês tivessem que descrever o C6 o que vocês diriam dele, as principais características, como é o comportamento dele?

M – Eu vejo o C6 como um menino calmo assim, ele é, ele não é agitado, ele é um menino que é bom, ele é bondoso, sabe, não quer fazer aquela coisa bagunceira, sabe, ele é um menino bom e ele é carinhoso também, eu vejo ele mais carinhoso do que o irmão, então ele é de abraço, ele é de beijo, claro que conforme ele vai crescendo ele já distanciou um pouquinho, mas o C6.2 já é mais difícil essa coisa do abraço, do beijo, o C6 ele é mais carinhoso.

H – Eu acho ele assim muito, posso dizer talvez, determinado assim, ou, uma coisa entre a determinação e a teimosia, porque ele é bastante com uma opinião forte, aí, por exemplo, quando ele é contrariado é difícil reverter essa contrariedade assim, e para outras situações quando ele está em desvantagem, vamos dizer assim, ele também não desiste, ele é bem, acaba sendo bem durão assim nessa questão, a gente sempre tem o parâmetro que tem os dois com idade próxima né, inclusive a gente pensa assim que tem um viés que o C6 tem um, talvez um amadurecimento um pouco mais rápido né, assim, como se o C6.2. teve uma regressão um pouco, o C6 teve o amadurecimento mais rápido porque quer sempre competir com o irmão né, quer sempre estar igual ali né, embora em certos momentos a gente perceba ainda que tem uma diferença dos dois na maturidade, assim, você percebe que o C6 é mais infantil em algumas ações do que o irmão, então dá para perceber um marco assim nessas situações, por exemplo, quando, nos desejos, nas coisas que ele quer.

Como assim?

H – Por exemplo, o C6 ele ainda quer coisas que estão mais relacionadas a infância, o C6.2 quer coisas mais relacionadas a adolescência, por exemplo, o C6 ele acha legal uma festa de aniversário, ele sente a falta do presente, de uma coisa, já o C6.2 quer ter, que é mais velho um pouquinho, quer ter autonomia, não quer pagar mico, sabe aquela história...

M – Não gosta que leve em aniversário.

Não me deixa na porta da escola.

H – É, não me deixa muito perto, tem aquele negócio, quer pentear o cabelo do jeito que está, já o C6 para isso ele é bem desencanado.

M – É, quanto a isso ele não tem nenhuma, assim, vontade de se arrumar, então por exemplo, se ele vai para a escola ele não quer pentear o cabelo, não quer lavar o rosto, não quer...

H – Ainda tem essa fase né.

M – Agora o C6.2 não, ele vai impecável.

H – C6.2 já quer pentear o cabelo, passar perfume, a blusa não pode ter nada, ter um fiapo.

M – Não pode ter nada fora do lugar, o C6.2 é bem vaidoso.

H – O C6 nessa questão, mas não só da vaidade em si, mas eu acho que tem essa questão da maturidade mesmo, para ele tem essa diferença.

Mas é uma característica do C6 que sempre foi assim e do C6.2 que sempre foi assim, ou tem uma questão, por exemplo, de o C6.2 estar chegando na adolescência, na pré-adolescência e aí ele mudou um pouquinho?

M – Eu acho que sempre foi assim, por conta dessa diferença da idade que é bem pouca, então ele sempre quer acompanhar o irmão, eu sempre percebo isso, embora, como o P6 falou, ainda ele tem algumas coisas da infância, da idade, mas ele sempre quer estar próximo do irmão, tanto que algumas

atitudes que o irmão toma, ele toma igual, e que eu percebo que se tivesse uma diferença maior ele não tomaria essa atitude né, então, por exemplo, gosto de brincar com eles, gosto de dançar, quero estar junto, o C6.2 já não gosta, o C6 eu percebo que se não fosse o C6.2, ele gostaria, mas ele também vai como o irmão, ele repete o que o irmão faz.

Entendi.

H – E, o que mais assim...

Você falou que ele é determinado né, que quando decide alguma coisa, ele faz, como que isso aparece no dia a dia, essa determinação?

H – Aparece um pouco na teimosia, de opinião, né.

Você falou que ele tem uma opinião forte né.

H – Ele tem.

O que é ter uma opinião forte?

H – Por exemplo, se ele, falar assim, um exemplo prático, a gente vai à igreja e ele não gosta de ir à igreja, ainda mais que tem uns colegas aí que poucos pais praticam alguma religião e tal, então ele se sente diferente, mas tem que ir na missa, o outro não vai.

M – Na catequese também.

H – E aí se ele resolve não ir, aí ele causa todos os tipos de teimosia e faz o corpo mole lá, e você tem que arrastar mesmo, pegar, colocar a roupa.

Mas como que ele faz, ele fica emburrado ou ele argumenta, ah não, eu não vou, porque que eu tenho que ir, como que ele age?

H – Ele argumenta, é as duas coisas, ele argumenta neste aspecto, ah porque que eu tenho que ir, ah porque eu tenho que ir e o meu irmão, por exemplo, se é uma atividade que só tem lá, porque os dois estão em fases diferentes na catequese, por exemplo, a gente é católico e então lá na catequese estão em fases diferentes, e então tem uma atividade que é só para um e para o outro não tem aquela atividade, então é ah porque só eu tenho que ir? Só eu tenho que ir, lá é chato, não gosto de lá, lá ninguém faz nada, eu não entendo nada o que está acontecendo lá, ele argumenta assim por exemplo, mas ao mesmo tempo que ele argumenta, a gente contra argumenta e fala é importante, a gente entende que é importante que você conheça uma religião e lá, vai explicar coisas a mais do que a gente já fala sobre essa religião, então são momentos que você vai poder vivenciar lá no espaço, e aí ele depois dessa argumentação fica, por exemplo, ele fica emburrado “eu não vou”, aí vem essa parte que eu penso ser uma parte mais associada a essa questão infantil mesmo, que aí, por exemplo, esperneia, vai cair no chão, vai fazer aquelas coisas que as crianças.

M – Não quer pôr o tênis.

H - Não quer pôr o tênis, vai subir a escada, não quer, vai rastejando.

De joelhos, na lentidão.

H – É, entendeu, para escovar os dentes, escova em três segundos, aí nesse dia ele resolve escovar demorar, e tal, então coisas desse tipo, demora e ele sabe o horário, e ele pergunta, a que horas que começa? Ah, que hora que termina.

M – Que hora que termina, quanto tempo vai durar?

H – Essas coisas, então nisso daí, uma coisa que eu digo que ele tem bastante determinação, que eu acho muito particular assim, por exemplo, ele não, é muito difícil saber, então tem o poder de manipulação dentro dessa questão de determinação, que é muito difícil, por exemplo, saber se ele está mentindo e é muito difícil ele voltar atrás da mentira, é muito difícil, coisas, não sei, talvez outras crianças, eu consigo identificar que ele está mentindo, mas não consigo fazer com que ele fale a verdade, é diferente né, eu sei que ele está mentindo, por exemplo, um dia ele pegou uma coisa na gaveta e ele foi brincar com esse material que estava na gaveta e ele estragou. Então o que ele fez? Jogou num lugar e escondeu lá, e aí sumiu, um dia peguei os dois, oh, sumiu, vamos ver quem pegou, vamos resolver, e aí fica não, foi ele, ah foi ele, eu estava ali e ele passou. Não, naquela hora eu estava lá e você também passou, e fica um jogo de empurra e tal. O C6, eu já percebi que ele estava com um nervosismo e eu falei foi você, já vem aqui que foi você.

M – Mas ele não fala que foi ele.

H – Ele não fala, nossa, ele não fala, não fala mesmo, não, mas não fui eu, não fui eu.

M – E a gente acaba até acreditando que não foi ele, meu Deus não é ele, de tão convicto que ele é, e a gente sabe que foi ele porque ele faz essas coisas, e o C6.2 já não está mais nessa fase.

H – E ele fala não fui eu, não fui eu, e eu falo, eu sei que foi você e eu preciso saber onde é que está o material. Não fui eu, e eu sei que foi.

M – E assim, eu vejo que nós somos pais que não é aqueles pais rígidos que vai bater, que vai brigar, não é, a gente é muito de conversa, a gente conversa muito, mas eu acho que é característico dele assim, de não querer falar a verdade, mas a gente não é de bater, não é de brigar, assim, a gente é de conversa e mesmo assim ele não fala a verdade.

H – Existe uma certa situação de violência nessa questão que não é, pode não ser uma violência física, mas é uma violência verbal, de ameaçar, fala ou você vai ficar uma semana sem celular, essas coisas do tipo, mas ele não volta atrás, vamos dizer assim, aí eu falo tudo bem, e a gente espera, aí num outro momento que já está, acabou aquela, as emoções já estão mais equilibradas, e penso agora é um bom momento, vamos lá, oh filho, eu sei que foi você, cadê o negócio, e ele fala, mas não fui eu, não fui eu, e começa de novo aquela estória, e eu falo tudo bem, eu vou procurar e vou encontrar o material que sumiu e aí fica por aquilo mesmo, mas também se ele, qualquer vantagem que ele quiser eu falo, não, enquanto não aparecer ali está congelado, ninguém vai fazer nada. E aí depois, uma hora que ele pensa ser vantajoso para ele, ele fala ah, fui eu que peguei, mas foi sem querer, aconteceu assim e não sei o que, e aí vem falar o que aconteceu. Mas, é uma coisa que eu vejo assim ser uma coisa que, realmente, para mim isso é um choque de geração assim porque, por exemplo, eu fui criado de uma forma que meu pai tinha pouquíssimo diálogo comigo, se ele olhasse para mim eu sabia que já estava devendo alguma coisa.

M – A gente tinha medo né.

H – É, e a minha mãe que era, foi bem mais presente, mas ela já era aquele negócio, se não falar, vai apanhar, então a gente já falava porque já sabia que ia apanhar mesmo, e com eles tem essa dificuldade, e a gente ainda fica numa situação mais complicada por serem dois né, e então acaba um apoiando o outro, eles estão sempre brigando, mas nessas horas são cúmplices.

Nessa hora eles se unem né?

H – É, e aí fica mais, então a gente já põe a regra para todo mundo, se um aprontou sobra para todos e eu já falo não, é porque assim já inibe que um jogue a culpa para o outro, se um sabe então já fala o que é.

Mas mesmo quando você sabe quem foi?

H – Assim, no momento, por exemplo, igual esse dia que sumiu, o C6.2 não me falou, ele não deixou claro que ele não estava envolvido, como eles ficam algum período sozinho aqui, as vezes algumas horas e acabam ficando sozinho, e provavelmente foi nesse momento em que sumiu o objeto, aí ele, o C6.2 não deixou claro o que ele estava fazendo, e as vezes eles aprontam as coisas em conjunto mesmo né, tal, por exemplo, um alimento, vamos fazer uma coisa ali e vão fazer, abrem um pacote de tal coisa, de bolacha, não sei o que, e acabam com tudo, aí depois quem foi? Ou então derrubou, quem fez essa sujeira? Ah não fui eu, aí nunca foi ninguém.

M – E eu vejo assim, mais duas características nele que eu fiquei lembrando, eu vejo ele muito corajoso porque o C6 já sofreu por várias situações de fraturamento, dois dedos do pé, fraturou o cotovelo, já levou três pontos na testa, já cortou um pedaço do dedo.

Mas como assim? Você falou que ele é quieto.

M – Então, é isso que a gente se questiona, porque ele é quieto e tudo acontece com ele, então assim, um dia estava jogando bola na quadra e veio com a testa cortada, caiu lá e bateu a testa.

H – Não é que ele é quieto, acho que tem a ver com a questão de ele ser, é o que a gente está falando, é intenso assim, ele...

Ativo?

H – Ele é ativo, mas ele é intenso, como eu estou falando dessa determinação, se ele vai jogar bola e ele quer tomar a bola, ele vai tomar a bola, se ele tem que, por exemplo, é uma jogada dura, ele vai lá nessa jogada dura, pensando que outros tirariam o pé, entendeu, se tem uma questão assim que é um desafio, por exemplo, ele encara o desafio.

M – Ele não tem muito medo né, eu acho.

H – Até assim, por exemplo, sei lá, desde menor, tinha que tomar uma injeção, por exemplo, aí uma vez ele foi tomar uma injeção e a enfermeira falou ah mas ele vai ganhar um prêmio de coragem que ele vai tomar essa injeção e tal, e não sei o que, ele falou eu vou ganhar um prêmio de coragem? Vou, eu vou chorar, mas eu vou ganhar um prêmio de coragem e ele tomou a injeção e aí diminuiu o problema.

M – E ele não é de chorar, a gente não vê ele chorar.

H – Se chorar é porque é alguma coisa, algum, problema.

M – Ele não chora por nada, é muito difícil de ver ele chorar.

H – Chorou já pode correr porque é...

M – É, mas é muito difícil ele chorar, não chora.

H – Já o irmão é bem diferente, o irmão se não acontecer nada ele já chora.

M – É, e outra característica que eu vejo também assim é que ele é muito compulsivo, então assim, hoje ele está no sobrepeso, ele é muito guloso, então assim, se ele pegar um pacote de doce, que a gente não compra muito, mas assim, ah mãe, compra uma Fini e tal, a gente compra, e ele come o pacote inteiro, eu falo para ele, filho guarda um pouco para amanhã, não precisa comer tudo e não, ele come o pacote inteiro e é isso, pega o pacote de salgadinho e come inteiro, não consegue guardar, ele

é muito guloso, ele quer comer o tempo todo assim, penso que ele é muito compulsivo na questão da comida e então fiquei pensando nessa característica também.

O P6. estava falando um pouquinho de como era a infância dele, como é que você era como criança, você falou um pouquinho da educação que você teve, que tipo de criança você era? O que vocês veem de igual ou de diferente?

H – Eu, se ele se machucou aí e já quebrou o dedo do pé, o braço, ainda faltam umas dez fraturas para me alcançar, eu era bastante ativo, não tem nem comparação, por exemplo, acho que com essa relação que eles têm hoje, eles gostam muito de TV hoje, de ficar em casa, talvez até pelo conforto que a gente proporcione, essas coisas, eu ia para a escola porque tinha a obrigação de ir, mas enquanto não estava na escola eu praticamente estava na rua, só voltava quando escurecia que era o horário que o meu pai chegava do trabalho, ainda assim chegava, jantava e se pudesse ainda ia de novo para a rua, então essa questão de brincadeira, mesmo nos momentos em que já tinha começado lá a questão dos eletrônicos, por exemplo, estava começando o videogame, o Atari, essas coisas, já tinha colegas que ficavam nesse videogame, eu não tinha, mas quem tinha todo mundo ia na casa, eu nunca gostei muito, nunca nem fui, nem depois mais velho, na época dos fliperamas, todo mundo ficava, ia lá porque era onde as pessoas se encontravam, mas falar que era o local que eu ia assim que eu gostaria de estar lá assim, não, eu sempre preferi mais esportes, de estar na rua, então era muito, como eu morava com um quintal muito grande, tinha muitas coisas lá, era muito engenhoso assim, montava as coisas, meu quintal tinha um pomar, montava minha cabana, montava meus próprios brinquedos. Eu falo para eles que agora, por exemplo, se eu quisesse dinheiro para uma pipa, ou se eu quisesse um carrinho de rolimã eu mesmo montava o carrinho de rolimã, o pipa, a gente mesmo pegava papelão, catava em qualquer ferro velho que tinha no quintal, qualquer coisa que tinha por lá, ia vender e do dinheiro que vendia aquilo, sei lá, ganhava vinte centavos, ia lá, comprava o papel e a cola e fazia o pipa né, e hoje eles tem essa questão bem mais prática e tal, e eu vejo também uma situação assim que eles acabam não entendendo muito bem que eles tem esse poder de construir.

Como assim?

H - Essa autonomia, por exemplo, o C6.2 teve um trabalho na escola de desenho geométrico, proporções e tal, não sei o que, e ele tinha que fazer um pipa, e eu falei não, é fácil e tal, não sei o que, mesmo ele fazendo e tal, mas ele achava assim que o material que ele produziu não era, era diferente do que vale, que hoje é tudo industrializado.

Do que o que compra.

H – É, do que o que compra, o C6, por exemplo, ainda tem, ainda anda de carrinho de rolimã e tal, ou sei lá, bicicleta, eles andam, hoje a bicicleta quebra, antes existia muito uma curiosidade de querer por si só consertar, arrumar, pegar uma ferramenta e ir lá fuçar, soltar um parafuso, e não sei o que, talvez, eu vejo que eles têm essa informação que não é nem um modo, que eu penso assim, que também para nós, na minha geração que aquele era o único recurso, o recurso além de ser muito escasso, era muito custoso, para eles...

Ou você arrumava ou...

H – Ou não tinha né, e eu vejo que para eles, ah, se quebrou a bicicleta eu vou assistir a TV, se não tem a TV eu vou par ao celular, se não tem isso aí eu vou procurar uma outra coisa, de um brinquedo que eu já, então eu vejo isso, por exemplo, C6 vai andar de bicicleta, ah minha bicicleta quebrou, mas o que é que quebrou? Ah não sei, acho que o freio não está funcionando, mas como que quebrou? Ah não sei. Em que momento quebrou? Não sei, coisas desse tipo, tem que mandar consertar porque quebrou, está jogando videogame, ah o cabo parou, mas quebrou porquê? Ah não sei, então tem muito essa questão de não, de talvez não experimentar as descobertas, embora tenha autonomia para outras coisas, para essas eu acho que falta o momento dessa construção, e mesmo quando você proporciona para eles, falta um pouco, por exemplo, a M6 nem gostava, mas quando a gente ia na casa dos meus pais tinha um monte de ferramenta do meu pai lá, e essas ferramentas a gente sabe é perigoso para mexer e tal, mas com uma supervisão e alguma coisa eu falo que eu acho importante porque são coisas que eles devem experimentar, o C6 até que mexia mais do que o C6.2, o C6 até que, mas assim também, vou serrar uma coisa, sei lá, colocava lá e vou serrar, vou martelar um prego, mas, por exemplo, aqui as vezes quando vem alguma mão de obra qualquer que tem, eu me lembro que, por exemplo, para mim, que se tivesse um trator na rua fazendo alguma coisa na rua, toda criança ia lá querer ver o trator, e tal, não sei o que, para eles isso não tem tanta graça. Com exceção de uma vez que veio o carro de bombeiro aqui que foi uma vez que eles, que todo mundo ficou, mas as outras coisas.

Já não chama tanto a atenção.

H – Não chama a atenção, sei lá, se um caminhão guincho vinha aqui, não era assim, olha, passou um helicóptero, todo mundo ia para a rua, queria ver o helicóptero, eles já falam ah, é um helicóptero.

Eles brincam mais na rua ou eles gostam mais de ficar em casa com os eletrônicos, dos videogames, do celular? Os dois tem celular?

M – Os dois tem celular.

H – Os dois tem celular, assim, na verdade é apenas para jogos, não é um celular que tem linha, rede social, é só um mini tablet.

M – Não tem chip, nem nada, só funciona no wi-fi, não tem WhatsApp, não tem rede social, não tem nada.

H – eles tem o celular para isso, para estes jogos, é assim, como a gente está focando mais no C6 né, o C6 ele ainda é dividido, vamos supor assim, podemos dizer assim, mais equilibrado, vamos pegar o exemplo de hoje, eles estão de férias, eu trabalhei de manhã e eles ficaram aqui sozinhos, então eles acordaram por volta de nove horas, eles comem alguma coisa e ficam assistindo TV, aí ele vai pegar o celular, ele joga uma hora, uma hora e meia, duas horas, ele mesmo se cansa, ele pega e ah vou deixar aqui e vou chamar alguém para brincar.

M – Põe o tênis e vai para a rua.

H – Vai pôr o tênis ou vai brincar com o cachorro no quintal, ou vai né, ele ainda faz isso. E aí, por exemplo, se ele for brincar, ele fica por muitas horas brincando, como agora, por exemplo, saiu as 18 horas mais ou menos, sei lá agora que horas são e até agora ele não voltou, né, está lá brincando e a gente olha lá de vez em quando no quintal, mas está brincando com a turma lá, e então ele não é tão apegado assim na questão dos jogos eletrônicos, por exemplo, ele estava aí deitado, os outros meninos que eles andam todos juntos, alguns mais velhos e o irmão dele, de doze a, de uns oito até uns doze, tem uma turminha, aí eles estavam jogando no celular lá fora, aí o C6 eu falei, não quer ir lá jogar com eles? Vai lá que você fica que pelo menos toma um sol. Ah meu celular está descarregado e eu estou com preguiça de pôr para carregar.

M – Desencanado.

H – Aí ele vai assistir um pouco de televisão, as vezes pega um livro, abre o livro e começa a ler, faz coisas desse tipo, é menos apegado. Com um pouco de exceção assim no videogame mesmo.

M – No Xbox.

H – É, no Xbox quando são esses jogos de combate aí, de guerra, desses negócios aí, eu por exemplo, nunca tinha comprado, esse de guerra nunca tinha comprado, mas eles jogam na casa dos vizinhos, e tal, e eles enchiam o saco e eu falava, esse jogo não é para vocês, tem outras de corrida, joga de alienígena, e eu falei não gosto muito destes outros. Aí aconteceu que em setembro para outubro ele quebrou o pé, quebrou dois dedos do pé, e aí ele participava de esporte na escola e tudo mais.

M – Mas não chorou.

H – É, ele veio da quadra até aqui a pé, aí nesse dia, nesse período ainda foi, foi perto da semana da criança, não foi? Não, acho que na semana da criança ele estava, foi no começo de outubro, mas passou uma semana, chegou a semana da criança que na escola não tinha muita atividade e tal, é meio que uma pré férias, já tinha, e aí ele não podia fazer nada, tinha que ficar dentro de casa, e aí ele falou queria comprar um jogo, vamos comprar um jogo e vamos, vamos, e eu fiquei com pena e vamos lá comprar um jogo, e ele pegou o jogo e eu nem, não me liguei que o jogo era aquele lá, e ele comprou e aí ficaram jogando, e aí vinha todo mundo que vinha jogar aqui, e nesses dias ele ficou bastante fixado no jogo.

Mais tempo no videogame.

H – Ele ficava bastante tempo que você tinha que ir lá e falar para, ah vou terminar a fase, e eu falei não, não vai terminar, para que já jogou demais.

M – Agora ele já enjoou, não está jogando mais tanto.

H – Então ficou nessa sequência de uns dez dias, mas ele tem essas oscilações, eu acho ele mais propenso as atividades, ao esporte.

E como que é o relacionamento dele com os colegas?

M – É super bom, eles não brigam, as crianças daqui não tem briga, não tem picuinha, não tem mãe, olha, bateu em mim, mãe, não, não tem nada.

H – Até falou isso com questão da infância né, e aqui tem uma quantidade grande de criança, e estão nessa faixa, todo mundo na mesma faixa, um ano de diferença, dois anos e tal, e dificilmente eles brigam.

M – Não tem, não tem briga, quem briga são os irmãos, o C6.2 e o C6 que brigam.

H – Às vezes um isola o outro, mas isola assim, não vou chamar ele porque ontem aquele negócio, mas não tem, de ficar de mau, de ficar muito tempo sem se falar, isso a gente acha até uma coisa diferente né, porque eles não têm muito disso aqui não, dessas questões. Ele é tímido na escola, assim, como posso dizer assim, ele não gosta, por exemplo, de dançar, tem uma atividade na escola que tem que dançar, tem que fazer uma apresentação para o dia das mães.

M – Ele faz, mas ele não gosta.

H – Ele não gosta, ele fica ansioso, ele faz o ensaio, como ele, por exemplo, ele tem preguiça de ler, preguiça mesmo, porque se ele pega para ler, ele lê esse texto dessa folha de autorização, ele lê muito bem, se ele ler duas vezes ele pode falar esse texto em público tranquilamente, mas ele tem preguiça e então ele começa a ler e aí já pula para a terceira linha, ele tem preguiça, mas quando ele tem que fazer alguma coisa, ele faz, faz bem lá, agora ele demonstra assim, eu tenho vergonha.

M – A gente incentiva, a gente motiva e ele vai lá e faz, mas ele não é aquela coisa que ele gosta.

H – Mas faz.

M – Tanto que eles mudaram de escola esse ano, aí é bem diferente da outra escola que ele estudava desde um ano e sete meses, aí desta escola a apresentação do dia das mães era facultativo, ele poderia ou não participar, e eu falei mãe, você quer participar, você quer fazer apresentação para a mamãe? Não, não quero. Então eu deixei, na outra escola era obrigatório.

H – Na outra escola era obrigatório, o evento para a escola inteira.

M – Aí nessa escola era ponto facultativo, e ele falou não quero, e eu deixei, pensei, não vou forçar uma coisa que ele não quer, então, estão está bom a mamãe não vai autorizar você. Está bom.

H - Ele é aquele tipo, por exemplo, ele sabe a resposta de uma coisa, mas ele as vezes ele fala, ele não quer ele falar, então ele sabe o que é, está entendendo toda a situação, mas ele vai lá e fala para o colega, fala aí, fala isso, fala assim, e tal, mas ele tem, como a escola tem bastante atividade de, eu acho assim que é uma dinâmica, que eles colocam bastante assim, rankingamento, tipo, passe ou repassa, faz competição de, não só de esporte, das matérias, de inglês, tipo, quem decorava uma lista de inglês e tinha tipo uma chamada oral, coisas desse tipo, ele vai bem em todas essas aí.

M – Ele é bem inteligente, bem dedicado.

H – Os dois tem muito bom aproveitamento, como no colégio que eles estudam tem uma metodologia que é o ângulo, tem uma metodologia de rankingamento mesmo, tem que fazer uma prova estadual, toda prova, é trimestral e faz uma prova que já é no molde com gabarito e tudo, e tal.

M – Estilo vestibular.

H – Produção de texto, já é um negócio para ir formando desde a... eles têm bom desempenho, os dois tem, o C6 também tem muito bom desempenho nisso, então ele está sempre ali, tipo, tem a classificação, pata dourada, quem ficou entre 9 e 10, aí pata azul, quem ficou entre 8 e 9, ele está sempre nessa faixa. Então nessas coisas da lista, tem que decorar uma lista lá e aí a professora faz uma chamada oral lá, aleatória, de qual, falar três palavras, ela fala três palavras, ou ela fala em inglês e eles tem que fazer a tradução, ou ao contrário e tal, aí ele também foi bem nisso. Então, e aí uma outra coisa que eu acho uma característica também, eles também não comemoram muito.

Como assim?

H – Por exemplo, todo mundo quer ganhar, igual eles, quer ser o primeiro, na escola, foi o primeiro, legal, vibrou, acabou... Eles não falam para a gente, tudo bem, como é que foi na escola, foi ah legal, e não sei o que, depois eles falam ah eu ganhei, não lembro lá como que era, “speeling bee”, ah ganhei o speeling bee.

M – Que tinha que soletrar em inglês.

Ah tá.

H – Ah eu ganhei o speeling bee, ganhei o não sei o que.

M – A gente vibra mais do que eles.

A gente fica super orgulhoso, quer contar para a família.

H – O C6.2 quando estava na outra escola, que é o mais velho, o C6.2 ele pegou uma sequência assim, até nesse negócio de produção na escola, na outra escola tinha uma premiação, quem tirava essas notas maiores na prova trimestral do colégio lá, ganhava uma camiseta, e aí como do colégio atual também ganha uma camiseta, então já o C6.2 também, a mesma coisa, não comemorava, não falava nada, depois abria lá a mochila, oh, ganhei.

M – Ele ficava orgulhoso.

H - Aí começamos a falar, poxa que legal, vamos comemorar.

M – Incentivar.

H – Que bom que passou de ano, fez isso, fez aquilo, vamos comer fora.

M – Ele gosta de comida japonesa, aí ele fala restaurante japonese.

H – Aí o máximo que eles fazem agora, que o C6 fala, ah pai hoje podemos comer no Mc Donalds? Porque? Não, porque eu ganhei no speeling bee, ah podemos. Porque eu fui o primeiro lá em não sei o que, então legal, podemos.

M – Tipo uma recompensa.

H – Mas assim, não é uma coisa que a gente fala, vai para ser né...

M – Não, a gente nunca foi pai assim, de você tem que ser o primeiro, você tem que tirar só dez, não, a gente é muito livre assim, é o tempo deles, então eles vão, vão aprendendo, não tem nenhuma

obrigação em tirar nota dez, então é mérito deles também isso, então a gente recompensa, mas a gente não cobra que eles têm que ser o melhor, não tem que ser sempre o que ganha o prêmio.

H – Existe assim, por exemplo, do C6 nos estudos, eu como sei que ele tem uma, ele tem uma memória muito boa, mas ele tem uma preguiça, então ele começa a ler um texto de história, ele bateu o olho e ele lembra de tudo o que ele viu na aula, aí ele não lê mais, sabe, ele não lê mais.

Ele é assim, ele tem um pouco de preguiça, mas ele aprende super rápido?

H – Ele aprende super rápido, então ele tem memória do que a professora falou na aula, entendeu? Ele tem...

M – Ele lembra mesmo sem ter que se esforçar demais.

H – Ele tem a memória do que a professora falou na aula só que ele não quer ler o que está no texto, aí o que eu faço, pego lá uma apostila, leio a apostila inteira e pergunto para ele, você leu a apostila? Li, então o que eram os tal, falo lá o termo, o que os Bandeirantes estavam procurando? Estavam procurando isso, isso e aquilo, beleza, é a média geral, aí pego aquilo que estava no rodapé, ah o que acontece tal coisa? Aí ele não lembra, e eu falo, você não falou que leu? Aí ele não lembra porque aquilo lá é uma coisa que não, é um pormenor que estava, mas se tivesse lido ele saberia, aí ele lê, agora pode perguntar, e dele eu cobro assim ainda, porque eu sei que ele por essa preguiça assim, de leitura, tem que pegar mais no pé, já o irmão é mais tranquilo assim.

E como vocês fazem, por exemplo, para poder colocar para eles as regras, as normas ou decidir quando alguma coisa tem que ser feita, como que vocês?

M – Coloca para ele?

H – Vamos ver, depende do grau de importância, vamos dizer assim, coisas muito importantes a gente senta todo mundo e conversa mesmo, por exemplo, questão de, a mudança de escola que teve, e que para eles era uma coisa importante né, o irmão lá, o C6.2 já sofria por antecipação.

M – É, porque ia perder os amigos, e que estavam muito tempo na mesma escola.

H – Ah eu vou mudar só esse ano.

É uma vida né.

H – É, então, eles estão lá desde pequenininho, eles conheciam a escola inteira, todos os funcionários da escola eles sabiam o nome e tal, então, aí ficou naquilo, então, aí era uma coisa que era complicado. Aí ficou assim, porque que a gente mudou de escola? Porque eles estavam nos horários contrários, na escola não tinha jeito dos dois ficarem no mesmo horário.

M – O C6.2 ia para o fundamental II e ele ia ficar no fundamental I, só que o fundamental II é só de manhã, então ia ficar um de manhã e um a tarde.

H – E aí para a gente não dava certo.

Em casa com a rotina né.

H – É porque eu trabalho...

M – Tem que ser os dois no mesmo horário.

H – Eu trabalho seis horas por dia, então tinha que casar esse horário com o meu trabalho porque daí dava certo, eu entro mais cedo e ela leva eles para a escola.

M – Eu deixo eles na escola as sete horas da manhã.

H – E eu pego porque entro cedo no trabalho e saio no horário deles da escola, então tinha que fazer esse contrato, e então a gente optou por mudar de escola porque na escola não tinha como resolver isso, e aí então a gente, por exemplo, nisso, conversou, falamos, oh, nós temos que conhecer novas escolas, eu acho importante que vocês vão até a escola comigo, tem que ir para a escola, como eu tenho esse período da tarde um pouco mais livre, falei, a gente vai procurar as escolas juntos, vocês tem que ir lá e ver, não tem jeito.

Para participar da decisão.

H – Para participar da decisão, tem que ir lá, aí ah não quero, não sei o que, mas vamos, tem que ir, e aí a gente ia lá na escola, nas escolas, eles viam, geralmente a gente ia até em umas escolas que tem alguém aqui, algum colega daqui que já estuda.

M – E que tivesse o mesmo método também né, para não mudar tanto de método.

H – Para tentar ver uma escola que já tem alguém e que facilite a integração deles lá né, oh fulano estuda lá, então a gente ia, e eles já se sentiam assim mais confortados, vamos dizer assim, porque tem alguém lá que eles sabem que a rotina daquela escola por aquela...

Eles iam sair de uma escola que eles conhecem a vida toda, mas que tem uma certa familiaridade, alguém que já, uma referência assim né.

H – É, tinha essa referência, e então a gente foi, eles reclamavam demais, mas, no entanto, participavam da decisão, tanto é que nessa escola que eles estão agora, a gente casou a questão econômica, a logística, tal, e eles gostaram porque tem uma até mais perto aqui, que também estava, mas eles gostaram.

M – É, gostaram e não querem mudar agora mais.

Que bom, então se adaptaram.

M – Se adaptaram.

H – Eles gostaram e aí tem uma coisa que eu acho que é interessante que marca bem essa questão de como são diferentes na idade, como tem diferença. Lá são prédios diferentes porque um é fundamental I e o outro é fundamental II, são prédios diferentes, o prédio do Fundamental II tem uma cara já de escola jovem, e o outro tem uma cara de escola mais infantil, e para você ver que agradou cada um, cada um no seu prédio, cada um no seu tempo, então um achou legal porque a escola tinha um brinquedão, sei lá, um parque, o outro achou legal porque é um pátio com uma mesa de jogos e que todo mundo fica batendo papo.

Se adaptou bastante.

M – E a gente é de conversar muito também, de explicar, igual agora a gente está com um probleminha porque eles estão andando com uns meninos mais velhos, de 15, 16.

H – Não, 14, 15.

M – Mas o J. tem quanto?

H – 15.

M – Tem 15? E falam muito palavrão, mas muito, a gente escuta eles falando o tempo todo, o que está acontecendo? Os meninos também estão falando palavrão, aí a gente já chamou eles, oh, a gente não quer que vocês falem palavrão, porque a ente não costuma falar palavrão, e aí eles já ficam com o olho aberto assim porque é uma regra que a gente está colocando, pode ser assim que lá embaixo eles falem e tal, mas aqui perto da gente eles não falam né, Di?

H – É, a gente também já trabalha isso faz bastante tempo, que, por exemplo, tem familiares nossos que falam palavrão, as vezes numa reunião de família e eles né, ficavam espantados e tal, e eu sempre falei para eles, palavrão é uma coisa que expressa uma emoção também, então eu falava para eles assim, oh, tem três momentos que dá para você falar palavrão, as vezes você fala porque está com muita raiva, num estádio de futebol você fala porque tem a emoção lá, e o resto você pode falar no banheiro sozinho, não dá pra você ficar falando.

M – E eles recriam também, outro dia eu falei palavrão aqui, xinguei o presidente da República e aí eles, mãe, você falou palavrão, e eu falei, ah ele pode falar, e o P6 não, nem ele pode falar palavrão.

Então eles lembram as regras e cobram de vocês também.

M – Eles lembram e cobram, e cobram da minha mãe também quando fala.

Então assim, a regra serve para todo mundo?

M – É, é para todo mundo.

H – É para todo mundo, e assim, eu principalmente que fico a maior parte do tempo com eles, se eu incorro, estou ultrapassando uma regra, eu procuro também deixar claro o porque que estou, mesmo que seja um pouco autoritário que eu sou da linha também, que eu falo assim, não tem que ser também uma democracia muito não, porque não é, e eu vou e falo, oh, por exemplo, eu, embora trabalhe menos tempo, menos horas né, eu acabo trabalhando mais porque assim, o período em que eu estou aqui no período da tarde que eu estou trabalhando aqui, eu também acabo respondendo muita coisa do meu trabalho né, e hoje tudo é no celular, você acaba tendo que ficar responder no celular, e tal, ou mesmo pesquisando alguma coisa, tem coisas com prazo, coisas do tipo, aí se eles estão aí por algum motivo estão sem o celular, por exemplo, falei já brincou muito no celular, pode parar, vai tomar um sol, vai fazer alguma coisa, assim, principalmente nos períodos em que eles estão estudando, eles acordam cedo, chegam da escola meio dia...

M – Dormem cedo.

H – É, dormem cedo, e chega da escola uma hora, meio dia e meio, uma hora, aí almoça, e aí dou um tempinho, eles vão comer, dão um tempinho, geralmente eles ficam com a TV ligada e com o celular, mas aí passou uma horinha e eu já falo, acabou, vai fazer cada um a sua parte aí, quem não arrumou a cama de manhã tem que arrumar agora, quem tem lição para fazer vai fazer a lição, e tal, já mando assim. E ah não tem nada para fazer, então vai tomar um sol, vai para a rua, sai, ah não que não sei o que, eu falo, não já acabou com o celular. Ah mas eu vou fazer não sei o que, então está bom, então vai lá com o seu celular lá na rua, eu sei que não dá para enxergar mesmo, então vai para lá, ah mas você também está no celular? Eu estou no celular, eu falo, eu estou no celular pois estou respondendo alguma coisa do meu trabalho, é uma coisa que eu dependo inclusive para você ter o seu celular, a internet aqui, tudo depende do trabalho, e então a gente deixa claro isso daí. Eles querem uma coisa, ah queria comer fora, não, não vai comer fora, porque? Porque tem comida pronta aqui, porque tem os ingredientes para fazer a comida e comer fora custa caro, ah mas a mãe come fora todo dia, e eu falo, come fora porque ela trabalha lá do outro lado da cidade e ela se desloca para lá e para cá e ela acaba tendo que comer no trabalho, é assim, quando você trabalhar você vai ver que não é a melhor coisa do mundo comer fora todo dia, então coisas desse tipo a gente...

E o que vocês acham que influencia o jeito de eles serem hoje, das crianças de hoje?

M – No geral?

É, vocês acham que tem alguma coisa que faz com que elas tenham essa característica?

M – Eu vejo assim que o que influencia muito as crianças hoje, além desse mundo digital todo que eles tem acesso, eu penso um pouco nessa mudança de rotina que a gente tem, igual, o P6 tem essa flexibilidade toda, mas eu não tenho essa flexibilidade toda e eu vejo que muitos pais não tem essa flexibilidade toda, e que isso mudou né, a convivência das crianças, porque hoje muitas crianças não tem esse convívio, esse diálogo com os pais, então eu vejo que isso dificulta muito as vezes a criança enfrentar alguns problemas, enfrentar alguns desafios e acaba levando a transtornos que antigamente não tinha, então a questão do suicídio, hoje a gente tem discutido muito, a questão da automutilação, então, por exemplo, na minha infância nunca que nós teríamos coragem de pegar uma gilete e sair cortando, isso não fazia parte da nossa infância, até mesmo o suicídio, assim, nunca ouvi na minha infância dizer que uma criança, um adolescente se suicidou, do tanto que a gente ouve hoje, hoje a gente escuta muito mais falar dessa questão do suicídio do que na minha época quando eu era criança, e aí eu vejo um pouco dessa influência da ausência dos pais, acho que dessa mudança mesmo de rotina que as pessoas, muitas não sabem de alguma forma utiliza-las. Então, por exemplo, as vezes o tempinho que tem para ficar com os filhos é o tempo que usa para ficar no celular, é o tempo que usa para fazer outras coisas, né, tanto que assim, até eu me políciei quanto a isso, eu saí das redes sociais porque era algo que eu falei gente, está pegando meu tempo, não quero mais, e então saí do facebook, saí do Instagram porque era algo que foi uma decisão minha, e eu trago um pouquinho isso para eles, hoje eles pedem para ter WhatsApp, eles pedem para ter chip no celular e eu falo, não, não é o momento agora, e eles falam, mas todos os meus amigos da escola têm WhatsApp, então, todos seus amigos da escola têm, mas você não vai ter, mas porquê? Eu quero conversar com meus amigos, eu falo, filho você quer conversar com os seus amigos não precisai ser pelo celular, não precisa ser pelo WhatsApp, você pode conversar sem ser pelo celular né, e eu falo para ele, filho a mamãe só usa o WhatsApp porque é para o trabalho dela, a mamãe precisa conversar com várias pessoas, é para isso, senão, a gente vai conversar com as pessoas, a gente não precisa do WhatsApp, ah mas eu quero, eles pedem para ter o WhatsApp né.

H – É, porque todo mundo manda piada, um meme, um não sei o que, e eu também deixo claro para eles nesse aspecto o seguinte, eu falo, olha, nada do que você recebe lá é importante assim para você aprender, pelo contrário, a maioria das coisas que vão vir lá nem são para a sua idade, para você aprender, eu falo né, a maioria do que é descoberto lá, eu falo, não é para você aprender, e eu falo isso toma um tempo que você poderia estar usando de uma outra forma, agora, você fez a pergunta de o que é que influencia essas crianças, de estar assim, eu vejo assim, primeiro eles tem acesso a muita informação, não quer dizer que seja uma informação qualificada e não quer dizer que seja um aprendizado, um método de aprendizado, é informação, quem tem facilidade consegue lidar com essa informação, nós, por exemplo, temos aqui os nossos filhos, não sei se por sorte ou azar, facilidade de lidar com a informação, então uma coisa que eles ouvem numa conversa nossa, uma coisa que eles ouvem na TV ou uma coisa que eles ouvem lá do youtuber lá que eles assistem, eles correlacionam rapidinho, entendeu? Eles correlacionam rapidinho, se a gente estiver aqui conversando, por exemplo, sobre dinheiro, eles ficam com a orelhinha ligada, parece que estão lá no celular, mas estão aqui, aí eles já falam, o que é que você vai fazer? Vai investir no não sei o que, igual da televisão? Então eles têm essa informação, assim como para outras coisas também, para fazer uma crítica, por exemplo, as vezes eles dão uma, a gente fala uma coisa qualquer, pensa assim num exemplo, sei lá, a gente conversou sobre alguma coisa aqui, eles já viram alguém, por exemplo, alguém fazer uma piada sobre aquele assunto, então um olha para a cara do outro e já ri, e fala, está fazendo igual tal coisa, está fazendo isso, fazendo aquilo, e eles tem acesso a essa informação e eles conseguem relacionar as informações com muita facilidade, para o bem e para o mal, se eles aprendem, por exemplo, a passar, o que a gente passava antes, um trote por telefone, eles aprendem agora a fazer alguma coisa que é muito mais mirabolante, aprendem uma coisa assim com uma amplitude maior, e isso acaba sendo, no meu ponto de vista, ruim. Agora, tem uma outra situação também que vai no que a M6 falou, a mudança da rotina, eles são bombardeados com informação, eles tem sido incentivados já sabem coletar as informações e manipular, fazer a manipulação deles lá com essa informação e aí por outras, numa outra questão é, eles tem poucos momentos de ter as divergências, as frustrações, porque hoje está menos, as famílias estão menores, a gente vê assim, o espaçamento entre as idades é grande, não tem uma disputa assim muito grande, ou então fica sob os cuidados da avó ou de uma cuidadora, uma babá e tal, e aí tem uma questão assim que eles não tem muita frustração porque vai nisso daí, quem ficou fora faz, dá um jeito de compensar aquilo, vou compensar hoje com uma coisa material, né.

Ah entendi.

H – As pessoas compensam, eu vejo isso assim, faz uma compensação, todos nós, ah eu trabalhei tanto, agora meu filho quer um videogame de dois mil reais, eu vou comprar para ele, né, coisa do tipo,

como ela, fiquei fora o dia inteiro, meu filho está com sobrepeso, mas vou trazer bombom para ele, né, coisas desse tipo, e aí essa informação, esse poder de manipular, de saber chantagear, vamos dizer assim, saber obter as coisas que hoje estão no interesse deles, retomando aquilo que eu falei da minha infância, eu aprendi que eu queria uma coisa, eu aprendi que tinha um meio, qual que era? Meus pais podiam não ter dinheiro, mas eu aprendi que eu tinha jeito de ir lá e gerar uma economia para o que me interessava, eles têm essa mesma intenção só que hoje de um outro modo, eles não precisam ir lá catar o ferro velho para vender, eles sabem que se forçaem um pouquinho a barra, consegue da babá, da avó, da mãe, do pai.

Eles sabem de um jeito de conversar com o pai e com a mãe para ter aquilo que eles querem.

H – É, para obter aquilo, então eu vejo que fica nessa situação assim, eles trabalham muito essa questão e de uma forma assim tão efetiva que eles acabam encontrando pouquíssimas frustrações, né, que sempre o que eles querem, eles conseguem, e aí quando chega a primeira frustração lá que é a namoradinha que não quis, ou, aí não sabe lidar com aquela situação.

Mas como foi isso para vocês, você falou um pouquinho a respeito dos seus pais e tal, que era só olhar assim e que já sabia, e como é que foi para você M6? Como foi a diferença dessa educação?

M – Com meus pais? Então, é uma educação, como ele está falando, bem diferente porque era muito restrito, então como ele colocou, nem tudo o que eu queria na época, eu tive.

H – A frustração era por um outro motivo, não era pelo limite racional, era por um limite social, econômico.

M – É, porque, por exemplo, eu queria a Barbie né, minha boneca predileta, eu não tinha porque os meus pais não tinham condições de comprar a Barbie para mim, hoje, assim, eu percebo que eles têm uma estrutura muito melhor, que a gente pode dar para eles o que eles quiserem, a gente pode dar, mas ao mesmo tempo a gente também, como ele colocou, a gente também tem que se segurar um pouco porque senão eles também nunca vão ter nenhum tipo de frustração na vida deles, porque tudo o que eles querem, eles têm. Igual ontem, a gente saiu e na porta de um restaurante tinha uma moto bonita, Harley Davidson, uma moto linda e aí o C6 falou assim, mãe eu quero uma moto dessa, e eu falei, filho, então o que você vai fazer? Você vai trabalhar e vai comprar a sua moto, aí eu peguei e já joguei para ele, olha, papai e a mamãe tudo que a gente tem hoje, não foi ninguém que deu, a gente que correu atrás, né, foi mérito nosso, então a gente quer isso de você também, então você vai trabalhar, vai juntar o seu dinheiro e vai comprar sua moto, não sou eu que vou dar e nem seu pai que vai dar. Então, e eles pedem muitas coisas, ah mãe quero um Iphone não sei o que, Iphone 11, está bom, se a mamãe ganhar na loteria eu compro um Iphone 11 para você, aí o P6 já fala, nem se eu ganhar na loteria eu vou comprar um Iphone 11 para você, então a gente fica nisso, e é diferente da nossa época. É que a gente quer trazer valores para eles diferenciados também, as vezes, eu falo para o P6, eu fico muito preocupada com a faculdade deles, ah porque eu quero ajudar eles a fazer a faculdade, claro que eu quero que ele passe numa faculdade pública, mas se não passar numa faculdade pública eu quero ajudar ele a pagar a faculdade, e o P6 já fala assim, que pagar a faculdade para eles? Deixa eles se virarem, eles é que vão trabalhar e eles que vão pagar a faculdade deles, mas eu fico nessa preocupação, eu quero ajudar a pagar a faculdade. E o P6 já é do outro modo, não, eles têm que se virar. Então, que eu acho que é um aprendizado para eles, acho que ter tudo na mão sempre também, tudo muito fácil não é o adequado, sabe assim, igual hoje, ontem eu estava comentando com ele, a gente tem uma pessoa aqui no condomínio que está numa faculdade super boa, é uma pessoa que ele já deve ter uns 25 anos já, vinte e poucos anos, morou fora do país, aquela coisa toda, aí voltou, passou na USP e está fazendo a faculdade lá na USP, só que assim, ele é subsidiado pelos pais e usa Narguilé, e aí eu fiquei pensando, nossa, não é algo que eu queria para o meu filho, ele está numa faculdade muito boa, mas não trabalha, e fica usando uma substancia que está fazendo mal para ele. Então assim...

H – É assim, uma vida de, assim, embora tudo bem, todos nós já fomos jovens, já tivemos nossas experiências, mas o pessoal, você vê assim que está nesse momento da juventude, sei lá, que dia que é, uma segunda-feira, as duas da tarde até as dez da noite, os jovens ficarem reunidos bebendo, fumando, né, eu falo assim, poxa, tem alguma coisa que poderia ser mais produtiva nesse momento.

E a meu ver, vinte e cinco anos não é tão jovem, não sei vocês.

M – Então, eu me formei com 21 anos, com 21 anos eu já estava trabalhando num hospital, então assim...

H – Eu trabalho desde os 12, por isso que eu falo para ela.

M – Eu também trabalho desde os 15, eu fui dar aula também, trabalhei em escolinha, eu falo depois que eu me formei na faculdade, então comecei a trabalhar assim formalmente com 21 anos, mas aí eu vejo esses meninos de hoje né, que são subsidiados pelos pais, e que ficam dessa forma, e é uma coisa que eu não quero para o futuro dos meus filhos.

H – E eu vou falar de uma experiência que eu tenho pessoal né, de vários colegas assim de trabalho que infelizmente, representam muito isso, que assim, são pessoas que se te encaminhar um currículo, o currículo dessa pessoa é ótimo, é indefectível, você fala assim, a pessoa estudou no melhor colégio, fez isso, fez aquilo, né, estudou na melhor universidade, fez lá o mestrado já na sequência da graduação, está lá, ótimo, maravilha, aí você contrata lá a pessoa falando, é esse aqui, não tem jeito. A pessoa vai lá, ela não consegue, por incrível que pareça, ela não consegue escrever bem, ela não consegue responder com segurança o que ela tem que responder, a pessoa fica inerte, e você fica assim, mas o que acontece? Eu escolhi o melhor que tinha, ela nunca teve nenhuma vivência, nenhuma experiência autônoma, todas foram subsidiadas, e aí na hora que é por ela, não quer, e aí esperneia, fica querendo escolher alguém para fazer a atividade por ele, e tal, e aí se associa com outro que tem mais ou menos o mesmo perfil e cria ali um grupo radical falando, olha, esses outros, ninguém sabe fazer, critica, engenheiros de obra pronta tem um monte por aí, agora o que calculou lá desde o começo não tem.

M – O primeiro não que recebe, já se demite do trabalho. Tive uma experiência agora com um médico que ele também sempre foi subsidiado pelos pais, os pais pagaram a faculdade de medicina, uma faculdade caríssima né, e aí ele foi trabalhar lá com a gente, aí ele não ficou três meses trabalhando com a gente, três meses, era o primeiro emprego dele como profissional médico, não aguentou ficar.

Então assim, tem a ver com o fato de ter muita facilidade, de os pais darem tudo, talvez?

M – É, eu penso, penso nisso.

H – E eu entendo que esse dar tudo não é apenas assim, pelo auto desejo, não só pelo que pede, mas muito pela compensação desses pais estarem ausentes.

Um pouco de culpa pelo que a M6 falou, a M6 falou um pouquinho que a rotina mudou, né, quer dizer, hoje a mulher e o homem trabalham, estão fora de casa, não tem tanto tempo, e ainda tem a rede social, WhatsApp, traz trabalho para casa, então para compensar isso?

H – Isso, é uma compensação, eu vejo que conduz nisso, eu penso assim, por exemplo, as vezes a gente vai em alguns eventos, principalmente vai, no ambiente escolar que não é, vamos dizer assim, é diferente da identidade que existe, não deveria ser, mas é, diferente da identidade que existe, sei lá, se vou num culto religioso, em alguma coisa que tem um objetivo diferente. Na escola parece ter muito, um ambiente muito competitivo, uma questão sabe, de um status lá, e aí você percebe, assim, quando as crianças estão brincando está tudo ótimo, agora, quando os pais resolvem fazer alguma intervenção com essas crianças, aí complica, aí que começa, eles se entendem numa boa, mas os pais chegam para, então, desde querer, tem que ir com a melhor roupa, é igual a gente estava falando.

É a competição entre os pais na verdade, não é?

H – É, que na verdade coloca lá a criança, diferente assim, como eu posso dizer, vamos dizer que a criança tem que fazer uma apresentação lá, caracterizada né, é diferente de construir essa caracterização com a criança para quem tem tempo, constrói, ou mesmo quem não for construir que a gente sabe, mudou a rotina mesmo, não dá tempo de construir e tala, então vamos lá comprar, então vamos comprar? Vamos, vamos ver um aqui que é para usar um dia né, trinta minutos, então vamos ver um aqui que não custa tão caro e compensa, não, tem que comprar aquela que passou no cinema, sabe?

São os pais medindo o seu sucesso pelos filhos.

H – Pelos filhos né, uma coisa assim.

Se o meu filho estiver maravilhoso, quer dizer que sou um bom pai, fui bem-sucedido, seria mais ou menos por aí?

H – É, e que é uma coisa que a gente diverge que é o que eu falo para ela, olha, não é uma questão, eu sou super orgulhoso, me sinto super bem de ele ter lá a média elevada na escola, que bom, mas eu sei que na vida não vai ser sempre assim, não vai ser sempre assim, e aí eu falo assim, eu gostaria que ele tivesse a experiência, que eles aprendessem, que eles aprendam na verdade, a se virar sozinho porque é diferente uma prova da vida, né, então eu falo, tem 15 anos aí, 15 anos vai mudar, vai para o ensino médio, e tem as escolas técnicas, ah mas, a gente pode pagar a escola? Pode pagar a escola, pode ir pagando até a faculdade, mas eu acho que lá na escola técnica é uma boa experiência, ah porquê? Porque lá alguém vai falar para ele que existe uma realidade de mercado de trabalho, que é diferente de eu falar, e de outros, lá, lá vai, é diferente até a questão social, a escola é muito homogênea, o condomínio aqui é muito homogêneo, lá é um pouco diferente né, e aí vai tendo outras experiências e vai amadurecendo, ah se tem uma experiência de trabalho, fala oh, tem que aprender a guardar o dinheiro, porque? Para conquistar o que você quer, se você, eu falo assim, se eles têm uma experiência remunerada de trabalho e tal, antes de começar a faculdade, a primeira coisa que eu vou falar, olha, legal, uma parte aí você pode, vai gastar aí com o que você quer, com a roupa que você quer, mas vou falar, guarda porque a escola ainda não acabou, daqui a pouco você vai chegar na faculdade e você vai querer fazer um estágio no melhor lugar do mundo e não vai ter como pagar a

faculdade. Então aquele ano se você guardar o dinheiro você tem como se manter, né, porque custa caro, não tem jeito, as coisas são assim, então tem que ir aprendendo deste modo. Vou aproveitar o gancho, por exemplo, nós temos dois carros, conseguimos comprar dois carros, por muito tempo eu não tive carro, ela tinha carro porque trabalhava mais longe e eu ia trabalhar de bicicleta porque eu trabalho relativamente perto e ia então trabalhar de bicicleta, e a gente não tinha carro, e nem lembro como que fazia para pega-los na escola.

M – Minha mãe pegava.

H – Ah é, minha sogra pegava na escola. E depois quando eu mudei de horário, aí depois mudei de horário compramos mais um carro porque aí não tinha jeito e tinha que fazer uma logística, aí hoje a gente percebe assim, por exemplo, o meu filho reclama, o meu filho mais velho reclama que ele quer ir sempre com o carro da mãe que é mais moderno, tipo assim vai, eu quero ir com esse carro, porque o carro é mais esporte, mais bonito e não quer ir com o meu, tem essa fase que ele está, o C6 mesmo não liga muito, o C6 ainda está naquela briga que ele quer ir mesmo no banco da frente.

Briga por espaço.

H – É, não pelo status do carro, e o outro já está, aí outro dia eu perguntei para ele, falei, filho, mas qual a diferença, não está confortável para você, esse carro tem até ar condicionado, é fresquinho aqui dentro? E ele ah não sei o que, aí fala para a mãe, queria comprar o modelo do carro tal, queria que fosse esse, queria que fosse aquele, eu falo, oh, vou fazer uma experiência com você que é uma coisa que você precisa aprender, o que? Começa a vir a pé da escola porque aí você vai dar valor neste carro, começa a vir a pé da escola um dia. Ah eu venho. E eu falei, então está bom, por mim não tem problema nenhum, nós vamos marcar e pelo menos um dia você vai vir a pé, garanto que nesse horário aqui, a uma da tarde com a mochila, com o tanto de livro que você vai ter, você vai rapidinho gostar do carro. Então são coisas desse tipo, eu acho que eles precisam experimentar porque ninguém experimenta, eu pego o exemplo da nossa sobrinha que tem 21 anos né.

M – A A. é, 21.

H – Estudou em ótimo colégio e tudo, mas um dia ela nos surpreendeu, que ela estudava na melhor escola, e ela já era adolescente, já tinha uns 15 anos e tal, e ela viu uma placa na estrada escrito rodoviária, não sabia o que era uma rodoviária, e outras pessoas que a gente conhece que nunca andaram de ônibus na vida, nunca andaram de ônibus, nunca tiveram, nunca andaram num metrô na vida e eu falo como elas conseguiram, então esse tipo de coisa eu falo assim, é uma coisa que daqui a pouco precisa, é pela...

Isso é uma diferença então da infância que vocês tiveram para a de hoje?

H – É de hoje, a gente acha que faz muita falta, faz muita falta.

Assim, esse contato vocês tinham e eles estão distanciados né, por causa de certas facilidades que nós como pais, criamos para eles, de não precisar pegar um ônibus.

M – É bem diferente.

H – A rotina determina que isso é o correto, é o melhor, e diferente dos outros, até hoje a gente sente, fizemos uma experiência, talvez se você for de carro para alguns lugares demore muito mais do que você ir de transporte público, mas não pode né, tem que, então a gente tenta, é difícil, mas as vezes a gente tenta abrir os olhos para não cair nesta armadilha, e ela acontece para todos os níveis né, desde a primeira infância lá, vão surgindo essas armadilhas, vamos dizer assim, e a gente tem que ficar atento, a gente tenta, é difícil porque é muito resistente né, e aí você acaba sendo diferente, lá na escola, por exemplo, um deles falando eu cheguei aqui de ônibus, ninguém chega de ônibus na escola, no máximo no transporte escolar.

E olhando essas diferenças então, o que para vocês, o que é infância para vocês hoje, ou o que é ser criança hoje?

M – Para mim é o curtir, assim, é trazer os pequenos detalhes para você se lembrar, porque assim, tem coisas, por exemplo, vai, eles têm um carrinho de rolimã, então aqui é uma descida, eles descem no carrinho de rolimã, então acho que são essas lembranças que eles levam para a vida deles né, e esses ensinamentos assim que a gente vai passando, os valores e que a gente quer que eles se tornem boas pessoas, homens bons, então eu acho que a infância é o início né, de tudo isso lá no futuro deles, então assim, tem coisas que a gente vai resgatando com eles, essa importância de curtir. Hoje assim, graças a Deus a gente tem condições de dar para eles, então hoje eles têm a rua, hoje eles têm uma piscina, eles têm uma quadra, eles conseguem de alguma forma estar socialmente com outras crianças, diferente né, quando você falou, como é que está hoje? Hoje as crianças ficam mais dentro de casa, a gente até sente por exemplo, quando vem amigos deles aqui, brincar aqui, eles adoram, eles falam, eles saem daqui falando para os pais, mãe como é que faz para morar aqui, a gente quer morar aqui porque é muito legal, porque? Porque tem liberdade.

H – E tem alguns que tem medo, olha que interessante né, algumas crianças da idade do C6.

M – Que moram em apartamento.

H – Moram em apartamento, eles têm medo, eles sabem brincar no espaço aqui delimitado da casa.

M – É, já recebemos crianças aqui que não querem sair de dentro de casa, mas pode ir para a rua, pode ir brincar, e eles não querem, eles querem ficar aqui.

H – Eles têm medo, porque, por exemplo, a quadra é lá no começo do condomínio, então eles têm que descer a rua, eles têm medo, não tem essa experiência.

M – A vivência, e eles tem, então eu penso que hoje tudo o que eles estão vivenciando eles vão levar para a vida deles, e talvez sejam assim com os filhos deles, acho que eles têm uma grande oportunidade na vida deles, que talvez, a gente também teve porque a gente também brincava na rua, eu também descia de carrinho de rolimã, eu também curti minha infância, e eu acho que eles também vão ter essa oportunidade.

H – E eu acho assim, essa questão do que é a infância, eu acho que é precioso assim, que é o momento de descobrir, o momento de experimentar, e o momento de vivenciar mesmo, memorizar, então é um momento que é descontraído, eu acho muito difícil, por exemplo, eles fazem, eles tem alguns dias com horário especial na escola lá, que um dia termina mais tarde, um dia, e eles fazem também um dia na semana, faz o inglês, eles fazem, a gente colocou na escola de inglês e eles fazem a catequese, então, eu acho já tão difícil ter que ficar impondo esses horários porque eu acho que é uma responsabilidade, uma coisa que gera uma, para essa idade eu acho que, aí você vai me perguntar, mas então porque é que colocou no inglês? Porque eu também acho que é um fator que é importante nesse momento de formação. Ah porquê? Porque é o momento agora que é menos, menos rígido, a gente, por exemplo, deixa eles irem lá na escola, eu não me preocupo com a prova, e falo para eles, não se preocupem.

M – E eles não reclamam.

H – Oh, participou da aula, eles gostam, como hoje tem muito acesso a informação de língua estrangeira, né, todos os jogos eletrônicos têm lá as palavras em inglês, eles acabam curtindo essa questão e eu falo desencana, e os professores nessas escolas também são professores jovens, é diferente da escola tradicional, então eles também se sentem né, melhor nessa, nesse espaço, também é um espaço de convivência, a gente não encana muito nisso não, mas é uma experiência boa porque eles escutam música e tal, e falam oh, aproveita, já aprende o que essa letra está falando porque no nosso tempo, no meu tempo a gente não fazia nem ideia do que era, o que cantava lá, eu tenho uma, na minha época assim era uma, aqui se falava assim, era melô, igual tinha a música da lagartixa, um cara cantava alguma coisa em inglês que que alguém entendeu que era lagartixa e fazia uma música da lagartixa e era isso, então não tinha nem, nada, nem próximo, usava a mesma melodia e colocava uma letra totalmente maluca, então eu falo, eles tem essa oportunidade e que é também uma mudança, tudo chega, o mundo empresarial então, outro dia, por exemplo, eu trabalho numa empresa pública, bastante retrógrada, aí a gente foi fazer uma parceria com uma empresa particular.

Casal 7

Só para ter uma ideia, qual a idade de vocês, para eu ter uma ideia de diferença de geração, essa é a pergunta mais difícil de todas?

M – Ah é, então está fácil, eu tenho 37 e ele 38.

E como é a família de vocês, são vocês dois e quem mais?

H – E os nossos filhos, o C7.2 e o C7.

Qual é a idade deles?

H - 14 e 8.

E qual é? O C7.2 tem?

H – O C7.2 tem 14 e o C7 tem 8.

Então a gente vai estar falando principalmente do C7, que embora o C7.2 seja maravilhoso ele não faz parte do grupo, dessa geração. E o que vocês fazem? Vocês trabalham, como que é a rotina lá da casa de vocês?

H – Eu faço muita coisa, eu trabalho fora, faço um pouco de Uber, trabalho atualmente com portaria, como porteiro, eu auxiliava ela na escola também antes.

Mil e uma utilidades, lava, passa, cozinha, tudo?

M – Até passa.

H – Também em casa eu ajudo bastante.

M – Bom, eu sou professora, atualmente tenho uma escola de educação infantil, até sexta-feira eu tenho, mas sou professora, trabalho o dia inteiro.

E se vocês tivessem que descrever o C7.2 assim, quais são as características dele? Quais são os comportamentos deles, o que vocês poderiam falar dele?

M – O C7.

É, o C7, o C7.2 é o que tem 14.

M – Quer falar?

H – Depois eu falo, na verdade ela vai ter muito mais conteúdo para falar porque como ela é professora, ela enxerga mais do que eu né.

Você enxerga como pai.

M – Como pai é mais fácil, que eu falo que como professora você as vezes enxerga o que você nem quer enxergar, está o tempo todo para criticar, qualquer coisa é ah, mas fulano é assim e então você acaba comparando e acho que é um pouco ruim né.

Verdade.

M – Mas o C7 é assim, é super, híper, mega, ele tem, é independente, tem iniciativa, ele programa as coisas muito rápido, então ele não se contenta com qualquer resposta, ele é bem objetivo assim no que ele quer, então, por exemplo, tem um ano e meio que ele programou a festa de aniversário dele toda, mesmo sabendo que não ia ter, então na festa de aniversário que ele programou tinha quem ia receber as pessoas, quem ia contar histórias, quem ia fazer alimentação, quem ia estar em cada parte, então ele fez sozinho, então, por exemplo, na escola sempre me acompanhou, então no começo ele observava tudo, horário de entrada e de saída das pessoas, e sem sequer a gente falar ele cronometrava o horário, fulano está atrasado, e porque que ela sempre sai antes do almoço? Então ele é muito detalhista, observador.

H – E é autoritário.

Como assim autoritário?

H – como você disse ele é o alpha né, ele tem bem esse estilo mesmo, ele manda, ele quer do jeito dele, ele já sabe o que ele quer, como ele quer, como é para fazer, se estiver fazendo errado ele sabe falar oh, isso não é assim, é assado, ele já...

M – Ele lidera né, ele sabe liderar.

H – Ele lidera, exatamente, ele sabe liderar, ele já tem esse instinto de liderança.

Mas como que isso aparece? Isso aparece principalmente com os colegas ou aparece em casa com vocês também?

H – Olha, bem no geral, mas principalmente quando está no trabalho dela né, na escola lá.

Mas ele estuda com você?

M – Não, é que lá tem o período de recreação, então tem a turminha da idade dele que faz recreação, então nas brincadeiras ele costuma coordenar, ele organiza, se tiver, por exemplo, alguma dificuldade, eu estou na sala e tem criança chorando, você não precisa chamar ele, ele vem e dá a chupeta, dá um brinquedo, aí ele senta, brinca e interage e depois vai embora. É bem perceptivo, tem percepção assim das coisas e é ágil, geralmente tem criança que trava, ele não, ele olha e já sabe o que tem que fazer e faz.

Mas ele foi para lá, é junto com a sua casa, é no mesmo espaço?

M – Não.

Então ele vai junto com você? Você leva ele para lá?

M – Isso, é porque ele estuda de manhã, aí a tarde eu busco na escola e ele fica comigo no período da tarde.

E você pedia para ele fazer essas coisas, pede ou não, é da iniciativa dele?

M – Não, não pede, é dele, as vezes ele observa e ele vai lá e faz, as vezes você fala, mas não precisa, ele fala, não, mas eu vou te ajudar, então já é dele assim.

E em casa, você falou que ele é determinado, que ele gosta de comandar, como é que fica isso em casa, porque lá com as outras crianças, até então, ele vê uma necessidade, vai lá e ajuda?

H – Em casa não é muito diferente não né, só que em casa com o irmão dele acaba isso virando um pouco de briga né, porque aí um quer fazer de um jeito e o outro quer fazer de outro, as vezes ele quer uma coisa e o irmão dele não cede, aí sempre tem que ser do jeito dele, a maioria das vezes e aí gera um pouco de conflito porque o outro é mais velho também e entende mais, aí gera esse conflito, mas, geralmente, ele tem um comportamento dócil, digamos assim, então ele sempre acaba cedendo né.

E como vocês lidam com os dois então, por exemplo, você sabe que o Samuel ele vai tentar a vontade dele prevalecer, e o que vocês fazem?

M – Em relação a isso eu sou bem realista, tem o computador, o computador é para os dois, então, se depender do C7, ele vai entrar as sete horas e vai dar dez, onze horas, e ele não vai querer ceder, então, tem tempo, olha, você vai entrar agora as sete horas, só que as nove horas o seu tempo acaba e é a vez do C7.2, então por mais que ele relute e eu sei que ele fica bravo, mas ele sabe e ele respeita sim, mas a gente explica tudo antes.

H – Quando põe a regra, na maioria das vezes ele obedece a regra, ele reluta um pouquinho, mas acaba obedecendo a regra, quando vê que está no horário dele, ele deixa e sai.

M – E não deixa, as vezes um está assistindo a televisão e ele quer chegar e quer mudar de canal porque começou um programa, não, porque não está na sua vez, está na vez dele, então agora você

vai ter esperar. Então a gente procura ceder, mas não deixar também porque se só ir cedendo não tem limite, então não vai adiantar, e ele também não vai aprender com isso né, a gente procura levar nesse nível.

E quando ele é contrariado, né, quando tem a regra e ele tem que sair do computador, por exemplo, ou da televisão, como é que ele reage?

M – Se você explicar antes, ele não reluta, ele sai, então ele fala, por exemplo, quando você fala assim é uma hora e meia sua, e ele fala mãe, mas uma hora e meia não dá para fazer nada, é uma hora e meia, aí ele fica, deu uma hora e meia e ele sai, mesmo se a gente não estiver, as vezes a gente vai no mercado e fala, oh, nove horas você tem que sair e vai tomar banho porque é a vez dele, então as nove horas ele sai e vai tomar banho, e ele não briga e nem chora com relação a isso. Agora, diferentemente, se você não explicar e falar sai do computador que agora, aí vai ter uma pequena confusão.

O que ele faz? Como assim uma pequena confusão?

M – Não vai ficar bravo, vai chorar, vai ficar, começar a resmungar, não mãe, mas não sei o que, eu não terminei o jogo, vai ficar questionando a ordem que você deu.

Ele argumenta: não, mas porquê?

M – Muito, tanto que se ele falar assim mãe, posso descer? Eu falo agora não, mas porque que eu não posso descer agora, o que vai fazer, ou as vezes a gente fala, filho a gente vai sair, onde a gente vai? A gente vai sair, mas porquê? Aonde a gente vai, o que é que vai levar? Então você tem, ele quer saber muita informação.

H – Ele quer saber de todos os detalhes.

M – E as vezes a gente quer fazer uma surpresa e a gente não quer falar onde a gente está indo e ele vai o caminho inteiro perguntando, mas onde a gente vai, é por aqui? Daqui para onde?

H – Ele é bem ansioso assim, quando a gente faz viagem assim, ele passa o caminho inteiro, já chegou? Vai chegar? Está demorando, quantos quilômetros faltam, quantas horas faltam? Sempre age dessa forma também.

E ele usa esses argumentos então, e onde ele arruma esses argumentos?

H – Boa pergunta, isso é dele, naturalmente dele, tem coisas que, na verdade, a maioria das coisas, dessas coisas a gente não ensina, é dele, eu não sei, ele observa, é muito observador, então talvez ele observe todas as pessoas e vai tirando um pedacinho de cada e vai usando, né, da maneira que ele acha correto usar.

Mas aí ele consegue usar na hora certa?

H – Sempre.

M – Ele usa, ele argumenta assim, não é aquela criança birrenta assim que só usa a favor dele, não, se ele estiver errado mesmo, as vezes ele fica tão nervoso, a veia sobe, mas ele aceita que ele está errado e ele não vai ficar questionando por mais que ele saiba que vai perder, aí ele fica vermelho, fica bravo, aí a gente vai e explica, mas não era assim, e a regra era como? Não pode mudar, é assim que tem que seguir, e aí ele aceita. Mas assim, eu sou péssima, não sou detalhista em nada, ele é em tudo, até assim um tapete que se você trocar e ele sabe que era daquela cor, quando ele chegar e ele bater o olho ele vai falar, não, mas esse tapete não estava aqui.

E como vocês estabelecem essas regras e passam para eles essas regras? As coisas que tem que fazer, as que não podem ser feitas?

H – É no dia a dia, conforme vai acontecendo, conforme vai acontecendo as situações a gente vai explicando, vai falando, não tem nada assim que já é preestabelecido para sempre né, desde sempre, aconteceu uma coisa a gente explica o que é certo, ensina o que é certo.

M – As vezes acaba usando uma situação do momento para instruir no que está certo, no que está errado, no que seria mais certo fazer, aí por exemplo, a gente sai, aí acontece uma situação na rua, por exemplo, que a gente não concorda, ele mesmo já pergunta e fala mãe, mas porque está fazendo isso? Aí em cima da pergunta dele a gente já argumenta, explica o que é certo e o que é errado, que nem em casa, tem as regras básicas, não gosto de briga, tem que respeitar um ao outro, todo mundo ajuda, então, por exemplo, no sábado ele já sabe, cada um tem uma parte na casa, que vai ajudar a organizar, ele não gosta, mas ele faz porque ele já sabe que neste dia todo mundo vai ajudar, a gente trabalha a semana toda, então se uma pessoa só faz, todo mundo vai ficar preso naquela situação, então todo mundo vai, cada um tem a sua parte, e faz, ele tenta escapar o mais possível, mas eu não consigo, consegue sim, vai lá e tenta.

E tem flexibilidade nessas regras, as vezes muda, muda, vocês cedem ou não?

M – É difícil ceder, assim, as vezes tem algumas situações, deixa ver, para dar um exemplo, TV, geralmente eles ficam, jogam, aí no sábado as vezes está sozinho, aí a gente estende um pouquinho a mais que é o tempo de lazer deles, se quer descer, desce para brincar, então não tem aquela coisa de não, regrado, é isso e acabou. Então depende muito da situação.

H – A gente é bem flexível depende da situação, depende do momento.

M – Do comportamento, de como ele aceita as coisas, então...

E quando ele não cumpre as regras ou os combinados, o que acontece?

M – Bom, que nem, por exemplo, é difícil acontecer porque é o que eu falo, graças a Deus ele é bem flexível em relação a isso, ele entende muito, então dificilmente se tem que tomar alguma atitude assim mais drástica, mas, por exemplo, se você vai falar alguma coisa, ele tem o tempo do celular que ele joga, tem o tempo para o computador, então se acontece alguma situação assim mais drástica ou mais, aí a gente fala, então você não vai mexer no celular, então, de bater a gente não costuma porque ele já ficava muito nervoso, só de conversar ele já entende, então é muito raro, ele fala demais, então ele, as vezes.

Ele fala bastante?

M - Ele irrita por isso porque ele fala muito, muito e muito, não, mas não sei o que, ele por exemplo, fala, eu quero brincar no celular, e você falar não vai brincar, mãe, mas porque, só um pouco, e você fala C7 não, aí ele sai, daqui a pouco ele volta, mãe, mas o celular, C7 não é assim, então ele tenta ganhar na insistência.

H – Pelo cansaço.

M – Pelo cansaço, mas desde pequenininho, uma vez aconteceu uma situação até falei para ele, geralmente todo mundo fala que ele é mais duro assim né, na atitude, a gente foi no supermercado e ele começou a chorar por causa de um bolinho, ele era pequeno, devia ter uns cinco anos, e ele foi para o estacionamento, como ele estava chorando ele voltou e comprou, aí eu falei ferrou, aí porque eu não compro, então se eu vou ao mercado eu já falo para ele, não vai pedir nada, então ele não pede. Então, porque desde pequeno a gente já foi instruindo assim, então dificilmente ele dá um chique assim.

Teve uma coisa que você falou, bom, ele usa o celular né, ele usa o videogame, você falou assim que ele, que ele argumenta e tal e que ele insiste e ele fala bastante, ele fala bastante só quando é para argumentar ou normalmente ele conversa bastante?

M – Normalmente, ele acorda conversando e vai dormir conversando, às vezes, ele acorda muito cedo, ele tem o hábito de acordar muito cedo, então é seis, seis e meia da manhã, sete horas no máximo ele já está acordado, então ele já acorda contando história, e ele quer conversar, ele fala de tudo e passa o dia inteiro falando, as vezes a gente fala, amor para um pouquinho, então se ele está assistindo ele fala, ele comenta o que ele está vendo, na escola o que aconteceu ele conta, ele fala, ele conversa, então, no geral ele conversa muito.

H – Ele é o oposto do irmão dele porque o irmão dele é calado.

É mais quieto?

M – Quietíssimo.

H – Muito.

E o que vocês acham então que influencia esse jeito dele de ser, tem alguma coisa que vocês acham que mudou além da personalidade de um e do outro?

H – Eu acho que é dele mesmo porque os dois foram criados iguais, não teve mudança assim para ter tal atitude.

M – Tem a questão da tecnologia igual, tanto que os dois entendem super bem, então geralmente as pessoas falam, não, mas esses canais, essas coisas, então não sei se influencia né, porque se os dois tem acesso, então acho que da personalidade e se desenvolve mais, acho que depende da criança.

E como é que foi a infância de vocês, como é que vocês eram como crianças?

M – Começa que você era arteiro.

Você era arteiro?

H – Era não, eu era quietinho.

M – Não pode mentir.

H – Olha, eu tive uma infância difícil né, eu comecei trabalhar desde sempre, sei lá, nove anos talvez, dez, eu lembro que o meu pai tinha um depósito de material de construção e eu ajudava um pouco, muito pouco, mas aí depois esse depósito veio a falir e aí eu comecei, eu trabalhava já montava uma barraquinha na frente de casa, tinha um pé de abacate num terreno que eu não lembro onde que era, era um pouco longe da minha casa, eu pegava uns abacates e colocava nessa banquinha para vender, não vendia nada né, mas colocava lá, comprava chiclete, bala, essas coisas e colocava para vender, as vezes eu vendia um pouquinho, eu lembro disso daí, umas pulseirinhas que é feito manual, artesanato mesmo que vai escrito o nome, com linha, você lembra?

Lembro.

H – Então, eu fazia muito aquelas pulseirinhas com, que tinha aqueles desodorantes com os frasquinhos de plásticos, recortava aquilo lá e eu fazia na mão, ia fazendo as letras, fazia aquilo e vendia aquilo lá, depois disso eu fui trabalhar num fliperama, trabalhei muito, mais de um ano no

fliperama e é engraçado que sei lá, eu devia ter o que, uns dez, doze anos, eu tomava conta do fliperama, eu era como se fosse o gerente lá, porque não ficava ninguém lá, imagina uma criança de doze anos lidando com dinheiro, recebendo dinheiro, dando troco, coordenando tudo o que estava acontecendo ali, eram muitas máquinas, lembro que tinha no mínimo dez, então era um serviço assim de responsabilidade né, uma criança de doze anos, hoje as crianças de doze anos não sabem fazer nada praticamente assim de trabalho né, e depois disso trabalhei com um tio meu num bar também, depois disso que eu fui para a padaria, aí eu devia ter uns treze, quatorze anos, fui morar com a minha tia, comecei a trabalhar numa padaria que ela tinha, trabalhei seis anos com ela, e lá era a mesma coisa, eles saíam, as vezes tinha que resolver as coisas, iam passear e deixavam na minha responsabilidade, o meu primo que tinha, tem a mesma idade, ele não tinha a responsabilidade que eu tinha lá e ele era dono e eu não, trabalhava lá, eu era como um filho porque eu morava junto com ela também né, aí eu era tratado como um filho né.

Então você foi uma criança mais responsável assim, brincou menos?

H – Isso, a partir de quando eu comecei a trabalhar eu passei a brincar bem menos né, uma infância bem menos, antes disso eu até brincava com o pessoal, na época dava para a gente jogar bola na rua, brincar na rua, mas depois que eu comecei a ter essa responsabilidade de trabalhar, principalmente quando eu fui para a padaria, aí foi só trabalho mesmo, estudo, estava estudando ainda, então eu trabalhava de manhã, descansava um pouco a tarde, ia para a escola a noite, essa era a minha rotina da adolescência né, e foi onde...

O C7 brinca na rua?

H - Na rua não, só dentro do condomínio.

Ele gosta de brincar de que?

M – Bola, bicicleta, esconde-esconde.

H – Na piscina.

M – Piscina ele ama.

H – Brinca de tudo, lá na escola também tem um parque lá, ele brinca muito no parque, ele corre, ele joga bola, ele vai nos brinquedos, ele é muito ativo, ele brinca com tudo, às vezes, brinquedo tipo montamonta, carta, ele brinca com tudo.

M – Lê histórias, esses dias eles estavam montando uma peça de teatro.

H – Ele gosta de ler, incrível que as vezes, até uns tempos atrás ele pegava uns livros pequeninhos e ele lia tudo, ele pegou um livro de contos de histórias né, tinha, quantas histórias tinha, umas dez?

M – Umas dez histórias.

H – Ele leu todas, incrível, achei muito bacana.

M – E se você perguntasse da história, ele sabia contar.

H – Ele sabia contar.

E como é que foi a educação que os seus pais te deram? Você estava contando, desculpa, eu te cortei.

H – Então, na minha infância o meu pai trabalhava muito né, e meu pai era alcoólatra na época, então ele trabalhava muito e eu ficava muito com a minha mãe, e eu tive essa responsabilidade cedo, tanto que eu saí de casa cedo por conta dos problemas do meu pai e aí eu fui morar com a minha tia e trabalhar, e a partir daí u não tive um relacionamento muito forte com os meus pais que é na época, vamos dizer, que a gente começa a se entender por gente né, que aí na época eu parei de trabalhar na padaria, aconteceu uma situação lá, eu comecei a namorar com ela e minha tia era muito racista, então estava tendo muito problema com isso e aí eu acabei saindo de lá e fui morar em J. com outro tio meu, trabalhar numa empresa lá e terminar o terceiro colegial. Antes de eu terminar o colegial eu fui mandado embora, eu fiquei noivo com ela, terminei o colegial lá e vim para cá de volta, e aí vim morar com os meus pais, aí eu já estava com dezoito anos mais ou menos, só que eu não ficava em casa porque como eu era, estava noivo com ela, eu ia trabalhar e ficava muito na casa dela, então eu acabava ficando pouco em casa. E depois disso eu casei com ela, com vinte anos a gente casou, foi muito cedo né, então foi...

Como que foi então a sua infância? Que criança você era?

M – Minha infância assim, de criança eu lembro poucas coisas, né, mas eu lembro que os meus pais trabalhavam, a gente ficava com a minha irmã mais velha, então a gente brincava muito, muito mesmo, era bem tranquilo, sossegado, então foi uma infância bem light, né, a gente aproveitou, tinha algumas dificuldades que o meu pai tinha um distúrbio, até a gente entender o que realmente era, ele bebia, então acabava, ele surtava algumas vezes, então eram algumas turbulências que tinham, mas graças a Deus não afetava assim né, e a gente ficava na minha avó, que aí meu avô já interferia, e já era mais tranquilo, era eu e mais três irmãos, então eu e minha irmã que é um ano só mais velha a gente tinha muita afinidade e acabava brincando muito, quando ela foi para a escola eu chorava muito porque eu queria ficar só com ela.

Vocês foram para a escola separadas?

M – Não, ela foi primeiro, então como ela era um pouco mais velha, então entrou primeiro no primeiro ano e então no próximo ano que eu fui eu não queria entrar porque eu queria ficar com ela, e eu tinha que ir para outra turma, então era bem assim agarrada, mas em casa assim era bem sossegado também. Aí depois nos meus quatorze anos eu fui desfilar, depois comecei a namorar.

H – Quando a gente começou a namorar eu tinha dezesseis e ela tinha quinze, então eu trabalhava na padaria e estava nesse processo todo ainda, então foi muito recente mesmo, muito jovem mesmo.

M – A gente começou a namorar muito cedo, então, mas brincava muito, em férias escolares o meu pai falava, o que é que vocês querem? Tanto eu quanto minhas irmãs, pipa, bolinha de gude, na casa da minha mãe tinha um campo na frente, então minha mãe levava a gente para empinar pipa, então era bem, todo mundo muito unido, até hoje assim, a minha família em si é toda unida, domingo é todo mundo na casa do meu pai para almoçar e para jantar, e se não for ele liga perguntando, está tudo bem, alguém está chateado, porque que não apareceu? Então é todo mundo muito junto e muito ligado, o tempo todo.

E o que muda dessa infância que vocês tiveram para a do C7.2, para a do C7, por exemplo? O que muda de antes para agora?

H – Acho que muda tudo.

M – eu acho que hoje, a infância de hoje ela tem que ser mais reservada, mais regrada, então antes a gente tinha mais liberdade, até para brincar na rua, para sair, por mais que não tinha tecnologia, porque se a gente ia fazer um trabalho na biblioteca, todo mundo adolescente, você não tinha como avisar, não tinha celular, então eu saía e ficava lá copiando a tarde toda e minha mãe não sabia, mas ela sabia que eu tinha ido na biblioteca, hoje em dia eles não podem, eu mesma não jeito, se é para ir no mercadinho, por receio hoje do mundo em si, então eu digo que é muitas situações acontecendo, então para você mandar uma criança sozinha, que nem, o mais velho acaba indo para a escola sozinho, mas falo, quando chegar lá tenta me mandar uma mensagem me avisando para mim ter certeza que você chegou na escola.

Mas você fala de violência?

M – Sim, hoje tem criança desaparecida, muita coisa, então você acaba privando mais né, então agora, tem um ano e meio que a gente está morando no apartamento, então para ele é melhor porque ele desce para brincar na quadra, tem um parque, tem a piscina que é tudo dentro do condomínio, então tem ronda, as crianças não saem sozinhas, então acho que é uma segurança maior, então antigamente a gente tinha mais liberdade, tanto que dava oito, nove horas a gente estava brincando de esconde-esconde na rua, e hoje eles não sabem o que é isso, brincar ali no mundinho fechado, eu acho que isso muda.

Você falou também a respeito de estudar, de ir a biblioteca, isso também tem alguma coisa que você acha que está diferente?

H – Está por causa do Google né.

M – Google, impressora e computador em casa.

H – Quer saber alguma coisa, pergunta para o Google.

M – E assim, teve até uma situação no bimestre passado que ele fez um trabalho e ele tirou acho que 3.0 no trabalho, só que eu tinha avisado ele porque estava rasurado o trabalho, a capa não estava caprichosa, eu falei, C7, vai ser analisado ruim porque esse trabalho não está bom, olha como você copiou por pressa, para brincar, uns garranchos, umas coisas, está bom, então está bom, você leva, quando ele pegou o trabalho ele chegou decepcionado, e eu falei, mas o que eu falei para você? Não estava caprichado, você não fez direito, então você não tem que exigir uma nota boa porque você não fez. Aí a mesma professora passou um trabalho sobre a região Sul, aí ele, mãe, você vai me ajudar a fazer porque no bimestre passado eu tirei nota ruim, e eu falei vou, fiz uma pesquisa, ensinei ele a montar o livro, acompanhei passo a passo e ele fez umas quinze páginas do livro, com figura, escrita, não reclamou nenhum momento, caprichou na letra, se ele errasse ele pedia para apagar para não ficar a marca, aí ele tirou dez e ele chegou todo orgulhoso. Então já usei as duas situações, e falei, está vendo, não falei para você, se melhorar tem nota. Uma vez também no trabalho, a professora explicou, ele entendeu da maneira dele, então eu fui explicar e falei, não é assim, você está fazendo errado, mas minha professora falou, Samuel não é assim, está fazendo errado, então está bom, leva assim, aí ele levou, resultado, o exercício todo estava errado, aí no dia eu conversei com a professora e falei olha, ele fez, eu vi que estava errado, só que ele não aceitava, ele falou que você explicou e para ele, ele entendeu daquela forma, então eu deixei ele trazer errado, então quando eu cheguei com o material, primeira coisa que eu peguei, falei vem aqui, você lembra do exercício que eu te falei, olha aqui, está errado, e aí ele ficou olhando assim, e aí, então eu sempre procuro mostrar para ele, porque se ele cismar que isso aqui é verde, é verde, você vai ter que provar para ele que não é verde.

Mas aí vocês deixam ele achar que é verde ou tentam convencer?

M – Não, eu tento convencer, mas que nem num caso desse.

H – Só que ele não aceita e não tem jeito, tem que esperar ele, se for você que falou que isso aqui é verde e eu falar para ele que é azul, ele vai falar não, mas ela falou que é verde, não C7, mas é azul, então ele acredita no que você falou, no que você ensinou, aí depois quando ele vê que está errado aí ele vai e fala poxa, estava errado mesmo.

M – Então ele aprende com os erros no trabalho, eu fiquei orgulhosa assim com a situação, porque ele lembrou do que ele fez errado e foi ruim e ele quis fazer, melhorar, e quando veio, tanto que teve uma melhora assim em tudo, no capricho, então ele acabou vendo assim, então se é uma coisa que nem esse exercício errado, eu sabia que o exercício estava errado, mas não ia afetar em anda, então eu deixo, porque eu sei que depois ele ia voltar e eu ia ter como mostrar para ele né.

Vocês deixam ele lidar com as consequências?

M – Sim.

E vocês costumam conversar com ele bastante a respeito das coisas, como que é, vocês impõem mais?

M – Você diz assim em questões do dia a dia?

É.

M – Que nem, geralmente quando a gente fala alguma coisa a gente explica primeiro o porquê, mas também não abro mão, por exemplo, se é alguma coisa que eu sei que vai fazer mal para ele, a gente acaba não cedendo, então por mais que as vezes chore, não, não vai fazer, tem muita gente que fala, ah tadinho, não, não vai fazer, tipo, regras básicas, vai no mercado, oh, vai no mercado e você pode comprar isso, mas não vai abrir, então ele leva não mão, ele passa no caixa e depois ele abre, então isso desde novinho a gente sempre ensinou, já consegui algumas brigas no mercado por causa disso.

H – Na primeira vez que ele já queria fazer o errado a gente já ensinou o certo, reclamou um pouquinho, mas depois aprendeu e desde então acostumou, aprendeu que tinha que ser daquele jeito e acabou.

M – A gente procura ser bem claro assim nas coisas né, para depois não ter conflito, se a gente sai e ele pede alguma coisa para alguém, só de olhar assim, aí ele já sabe que não era para ter pedido, que a gente saiu com um casal, com uns pastores, e ele falou no mercado “pode pegar o que vocês quiserem” e eles travaram nessa, porque eles olhavam para a gente, e eu falei escolhe, pode escolher o que você quiser, ele está falando, aí ele foi e pegou uma maçã e o outro pegou, nem lembro o que o outro pegou, uma coisa básica, tanto que ele que foi e pegou um chocolate, pegou um salgadinho e falou toma, porque aí eles já sabem.

H – Tipo, eles não foram lá esbanjar né, posso pegar o que eu quiser? Uhu! Imagina falar para uma criança, pode pegar o que você quiser? Vai encher a mão de Danone, salgadinho, de tudo, eles não, eles foram lá, tímidos, pegou só uma besteirinha que não tinha nem sentido né.

E essa foi a maneira como vocês também foram educados?

M – Eu sim, que nem, em casa.

Os pais conversavam, explicavam as regras? Deixavam você lidar com as consequências?

M – Sim, em casa sempre foi muito claro assim, para tudo, tanto que hoje eu falo que a gente não passa dificuldade que nem antes, era muito difícil as coisas, para comprar no mercado, essas coisas, então era tudo regrado e minha mãe nunca escondeu nada, então, por exemplo, era, tem isso e é para o almoço e para a janta, então a gente sabia administrar a situação, então nunca ninguém pôde fazer birra ou querer, quero isso ou aquilo, não, a gente soube entender muito a situação, então eu tento passar isso, ser clara, saber que não pode tudo, igual, por exemplo, as vezes a gente sai e a gente tem condições, por exemplo, vai no brinquedo, ele gosta muito de ir no shopping brincar, então, por exemplo, um dia ele brinca e no outro eu falo hoje não dá, as vezes eu estou com o cartão carregado na bolsa, e não, hoje você não vai brincar porque não dá. Já para lidar, porque acho que se você dá tudo, tudo e tudo, chega uma hora que se você não tiver mesmo você acaba tendo problema, então a gente procura, no primeiro deu certo, a gente repetiu na mesma porcentagem que nunca deu problema e então a gente procura ser bem claro neste sentido.

E na questão afetiva, de contato, como, você falou que você saiu cedo de casa né, então como é que fica o seu relacionamento com eles assim? Tem alguém que é mais mole, que é mais dócil?

H – Na verdade nós dois somos meio iguais nessa parte, mas que nem eu falei, com o mais velho, ele é mais caladão, mais na dele, então não tem aquele apego tudo né, agora o C7 não, o C7 já tem o jeitinho dele, abraça, agarra, pula em cima, sabe, ele é mais carinhoso, então se fosse falar, talvez, falaria assim, você gosta mais do C7 porque você pega ele no colo, bagunça, mas é porque ele é assim, então a gente é meio que o reflexo dele, da atitude dele, o mais velho já não tem isso, você chega perto dele e abraça assim, faz qualquer coisa, ele já se esquivava, já fica meio assim né, e os dois foram tratados da mesma maneira, mas por ter essa personalidade diferente, então o contato com um e com o outro é diferente né, o C7, as vezes eu estou sentado aqui e ele vem, pula em cima de mim, bagunça,

as vezes eu estou vendo uma coisa e ele já vem olhar, curiar, já quer mexer, as vezes eu estou com óculos e ele quer tirar o óculos e olhar também como que é, ele é curioso sabe, já é o jeito dele, o outro já é mais quieto, na dele, então não tem esse apego todo assim de ficar grudando toda hora né.

Entendi, e como que é o relacionamento deles, dele, por exemplo, com a sua família, com os colegas?

M – Ele interage bem assim, se dá bem assim, brinca, conversa, respeita, então ele é, tanto que até esses dias foi uma moça lá na escola que é a que está comprando, ela ficou observando e depois ela falou nossa, ele é bem comunicativo, ele interage bem com as crianças, conversa, que assim que ela chegou ele já vai puxar assunto, então ele se envolve na situação, então não tem...

H – E todas as crianças, do menor ao maior, amam ele.

M – O que eu sempre falo assim, até para ele, toma cuidado com o que você fala para o C7, a maneira que você instrui, uma vez aconteceu uma situação na casa da minha mãe, tem escada e então ele estava pulando do quarto degrau, era a brincadeira dele pulando, e eu falei C7 do quarto não pode, pula só do segundo, tá bom, aí ele ficou brincando e eu entrei, aí minha irmã desceu e falou C7 não é para você ficar pulando na escada, e ele falou, mas minha mãe falou que eu posso pular do segundo degrau, então tipo, ele não aceitou ela falar que não pode porque eu tinha falado que do segundo ele podia, e minha irmã entrou brava, e eu falei é difícil, agora eu não sei porque realmente eu falei que ele podia, então ele colocou isso na cabeça.

H – Se você ensina de uma forma, se outra pessoa falar de outra forma ele não aceita, porque ele aceita sempre o que ele aprendeu primeiro, e não sei, mas é sempre quando é bom ou é ruim, é sempre o que ele aprendeu primeiro né.

M – Depende muito de quem falar, se a gente falar ele vai acatar o que a gente falou, então ele, dificilmente você vai chegar e falar alguma coisa para ele e que ele sabe que não pode fazer, porque ele sabe que não pode.

Mas aí como é que fica isso, por exemplo, com os mais velhos, com a sua mãe? Elas concordam com as coisas que vocês ensinam ou não?

M – Então, não costumam, por exemplo, a minha mãe ela tem mais assim contato com ele, se a gente, por exemplo, chamar atenção ou falar que é certo, mesmo que ela não concorde ela não vai falar na frente dele, depois ela fala, olha, eu acho que não é assim, fala para a gente, para ele ela não fala, então mesmo que ela não concorde, ela deixa a situação e aí depois ela fala, mas não sei porque você falou daquele jeito que não precisava, não tinha necessidade, mas na frente dele ela já não fala.

Mas no sentido mais de protege-lo ou não?

M – De proteger, mas também as vezes ela fala, você é mole demais, mas porque eu não gosto de ficar brigando, dificilmente eu vou bater, eu não gosto, então acho que na conversa você consegue mais, então as vezes ela fala ah você também é muito mole, e eu falo não, depende, se está na casa das pessoas eu vou chamar a atenção dele, mas falo baixo, falo perto dele, e depois em casa a gente conversa, então para algumas pessoas isso é uma atitude mole, mas eu não gosto de expor, nem me expor e muito menos expor ele, se tiver que corrigir, for uma coisa que nem, a gente estava numa reunião na casa de uma pessoa, e ele bagunçando, bagunçando e a pessoa falando, e eu falei vem aqui comigo, eu fui lá no banheiro com ele e falei eu não quero dor de cabeça lá, você tem que sentar e tem que ficar quieto, as pessoas estão falando e você tem que respeitar, tá bom, e ele subiu emburrado, ele sentou e acabou, ficou sentado. Então acho que por isso, não falo na frente.

Entendi, eu acho que eu já perguntei tudo. Você, tem alguma coisa que eu não tenha perguntado e que vocês gostariam de falar ou acrescentar?

H – Não, não que eu me lembre.

Vocês acham que ser criança antes e ser criança agora nesse mundo de hoje tem alguma diferença? Vocês já falaram de algumas né?

H – Tem, a tecnologia, o acesso a informação, o que a gente demorava doze anos, quinze anos para saber, hoje com três, quatro eles já sabem, tipo isso.

M – E que isso acaba sendo ruim também.

Porque?

M – Porque eu acho que depende da informação, que nem ele, algumas coisas são limitadas, então a gente costuma acompanhar tudo o que ele está assistindo, então a gente acaba limitando, isso não pode, isso não pode, e tem coisas que eles acabam absorvendo, tudo o que ele escuta, ele absorve, então se você não está em cima, instruindo, acaba virando uma bagunça porque eles têm informação que não é adequada para a idade, por exemplo, então acho que isso vai gerar um conflito porque a criança vai amadurecer mais rápido, ficar adulta mais rápido, então eu acho que, ao meu ver isso não é bom. Acho que cada um tem o seu momento, tem o seu tempo, e ele, por exemplo, se a gente não poda ele quer saber muito, tudo, de tudo ele quer saber, então tem coisas que não é para a idade dele, a gente já toma cuidado com o que a gente assiste, então não é tudo que a gente assiste quando ele

está em casa porque eu sei que se for uma coisa que vai chamar a atenção dele, ele vai perguntar, ele vai querer saber porque, e tem coisas que não vai poder fugir, vai ter que responder, e eu sei que não é apto para a idade dele.

H – E tem uma coisa que talvez para umas crianças é assim e para outras não é assim, por exemplo, ele tem um irmão mais velho de 14 anos, diferença de seis anos, então tudo o que o C7.2 ele sabe, o C7 quer acompanhar, ele quer ter o mesmo pensamento do C7.2, ele quer saber tudo o que o C7.2 sabe, quer jogar o mesmo jogo que o C7.2 joga, quer saber as mesmas informações que o C7.2 sabe, talvez uma criança que não tenha um irmão mais velho não é da mesma forma, mas ele é assim, tudo o que o C7.2 faz ele quer fazer igual, ele quer ter a idade do C7.2, assim. E às vezes a gente até corta isso porque a gente sabe que não é bom, tem muita coisa que não é bom né, algumas coisas a gente corta, mas a maioria das coisas eles compartilham, principalmente em questão de jogo né, que tudo o que um joga, o outro joga, tudo o que um assiste o outro assiste, né, tudo o que o C7.2 gosta ele gosta, então essa, isso é o excesso de informação que ele tem também, então para a idade dele ele já está com informação que o C7.2 está aprendendo agora, vamos dizer assim, porque o C7.2 não tem ninguém mais velho ensinando ele, e o C7 tem o C7.2 que é o espelho que tem em casa.

E o que isso traz de diferença para ele?

H – Informação, sei lá, sabedoria, as coisas que ele raciocina muito rápido, como ele tem esse jeito dele de se expressar, ele é curioso, ele é autoritário, então todas essas informações a mais que ele tem de pessoas mais velhas, ele já usa né.

M – Acaba sendo o exemplo diário é, esses dias o mais velho foi no shopping assistir filme, então quando ele saiu a primeira coisa que o C7 veio e falou, mãe, quando eu tiver 14 anos eu vou poder ir no shopping? Eu falei depende, e ele falou: mas porque, mas o C7.2 foi, sim, o C7.2 me fala onde ele está, eu sei com quem ele está, o C7.2 não responde, o C7.2 obedece, o C7.2 faz as obrigações dele, o C7.2 vai bem na escola, então não sei com 14 anos como você vai estar, então ele já usa, e esses dias a gente até brincou, o mais velho falou, aconteceu uma situação que eu falei para ele, vamos me ajudar a limpar a cozinha, mas e o C7? O C7 não vai, C7 vai ficar brincando, ah, mas porque ele? Eu falei, você quer que seja na mesma medida, o que for para ele é para você? Então amanhã você não viaja com a sua avó, e ele falou não mãe, e eu falei, não tem mais saída no shopping, não mãe, não é assim. E eu falei, então, ou é mais na mesma medida ou não é, tem coisa que não vai dar para ele, agora ele está brincando com os primos, agora é a sua responsabilidade, então o C7 vai mais ou menos nesse estilo, ele observa muito, então se eu deixar o C7.2 ele vai falar, mas porque o C7.2, e eu vou poder? Então ele quer já saber, os argumentos dele, se ele pode, se ele também vai fazer, nesse sentido.

H – Ele quer acompanhar as coisas que o irmão maior faz.

M – Independente da idade, ele quer seguir no mesmo ritmo e não é assim né, então você não vai, depende de como for você na escola, como for em algum lugar, então sempre tudo para ele, ele sabe que vai ter uma consequência, tanto boa quanto ruim, e é igual do mais velho, a gente instrui o que é certo, o que é errado, o que é bom e o que não é bom, ficar em porta de escola, amizade ruim que se você está junto você acaba sendo influenciado também, e se não for influenciado, se acontecer alguma coisa você vai pagar porque você está junto, então a gente procura mostrar o que é certo e o que é errado, a escolha é dele, mas a consequência também é dele.

E o que vocês acham que é ser criança hoje?

M – Olha, um pouco difícil, se for comparar minha infância com a infância dele, não é uma infância fácil, se pudesse escolher eu deixaria minha infância para ele, porque hoje a gente trabalha demais e tem nossas obrigações, então eles são criados em cima das regras e das responsabilidades, que nem, eu preciso acordar cedo, tudo bem, ele estuda de manhã, então ele acorda cedo e vai comigo, só que eu trabalho a tarde, ele fica comigo, então ele tem que ficar a mesma carga horária que eu faço de trabalho, independente se ele está ali brincando ou não, então é muito cansativo, então chega em casa no nosso horário, antes não, minha mãe saía para trabalhar e eu ficava em casa, eu dormia, eu descansava, tinha a TV, então acho que acaba mudando, eles estão sendo criados na nossa rotina, então as vezes se é corrido, eles estão ali no ritmo e nas obrigações que a gente já tem, acho que por causa disso, que hoje você não pode deixar a criança sozinha em casa, você não pode colocar qualquer pessoa dentro da sua casa para ficar com o seu filho, então desde quando ele era novinho, eu optava, a gente morava no P., então saía dos P., ia para o B., deixava ele com a minha mãe e ia trabalhar lá na rua A., então por mais que ele ficasse descansando, é uma rotina dura assim, eu acho, então acho que não é muito fácil não, e eles tem muitas obrigações, né, é escola, por mais que seja bom eu acho que acaba sendo sobrecarregado, no meu ver né, não sei.

E considerando então todas essas coisas que você disse que tem que fazer, você falou que quando você era pequena era diferente, como é que é educar filho hoje então, como que é ser pai e mãe?

H – Olha, não sei se antes era fácil, mas eu sei que hoje não é fácil não, não sei, nossa vida é muito corrida, de todo mundo eu acho né, porque antigamente, por exemplo, nem todas as mulheres precisavam trabalhar fora, a maioria era dona do lar, cuidavam dos filhos, no caso da minha mãe, ela nunca trabalhou fora, ela trabalhou, ajudou o meu pai um bom tempo quando ele tinha comércio, né, o depósito, mas trabalhar fora ela nunca trabalhou, então ela ficava com os filhos, tudo, cuidava da gente, e meu pai trabalhava, hoje não, hoje o homem e a mulher trabalham e as vezes jornada dupla, tripla, acaba tendo que dar um jeitinho para deixar as crianças na escola um tempo a mais, por exemplo, a gente tem a escola, a gente vê criança lá que fica das, tinha um lá que ficava, chegava as cinco e cinquenta, dez para as seis da manhã, e ia embora oito horas da noite, era o último a ir embora, o primeiro a chegar e o último a ir, quer dizer, praticamente, os três primeiros anos da vida dele quem criou foi ela, e eu também porque nessa época eu estava ajudando bastante na escolinha e eles não tinham pai presente, então a mãe deles deixava eles lá para trabalhar e eu e ela praticamente éramos os pais deles, né, que a gente ficava muito mais tempo com eles do que ela.

M – Tanto que tinha médico, alguma coisa, ela ligava, mas se ele perguntar isso, se ele perguntar isso, então, porque não sabia, não acompanha, e a gente entende que era a necessidade, que ela tinha que suprir, eram duas crianças, então acaba acho que perdendo um pouco né, que a criança acaba não tendo uma referência, eu falo que para mim o que é vantajoso eu ser professora e trabalhar porque desde novinho, assim, não bebê, mas desde quando começou a andar eles sempre andaram comigo, então a maior parte do tempo, por mais que estava dentro da escola, eu conseguia acompanhar, na hora do almoço se eu fosse almoçar fora, eu conseguia levar, então estava doentinho, ficava comigo na minha sala de aula, então são umas regalias que acho que por trabalhar na escola, para eles, por exemplo, que eu consegui acompanhar a infância né.

H – E ser pai hoje em dia é muito difícil por causa disso né, por causa da nossa rotina mesmo, da correria, e acho que colocando no geral, salva algumas exceções que no caso dela que pôde ter esse acompanhamento ainda, mesmo que trabalhando né, mas ainda teve essa regalia, que mesmo trabalhando não é todo mundo que tem essa regalia, e tem que nem eu citei o exemplo dessa mulher, que teve praticamente que abandonar os filhos né, para poder trabalhar e sustentar a casa por causa que o marido deixou, né, e ela praticamente tinha só os finais de semana, só que no final de semana ela tentava aproveitar, tirar o máximo dele porque era só aquele tempo que ela tinha com eles mesmo, então quer dizer, no geral acho que é muito difícil ter filho hoje, para você cuidar né, porque você, e principalmente também porque na nossa geração, como foi uma geração muito difícil, a gente não tinha o que a gente queria, de mão beijada, e tal, hoje a gente quer dar o melhor para o nosso filho e então a gente acaba se desdobrando mais e tentando dar mais presente e menos amor, menos carinho né, talvez menos tempo de atenção, essas coisas, a maioria das vezes acontece isso.

M – Acho que postura também né, em relação a sociedade, infelizmente as pessoas se preocupam demais com os outros, querem mostrar demais e acaba perdendo essa essência do que é uma família porque família não é perfeita, tem os seus momentos de crise, aí um chora, um bagunça, e então hoje não, querem mostrar tudo perfeito e acabam esquecendo um pouco que atrás ele é uma criança, então sempre que a gente pode, eu acompanho ele na piscina, eu desço para o parque, as vezes chamo um pouco a atenção dele que ele é mais caseiro, eu falo, mas desce com os meninos, vai dar uma volta, precisa andar, tem que sair com eles, então acho que acaba deixando, porque você trabalha demais, chega um sábado e domingo você quer descansar e então acho que nesta parte a gente as vezes deixa um pouco a desejar porque no tempo em que a gente está em casa tem outras obrigações, então sempre que pode a gente tenta dar uma escapada, então para não ficar em cima de obrigações e obrigações no tempo nosso né.

Legal, tem mais alguma coisa que vocês gostariam de falar e eu não tenha perguntado?

M – Acho que não.

H – Não.

Certo.

Casal 8

Bom, para começar eu gostaria de perguntar a idade de vocês, só para a gente ter uma ideia de que diferença de educação a gente está falando.

M – Eu tenho, vou fazer 31 agora.

H – E eu vou fazer 38 em junho, tenho 37 anos.

E como que é a família de vocês, é só a C8?

H – É, de filha só a C8.

E você falou que mora com a sua mãe, ela tem o contato com ela bastante?

M – Não, eu moro na casa do meu pai.

Ah é do seu pai.

M – Desde abril deste ano estou morando, mas é provisório também que eu já estou saindo.

Se Deus quiser, em 2020, estou querendo cumprir em 2020 as minhas metas de 2015 que eu estou um pouco atrasada, mas vai dar certo. E se vocês tivessem que descrever a C8, como que é o jeito dela, quais são as características?

H – Ela é uma criança divertida.

Quantos aninhos ela está?

H – Dois anos, ela é divertida, inteligente, né, no sentido de muitas coisas, está aprendendo, começou a aprender a falar agora, ainda tem aquela coisa de nenê, a gente ensina as palavras corretas, mas ela não é uma criança que dá tanto trabalho assim, ela é interagida.

M – Ela é uma criança esperta, ela fala até palavras em inglês.

Com dois aninhos.

M – Ela sabe falar todas as cores, que farol é aquele, quando está verde ela fala green.

-- Green.

M – É, pode ir, ela tem um amor imenso pelo pai, mais do que pela mãe, ela gosta muito do meu pai, acho que a figura do meu pai para ela é bonita, a dele também, agora eu não, já pego mais pesado com ela, eu vejo ela fazer coisa errada eu vou lá, não pode, não pode, e fico em cima dela que não pode e pronto, então ela é mais apegada ao meu pai e ao pai dela porque os dois estão ali, deixam né.

Eles deixam mais?

M – É, e já eu não, porque eu aprendi de uma maneira diferente, não fui espancada, nunca apanhei na minha vida, mas meu pai e minha mãe ficavam muito em cima e eu tive três irmãos que infelizmente deram errado na vida né, então acho que o meu pai falou assim...

São mais velhos que você?

M – São mais velhos, eu sou a mais nova, vou pegar no pé dessa para essa dar certo, terminei o terceiro, tive oportunidade de estudar, mas tive muitas oportunidades, mas não queria, nunca quis estudar, até fiz metade de uma faculdade e parei, e eu sempre falei para o meu pai eu gosto de trabalhar, estudar já não é o meu caso, é que nem ele, ele também não, e ele tem trinta anos de motorista de ambulância, e nunca gostou de estudar, e, mas também graças a Deus nunca fui para lugar nenhum errado, sempre estive ali né, então eu quero passar essas coisas para a minha filha, eu vivi num mundo bom com vizinhos muito errados, com exemplos errados, não digo do meu pai e da minha mãe, mas vivi no círculo familiar, e eu quero passar para ela tudo isso que a gente pode passar na vida, mas que não precisa estar no meio, entendeu, que o meu pai falou, você conversa com todo mundo, mas não ande com todo mundo, e eu aprendi isso, entendeu, e aí eu sou mais rígida com ela e eles não, eles são, mas eu acho ela muito inteligente, ela tem um gênio muito forte, não é não, ela bate o pé, se joga.

Como assim, não entendi, o que é gênio forte?

M – C8 não faz isso, aí ela faz, bate o pé, com uns oito meses ela queria bater a cabeça e o pediatra falou mãe, deixa, mas eu não posso deixar ela bater, se ela racha a cabeça eu vou para o hospital e chamam o que, conselho tutelar na minha vida, o que eu menos quero né, então eu não deixava, segurava ela, não, não pode, e aí teve um dia que eu sacudi e falei você não vai fazer mais isso, e aí nunca mais ela bateu a cabeça e nem se jogou, mas o não e de bater o pé ela ainda faz, então eu acho esse o gênio dela bem, não é não, e ela olha e não, e pá, e é assim que funciona.

H – Eu ainda acho que ela tem um pouco mais de medo de mim que eu falo não e ela, mas ela tem medo tipo assim, acho que do tom de voz.

M – Se gritar com ela, ela chora, “não”, e ela chora.

Mas porque você acha que então quando você fala não, ela escuta mais?

H – Acho que em termos assim, eu falo não para ela, com ela, ela já respeita, eu ela ainda fica brincando, acho que dependendo do tom alto que eu falo com ela, ela já começa a chorar, acho que tem um certo medo.

M – Porque ele sempre brinca e quando ele briga ela não...

H – Não assimila.

M – Ela pensa, ele brigou comigo?

Como pode né.

M – Eu estou o dia inteiro com ela, então, é normal, mas assim, que nem, essa história do celular, se eu der na mão dela pode esquecer, pode esquecer que é o dia inteiro assistindo no telefone, que antes eu até deixava, falava, legal, vou limpar toda a casa e aí me dava um pouco de tranquilidade, então colocava na mão dela e limpava tudo, dava mamadeira dela, trocava, conseguia limpar, nove horas da manhã a minha casa estava limpa, aí ela dormia, depois eu dava almoço e tal e aí já largava o celular, vamos né, aí eu tinha tempo né, tempo para ela, mas se eu não terminar de limpar a casa e chegar alguém acabou, porque eu não moro na minha casa né, não tenho essa, que nem, não consegui, com

o meu pai, eu estou tentando pôr ela no penico, filha, xixi e coco, aí ela arrasta o penico e xixi no chão, filha o xixi é aqui, e ela arrasta o penico e xixi no chão, aí esses dias eu deixei o dia inteiro e fez xixi no chão e aí eu acabo cansando né, e falo não vou ficar limpando o chão o dia inteiro, e ponho de novo a fralda, e assim vai.

Você falou que ela é muita esperta e que ela já fala palavras em inglês, onde ela aprendeu essas coisas?

M – Vídeo.

H – Nos vídeos.

No celular?

M – É, no celular, quer ver, filha que cor é essa aqui?

A- Green.

M – E essa cor que cor que é?

A- Yellow.

H – Onde está o amarelo.

M – Ela conta até dez, a gente fica na escadinha um, dois, três, agora ela tem mania de falar, “atenção um, dois, três e já”, e corre. Ela, as frutas ela sabe tudo, só não come, mas sabe todas.

Ela não gosta.

M – Eu bato no leite, senão...

Aí ela toma. E como é que foi a infância para vocês?

H – Minha infância foi tipo uma infância meio doída porque até uma certa idade o meu pai teve um emprego bom, e depois ele perdeu o emprego e depois de perder esse emprego a situação ficou difícil, então ele não tinha estudo, não tinha uma qualificação e as coisas foram difíceis, e eu com nove anos, meu pai depois começou a ser servente de pedreiro, depois a ser pedreiro e para colocar alguma coisa em casa, e minha mãe falou assim, se é para colocar a mão na massa leva o menino, quando der a hora da escola dele você vem e traz para a casa, e foi assim, eu com nove anos já comecei a trabalhar de servente de pedreiro, com onze comecei num lava rápido, mas foi por pouco tempo, depois voltei a trabalhar com o meu pai, mas nunca larguei a escola, só que na escola nunca tive o dom para estudar, eu completei a escola, e não era tão mal aluno né, sempre bagunçava, mas tinha notas boas, porém, não era aquele aluno problemático, mas também não era o mais santo também, mas tudo bem, então minha infância foi doída por isso, comecei a trabalhar muito cedo e minha mãe insistia, e me forçava a estudar, tinha que ter estudo.

Ela te forçava a estudar?

H – Não, forçava não, mas falava para estudar.

Ah tá, incentivava.

H – Incentivava e a gente nunca quis estudar.

Você tem mais irmãos?

H – Tenho mais dois irmãos, eu sou o mais velho, tem mais um irmão e uma irmã.

E você acha que o jeito que vocês foram criados influencia, muda alguma coisa no jeito de vocês educam ou criam a C8?

M – Antigamente chegava visita em casa, o pai e a mãe só olhava, com o olho a gente já sabia que, ou sai ou vai apanhar, com as crianças de hoje dependendo...

Conversa mais do que vocês.

M – Eu tenho um sobrinho de nove, você está conversando e ele se intromete, ou se você contar alguma mentira, qualquer que seja, ele desmente na sua cara e assim segue, e não adianta fazer, minha irmã eu não sei, agora com ela não sei porque ainda está em processo né, não sei como é que vai ser, mas acredito que ela vai ser também essa criança que a gente está falando, ela vai se intrometer.

H – Quer a atenção na hora da conversa, quando está conversando uma coisa séria, mamãe, mamãe.

M – É, acho que conforme passar o tempo a gente vai aprendendo, porque acho que é criando que a gente vai aprendendo a educar porque ninguém aprende, ninguém nasce sabendo, a gente vai tentar fazer o melhor né, eu espero que eu consiga conversar uma, duas, três e vou conversar muito com ela, para ser diferente de mim, porque só a escola não resolve nada, quero que ela se forme, tudo o que eu não quis, ou não tive, eu quero que ela siga para ter, entendeu? Não, com 16 anos eu queria um tênis que na época era muita moda, ah compra para mim, e em 2005, esse tênis era muito caro, não vou comprar de jeito nenhum, dá para comprar três tênis, não vai comprar não? Então eu quero trabalhar, ah, mas não vai mesmo e eu falei, vou, eu vou e foi aí que eu arrumei o meu primeiro emprego, o meu primeiro salário foi o tênis, aí ele olhou para mim e falou não vai durar três meses, e realmente o tênis não durou, mas tudo o que eu quis de caro o meu pai falou, você vai, o problema é seu, eu posso dar o que eu quero, o que dá, porque eu não tenho só você, eu tenho mais, então eu sempre fui muito independente, entendeu, que nem, com os erros do meu irmão o meu pai queria me

pôr numa redoma e eu falei assim, olha pai, com 16 anos, eu nunca mais vou esquecer disso, eu não sou seus filhos, eu sou sua filha, se eles erraram tudo bem, só que se você continuar me prendendo eu acabo com a minha vida, mas infelizmente eu vou acabar com a dos dois porque o primeiro cara que falar para mim eu te amo eu vou engravidar, nunca mais meu pai me prendeu, nunca mais, mas também ele nunca me prendeu e eu nunca virei a noite assim do jeito, que na época, na minha época o pessoal saía, ia para as baladas, eu nunca fui assim, meu foco era trabalhar, até saía, mas não para a balada, e aí ele parou com isso e hoje ele fala, meu pai pagou uma faculdade de direito para minha irmã nessa época, minha irmã abandonou, ela fez um ano, quer dizer, meu pai perdeu um ano e é cara a faculdade de direito, hoje eu não sei quanto é, mas na época ele pagava seiscentos reais, então era muito caro, funcionário pública e tal, e ela abandonou, e ele tem isso na cabeça, poxa, tentei ajudar tanto e sabe, não tive retorno e aí, agora ele vê, esses dias ele estava conversando comigo e ele falou é, você não quis estudar, mas não partiu para nada errado, entendeu, agora meus irmãos já são bem diferentes, graças a Deus um se consertou bem, outro infelizmente não está mais entre nós, mas um se consertou, casou e agora tenho outra irmã que ela não está na linha certa, no caminho correto, então o meu pai ele criava eu a partir dos meus irmãos, ah eles fizeram, ela vai fazer, então vou prender ela aqui, e aí que ele se enganou que eu falei não, comigo não, ainda sou sagitariana, não, não.

Apesar de ele tentar te controlar, digamos assim, não é a palavra certa, mas você também tinha opinião né.

M – Eu tinha, se eu não tivesse era até hoje, eu ia casar, mas agora não, mas dez horas tinha que estar em casa, e eu não aceitava isso, não aceitava, eu até estava em casa esse horário, mas na minha cabeça, não é porque era da cabeça dele, não, e aí ele falou, mas você está no meu teto e eu falava tudo bem, eu estou no seu teto, mas eu te ajudo e realmente, eu trabalhava e nem um dos meus irmãos ele fazia ajudar, quando arrumei o meu primeiro emprego eu tinha que comprar o gás, pagar a água e ainda dava a minha cesta básica para ele, então quer dizer, eu ganhava trezentos reais na época, era muito pouco, era o meu dinheirinho e a cesta era dele, eu dava um gás uma vez por mês, e pagava a água, que não era tão barata, então quer dizer, meu salário se diminuía em bem pouco, bem pouco mesmo, mas aí eu consegui vencer na minha vida muitas, tive que sair da minha casa por conta do meu irmão, que eu tinha 19 anos, ele chorou, pediu para mim voltar, eu já saí duas vezes por causa desse irmão meu, graças a Deus ele saiu já, mas eu fui morar na minha avó e ele foi me buscar, querendo ou não ele, eu sou a filha mais junto dele.

Mais próxima.

M – Próxima, que nem eu falo para ele, se eu deixar meu pai sozinho ele vai morrer, porque ele tem um sério problema, ele bebe todo dia e aí deixa o gás ligado, ele dorme e cai, então é bem turbulento, por isso que eu falo que minha casa é ????, porque ia acontecer isso, ia chegar desse jeitinho, ele não fala, mas é terrível, esses dias ainda eu estava tendo uma conversa muito séria porque não é isso o que eu quero, que eu tive exemplos, que nem, não era nem com os meus irmãos, mas de frente da minha casa onde eu morava no P., só morou gente péssima, e vivia ali cheio de polícia, eu morava num bairro nobre, não era qualquer bairrinho e era uma rua boa e vivia cheio de polícia. Bem próximo daqui, subindo já é... e vivia cheio de polícia, e entravam no meu quintal pra pegar o vizinho da frente, e a gente conviveu com isso a infância inteira foi isso, saía um bom e entrava um pior, a casa parecia que era feita para isso porque ela tinha duas saídas, uma na frente e outra atrás, então a polícia batia e eles pulavam e saíam por trás, então a gente conviveu com isso, e meu pai sempre ficava falando, mas buzina, conheça todo mundo, inclusive cumprimente o vizinho, mas não ande com eles, entendeu? Então eu aprendi muito isso, só que assim, não quero esses mesmos exemplos que eu tive na minha infância para ela.

De pessoas você está falando?

M - É, não é que eu quero colocar ela numa redoma, não, quero mostrar para ela o certo e o errado sim, eu quero o que eu sinto falta que minha mãe nunca falou, a respeito de gravidez, a respeito de HIV, a respeito de camisinha, minha mãe nunca falou essas coisas para a gente, então tudo isso eu vou falar para ela.

H – Esse tipo de assunto a gente sempre aprendeu na rua.

M – É, na rua, eu aprendi porque eu perdi um tio assim, ele era usuário de droga, e inclusive HIV também e minha família inteira ficou com medo, minha mãe cuidou dele até o fim e ele morreu dentro da minha casa, e meu pai morria de medo de a gente pegar porque era uma coisa nova, ninguém conhecia, foi em 90, 90 e bolinha, tinha acabado de sair isso daí, tanto é que não tinha nem aqueles coquetel e tal, e aí quando chegou quase perto da morte dele meu pai falou, agora separa tudo, mas minha mãe sempre tinha separado, não conhecia o que era né, garfo, prato, toalha, tudo dele, sabonete, e o meu pai morria de medo, então tem coisas que eu passei na minha infância que eu não quero para ela, uma coisa que eu não quero que ela vá trabalhar tão cedo, não é que, quero que ela vá, mas assim, não do jeito que eu quis fazer, eu fiz tudo errado.

Como vocês pensam para ela?

M – Eu quero dar o melhor estudo porque hoje eu vejo que o Estado, eu trabalhei no Estado um ano, o Estado quer o povo burro, então eu quero ter condições, graças a Deus eu ganhei, não vou nem pagar, ela ganhou uma escola particular aí até o terceiro, eu quero isso para ela, fazer uma poupança se ela quiser estudar, ela vai estudar, quero fazer medicina, nós vamos batalhar para ela ter, o que eu não tive eu quero, porque se eu morrer amanhã ela está encaminhada na vida, entendeu? Então talvez por isso eu queira só ela para conseguir fazer tudo o que eu não fiz, não é que eu queira dar tudo de mão beijada, ela vai ter que batalhar também, mas eu quero que seja diferente para ela, entendeu?

H - Dar valor de tudo o que ela ganhar na vida.

M – Eu tive tudo, tudo o que eu precisei, não tudo o que quis, mas tudo o que eu precisei, e a mesma coisa ela, ela não vai ter tudo, mas tudo o que minha mãe não falou comigo que hoje eu vejo que é errado, que muita gente engravidou por não saber e tal, porque a mãe não fala, a mãe tem vergonha, minha mãe nunca falou para mim de menstruação, e aí acontece e você fica com aquela, né, e aí? Mas para ela não, eu quero conversar tudo, quero que ela me veja como amiga dela, nunca vi minha mãe como minha amiga, tinha até medo de chegar perto, sabe, do meu pai a mesma coisa, não que eles me espancavam, mas era o jeito.

Não tinha espaço para conversar né.

H – As pessoas eram mais fechadas antigamente né.

M – Eu quero assim que ela fale mãe eu estou namorando.

Que ela não tenha medo de falar isso para você.

M – Não, ah mãe quero experimentar ali a cerveja, ela vai vir falar e eu vou falar para ela quais os malefícios. E né, o que ela quiser saber ela vai saber, esses dias meu sobrinho me perguntou, só que aí não é meu filho e eu travei né, perguntou tia o que é virgindade? Eu falei, ah filho é quando a pessoa nunca namorou.

Boa a resposta. Ele se contentou?

M – Não. Mas como assim nunca namorou? Eu falei, filho é que o homem e a mulher tem vezes que eles estão mais íntimos e então eles namoram sozinhos, e isso você vai aprender mais para frente, é melhor você perguntar para a sua mãe, mas é mais ou menos isso que eu estou te falando, e aí foi para o quarto, não perguntou para a mãe dele, mas ele me pergunta e eu respondo, o de 16 anos que já ando namorando eu falo, olha G., ele é um moreninho bonito, falo para ele, olha, as meninas bonitinhas, mas vou te dizer uma coisa, Aids não tem cara e então você encapa o boneco porque não tem cara, e ele, está bom, está bom, e minha irmã também não fala, eu que fico falando essas coisas para eles, toda hora, toda hora.

Ela brinca né, sozinha, como que fica em casa, ela movimentada muito, ou não, ela senta lá e brinca com os brinquedinhos dela?

M – Se ela não estiver com o celular, ela brinca bastante, antes ela ficava mais no celular, só que agora que ela entende mais, eu falo para ela, filha fica aqui e ela fica, mas não, ela desce, se tiver qualquer coisa ela apronta, ela joga sal, lava a mão na privada, então não fica parada não, abre a porta agora, mas ela consegue interagir só com os brinquedos ou se eu ligar a televisão ela fica assistindo.

E ela convive com outras crianças da idade dela ou não, mais com adulto, porque na família tem mais adulto né?

M – Então, só com meu sobrinho de 9 anos, eu tinha colocado ela na escola, mas eu tirei, e agora ela vai voltar de novo, agora não tiro mais, ela vai ficar.

H – Tivemos um problema de família e interrompeu os estudos dela.

M – Na verdade interrompi minha vida.

H – Nossa vida.

M – Interrompi a vida de nós três, mas está bom, amém, eu acredito muito na lei do retorno, ela vem...

Como você vai ensinar, porque ele falou de uma coisa de respeito com os mais velhos, como que vocês querem que ela...?

M – Com os parentes dele, assim, com as tias ela não vai nem conhecer como tia, então não vou ter esse problema de ensinar ela, agora com o avô, com a irmã, com a tia e o tio, quero que ela seja educada porque é o que eu falo, ele tem uma sobrinha que antes de a gente ter filho eu falava, se minha filha fizer isso, ela vai apanhar, de responder, de chamar de velho, não aceito, pode estar na geração 2050 eu não aceito, tem que respeitar os mais velhos, e ponto. Então eu não aceito, vai ter que respeitar, ela tem que respeitar os mais velhos, independente do que fez, eu vou falar para elas? Não, amanhã ela enxerga, amanhã ela enxerga isso aí, ah, mas seu avô não vem te ver, não vou fazer isso porque vou confundir a cabeça dela, ela vai ver, ela vai ver.

****conversa com a C8.**

M – Ela não é nada delicada.

E como é que vocês dois combinam essas coisas, porque você falou que você é um pouco mais firme com ela e você um pouco mais?

H – Nós não tiramos a autoridade um do outro, o que ela falou permanece, e o que eu falei, permanece, nico que enquanto ela fala uma vez, eu na terceira e na quarta, só que na terceira vez ela já para já, ela paralisa, modo de dizer assim, aí também ela para.

M – Fala mais alto, o problema dela é o fala mais alto, vamos ver até quando resolve o falar mais alto.

E aí com o avô?

M – Não, o avô se quiser mijar na boca dele, ele deixa.

E ele acha bom.

M – Ele sempre sonhou em ter uma neta.

Ah é a primeira?

M – A primeira, é a primeira menina né, ele sempre sonhou. Já me deu dinheiro para comprar o presente de natal dela, ele é todo... liga para ela, ele é assim, ele é motorista, porém, quando não está trabalhando, nunca bateu um carro e quando ele não está trabalhando ele está bebendo, quando ele está trabalhando ele liga duas, três vezes para ela em vídeo chamada e fica falando, conversando, brinca, quando ele vai para a praia.

E ela interage?

M – Interage, manda beijo, faz fonfom, se falar tchau ela já bate na cara, né filha?

Já sabe desligar.

M – E aí ele liga, acho que ele sente muita falta dela, e essa é minha preocupação de sair né, da casa dele, ele tem quase 70 anos o meu pai, e eu tenho essa preocupação.

É um relacionamento que é importante para ele né.

M – Se ele sair de onde ele está trabalhando, ele vai embora para a praia, e aí...

Na praia é complicado, a minha mãe mora na praia.

M – Minha mãe também, M..

Toma uma cervejinha depois que foi morar na praia, e aí porque está na praia, é calor todo dia também, todo dia faz calor, todo dia tem praia.

M - Minha mãe mora lá.

E o que vocês acham, vocês acham que tem alguma coisa hoje em dia que influencia que as crianças sejam assim? Diferentes?

M – Não tem como...

O que mudou da época que a gente era criança para agora e que talvez faça com que elas sejam mais falantes, né? Interação mais?

M – Acredito assim que o ritmo de vida de todos né, porque o ritmo de vida é mais acelerado, antigamente as crianças nasciam com os olhos fechados, hoje já nasce praticamente andando, e antes eu acredito que a infância antes era bem melhor do que a de hoje, porque antes a gente brincava na rua.

H – Subia nas arvores.

M – A gente brincava de tudo quanto era brincadeira, subia nas arvores, pegava bicho de pé, empinava pipa, jogava pião, as crianças hoje não querem saber muito disso, acho que elas são inteligentes na tecnologia, mas solta uma criança de nove anos hoje para atravessar uma rua? Meu sobrinho de nove anos, ele vai, ele vai, ele é totalmente desligado nisso, não sei se todos né, mas meu sobrinho é, e ela eu morro de medo porque eu queria que ela fosse mais fechada né, não, se você falar vamos ali com a tia, ela vai, e aí que me roubam ela, entendeu, e eu morro de medo disso, que nem, ele tinha mania de falar, dá tchau para o vovô, dá tchau para a vovó, para qualquer senhor e senhora, e eu falei pode parar, porque não é todo mundo que é vovô e vó dela, vovô e vó são esses, aqueles são estranhos porque são, se de repente, eu morro de medo disso de pegar ela e levar porque é uma distração assim, rapidinho, mas não tem como te dizer que as crianças são mais inteligentes.

Não, se vocês acham alguma coisa.

H – A rotina, a criança já vê você fazendo e ela já vai aprendendo, não é que nem antigamente, nossos pais falavam assim, você vai ficar aqui e pronto, não tinha como, era um ou outro, minha mãe está lendo um livro, meu pai está fazendo uma coisa.

M – E as crianças ficavam mais com os pais né, com os filhos, ia trabalhar o pai e a mãe ficava em casa, hoje já é diferente, vamos colocar na escola e o pai e a mãe vão trabalhar porque senão não dá, então a criança vai ficando mais independente por si só, eu acredito nisso né.

H – Então, e eu acho que já vai aprendendo desde cedo, porque assim, que nem a gente, a gente começou mesmo quando era prezinho, então você começa a aprender alguma coisa, na televisão era só o desenho, era um ou outro que passava, na cultura que você via fazendo experiência ou alguma conta, hoje não, que nem os vídeos dela ela já vai aprendendo as coisas, antigamente não tinha algo

que falava inglês, como eram as cores, ia começar mesmo quando você já estava na escola. Agora não, você assiste um vídeo, green, quando se passa o verde, ela já aprendeu.

M – Aquele desenho da Luna também ensina muito porque ela é muito curiosa aquela menininha né, ela quer saber porque que o gato mia, porque que a lua chora, ela quer saber tudo.

É, e na nossa época era o gato brigando com o rato só. Muito bacana, ok, tem alguma coisa que eu não tenha perguntado para vocês, que vocês gostariam de comentar?

M – Até o que você não perguntou nós respondemos.

Bom, acho que é isso, agradeço muito a participação de vocês.

M - Mas foi bom, desabafa né.